



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 6 - Sexto levantamento | **MARÇO 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N.6 - Sexto levantamento | **MARÇO 2017**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Sexto levantamento, Brasília, p. 1-176 março 2017.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)
Carlos Eduardo Cruz Tavares (Sugof - Geiap)

Rogério Dias Coimbra (Geint)
Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Antonio Sergio Ribeiro Camelo (Geint)
Marcia dos Santos Seabra (Inmet)

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)
Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Saulo Tomiyoshi Medeiros (Gearm-Suarm)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dónavan Nólêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionizio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras

(1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo----- 8



2. Introdução----- 10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 21



5. Estimativa de produção ----- 28



6. Crédito rural ----- 35



7. Prognóstico climático - Inmet ----- 41



8. Monitoramento agrícola ----- 46



9. Análise das culturas	63
9.1. Culturas de verão	63
9.1.1. Algodão	63
9.1.2. Amendoim	69
9.1.3. Arroz	74
9.1.4. Feijão	80
9.1.5. Girassol	103
9.1.6. Mamona	104
9.1.7. Milho	106
9.1.8. Soja	118
9.1.9. Sorgo	131
9.2. Culturas de inverno	135
9.2.1. Aveia	135
9.2.2. Canola	136
9.2.3. Centeio	137
9.2.4. Cevada	138
9.2.5. Trigo	139
9.2.6. Triticale	140



10. Receita bruta	141
--------------------------------	------------



11. Logística	150
----------------------------	------------



12. Balanço de oferta e demanda	157
--	------------



13. Calendários de plantio e colheita	149
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

A produção de grãos para a safra 2016/17 está estimada em 222,91 milhões de toneladas. Crescimento de 19,5% em relação à safra 2015/16, o que equivale a 36,3 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 60 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 2,8% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: a produção deverá ser superior em relação à safra passada, apesar da redução de área. Há expectativa de boas produtividades em face das condições climáticas mais favoráveis.

Amendoim primeira safra: a estimativa é de safra de 393,5 mil toneladas, aumento de 1,3%. Os preços favoráveis e a área disponível de cana-de-açúcar para rotação impulsionaram o plantio em relação à safra passada.

Arroz: apesar da queda na área de sequeiro (10,8%), a retomada da semeadura nas áreas irrigadas (3,5%) deverá resultar numa produção de 11,97 milhões de toneladas.

Feijão primeira safra: o forte incremento de área (13,2%) e a produtividade (18%) favorecida pelas boas condições climáticas refletem numa produção de 1,38 milhão de toneladas, sendo 962,2 mil toneladas de feijão comum cores, 318,3 mil toneladas de feijão comum preto e 201,5 mil toneladas de feijão caupi.

Feijão segunda safra: o incremento de área nesta safra e as boas expectativas de produtividades resultam numa safra de 1,22 milhão de toneladas e permanece sendo a safra de feijão mais semeada no país. A produção deverá ser de 617,1 mil toneladas de feijão comum cores, 198,2 mil toneladas de feijão comum preto e 404 mil toneladas de feijão caupi.

Milho primeira safra: incremento de área e condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento resulta numa produção de 29,3 milhões de toneladas.

Milho segunda safra: é a oitava safra seguida de aumento na área plantada desta cultura devido à sucessão de cultura com a soja, plantada na primeira safra. Estimativa de produção de 59,67 milhões de toneladas cultivadas em 11,25 milhões de hectares.

Soja: com o início da colheita avançando, a projeção é de crescimento de 12,8% na produção, atingindo 107,61 milhões de toneladas.





2. INTRODUÇÃO

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar esse ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do sexto levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para todas as culturas de primeira e segunda safras (algodão, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, sorgo). São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Para as culturas de segunda safra, além dos aspectos metodológicos que mencionamos, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam a intenção de plantio dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio e, por isso, a Conab se utiliza de análise estatística para estimar as produtivida-

des das culturas na safra 2016/17. Lembrando que, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informações modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.

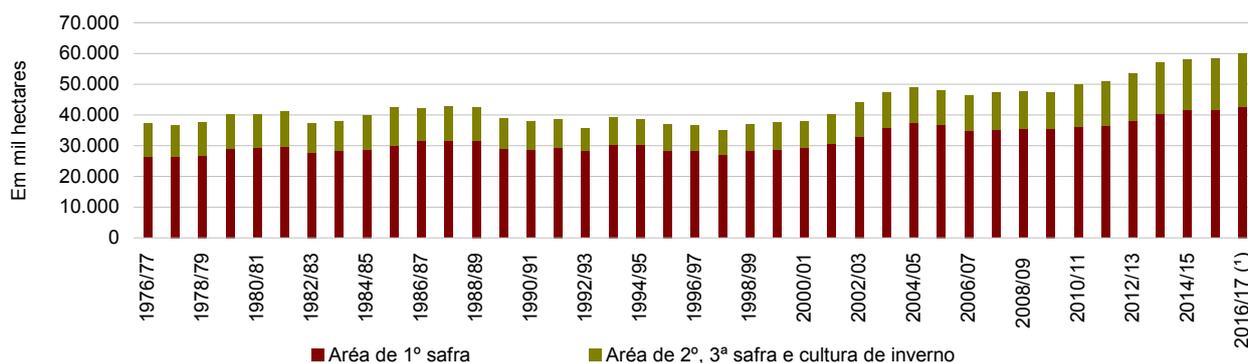




3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Para o sexto levantamento da safra brasileira de grãos a estimativa é que o Brasil cultive 60 milhões de hectares. São informações coletadas pelos técnicos da Conab em todas as principais regiões produtoras do país. Além do avanço da área plantada das culturas de primeira safra, este levantamento também confirma a possibilidade de maior plantio de culturas de segunda safra, sobretudo o milho segunda safra. O aumento de área plantada equivale a um aumento de 1,66 milhão de hectares e indica um recorde na área plantada no país. Ressalta-se que a área efetivamente plantada deverá ser de 42,68 milhões de hectares, sendo o restante, área plantada sobrepostas à de primeira safra.

Gráfico 1 – Estimativa de área plantada de grãos - Brasil

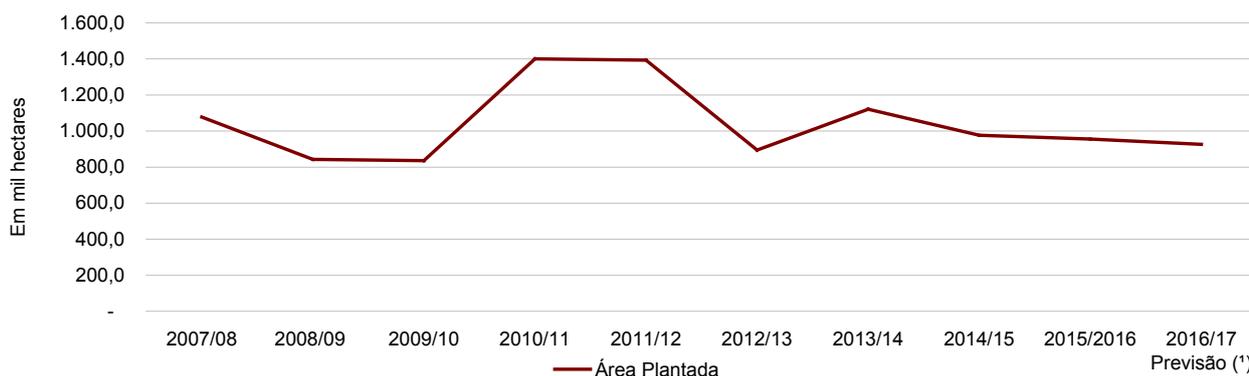


Fonte: Conab.

O algodão é uma cultura com cultivo concentrado em Mato Grosso e Bahia, mas presente também em Mato Grosso do Sul, Goiás, Maranhão e Bahia, uma vez que estes estados apresentam condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação. No entanto, para a safra 2016/17 se estima a manutenção ou redução da área plantada em quase todos os estados produ-

tores, principalmente pelos problemas climáticos nas últimas safras e a incorporação de áreas de soja antes destinadas ao algodão primeira safra. O Mato Grosso apresenta estimativa de aumento de área devido aos bons preços observados no mercado interno a partir de dezembro, época do início do cultivo.

Gráfico 2 – Série histórica de área plantada de algodão



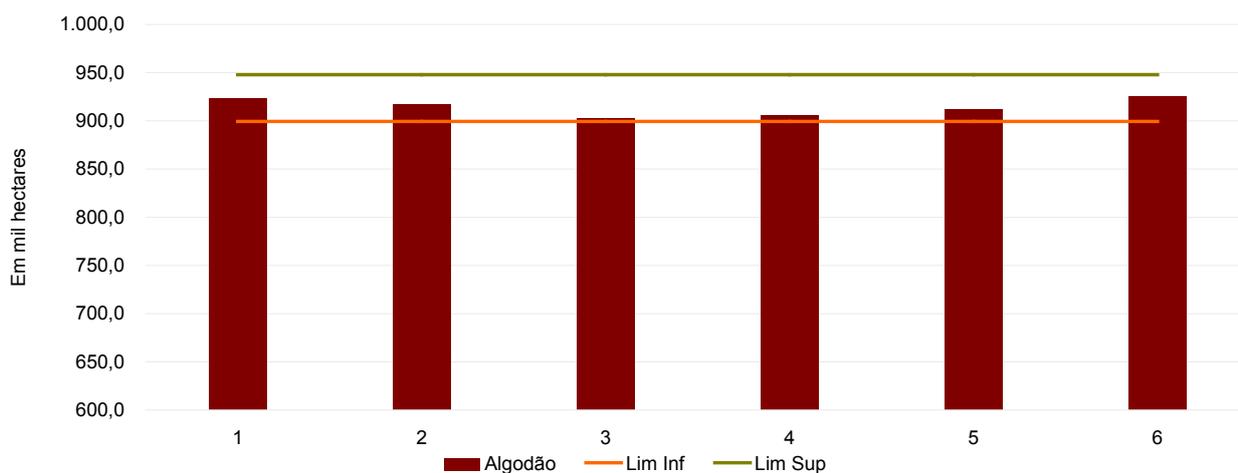
Fonte: Conab.

Nas principais regiões produtoras do país é comum a ocorrência de chuvas em janeiro e fevereiro, quando as temperaturas são altas e a umidade do ar elevada, coincidindo com o período vegetativo da cultura. A partir de março, há um decréscimo na temperatura e na precipitação pluviométrica, mesmo que eventualmente há chuvas. O plantio mais tardio em relação à soja tem a função de evitar que a colheita do algodão coincida com o período chuvoso. Se isso ocorrer, a abertura dos frutos (maçã) será lenta e pode prejudicar a colheita da fibra, além de ser um ambiente propício para o desenvolvimento de doenças fúngicas.

Esta é uma das razões para que a área plantada de algodão sofresse alterações ao longo dos levantamentos. Como a semeadura é realizada após o término do plantio da soja, isso faz que a semeadura seja concentrada em janeiro/fevereiro, ou seja, neste momento é que há realmente a definição da área a ser plantada. Outro fator, comum no Mato Grosso, é que a maior parte da área plantada é cultivada na segunda safra, ou seja, a concretização do plantio depende exclusivamente do plantio da soja na época ideal, com colheita programada para janeiro e semeadura do algodão na sequência.



Gráfico 3 – Estimativa de área plantada de algodão - 2016/17

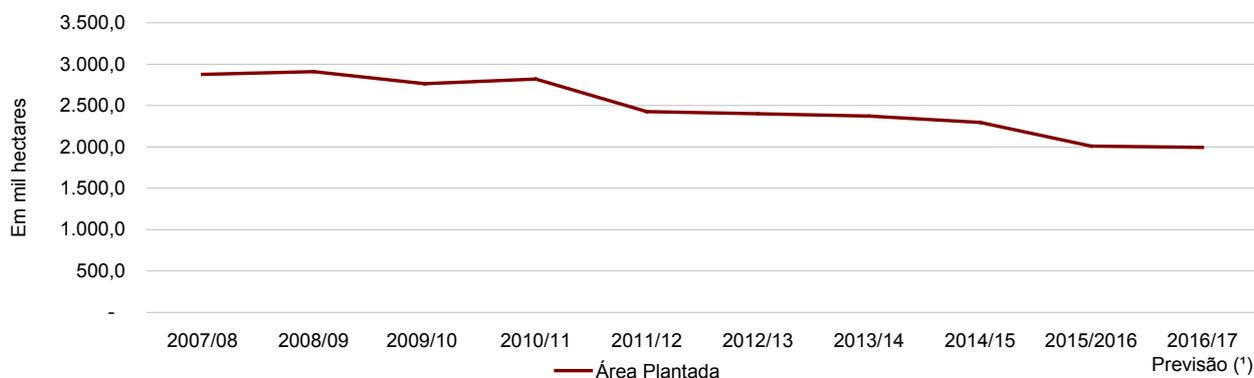


Fonte: Conab.

Há tendência de retração da área plantada do arroz de sequeiro em quase todos os estados produtores. Por competir área de soja com milho, uma vez que são cultivadas no mesmo período, na maior parte das vezes ela perde lugar para estes cultivos devido a sua menor rentabilidade. Maranhão e Mato Grosso, estados com as maiores áreas plantadas de sequeiro, é um

exemplo dessa retração, principalmente pela competitividade com a soja no estado. Já as áreas cultivadas sob irrigação, sobretudo provenientes do ecossistema várzeas, a tendência é de manutenção e/ou incremento do seu cultivo. Rio Grande do Sul, maior estado produtor, deve aumentar a área plantada.

Gráfico 4 – Série histórica de área plantada de arroz



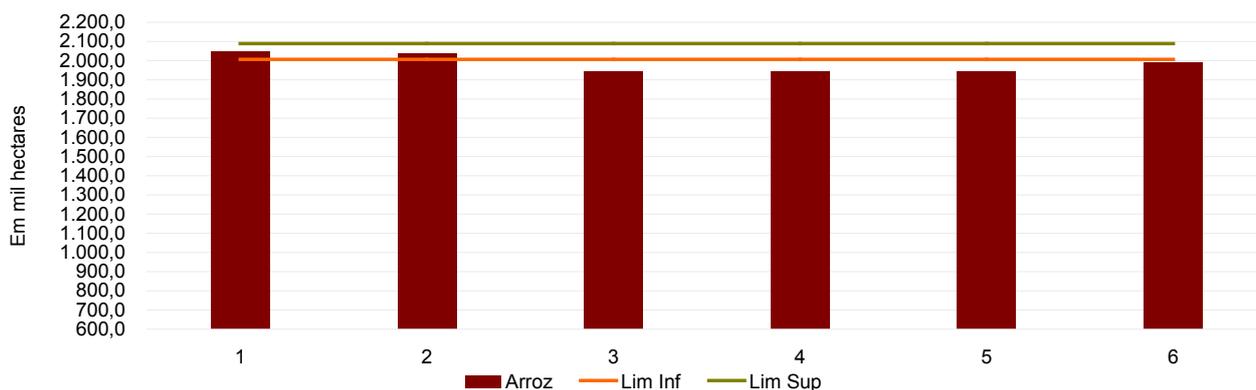
Fonte: Conab.

A área plantada de arroz sofreu modificação ao longo dos levantamentos, principalmente pela incerteza do produtor em cultivar milho ou soja nas áreas de arroz de sequeiro. Após a definição da semeadura destas

culturas, e apesar de ficar fora dos limites inferiores e superiores, tem impulsionado as estimativas para uma área próxima de 2 milhões de hectares.



Gráfico 5 – Estimativa de área plantada de arroz - 2016/17

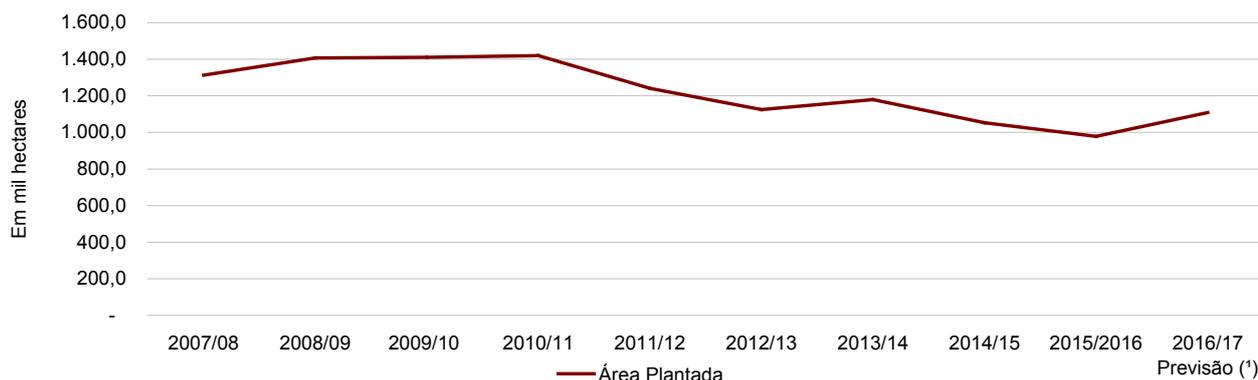


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra apresenta concentração da área plantada na Bahia, Piauí, Paraná e Minas Gerais, apesar de ser cultivado amplamente no território brasileiro. Estima-se que a área a ser destinada para a cultura do feijoeiro aumente na maior parte dos es-

tados produtores, influenciado pelos preços de mercado e à possibilidade de clima favorável. Tanto o feijão comum cores, quanto o caupi, apresentam ganho de área. O feijão comum preto deve ter redução de área, cedendo área para o feijão comum cores.

Gráfico 6 – Série histórica de área plantada de feijão primeira safra

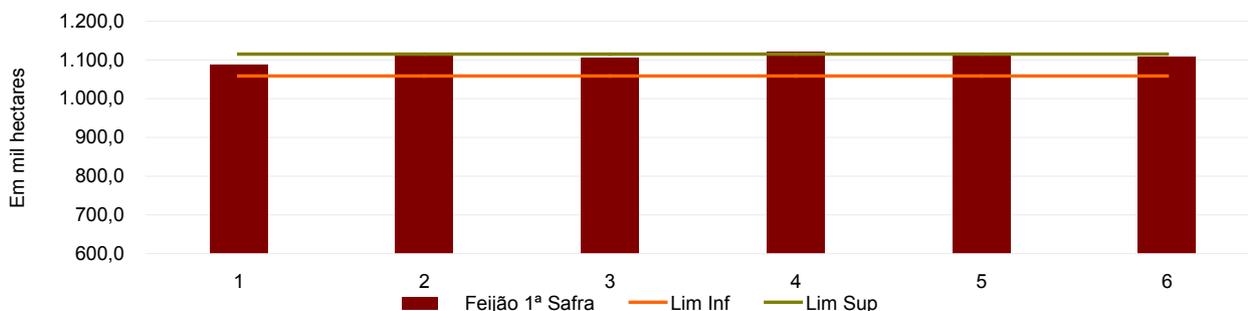


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra foi, desde o início da safra, influenciado pelos bons preços praticados no país. Isso impulsionou o plantio, sobretudo do feijão comum cores. As estimativas estão próximas ao limite supe-

rior e devem permanecer. As áreas do Centro-Sul já estão em processo de colheita, enquanto no Nordeste os produtores finalizaram o plantio recentemente.

Gráfico 7 – Estimativa de área plantada de feijão primeira safra - 2016/17



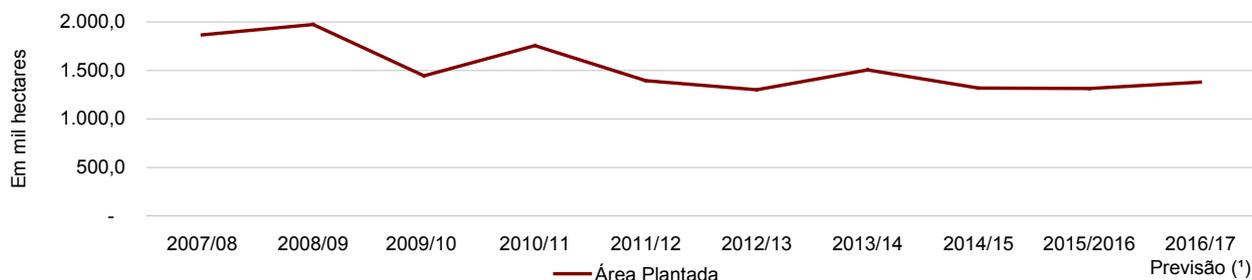
Fonte: Conab.



Para o feijão segunda safra a perspectiva é também de aumento na área plantada. O produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra por não concorrer com a soja, cultura com boa rentabi-

lidade, e também por não haver chuvas coincidindo com a colheita, o que favorece a colheita. Assim, como na primeira safra, o feijão comum preto deve ser o único a apresentar redução de área plantada.

Gráfico 8 – Série histórica de área plantada de feijão segunda safra

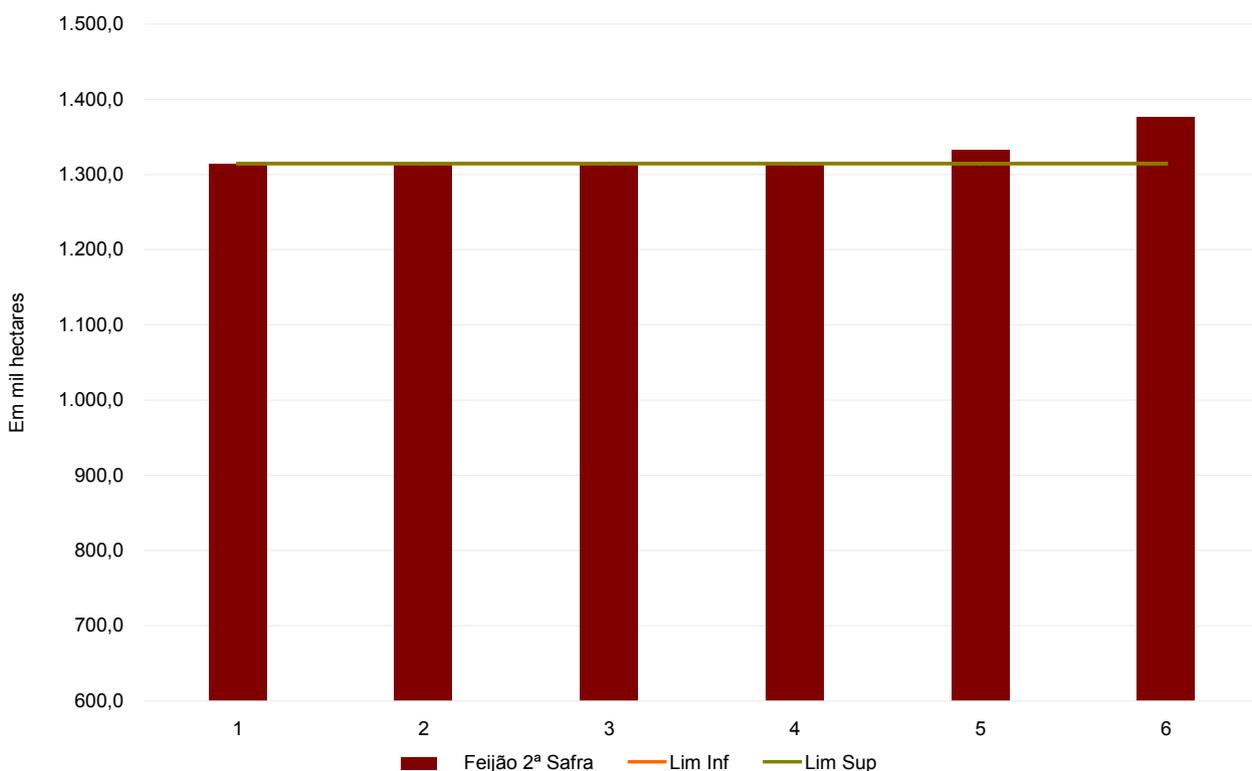


Fonte: Conab.

O feijão segunda safra é plantado a partir de janeiro e, por esta razão, a primeira estimativa da Conab com dados de campo para esta cultura é realizada no quinto levantamento. Os dados anteriores (primeiro ao quarto levantamentos) é repetição da safra anterior. As expectativas são muito boas para esta cultura, tanto pelas condições climáticas propícias ao plantio

e desenvolvimento, quanto para a colheita em época com menor intensidade de chuvas e consequentemente melhor qualidade do grão colhido. Também nesta safra há aumento de área de feijão comum cores e caupi, enquanto o feijão comum preto deve permanecer com área próxima à safra passada.

Gráfico 9 – Estimativa de área plantada de feijão segunda safra - 2016/17



Fonte: Conab.



O milho cultivado na primeira safra sempre concorre com o cultivo da soja, o que tem resultado em quedas recorrentes de área cultivada. No entanto, nesta safra observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. No Matopiba há expectativa de aumento da área plantada na

Bahia por apresentar um perfil edafoclimático favorável e consequente viabilidade do manejo tecnificado, visando o abastecimento da Região Nordeste. Piauí, Maranhão e Tocantins devem perder área para a soja, uma vez que na safra passada as condições não foram adequadas para o cultivo da oleaginosa. O Ceará apresenta expectativa de aumento devido à perspectiva de um ciclo favorável de precipitação.

Gráfico 10 – Série histórica de área plantada de milho primeira safra

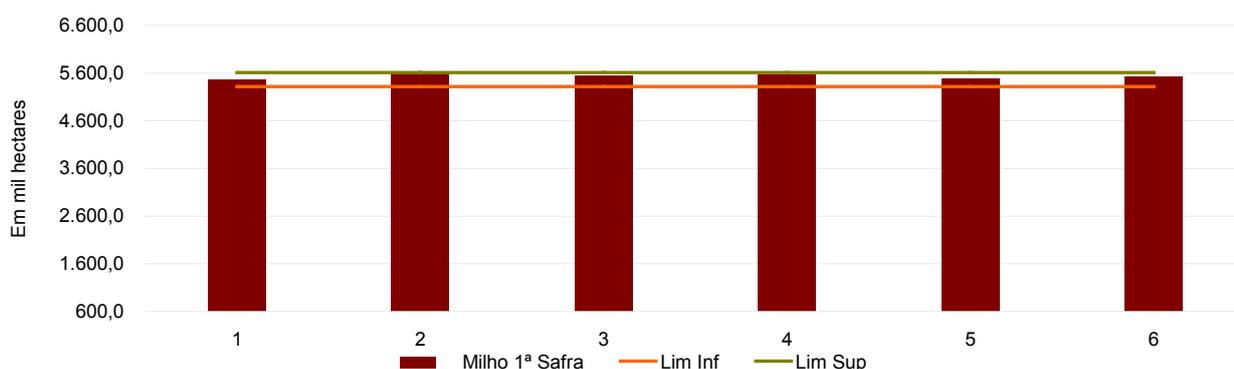


Fonte: Conab.

O milho primeira safra é plantada em diferentes épocas em diferentes regiões do país. A Região Sul começa o plantio em julho, mas com picos de semeadura de agosto a outubro. As Regiões Sudeste e Centro-Oeste e Norte (com exceção do Tocantins) plantam de outubro a dezembro, mas com pico em novembro. O Matopiba planta de novembro a fevereiro, com picos em dezembro e janeiro. O restante da Região Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco)

semeiam a partir de janeiro, com alta em fevereiro e março, se o regime pluviométrico permitir. Esse calendário diversificado acaba por influenciar a estimativa de área plantada, uma vez que a definição de áreas, em algumas regiões, acontece mais tardiamente. Porém a área permanece dentro dos limites divulgados no primeiro levantamento e bem estável entre os levantamentos.

Gráfico 11 – Estimativa de área plantada de milho primeira safra - 2016/17



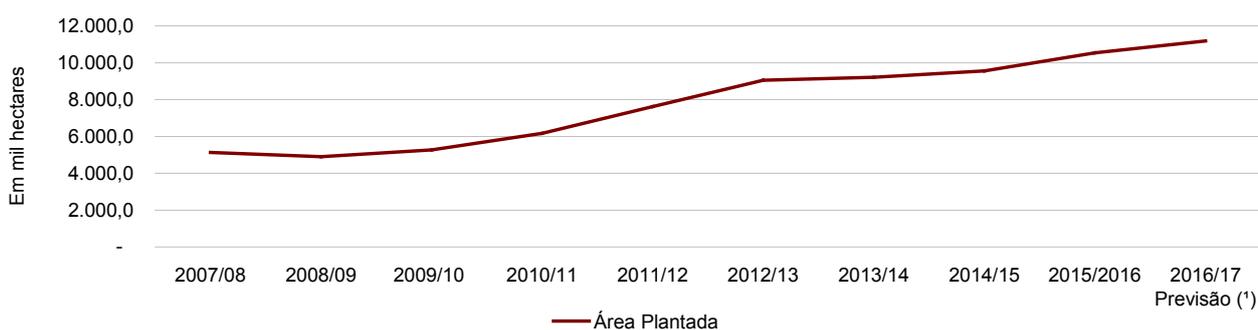
Fonte: Conab.

Para a segunda safra de milho, a estimativa é de aumento na área semeada. O plantio continua avançando nas principais regiões produtoras e devem conti-

nuar em março. A destinação de área para o cultivo deve ultrapassar os 11 milhões de hectares, aumento de 6,2%.



Gráfico 12 – Série histórica de área plantada de milho segunda safra

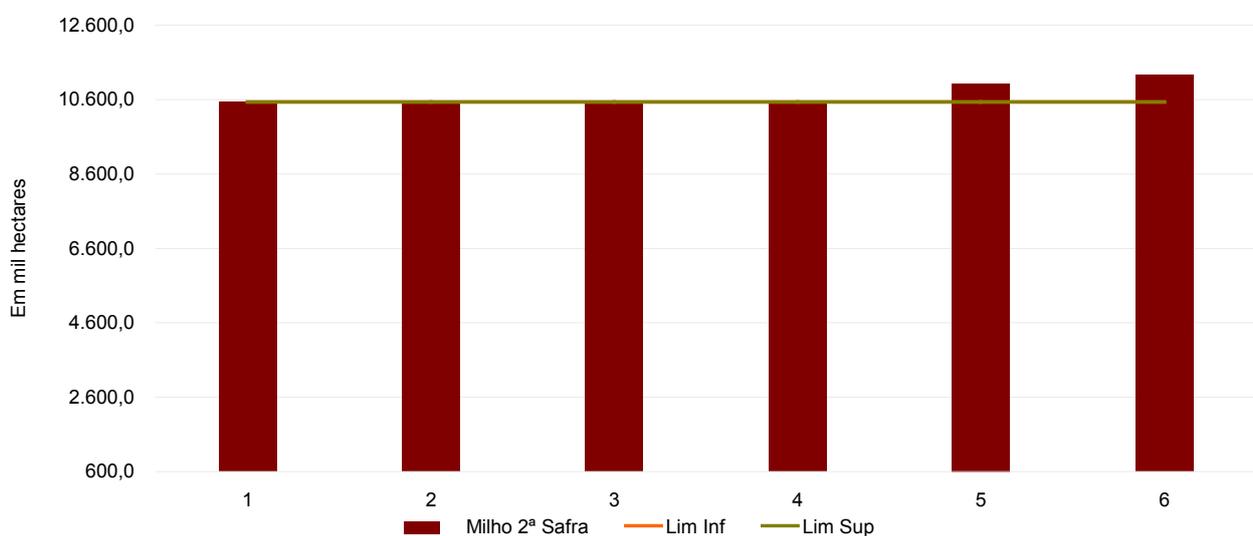


Fonte: Conab.

Semelhante ao feijão segunda safra, o milho segunda safra é semeado a partir de janeiro, após a colheita da soja. Os bons regimes pluviométricos, coincidindo com dias de tempo aberto, têm propiciado o avanço

do plantio de milho segunda safra e, semelhante as cinco últimas safras, deve ocupar cerca de 30% da área plantada com soja.

Gráfico 13 – Estimativa de área plantada de milho segunda safra - 2016/17



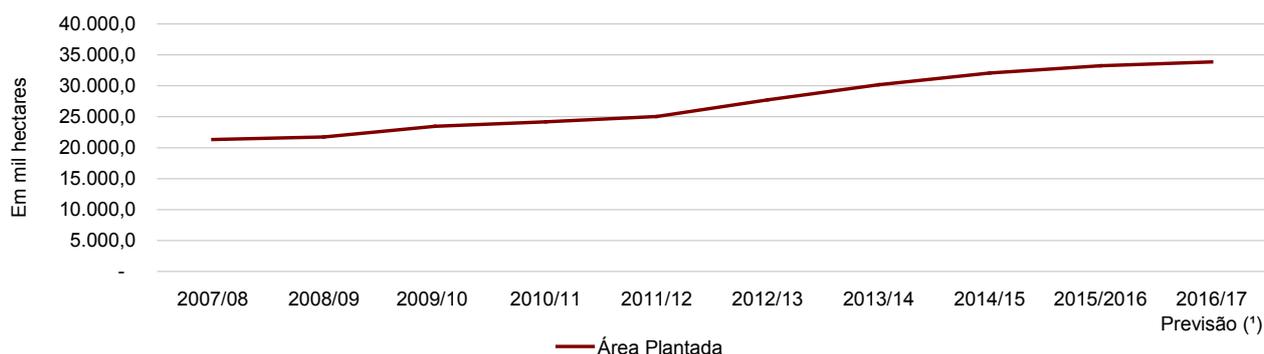
Fonte: Conab.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agrônomico e de pacotes tecnológicos acessíveis, são alguns dos fatores técnicos que corro-

boram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente em quase todos os estados produtores. No Paraná, por exemplo, a queda é consequência da proibição de plantio de soja na segunda safra, enquanto em Minas Gerais e Goiás houve priorização no cultivo de milho.



Gráfico 14 – Série histórica de área plantada de soja

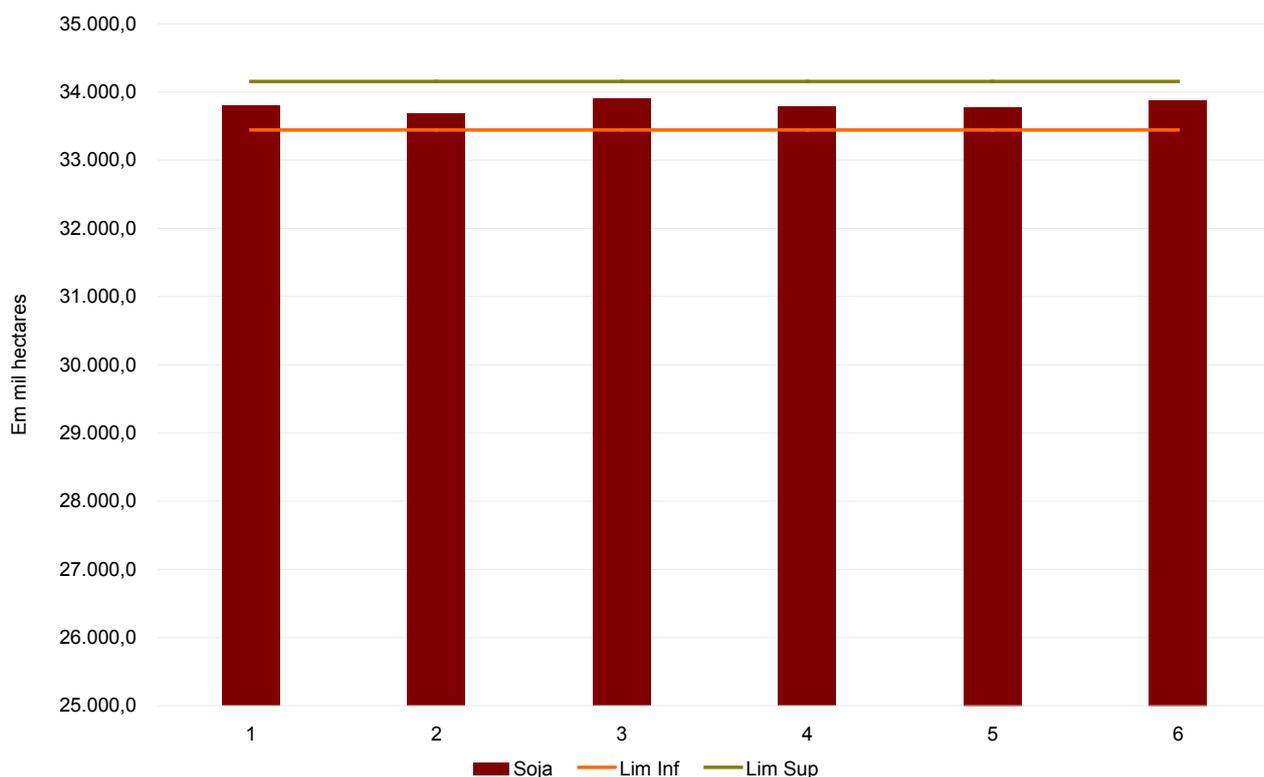


Fonte: Conab.

A soja tem sido a principal cultura cultivada no país e, pela sua rentabilidade, tem ocupado lugar de outras culturas, mas principalmente tem seu avanço sobre áreas de pastagens que tem sido reconvertida para o cultivo de grãos. Apesar das incertezas no início do

cultivo, quanto ao trimestre chuvoso para a semeadura da cultura, houve precipitações favoráveis e o avanço foi superior aos anos anteriores. A soja já iniciou a colheita, cedendo área para o cultivo de algodão segunda safra, milho segunda safra e feijão.

Gráfico 15 – Estimativa de área plantada de soja - 2016/17



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		fev/2017 (b)	mar/2017 (c)		
ALGODÃO	955,2	911,7	925,8	(3,1)	(29,4)
AMENDOIM TOTAL	119,6	120,5	121,3	1,4	1,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	111,7	112,6	2,1	2,3
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	8,8	8,7	(6,5)	(0,6)
ARROZ	2.008,0	1.942,5	1.991,0	(0,8)	(17,0)
ARROZ SEQUEIRO	608,7	491,5	543,1	(10,8)	(65,6)
ARROZ IRRIGADO	1.399,3	1.451,0	1.447,9	3,5	48,6
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	2.993,4	3.029,3	6,8	191,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.115,2	1.108,1	13,2	129,5
CARIOCA	409,9	482,8	481,1	17,4	71,2
PRETO	180,5	185,7	177,1	(1,9)	(3,4)
CAUPI	388,2	446,7	449,9	15,9	61,7
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.313,9	1.333,2	1.376,2	4,7	62,3
CARIOCA	404,6	419,3	424,5	4,9	19,9
PRETO	118,0	124,8	117,4	(0,5)	(0,6)
CAUPI	791,3	789,1	834,3	5,4	43,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	545,0	545,0	545,0	-	-
CARIOCA	477,2	477,2	477,2	-	-
PRETO	0,2	0,2	0,2	-	-
CAUPI	67,6	67,6	67,6	-	-
GIRASSOL	51,5	50,3	51,1	(0,8)	(0,4)
MAMONA	31,8	29,6	28,3	(11,0)	(3,5)
MILHO TOTAL	15.922,5	16.515,1	16.772,0	5,3	849,5
MILHO 1ª SAFRA	5.387,7	5.481,2	5.520,0	2,5	132,3
MILHO 2ª SAFRA	10.534,8	11.033,9	11.252,0	6,8	717,2
SOJA	33.251,9	33.776,1	33.878,8	1,9	626,9
SORGO	579,0	618,0	621,9	7,4	42,9
SUBTOTAL	55.757,0	56.957,2	57.419,5	3,0	1.662,5
SORGO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		fev/2017 (b)	mar/2017 (c)		
AVEIA	291,5	291,5	291,5	-	-
CANOLA	47,5	47,5	47,5	-	-
CENTEIO	2,5	2,5	2,5	-	-
CEVADA	95,6	95,6	95,6	-	-
TRIGO	2.118,4	2.118,4	2.118,4	-	-
TRITICALE	23,5	23,5	23,5	-	-
SUBTOTAL	2.579,0	2.579,0	2.579,0	-	-
BRASIL	58.336,0	59.536,2	59.998,5	2,8	1.662,5

Legenda: * Ponto médio dos limites superior e inferior

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em março/2017





4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A produtividade é uma variável importantíssima nos processos de avaliação de safra. São vários os fatores que podem influenciá-la, como o pacote tecnológico utilizado pelo produtor (qualidade da semente, uso de adubação e de agrotóxicos, etc) e as condições climáticas.

O constante acompanhamento da safra agrícola, realizada pela Conab, leva ao conhecimento de que, para algumas culturas, o pacote tecnológico, utilizado pelo produtor, é de alto nível e não há tanta variação entre as safras, como é o caso da soja e algodão. O milho e o feijão possuem variações. São culturas que apresentam, desde o uso de elevado pacote tecnológico, até determinadas regiões onde se prioriza o plantio para consumo de pequenas propriedades, as quais, nem sempre usa o melhor pacote disponível. Para o arroz também há muitas variações, mas de modo geral, a cultura irrigada é suplementada com um pacote de alto nível.

Diferente da safra passada, nesta safra as condições climáticas têm contribuído muito para uma boa expectativa de produto, não só pelo aumento de área, quanto para as boas condições da cultura. A última safra foi fortemente influenciada pelo efeito do El Niño, impactando as produtividades de praticamente todas as culturas.

O alto custo de cultivo, a dependência da demanda do mercado externo e a verticalização da produção, le-

vam o produtor a utilizar o melhor pacote tecnológico para a cultura do algodão, em comparação às demais

culturas de grãos. Sendo assim, a cultura fica dependente apenas das condições climáticas.

Gráfico 16 – Série histórica de produtividade de caroço de algodão

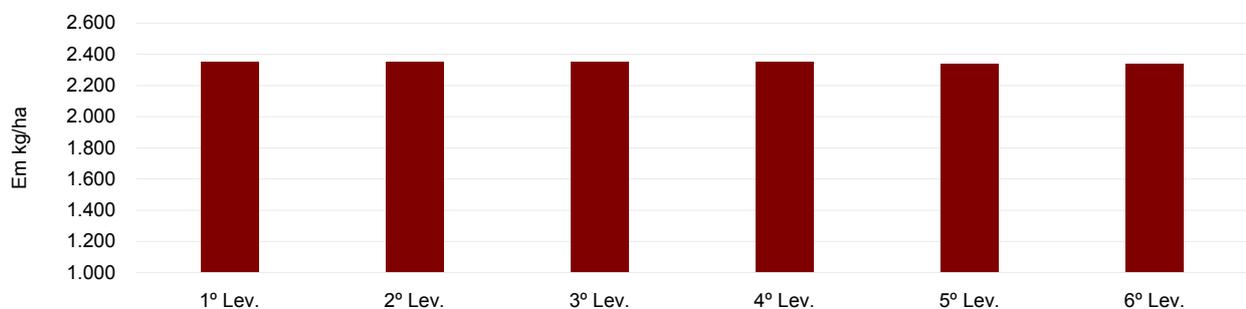


Fonte: Conab.

Nesta safra, em face das boas precipitações e temperaturas até o momento, as estimativas de produtivi-

dade permanecem praticamente inalteradas e estão bem próximas a ano de boas produtividades.

Gráfico 17 – Estimativa de produtividade de algodão – 2016/17

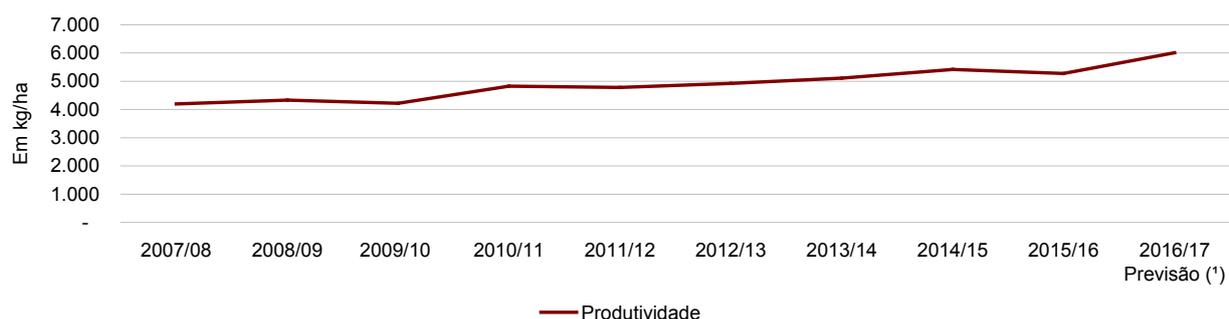


Fonte: Conab

O aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro são responsáveis pelo aumento da média de produtividade de arroz do Brasil,

uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade muito superior ao de sequeiro.

Gráfico 18 – Série histórica de produtividade de arroz



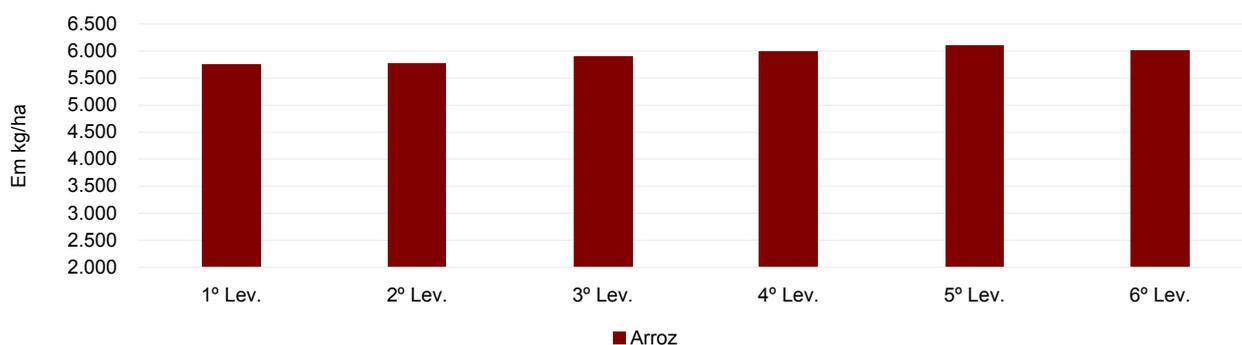
Fonte: Conab.

As boas condições climáticas em todo o desenvolvimento da cultura têm influenciado o aumento das es-

timativas de produtividade do arroz, confirmadas pelo início da colheita em algumas localidades.



Gráfico 19 – Estimativa de produtividade de arroz – 2016/17

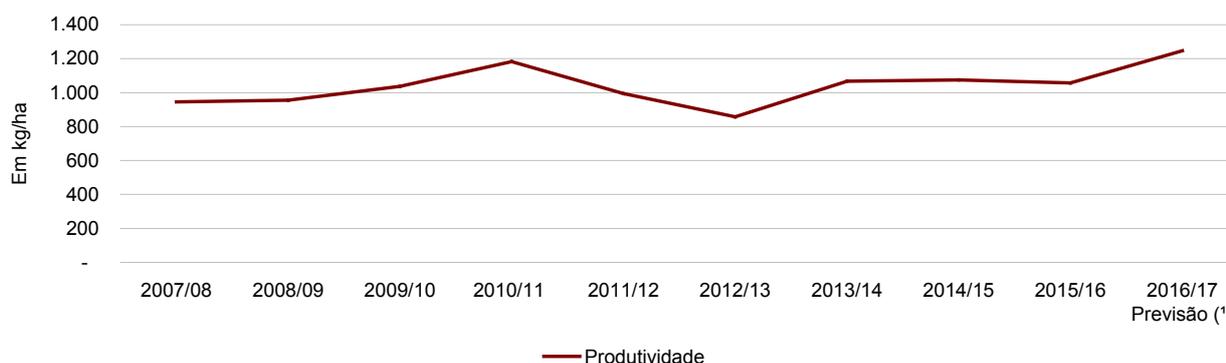


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra é uma cultura com uso de alta tecnologia na Região Sul, com cultivo de feijão comum cores e preto, e Centro-Oeste, com predominância do cultivo de feijão comum cores. Na Região Norte/Nordeste é predominante o cultivo de caupi, com baixa

tecnologia. Minas Gerais cultiva os três tipos, com diferentes níveis tecnológicos. Em São Paulo é a predominância de feijão comum cores com alta tecnologia, alcançando uma das maiores produtividades do país.

Gráfico 20 – Série histórica de produtividade de feijão primeira safra

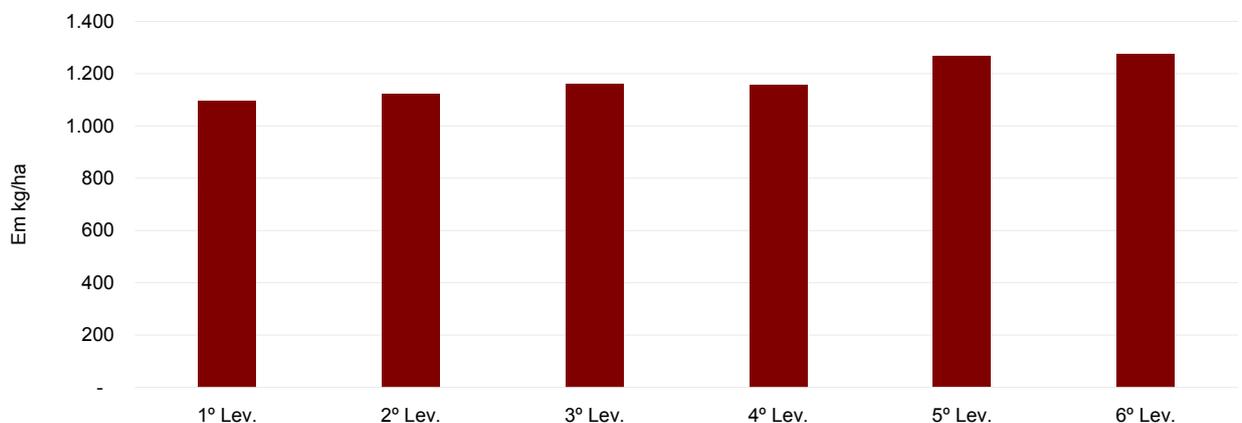


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra, que já iniciou a colheita, além da recuperação no potencial produtivo, em relação a outras safras, as boas condições climáticas, nesta sa-

fra, têm favorecido o aumento da produtividade. Pelos preços favoráveis, os produtores investiram mais nesta cultura, na presente safra.

Gráfico 21 – Estimativa de produtividade de feijão primeira safra – 2016/17



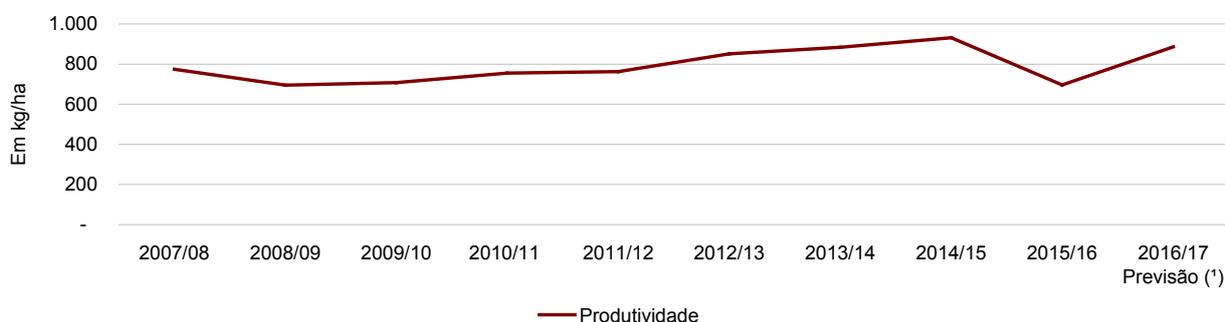
Fonte: Conab.



Para o feijão segunda safra, este ano agrícola continua com potencial de ser uma boa safra em termos de

produtividade, se comparada com as safras de anos anteriores.

Gráfico 22 – Série histórica de produtividade de feijão segunda safra

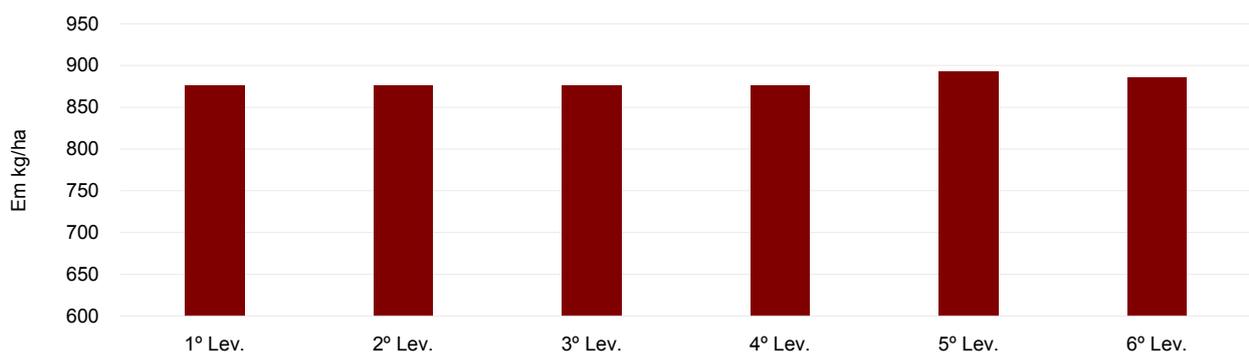


Fonte: Conab.

Com o avanço do plantio em algumas regiões, inicia-se o processo de captação das informações de campo, substituindo as produtividades derivadas dos cálculos estatísticos e do pacote tecnológico. Conforme as

produtividades estimadas nos primeiros levantamentos, continua as boas expectativas de produtividade também para o feijão segunda safra.

Gráfico 23 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra – 2016/17

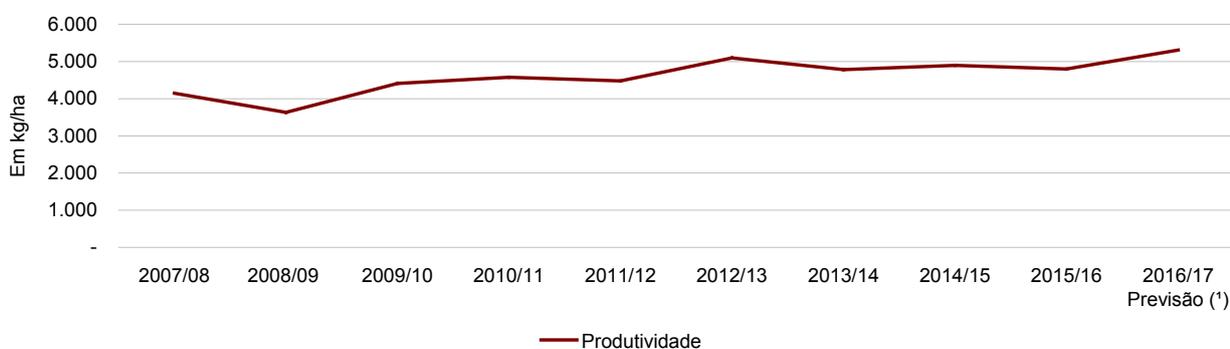


Fonte: Conab.

A quebra de produtividade de milho segunda safra, no ano passado, levou muitos estados, principalmente aqueles que possuem grande volume para consumo

próprio, a investir nesta cultura, tanto com aumento de área como melhor tratamentos culturais. O resultado é uma das melhores produtividades da série histórica.

Gráfico 24 – Série histórica de produtividade de milho primeira safra



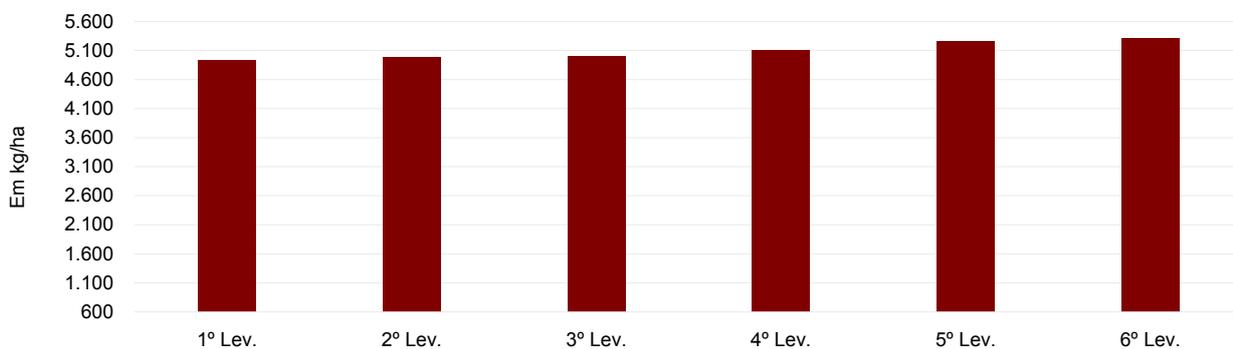
Fonte: Conab.



Para o milho primeira safra as boas condições climáticas apresentadas têm contribuído para a expressão

de boas produtividades destas culturas, expressando o investimento realizado nesta cultura.

Gráfico 25 – Estimativa de produtividade de milho primeira safra – 2016/17

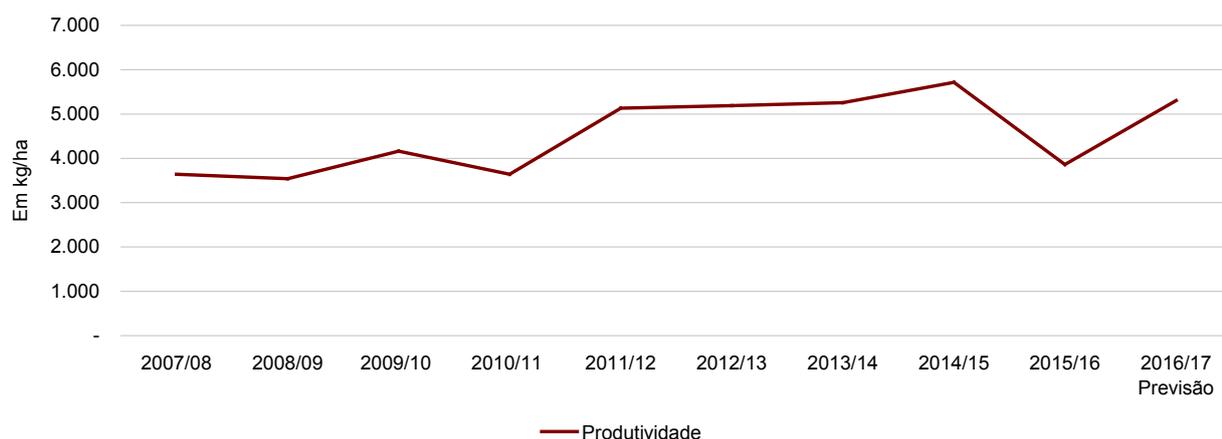


Fonte: Conab

Para os produtos que ainda não finalizaram a semeadura, como é o caso do milho segunda safra, continuamos nos baseando nas análises estatísticas das

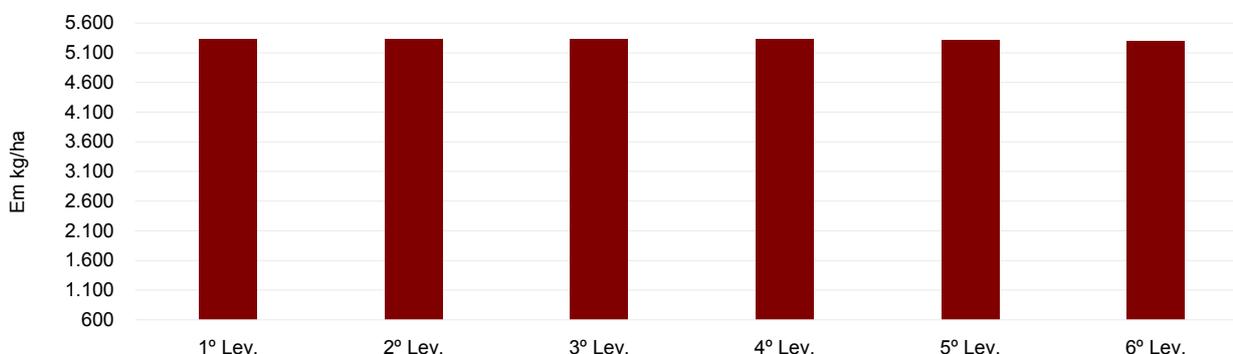
séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos para se chegar à produtividade estimada.

Gráfico 26 – Série histórica de produtividade de milho segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 27 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra – 2016/17



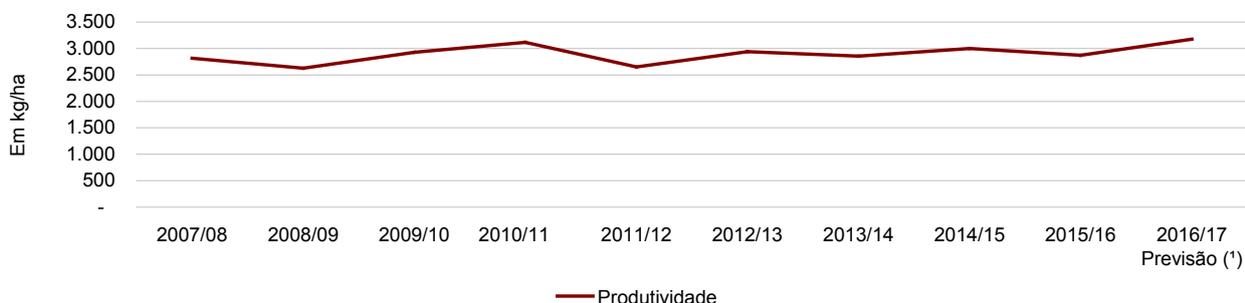
Fonte: Conab.



A soja, apesar de ser uma cultura que tem mantido produtividades médias muito próximas de anos anteriores, é uma cultura em que há alto investimento por parte do produtor, tanto em equipamentos, quanto

em tecnologia de sementes, adubação e agrotóxicos. As expectativas são muito boas para a presente safra.

Gráfico 28 – Série histórica de produtividade de soja

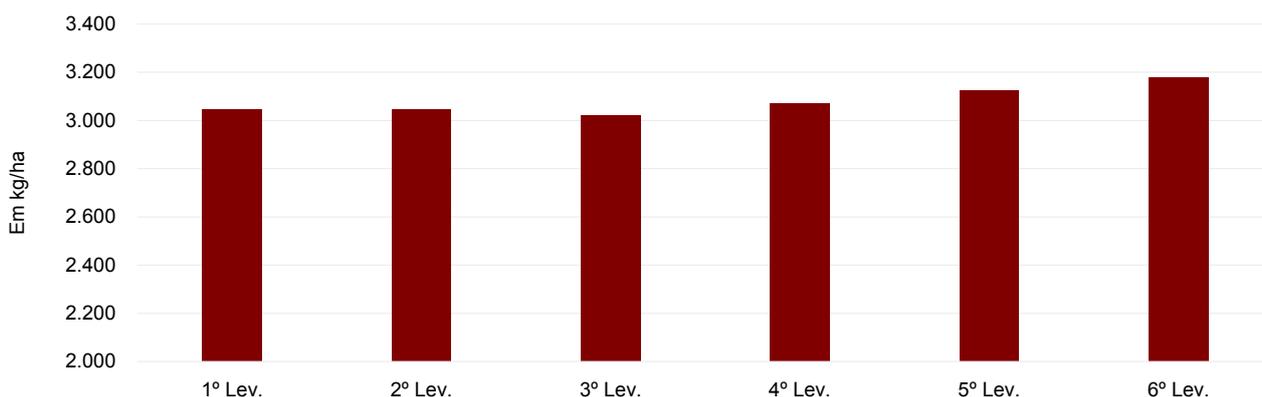


Fonte: Conab.

Com o início da colheita e bom desenvolvimento da cultura ao longo de todo ciclo, os produtores têm colhido produtividades melhores, resultando em au-

mento na estimativa para a colheita na presente safra.

Gráfico 29 – Estimativa de produtividade de soja – 2016/17



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

(Em kg/ha)

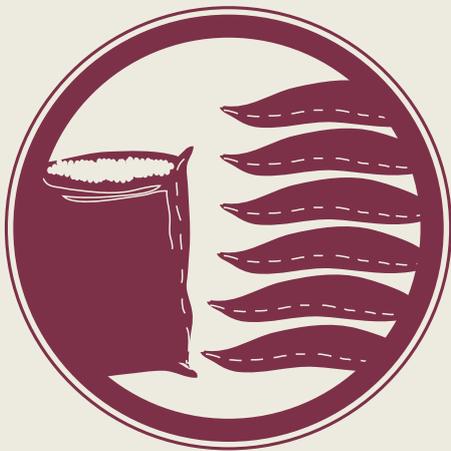
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		fev/2017 (b)	mar/2017 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.028	2.342	2.342	15,5	313,7
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.559	1.559	15,5	208,8
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.388	3.390	(0,2)	(5,9)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.494	3.495	(0,8)	(29,8)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.041	2.038	8,8	164,9
ARROZ	5.280	6.108	6.010	13,8	729,7
ARROZ SEQUEIRO	2.030	2.213	2.147	5,8	117,1
ARROZ IRRIGADO	6.694	7.428	7.459	11,4	764,7
FEIJÃO TOTAL	886	1.095	1.081	22,0	195,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.268	1.247	18,0	190,4
CARIOCA	1.619	1.785	1.792	10,7	173,8
PRETO	1.601	1.721	1.797	12,2	195,9
CAUPI	210	520	448	112,8	237,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	893	886	27,3	189,9
CARIOCA	1.226	1.434	1.454	18,6	227,9
PRETO	1.494	1.554	1.688	13,0	194,2
CAUPI	306	501	484	58,2	178,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.036	1.234	1.234	19,2	198,6
CARIOCA	1.101	1.317	1.317	19,6	216,1
PRETO	2.000	3.000	3.000	50,0	1.000,0
CAUPI	572	645	645	12,7	72,7
GIRASSOL	1.224	1.413	1.419	15,9	194,8
MAMONA	465	454	469	0,8	3,7
MILHO TOTAL	4.178	5.293	5.305	27,0	1.126,2
MILHO 1ª SAFRA	4.799	5.257	5.308	10,6	509,2
MILHO 2ª SAFRA	3.861	5.310	5.303	37,3	1.441,8
SOJA	2.870	3.125	3.176	10,7	306,4
SORGO	1.782	2.665	2.667	49,7	885,0
SUBTOTAL	3.202	3.729	3.764	17,6	562,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		fev/2017 (b)	mar/2017 (c)		
AVEIA	2.840	2.367	2.367	(16,7)	(473,0)
CANOLA	1.514	1.552	1.552	2,5	38,0
CENTEIO	2.600	1.680	1.680	(35,4)	(920,0)
CEVADA	3.921	2.951	2.951	(24,7)	(970,0)
TRIGO	3.175	2.667	2.667	(16,0)	(508,0)
TRITICALE	2.898	2.562	2.562	(11,6)	(336,0)
SUBTOTAL	3.131	2.621	2.621	(16,3)	(510,0)
BRASIL (2)	3.199	3.681	3.715	16,1	516,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março 2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (222,91 MILHÕES DE TONELADAS)

A produção brasileira está estimada em 222,91 milhões de toneladas, aumento de 19,4% em relação à safra passada, o que equivale a 36,29 milhões de toneladas. Cabe ressaltar que este incremento é influenciado pela produtividade média das culturas que, nesta safra, recupera-se da influência negativa das condições climáticas da safra passada, mas o aumento da área reflete numa produção superior aos anos anteriores.

A soja e o milho, principais culturas produzidas no país, apresentam ganho na produção de 12,8% e 33,7%, respectivamente. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção de 107,61 milhões de toneladas. Para o milho, a estimativa é de 88,97 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (29,3 milhões de toneladas) e segunda safra (59,67 milhões de toneladas).

Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 11,97 milhões de toneladas e 3,27 milhões de toneladas, respectivamente. Distribuídas por safra, a produção de feijão está estimada em 1,38 milhão de toneladas na primeira safra, 1,22 milhão de toneladas na segunda safra e 672,6 mil toneladas na terceira safra.

Gráfico 30 – Série histórica de produção de caroço de algodão

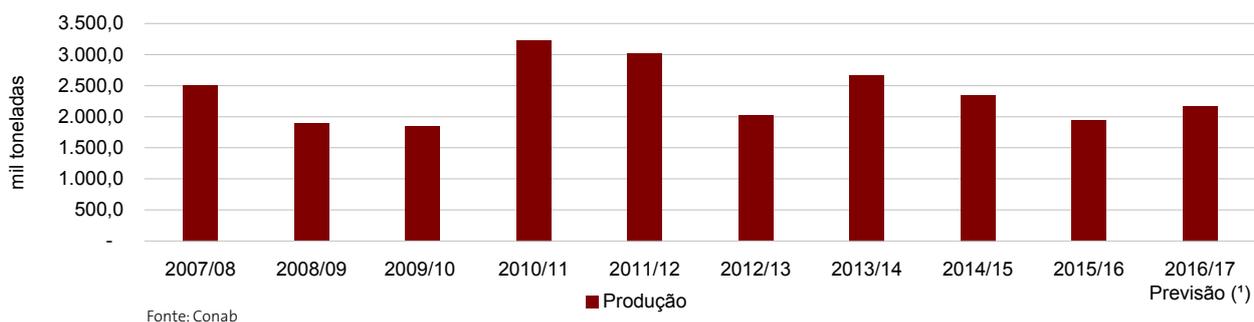


Gráfico 31 – Estimativa de produção de caroço de algodão – 2016/17

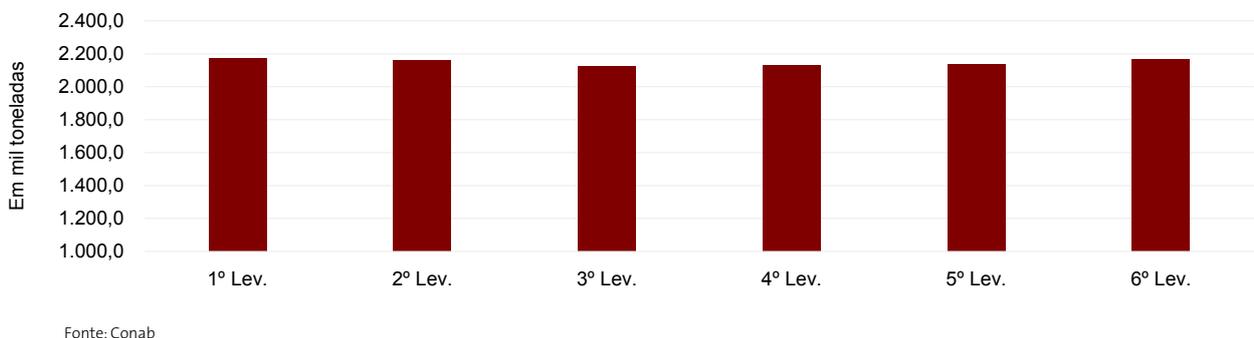


Gráfico 32 – Série histórica de produção de arroz

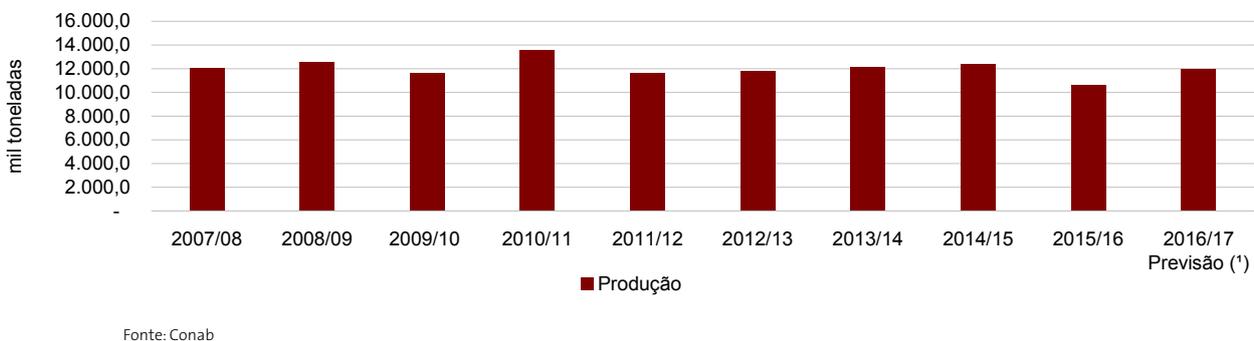


Gráfico 33 – Estimativa de produção de arroz – 2016/17

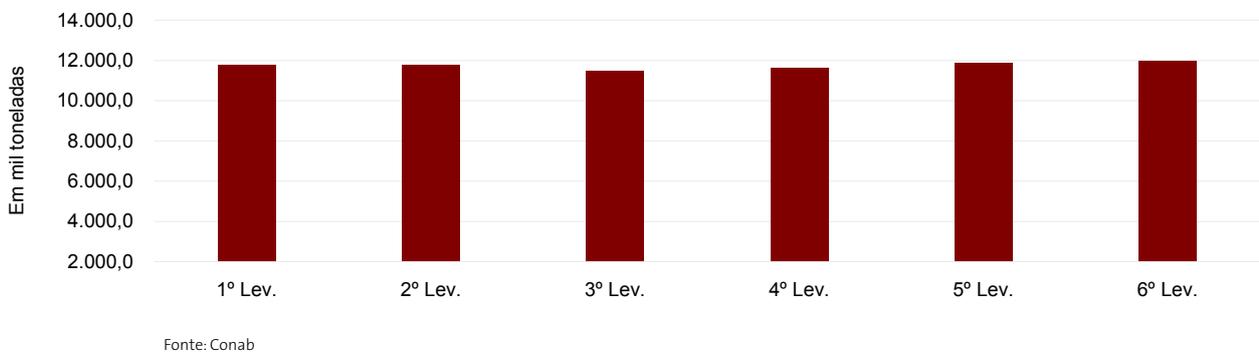
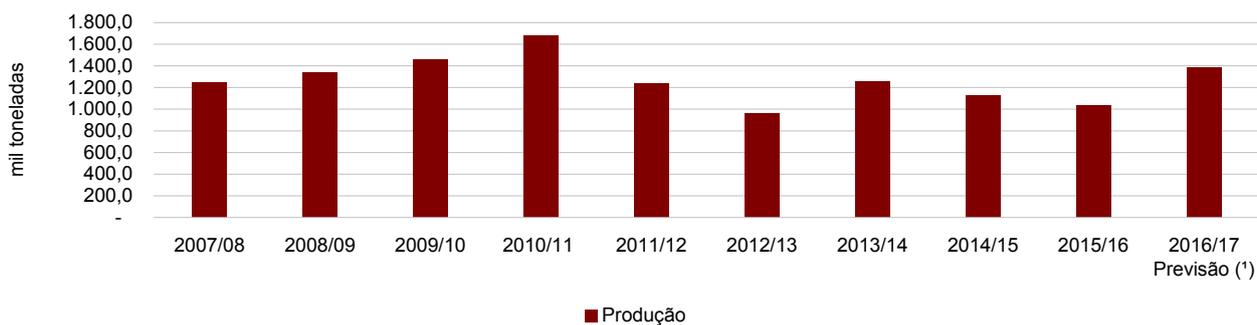
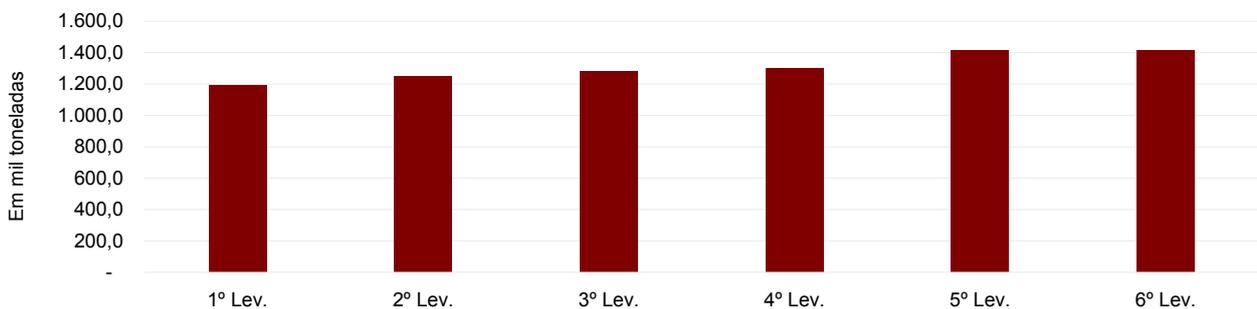


Gráfico 34 – Série histórica de produção de feijão primeira safra



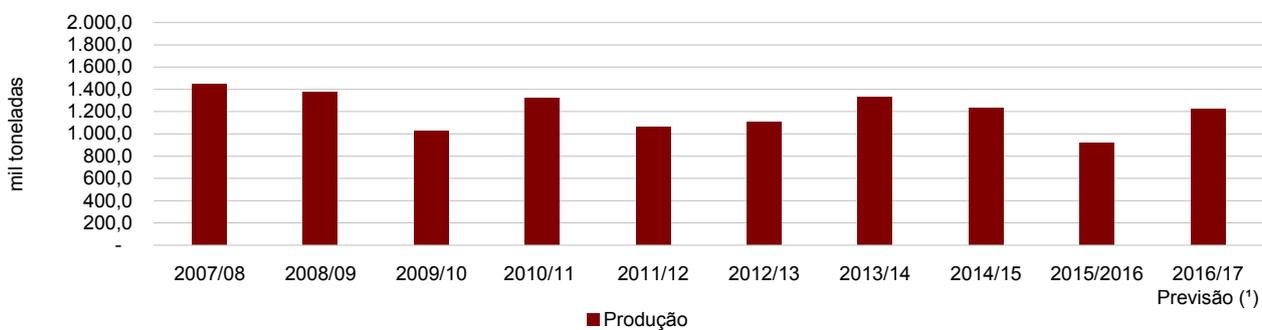
Fonte: Conab

Gráfico 35 – Estimativa de produção de feijão primeira safra – 2016/17



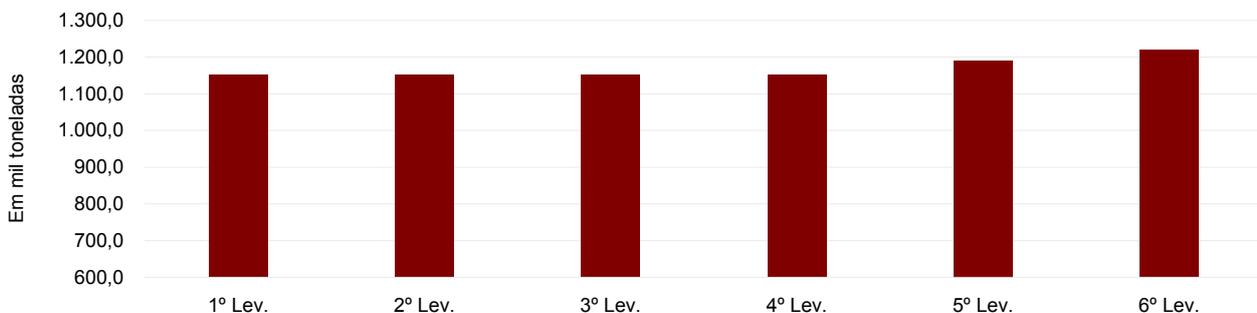
Fonte: Conab

Gráfico 36 – Série histórica de produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab

Gráfico 37 – Estimativa de produção de feijão segunda safra – 2016/17



Fonte: Conab.



Gráfico 38 – Série histórica de produção de milho primeira safra

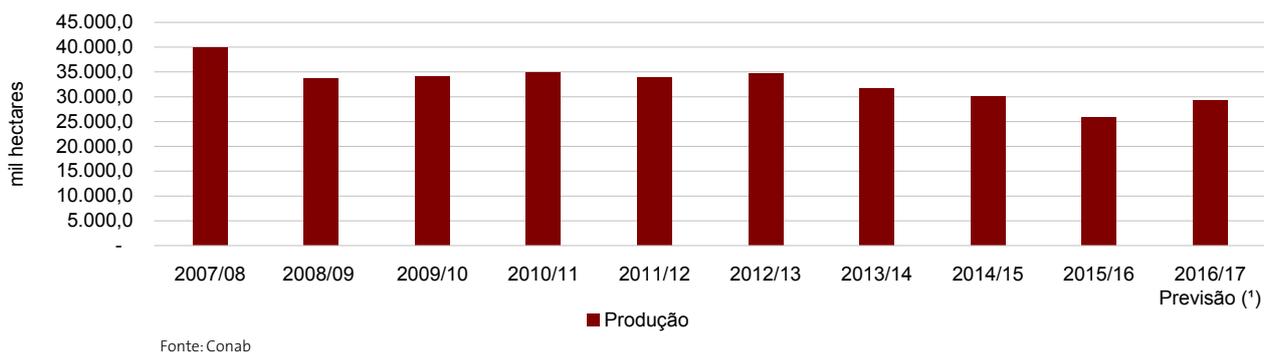


Gráfico 39 – Estimativa de produção de milho primeira safra – 2016/17

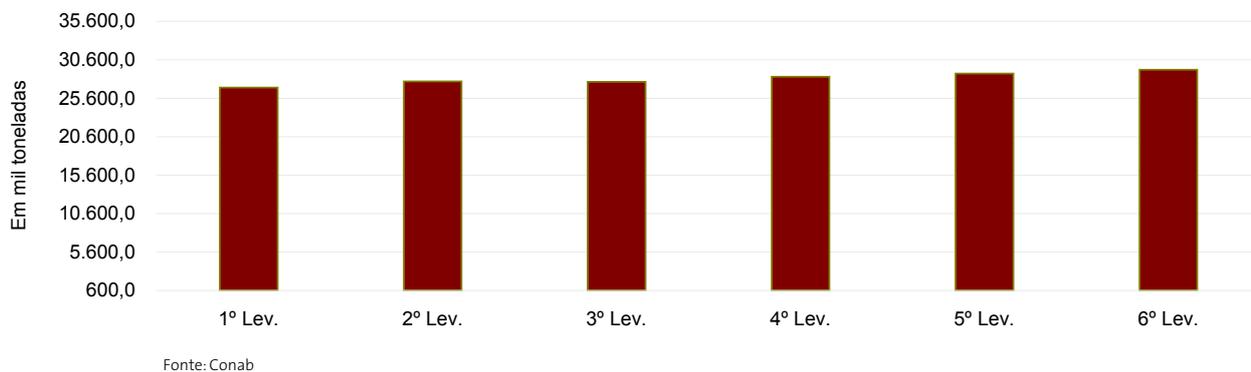


Gráfico 40 – Série histórica de produção de milho segunda safra

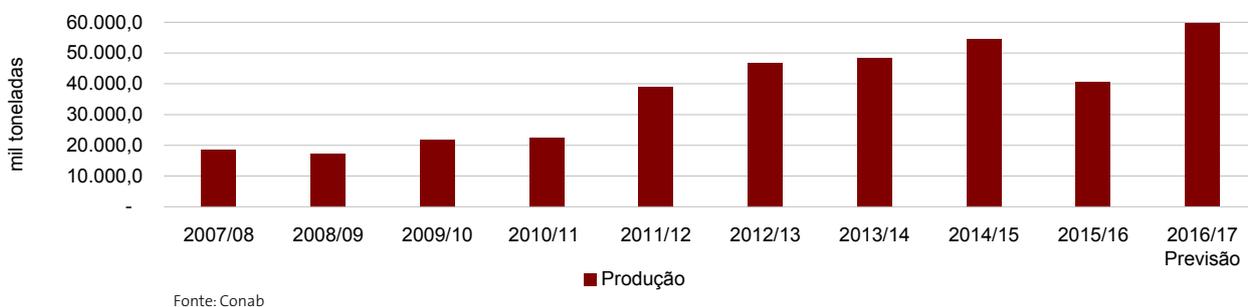


Gráfico 41 – Estimativa de produção de milho segunda safra – 2016/17

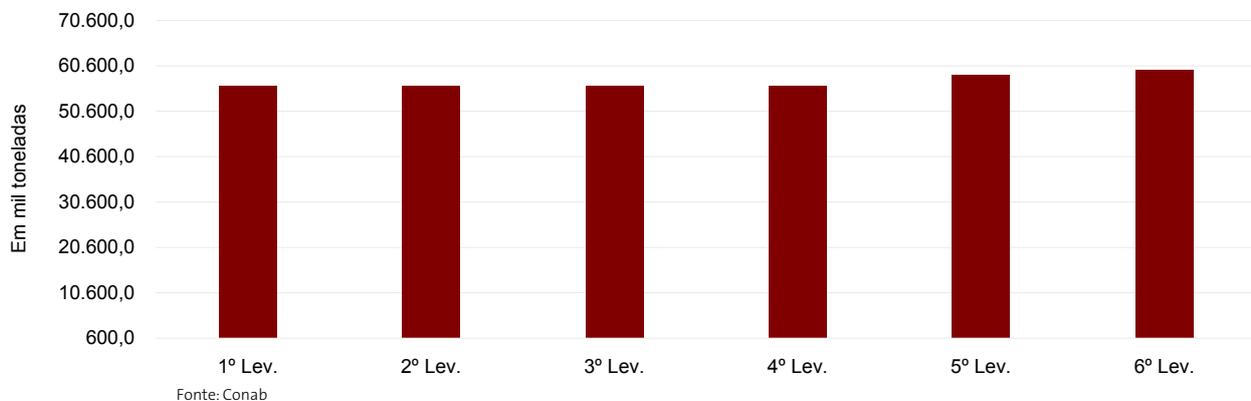
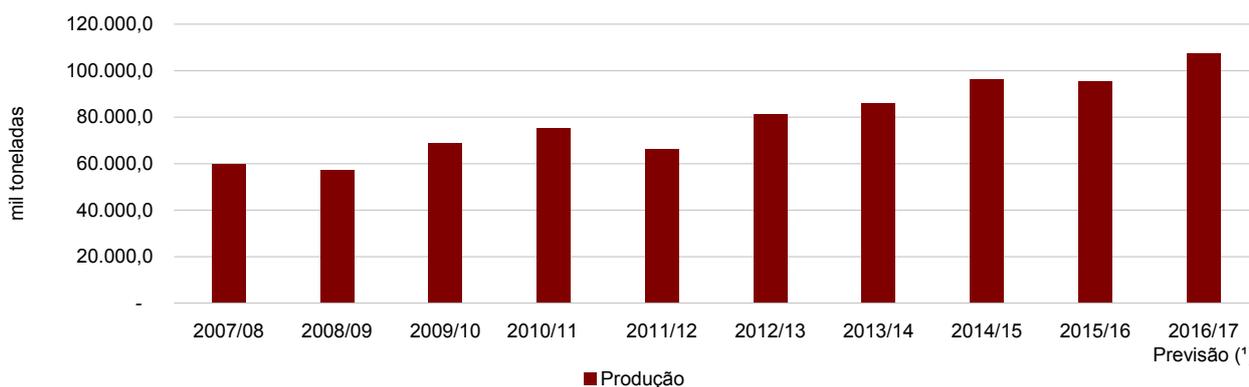
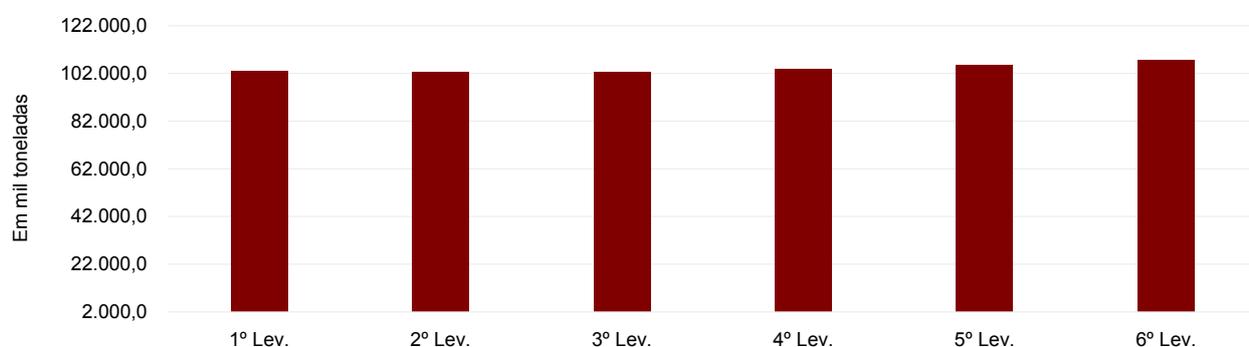


Gráfico 42 – Série histórica de produção de soja



Fonte: Conab

Gráfico 43 – Estimativa de produção de soja – 2016/17



Fonte: Conab

5.1 MATO GROSSO - REGIÃO OESTE

Na segunda quinzena de fevereiro, o Mato Grosso foi afetado por chuvas acima do normal, coincidindo com os manejos operacionais das safras de grãos, envolvendo a colheita da soja, plantio do milho segunda safra e algodão. Especificamente no município de Campo Novo do Parecis, houve a incidência de chuvas com intensidade de 310 mm, num período de 48 horas, causando danos à zona urbana e no seu entorno pro-

duativo. A Conab imediatamente enviou uma equipe técnica à região para uma avaliação técnica “in loco”, abrangendo os municípios de: Diamantino, Campo Novo do Parecis, Nobres, Brasnorte, Sapezal, Campos de Julho e Comodoro, perfazendo uma área plantada com grãos de 1.419.782 hectares. De forma sucinta, apresentamos os registros elaborados pela equipe:

5.1.1. SOJA

- Chuvas excessivas, ocorridas durante os dias 9 a 16 de fevereiro de 2016, afetaram as áreas de soja prontas para a colheita, ou as que haviam sido dessecadas para adiantamento do ciclo.
- Na região coberta pelo levantamento já haviam sido colhidas 50% da área plantada com soja, e a produtividade média atingiu 4.320 kg/ha, recorde até então.
- Foi constatada, na colheita realizada no período chuvoso, a ocorrência de grãos avariados. No entanto, na mistura dos produtos colhidos nessas condições, com os realizados antes e depois do evento climático, a avaliação corrente é de que o produto final deverá se encontrar dentro da tolerância legal (8%).
- Analisando os dados levantados, apurou-se prejuízos parciais na ordem de 5% em média, e perdas totais, onde a colheita não foi realizada, em aproximadamente 15.000 hectares do total da área levantada.
- Não foi constatado qualquer acionamento do seguro rural (a garantia é de 25 sc/ha), baixa em relação à média da proposta contratada, o que inibiu sua contratação pelos produtores.



5.1.2. MILHO

- Nas áreas já implantadas com o milho nota-se a necessidade de uma adubação imediata de cobertura, a fim de compensar os efeitos da lixiviação e também pela deficiência de luminosidade
- neste período.
- Na área levantada observou-se a necessidade de pulverizações para o controle de percevejos, remanescentes da cultura de soja.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		fev/2017 (b)	mar/2017 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.937,1	2.134,8	2.167,8	11,9	230,7
ALGODÃO - PLUMA	1.289,2	1.421,3	1.443,1	11,9	153,9
AMENDOIM TOTAL	406,1	408,3	411,3	1,3	5,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	390,3	393,5	1,2	4,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	18,0	17,8	2,9	0,5
ARROZ	10.603,0	11.865,2	11.966,0	12,9	1.363,0
ARROZ SEQUEIRO	1.235,5	1.087,5	1.166,1	(5,6)	(69,4)
ARROZ IRRIGADO	9.367,5	10.777,7	10.799,9	15,3	1.432,4
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.276,7	3.274,0	30,3	761,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.413,5	1.382,1	33,6	347,8
CARIOCA	663,5	861,6	862,2	29,9	198,7
PRETO	289,1	319,4	318,3	10,1	29,2
CAUPI	81,7	232,5	201,5	146,6	119,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	914,6	1.190,6	1.219,5	33,3	304,9
CARIOCA	496,1	601,4	617,1	24,4	121,0
PRETO	176,3	193,9	198,2	12,4	21,9
CAUPI	242,2	395,4	404,0	66,8	161,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	564,6	672,6	672,6	19,1	108,0
CARIOCA	525,5	628,3	628,3	19,6	102,8
PRETO	0,4	0,6	0,6	50,0	0,2
CAUPI	38,7	43,6	43,6	12,7	4,9
GIRASSOL	63,1	71,1	72,5	14,9	9,4
MAMONA	14,8	13,4	13,3	(10,1)	(1,5)
MILHO TOTAL	66.530,6	87.408,6	88.969,4	33,7	22.438,8
MILHO 1ª SAFRA	25.853,6	28.816,7	29.299,5	13,3	3.445,9
MILHO 2ª SAFRA	40.677,3	58.591,9	59.669,9	46,7	18.992,6
SOJA	95.434,6	105.558,2	107.614,6	12,8	12.180,0
SORGO	1.031,5	1.646,8	1.658,4	60,8	626,9
SUBTOTAL	178.534,6	212.383,1	216.147,5	21,1	37.612,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		fev/2017 (b)	mar/2017 (c)		
AVEIA	827,8	690,0	690,0	(16,6)	(137,8)
CANOLA	71,9	73,7	73,7	2,5	1,8
CENTEIO	6,5	4,2	4,2	(35,4)	(2,3)
CEVADA	374,8	282,1	282,1	(24,7)	(92,7)
TRIGO	6.726,8	5.649,3	5.649,3	(16,0)	(1.077,5)
TRITICALE	68,1	60,2	60,2	(11,6)	(7,9)
SUBTOTAL	8.075,9	6.759,5	6.759,5	(16,3)	(1.316,4)
BRASIL (2)	186.610,5	219.142,6	222.907,0	19,5	36.296,5

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.540,1	2.800,9	10,3	2.731	3.271	19,8	6.937,2	9.161,1	32,1
RR	39,9	48,8	22,3	3.900	4.086	4,8	155,6	199,4	28,1
RO	474,1	534,4	12,7	3.338	3.363	0,8	1.582,5	1.797,3	13,6
AC	52,4	47,1	(10,1)	2.065	1.981	(4,1)	108,2	93,3	(13,8)
AM	11,4	14,0	22,8	1.912	2.150	12,4	21,8	30,1	38,1
AP	4,6	4,8	4,3	891	938	5,2	4,1	4,5	9,8
PA	730,8	832,6	13,9	2.932	3.058	4,3	2.142,4	2.545,9	18,8
TO	1.226,9	1.319,2	7,5	2.382	3.404	42,9	2.922,6	4.490,6	53,7
NORDESTE	7.396,9	7.865,9	6,3	1.329	2.177	63,8	9.827,8	17.123,9	74,2
MA	1.420,1	1.655,0	16,5	1.748	2.852	63,2	2.481,7	4.719,9	90,2
PI	1.360,0	1.441,9	6,0	1.089	2.407	121,0	1.480,5	3.470,8	134,4
CE	850,3	912,3	7,3	267	585	119,0	227,3	533,4	134,7
RN	56,6	56,6	-	323	435	34,6	18,3	24,6	34,4
PB	173,1	186,8	7,9	191	368	92,8	33,1	68,8	107,9
PE	388,1	386,8	(0,3)	176	334	89,6	68,3	129,1	89,0
AL	61,6	61,6	-	722	818	13,3	44,5	50,4	13,3
SE	195,9	195,9	-	923	4.202	355,2	180,9	823,1	355,0
BA	2.891,2	2.969,0	2,7	1.831	2.460	34,4	5.292,8	7.303,8	38,0
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.250,9	2,8	3.192	3.925	22,9	75.290,5	95.173,2	26,4
MT	14.001,5	14.501,1	3,6	3.101	3.867	24,7	43.425,3	56.072,8	29,1
MS	4.213,1	4.352,2	3,3	3.267	4.004	22,6	13.765,7	17.428,0	26,6
GO	5.213,9	5.239,8	0,5	3.366	3.972	18,0	17.549,7	20.815,1	18,6
DF	155,7	157,8	1,4	3.531	5.433	53,9	549,8	857,3	55,9
SUDESTE	5.315,5	5.437,4	2,3	3.658	4.065	11,1	19.444,4	22.105,7	13,7
MG	3.304,5	3.384,2	2,4	3.574	4.078	14,1	11.809,3	13.801,9	16,9
ES	24,4	22,1	(9,4)	2.098	1.959	(6,6)	51,2	43,3	(15,4)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.938	1,6	8,2	9,3	13,4
SP	1.982,3	2.026,3	2,2	3.822	4.072	6,5	7.575,7	8.251,2	8,9
SUL	19.499,3	19.643,4	0,7	3.852	4.039	4,9	75.111,0	79.343,1	5,6
PR	9.686,4	9.682,6	-	3.700	4.043	9,3	35.842,0	39.151,5	9,2
SC	1.279,9	1.313,4	2,6	4.880	5.157	5,7	6.245,9	6.773,3	8,4
RS	8.533,0	8.647,4	1,3	3.870	3.865	(0,1)	33.023,1	33.418,3	1,2
NORTE/NORDESTE	9.937,0	10.666,8	7,3	1.687	2.464	46,1	16.764,6	26.285,0	56,8
CENTRO-SUL	48.399,0	49.331,7	1,9	3.509	3.986	13,6	169.845,9	196.622,0	15,8
BRASIL	58.336,0	59.998,5	2,8	3.199	3.715	16,1	186.610,5	222.907,0	19,5

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroto de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em março /2017.





6. CRÉDITO RURAL

As informações do crédito rural são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco o mês de janeiro.

As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 16 de fevereiro de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor – Pronamp, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SISTEMA DE OPERAÇÕES DO CRÉDITO RURAL E DO PROAGRO (SICOR)

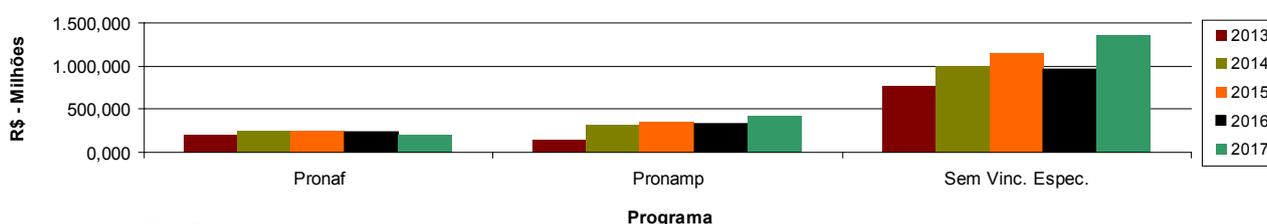
A utilização do crédito de custeio em janeiro tem o melhor registro desde 2013. Destaca-se o financiamento sem vínculo a programa específico com o volume de R\$ 1,3 bilhão de reais, com crescimento de 43% em relação ao ano de 2016. No Pronamp, com crescimento de 27,1% em relação a 2016, tem o volume de R\$ 418,7 milhões. Há crescimento do uso de recursos para o arroz, milho, feijão e soja.

No caso do Pronaf, deve-se registrar que é o segundo ano com volume inferior, se comparado com o movi-

mento de 2015. No caso da agricultura familiar, houve a redução de crédito para o plantio de arroz e soja, enquanto que pode-se observar aumento para o cultivo de feijão e milho.

O momento de plantio da segunda safra e da colheita dos principais grãos nos estados produtores podem explicar a expansão total do crédito. Outro aspecto é que os bons resultados obtidos no plantio/colheita da primeira safra induz o investimento do produtor no processo de cultivo.

Gráfico 44 – Financiamento por programa – Janeiro de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

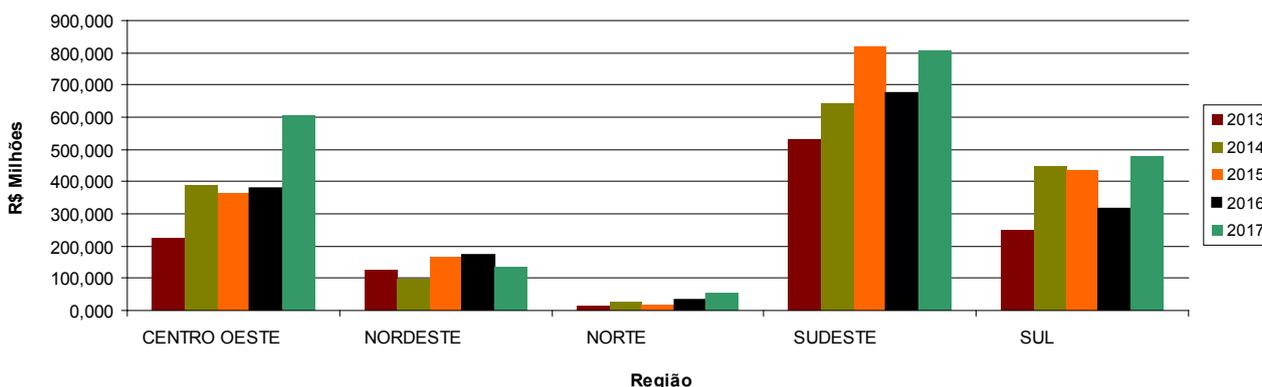
O Gráfico 45 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica. Observa-se que a participação do crédito, se comparado a 2013, é crescente na região Centro Oeste, Norte e Sul, o que é compatível com a evolução do plantio e colheita nessas regiões.

Na região Sudeste o problema climático em 2016 afe-

tou o processo de crescimento na utilização do crédito. Pode-se observar que São Paulo e Minas Gerais tem investido no plantio de feijão e milho 2ª safra.

A redução do crédito no Nordeste tem relação com as restrições bancárias originárias dos problemas climáticos dos últimos 05 anos, não sendo menor em função da região sul de Maranhão e Piauí e oeste baiano.

Gráfico 45- Participação por Região - Janeiro de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, feijão, milho e soja, tendo como fonte

as informações do crédito rural obtidas do SICOR/Bacen, nos anos de 2013 a 2017.

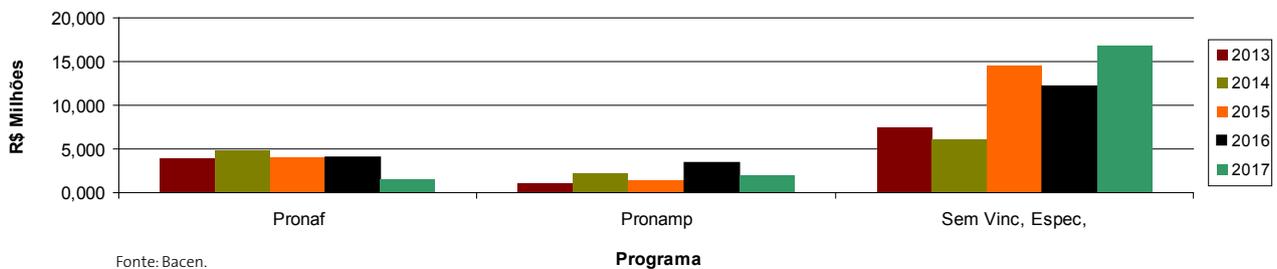


6.2. ARROZ

As informações constantes do Gráfico 46 destacam-se a baixa utilização de crédito pelo PRONAF e do PRONAMP. Pode-se inferir que a forte redução de área do arroz de sequeiro da safra anterior para a atual seja a hipótese para explicar tal situação. Outro aspecto

importante é que há redução do uso do arroz para abertura de área de produção e migração para outras culturas mais rentáveis. Por outro lado, o uso do crédito sem vínculo específico tem relação com o custeio da safra irrigada.

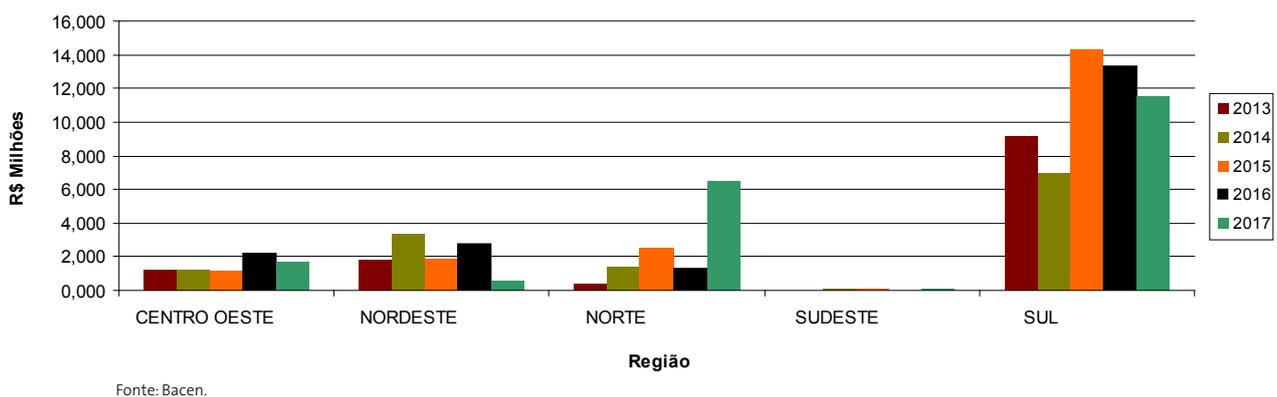
Gráfico 46 – Arroz - Tipo de Financiamento – Participação por Programa - Janeiro de 2013 a 2017



Pode-se comentar que a concentração do plantio na região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 47). Na região Norte destaca-se a utilização

do crédito de custeio no Tocantins que pode ser para tratamentos culturais e colheita do arroz.

Gráfico 47 – Arroz - Participação por Região - Janeiro de 2013 a 2017



6.6. ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento sem vínculo específico (Gráfico 48). Os recursos de custeio para o

plantio foram obtidos no ano de 2016 e o mês de Janeiro ainda pode ter parte de recursos para o plantio e outro para os tratamentos culturais.

Gráfico 48 – Algodão – Tipo de Financiamento – Participação por Programa - Janeiro de 2013 a 2017

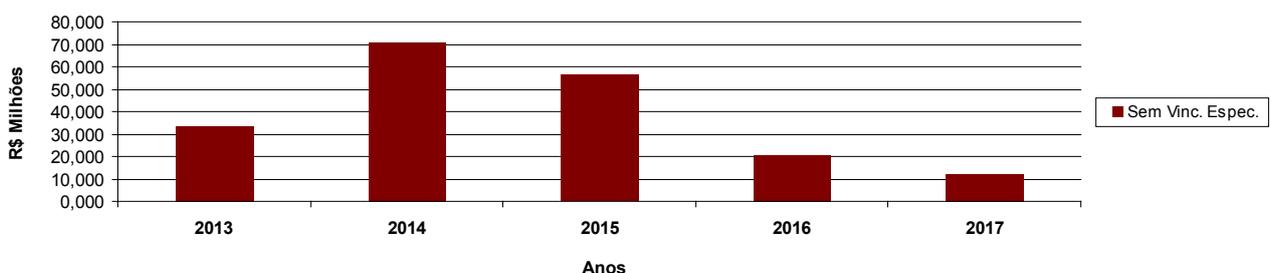
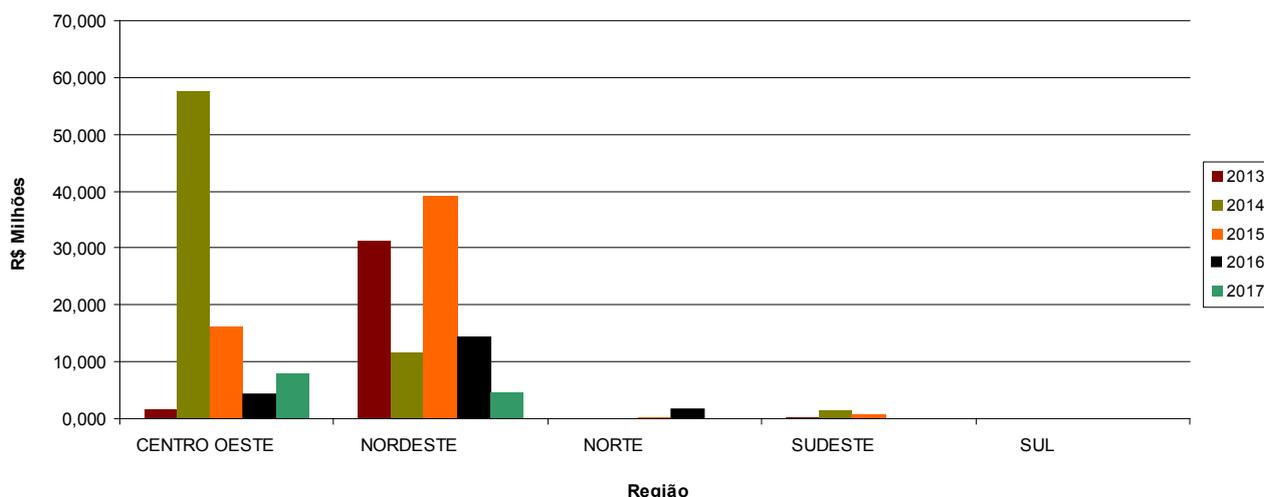


Gráfico 49 –Algodão –Participação por Região - Janeiro de 2013 a 2017



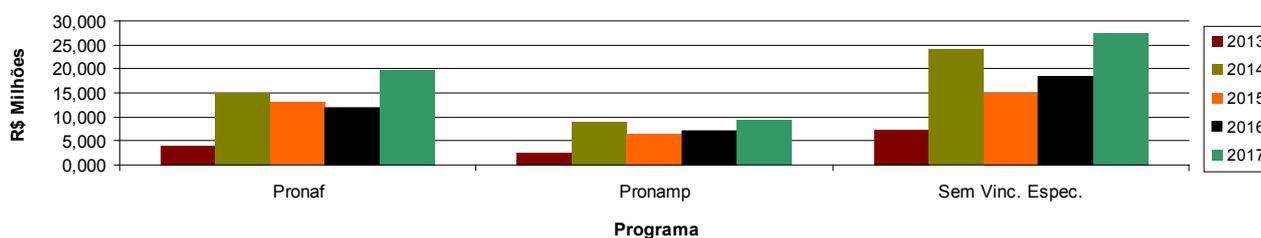
Fonte: Bacen.

6.5. FEIJÃO

O Gráfico 50 indica o crescimento de financiamento em todos os programas analisados. A hipótese que pode explicar tal situação é o movimento de plantio

da segunda safra de feijão, que tem a perspectiva de aumento de 30% na produção.

Gráfico 50 – Feijão – Participação de Programa - Janeiro de 2013 a 2017

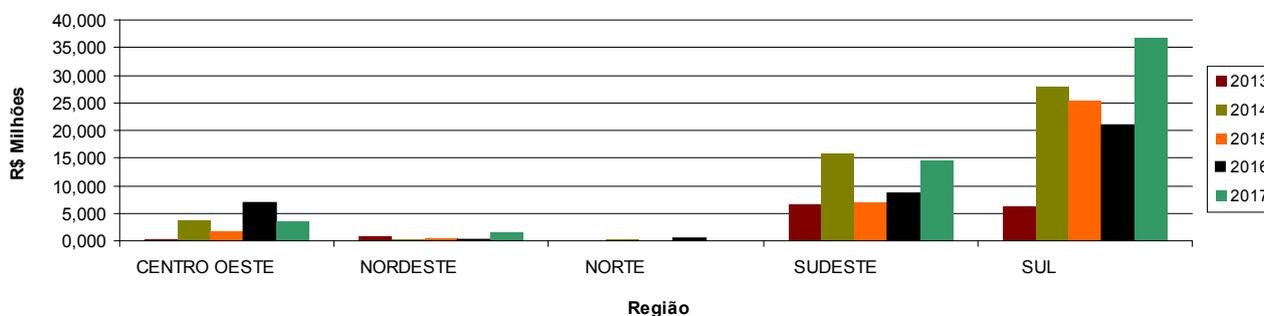


Fonte: Bacen.

As informações constantes do Gráfico 51 são compatíveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na segunda

safra de feijão. Há previsão de aumento de área nos estados do Ceará, Paraná e Santa Catarina.

Gráfico 51 – Feijão - Participação por região - Janeiro de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

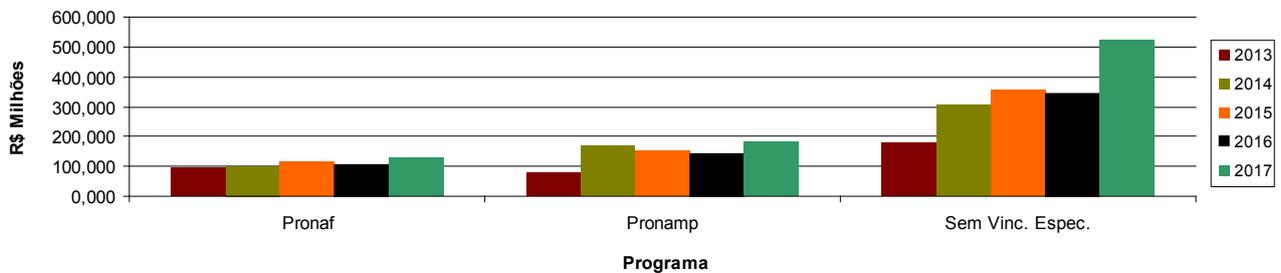


6.3. MILHO

No Gráfico 52 observa-se que há aumento na participação de todos os programas sob análise no período analisado. Nesse período inicia-se o plantio do milho 2ª safra e a continuidade da colheita do milho plan-

tado no semestre anterior. Outro ponto importante é que há perspectiva de aumento de área no plantio que se inicia.

Gráfico 52 – Milho - Participação de programa - Janeiro de 2013 a 2017

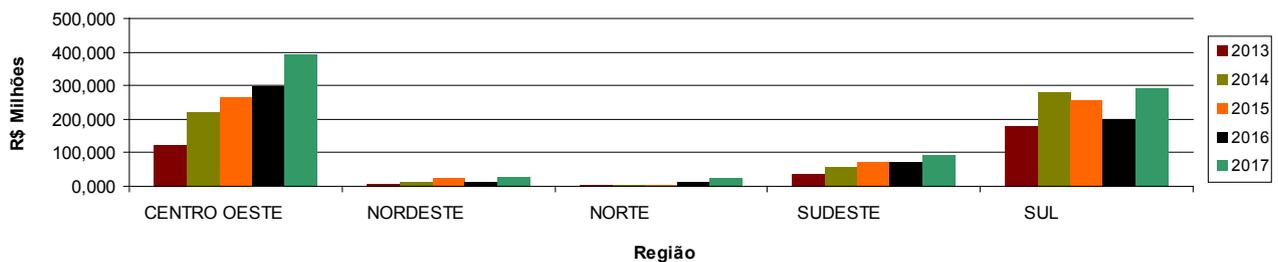


Fonte: Bacen.

No Gráfico 53 pode-se perceber que as regiões Centro-Oeste e Sul são as que mais utilizam o crédito e são as maiores produtoras. Observa-se um crescimento

em todas as outras regiões o que é compatível com a previsão de aumento de área de plantio.

Gráfico 53 – Milho - Participação por região - Janeiro de 2013 a 2017



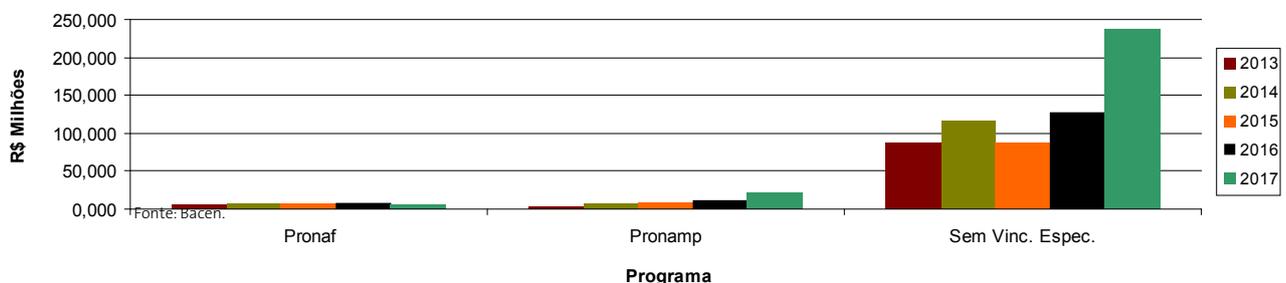
Fonte: Bacen.

6.4. SOJA

O Gráfico 54 tem a participação do uso do crédito por tipo de financiamento, com forte concentração no fi-

nanciamento sem vínculo específico. O perfil do produtor de soja pode explicar tal situação.

Gráfico 54 – Soja - Participação de programa - Janeiro de 2013 a 2017



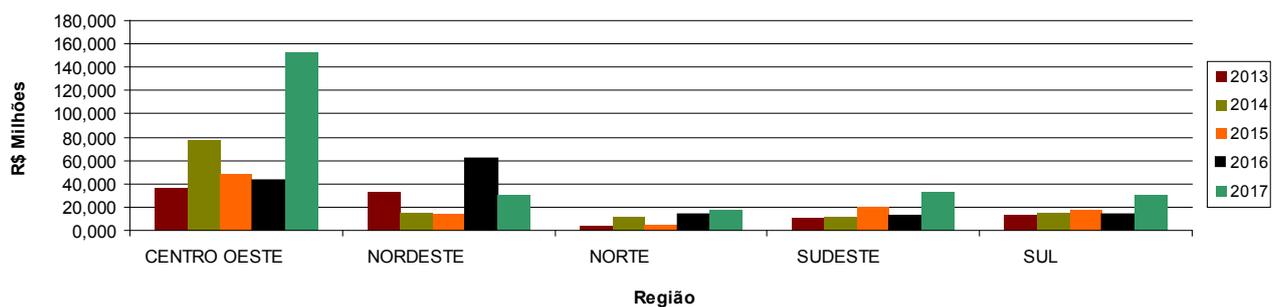
Fonte: Bacen.

O momento é de colheita nas regiões produtoras. O crescimento da produção de soja explica o uso dos re-

ursos destacados no Gráfico 55.



Gráfico 55 – Soja – Participação por região - Janeiro de 2013 a Dezembro de 2016



Fonte: Bacen.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1.CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE FEVEREIRO DE 2017

Na Região Centro-Oeste, a chuvas foram mais regulares que no mês anterior. No entanto, algumas localidades ainda apresentaram totais abaixo da média do período, principalmente em Goiás e Mato Grosso do Sul. Em Mato Grosso, os totais acumulados nas estações meteorológicas do Inmet variaram entre 200 e quase 500 mm. Destacam-se, por exemplo, as localidades de Diamantino e Canarana, cujos os volumes registrados ultrapassaram 450 mm (Gráficos 56 e 57).

Na Região Sudeste, os volumes variaram entre 60 e 150 mm em São Paulo, no Rio de Janeiro e centro-sul de Minas Gerais. No Espírito Santo e centro-norte de Minas Gerais, os volumes entre 100 e 220 mm resultaram em acumulados dentro da faixa normal na maioria das localidades.

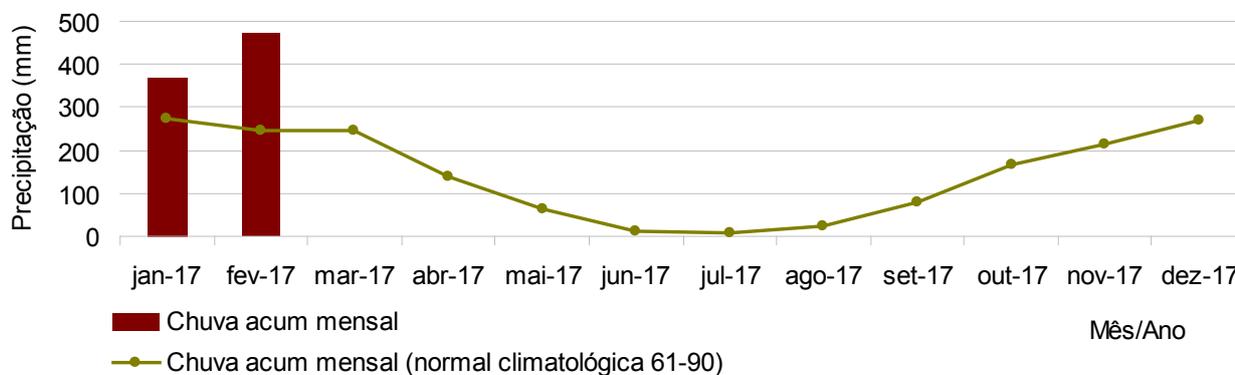
Na Região do Matopiba, o grande volume de chuvas resultou em acumulados acima da média no Maranhão e no centro-norte do Tocantins. No sul do Piauí, na mesorregião do Oeste da Bahia, a precipitação acumulada de fevereiro já estava em torno da média no dia 23.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Na Região Sul do Brasil, a passagem de algumas frentes frias favoreceu a ocorrência de chuvas que geraram acumulados predominantemente na faixa entre

100 e 200 mm, resultando em totais próximos ou acima da média na maioria das localidades dos três estados (Gráficos 58 e 59).

Gráfico 56 - Acumulados mensais de precipitação em 2017 até o dia primeiro de março nas estações meteorológicas de Diamantino, Mato Grosso.



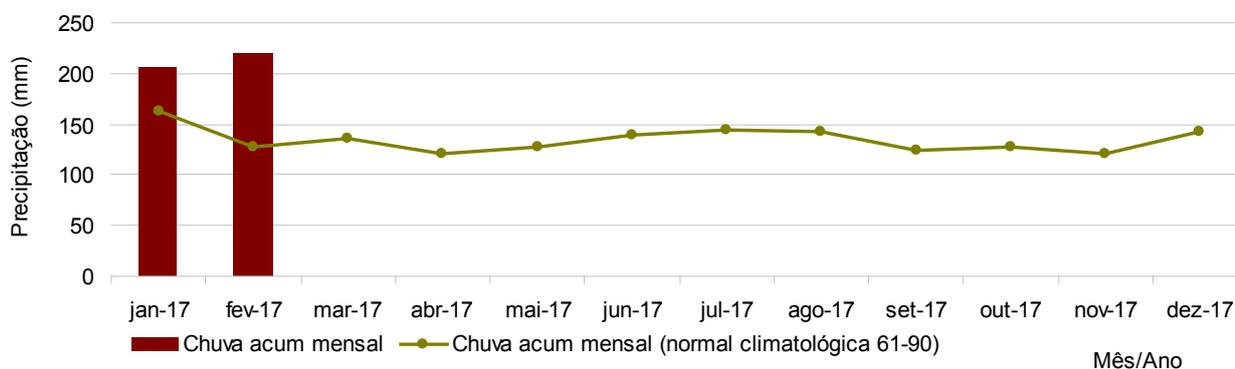
Fonte: Inmet..

Gráfico 57 - Acumulados mensais de precipitação em 2017 até o dia primeiro de março nas estações meteorológicas de Canarana, Mato Grosso.



Fonte: Inmet...

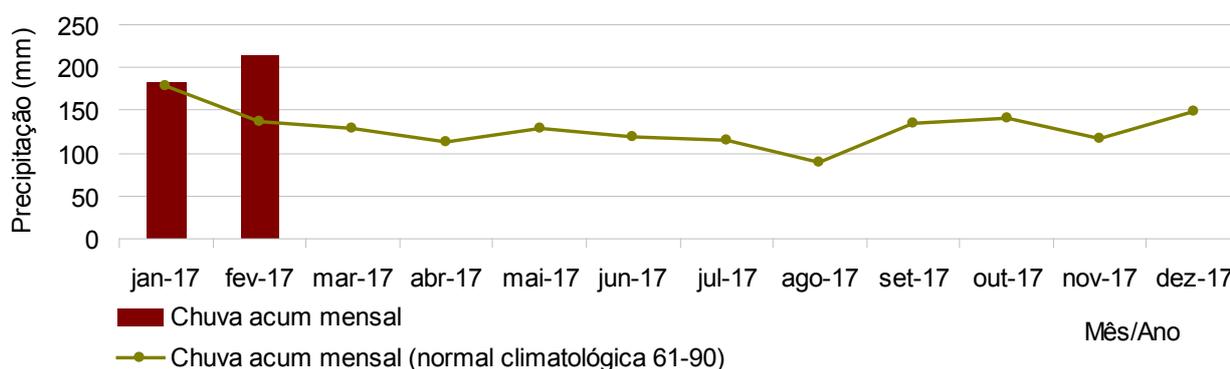
Gráfico 58 - Acumulados mensais de precipitação em 2017 até o dia primeiro de março nas estações meteorológicas de Santa Maria, RS



Fonte: Inmet..



Gráfico 59 - Acumulados mensais de precipitação em 2017 até o dia primeiro de março nas estações meteorológicas de Irati, PR



Fonte: Inmet...

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS NO PACÍFICO E ATLÂNTICO

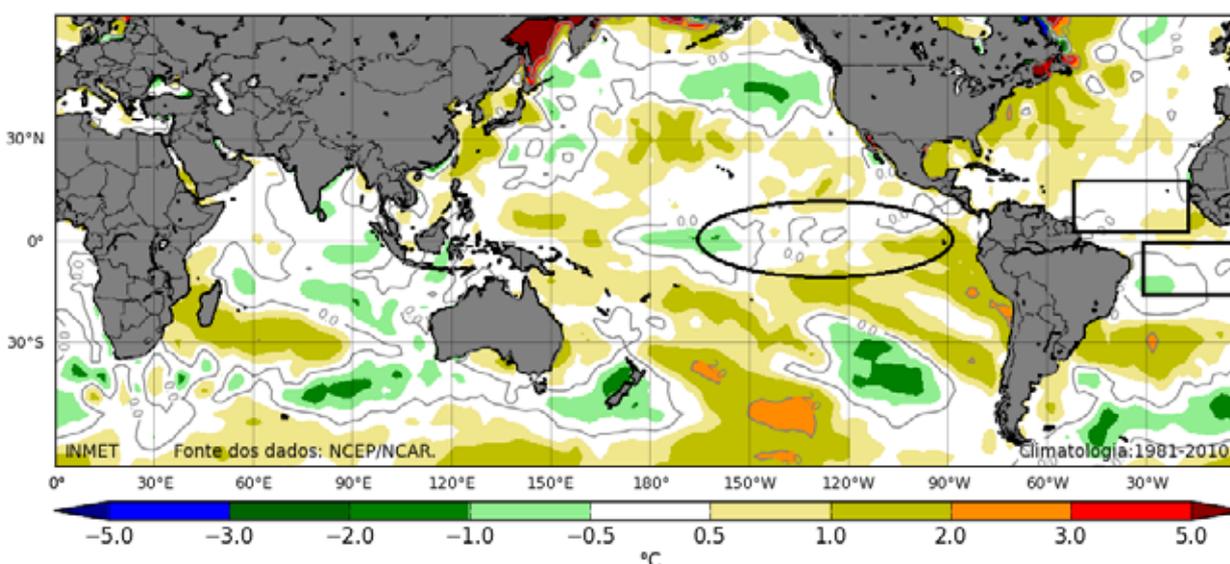
O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da primeira quinzena de fevereiro (Figura 1) mostra que a área com águas mais frias no Pacífico Equatorial ficou reduzida, com predomínio de anomalias entre -0,5 e 0,5 graus Celsius (área marcada com uma elipse no mapa), caracterizando uma condição de normalidade até o momento.

Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, a sua condição térmica na superfície é extremamente importante para o posicionamento do principal sistema de grande escala que causa chuvas no centro-norte do Nordeste durante o primeiro semestre, chamado de Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). Quanto mais o Atlântico Tropical Norte se resfria ao mesmo tempo em que Atlântico Tropical Sul se aquece, mais a ZCIT

se aproxima da Região Nordeste, gerando mais instabilidade na atmosfera e, conseqüentemente, mais chuva. Essa fase do gradiente térmico do Atlântico Tropical é chamada de Dipolo Negativo do Atlântico.

O mapa de anomalia de TSM da primeira quinzena de fevereiro mostra que os dois lados do Atlântico Tropical apresentam anomalias muito baixas, com uma pequena área positiva ao norte da linha do equador. As previsões do Tokyo Climate Center (TCC), indicam que há uma leve tendência de intensificação de um Dipolo negativo em fevereiro e março, que, de maneira geral, pode favorecer as chuvas em parte da Região Nordeste em março ou abril, caso se confirme a previsão.

Figura 1 - Mapa de anomalias da TSM no período 1 a 15 de fevereiro/2017, destacando as áreas de El Niño/La Niña (elipse) e Dipolo do Atlântico (retângulos)



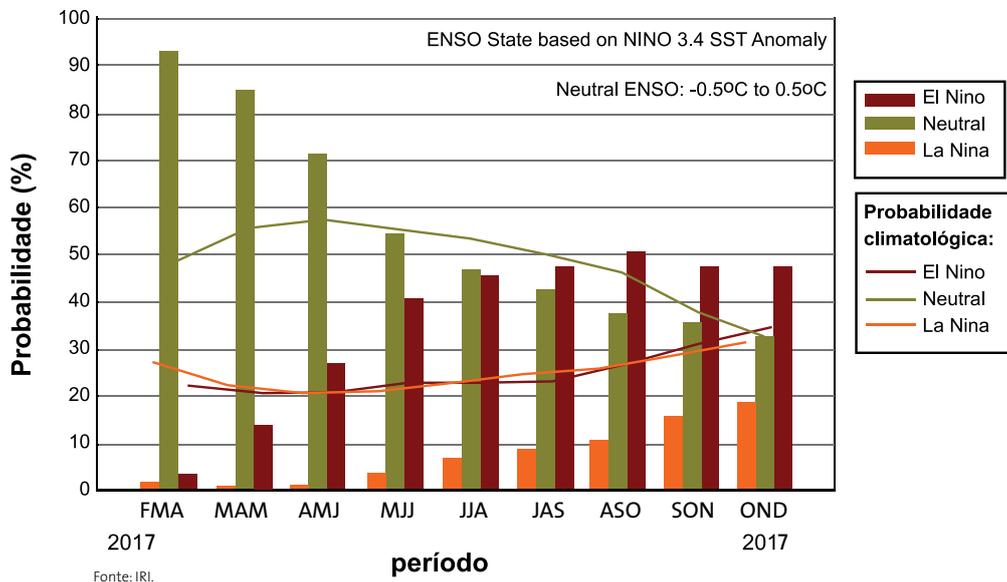
Fonte: Inmet..



Os modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam alta probabilidade de que o Oceano Pacífico Tropical se

mantenha em uma fase de neutralidade no primeiro semestre de 2017 (Gráfico 6o).

Gráfico 6o - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño e/ou La Niña



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA PARA O BRASIL – PERÍODO MARÇO-ABRIL-MAIO/2017

Segundo os modelos de previsão climática, as probabilidades indicam que na Região Sul as chuvas devem ficar dentro da faixa normal ou acima no Rio Grande do Sul e abaixo ou dentro da faixa normal em Santa Catarina e no Paraná.

As previsões climáticas para a Região Norte, elaboradas pelo Inmet e de outras instituições, indicam maior probabilidade de chuvas acima da média do período na maioria das localidades em todos os estados.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, os prognósticos climáticos indicam que devem prevalecer áreas com chuvas dentro da faixa normal ou abaixo.

O mapa probabilístico de previsão climática (Figura 2) indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas à Região Nordeste, contudo, pode-se inferir que, de maneira geral, há maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou levemente acima, em grande parte do norte do Nor-

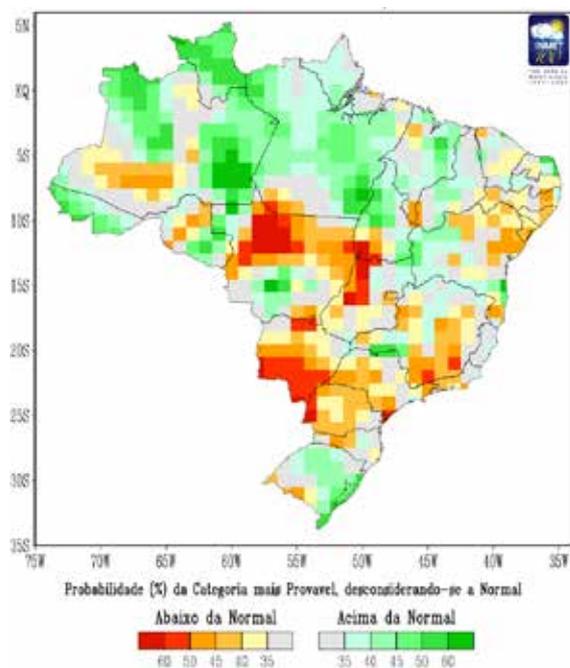
deste e na região do Matopiba. Nas demais áreas, a probabilidade é chuvas na faixa normal ou abaixo, principalmente em Alagoas, Sergipe e no nordeste da Bahia.

Vale salientar que os desvios de precipitação previstos pelo modelo do Inmet para o Nordeste, tanto acima quanto abaixo, não indicam valores muito distantes da média. Isso sugere que há significativa probabilidade de que o volume das chuvas no trimestre março-abril-maio de 2017 seja próximo da variabilidade normal da região, ou seja, um cenário bem diferente do ocorrido em 2016, quando as anomalias negativas foram muito acentuadas em toda a região, confirmando o prognóstico elaborado em fevereiro daquele ano pelo Inmet e publicado pela Conab no sexto Boletim de Acompanhamento de Safra 2015/2016 em março.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção Clima do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 2 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre fevereiro-março-abril/2017



Fonte: Inmet..

Fonte: Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista CDP-Inmet-Brasília.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (PRIMEIRA E SEGUNDA SAFRAS – 2016/17) - FEVEREIRO/2017

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi janeiro de 2016.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos: precipitação acumulada, desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo; e os espectrais: índice de vegetação calculado a partir de imagens de satélite, que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em tabelas no capítulo referente à análise das culturas, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou geadas e baixas temperaturas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou geadas e baixas temperaturas;

- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, ou geadas e baixas temperaturas, que podem causar impactos signi-

ficativos na produção. O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - FEVEREIRO/2017

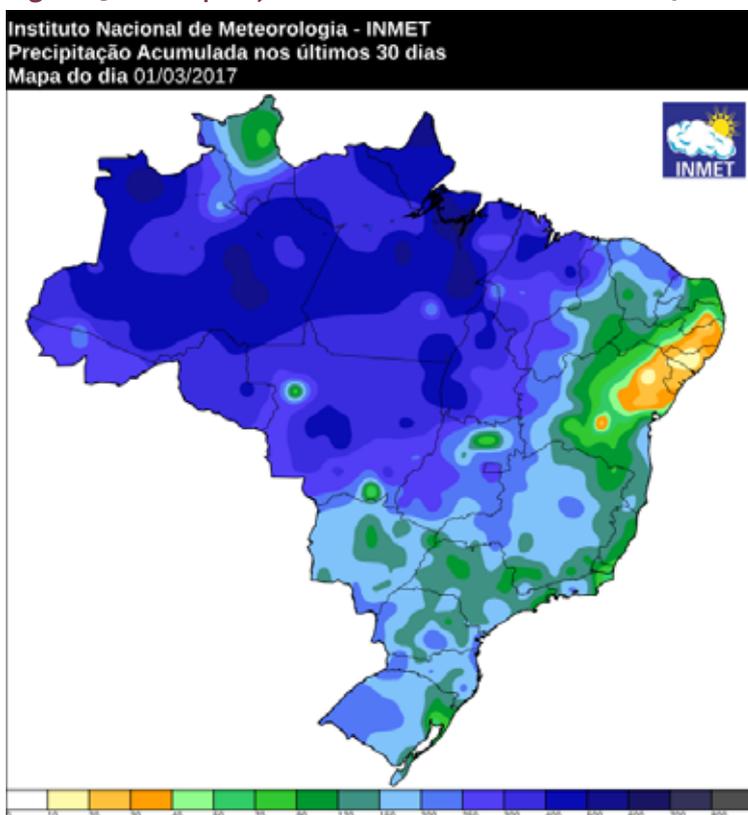
Os principais parâmetros agrometeorológicos utilizados no monitoramento agrícola foram: a precipitação acumulada (mensal e decendial); a anomalia da precipitação com relação à média na região do Semiárido; a temperatura máxima e a anomalia da temperatura máxima no país; a média diária do armazenamento hídrico; e o armazenamento hídrico a cada dez dias do mês.

No mapa da precipitação acumulada no mês observa-se chuvas abundantes na maior parte da região centro-norte do país, o que favoreceu a recuperação de parte das lavouras afetadas pela falta de chuvas no mês anterior no extremo oeste da Bahia. Os mapas decendiais de precipitação mostram que as chuvas foram, no geral, bem distribuídas. No entanto, no centro-norte do Mato Grosso, elas chegaram a causar impactos pontuais a lavouras de soja em maturação e colheita, e de milho segunda safra em plantio e início de desenvolvimento.

Na região do Semiárido do Nordeste, as chuvas começaram a ocorrer com maior intensidade a partir do segundo decêndio do mês, mas somente em parte da região elas se aproximaram e até ultrapassaram a média histórica do mês. Os estados mais favorecidos foram o Maranhão, o Piauí, o extremo oeste da Bahia, o Ceará e partes do Rio Grande do Norte e da Paraíba. No entanto, nesses dois últimos estados, as temperaturas máximas foram altas e acima da média, o que prejudicou a manutenção da umidade no solo.

Com exceção de parte da região do Semiárido do Nordeste, a média diária do armazenamento hídrico no solo foi favorável ao desenvolvimento das lavouras. Observando-se, ainda, os dados de armazenamento a cada dez dias, percebe-se que essa condição se manteve estável ao longo do mês. Indicando, inclusive, uma sensível melhora nas condições de umidade do solo no semiárido nordestino.

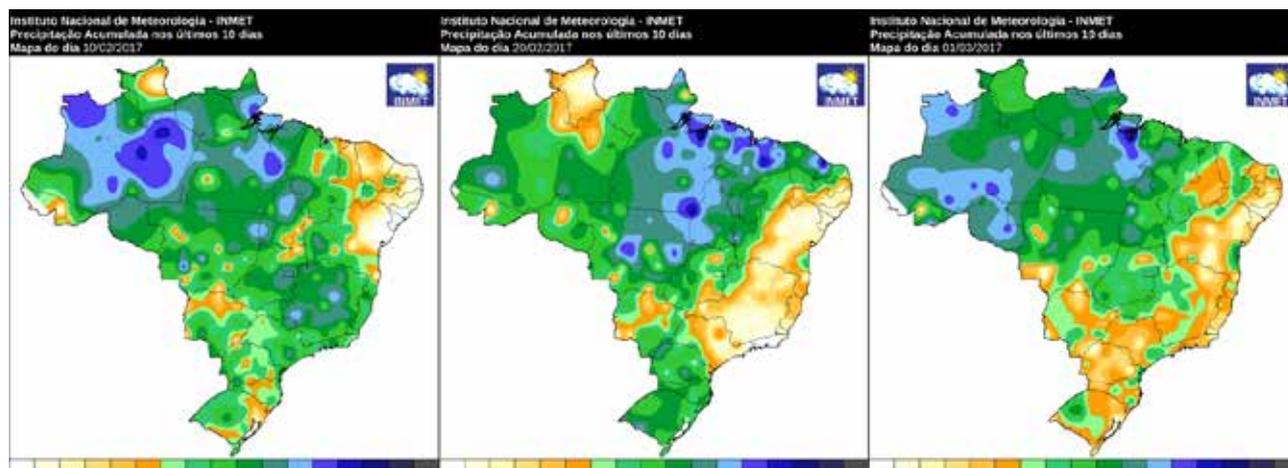
Figura 3 – Precipitação acumulada em fevereiro/2017



Fonte: Inmet

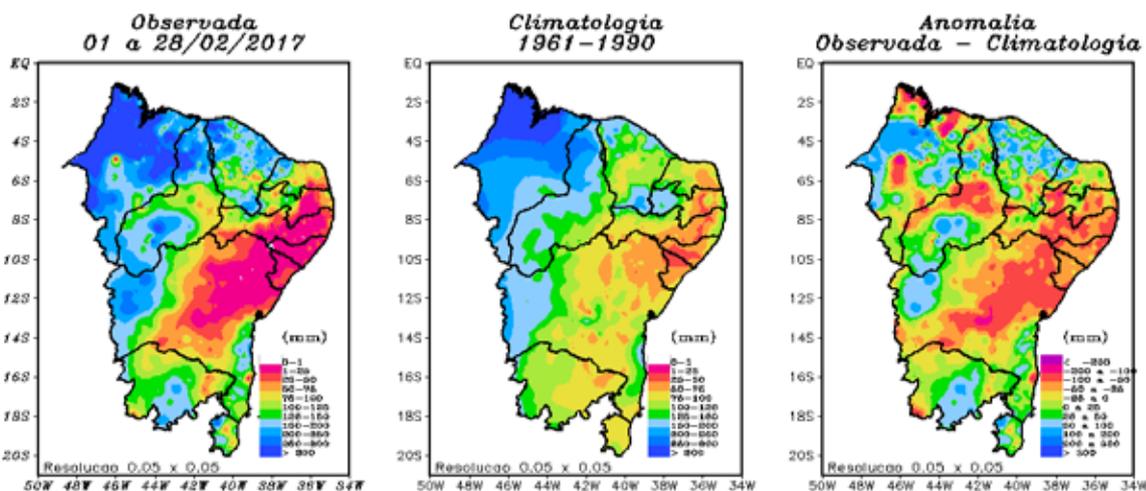


Figura 4 - Precipitação acumulada de 1 a 10 de fevereiro, de 11 a 20 de fevereiro e de 20 de fevereiro a 1 de março/2017



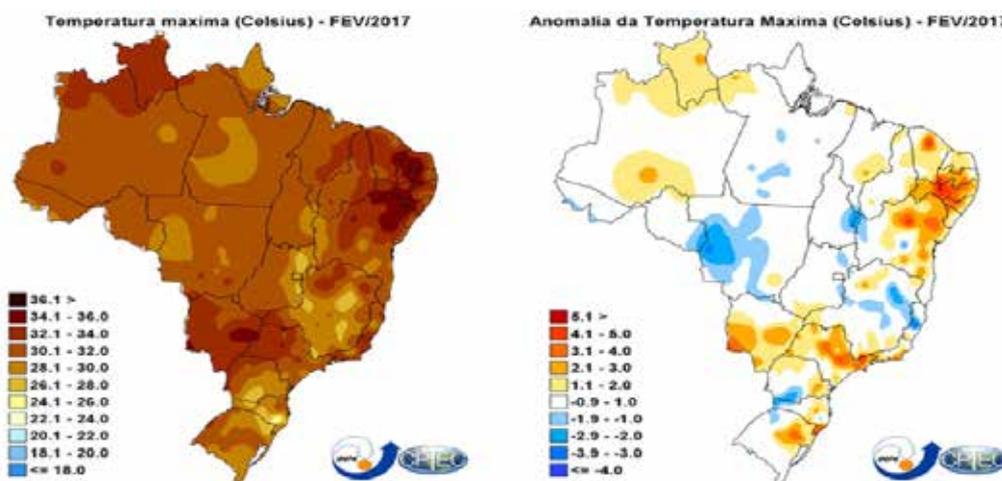
Fonte: Inmet.

Figura 5 - Precipitação observada, climatologia e anomalia da precipitação na região do Semiárido em fevereiro/2017 (mm)



Fonte: CPTEC, INPE

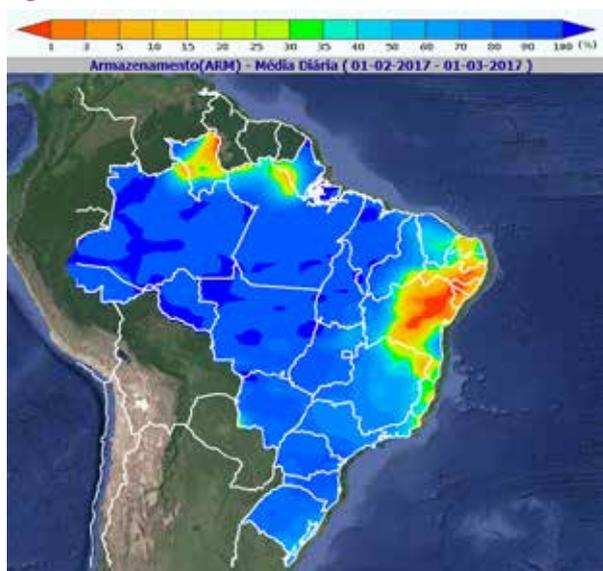
Figura 6 - Temperatura máxima e anomalia da temperatura máxima em fevereiro/17



Fonte: CPTEC, INPE

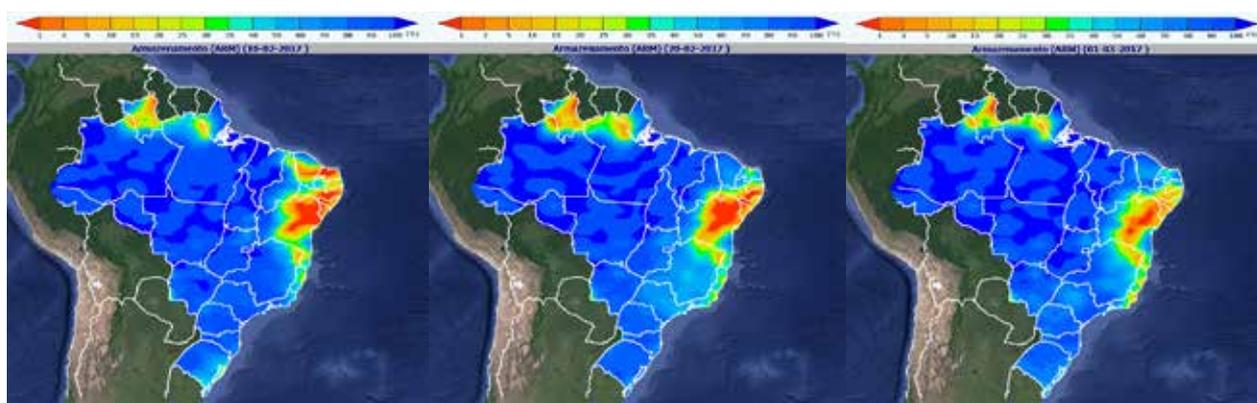


Figura 7 – Média diária do armazenamento hídrico em fevereiro/2017



Fonte: Sisdiagro/Inmet

Figura 8 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10 e 20 de fevereiro e 1 de março/2017



Fonte: Sisdiagro/Inmet

8.2. MONITORAMENTO ESPECTRAL – FEVEREIRO DE 2017

O propósito do monitoramento espectral é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes e de eventuais ataques de pragas e doenças, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade das principais regiões produtoras. No momento o foco principal é a safra de verão 2016/17, cujo monitoramento foi realizado somente nos estados onde a cobertura de nuvens durante a última quinzena permitiu a obtenção de dados de satélite suficientes.

O monitoramento baseia-se no índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, desde o plantio das lavouras. Três produtos derivados do IV podem ser utilizados: a) mapas de anomalia que mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da

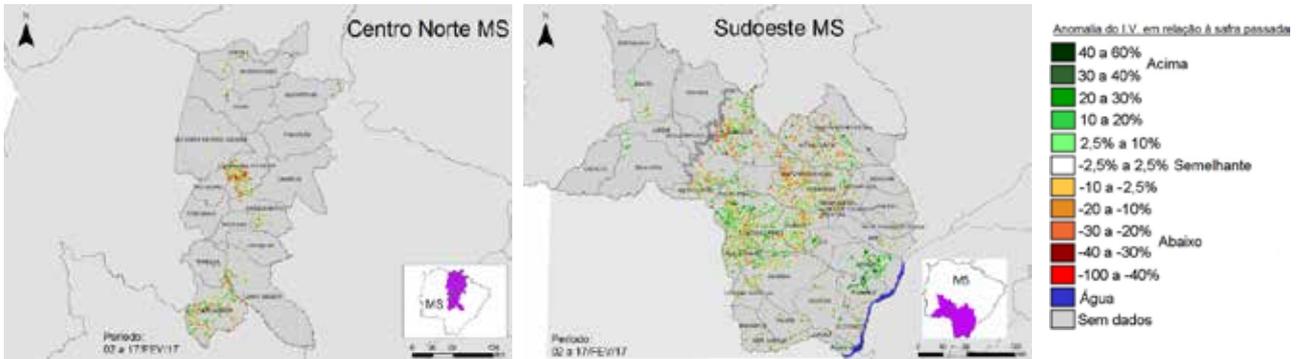
safra atual em relação à safra do ano passado; b) gráficos da quantificação de unidades de área de plantio pelo valor do IV que mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice e; c) gráficos de evolução temporal que possibilitam acompanhar o desenvolvimento das lavouras durante todo ciclo, além da possibilidade de comparação entre diferentes anos safra.

Esse monitoramento é realizado quinzenalmente pela Conab, e os resultados são divulgados nos boletins de safra e nos Boletins de Monitoramento Agrícola. Ambos os boletins são disponibilizados mensalmente na área de destaques da página principal do site da Companhia.



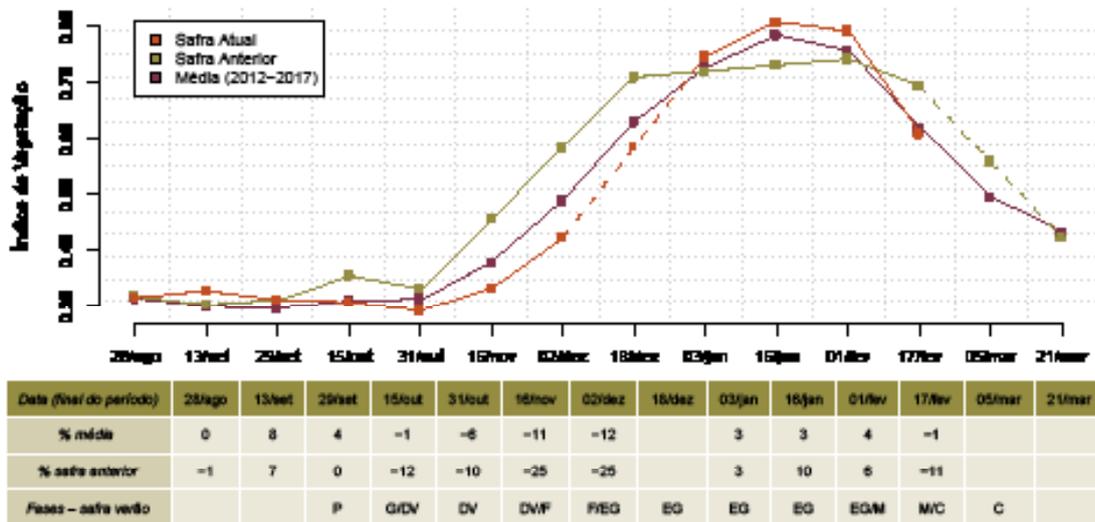
8.2.1. MATO GROSSO DO SUL

Figura 9 - Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado



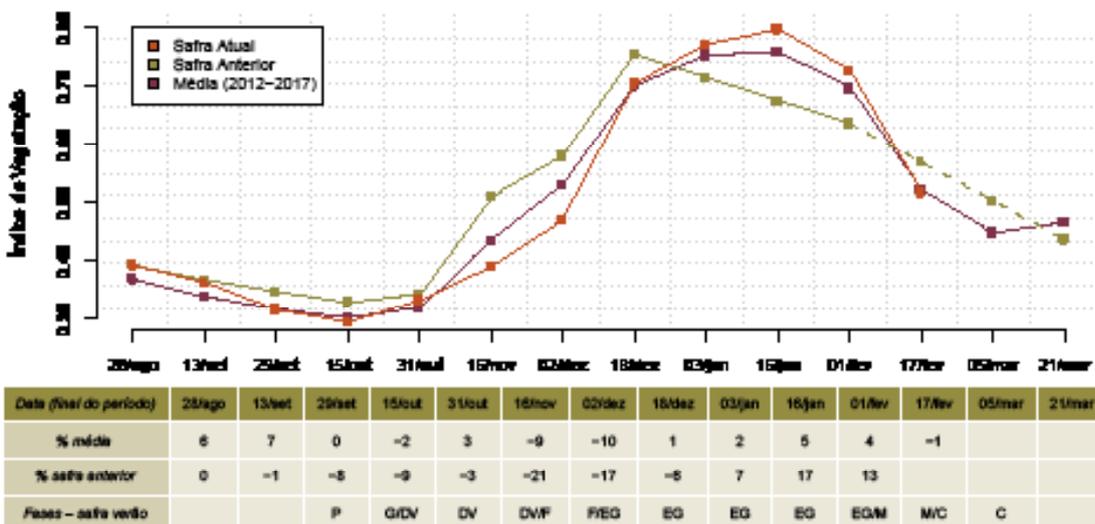
Fonte: Projeto Glam

Gráfico 61 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras -Centro Norte de MS



Fonte: USDA/NASA/UMD Projeto GLAM

Gráfico 62 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras -Sudoeste de MS



Fonte: USDA/NASA/UMD Projeto GLAM



Com exceção de algumas áreas com anomalia negativa (cores amarelo, laranja e marrom nos mapas), o predomínio das áreas em verde, bem como a forte ascendência e as altas respostas do IV mostrados pela linha da safra atual nos gráficos durante as fases reprodutivas, indicam bom padrão de desenvolvimento

dos atuais cultivos de verão. O declínio dos últimos trechos da linha vermelha mostra que a maturação e colheita da safra atual tem comportamento parecido com a média.

8.2.2. GOIÁS

Figura 10 - Mapa de anomalia do IV das atuais lavouras de grãos em relação ao ano passado

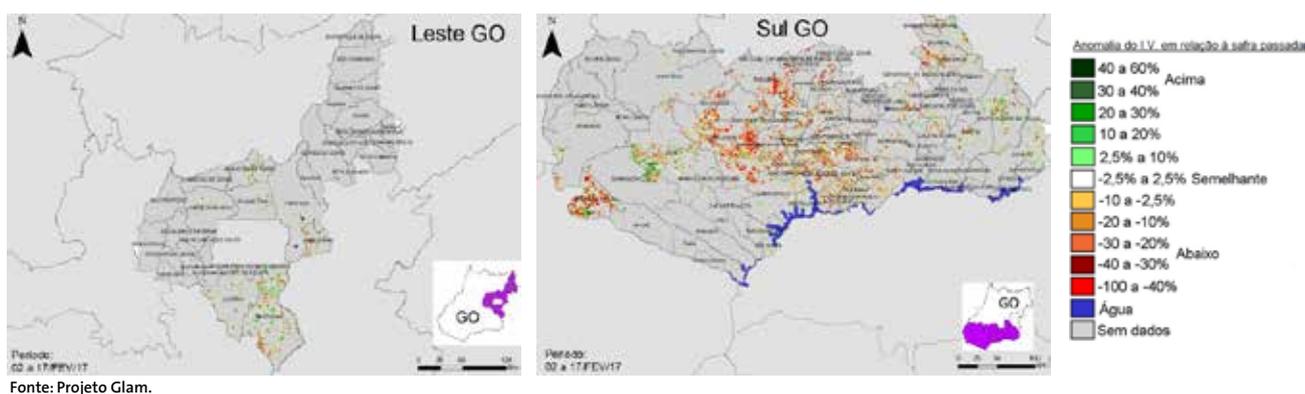
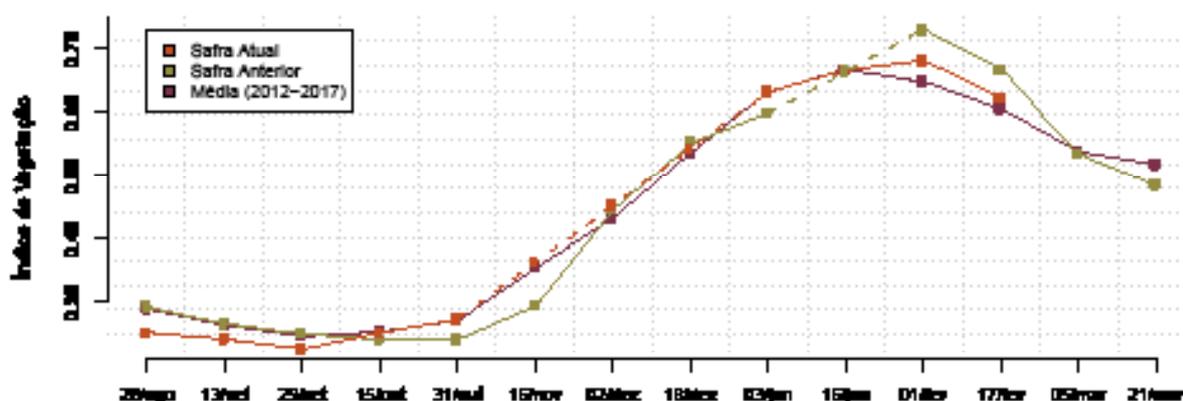


Gráfico 63 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Leste goiano

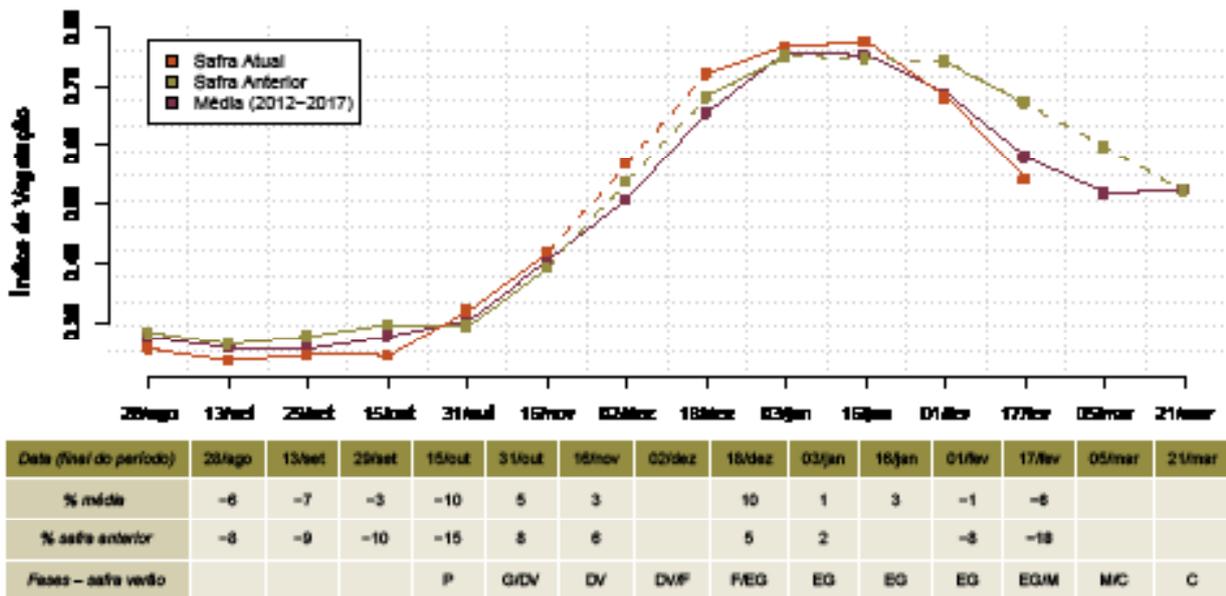


Data (final do período)	20/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov	02/dez	18/dez	03/jan	16/jan	01/fev	17/fev	05/mar	21/mar
% média	-11	-7	-7	0	0				0	0	5	3		
% safra anterior	-12	-8	-8	4	11				5		-6	-6		
Fases - safra verão				P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG	EQ/M	M/C	C

Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 64 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sul goiano



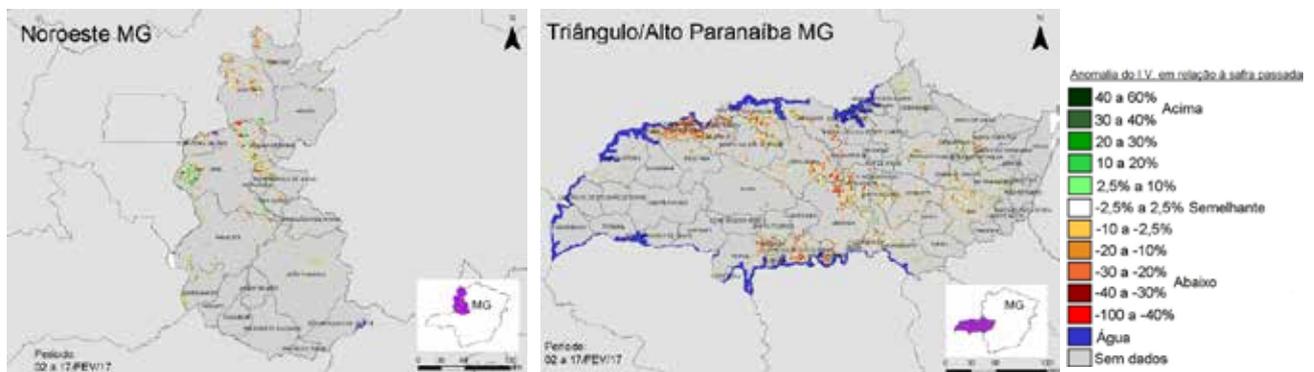
Fonte: Projeto Glam

O predomínio das áreas em amarelo, marrom e vermelho nos mapas acima decorre da antecipação e da velocidade da colheita da soja plantada com variedades de ciclos precoces em comparação ao ano passa-

do. O traçado da linha vermelha nos gráficos também retrata esta antecipação, assim como, o bom padrão de desenvolvimento das lavouras, com altas respostas de índice de vegetação nas fases reprodutivas.

8.2.3. MINAS GERAIS

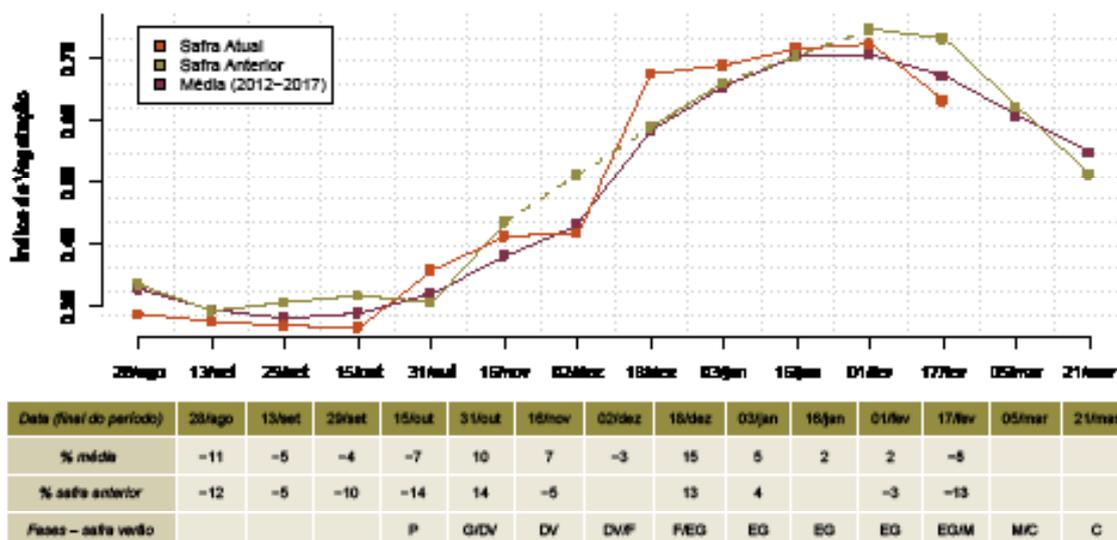
Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam

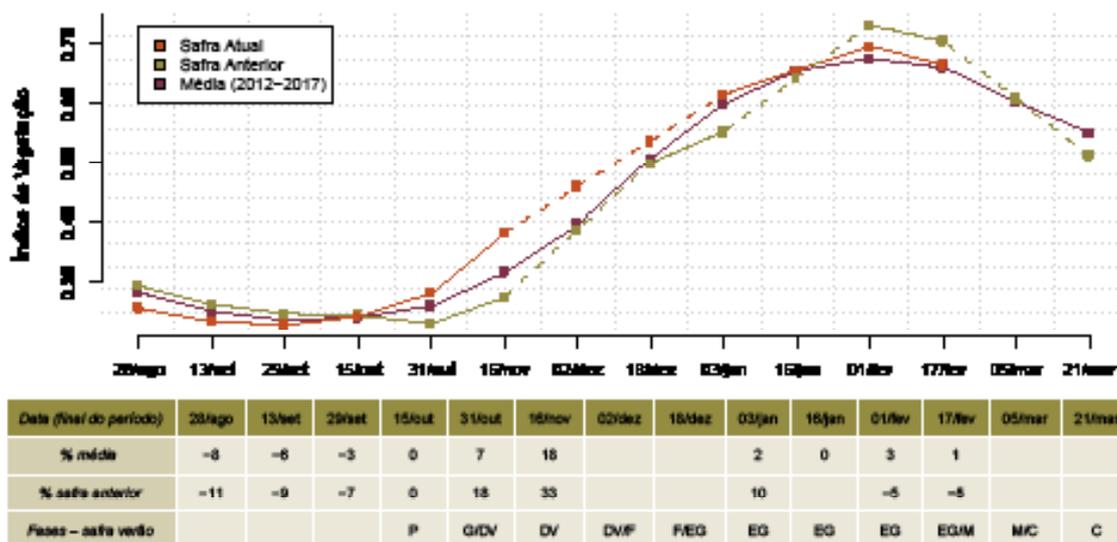


Gráfico 65 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Triângulo/Alto Paranaíba/MG



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 66 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Noroeste/MG



Fonte: Projeto Glam

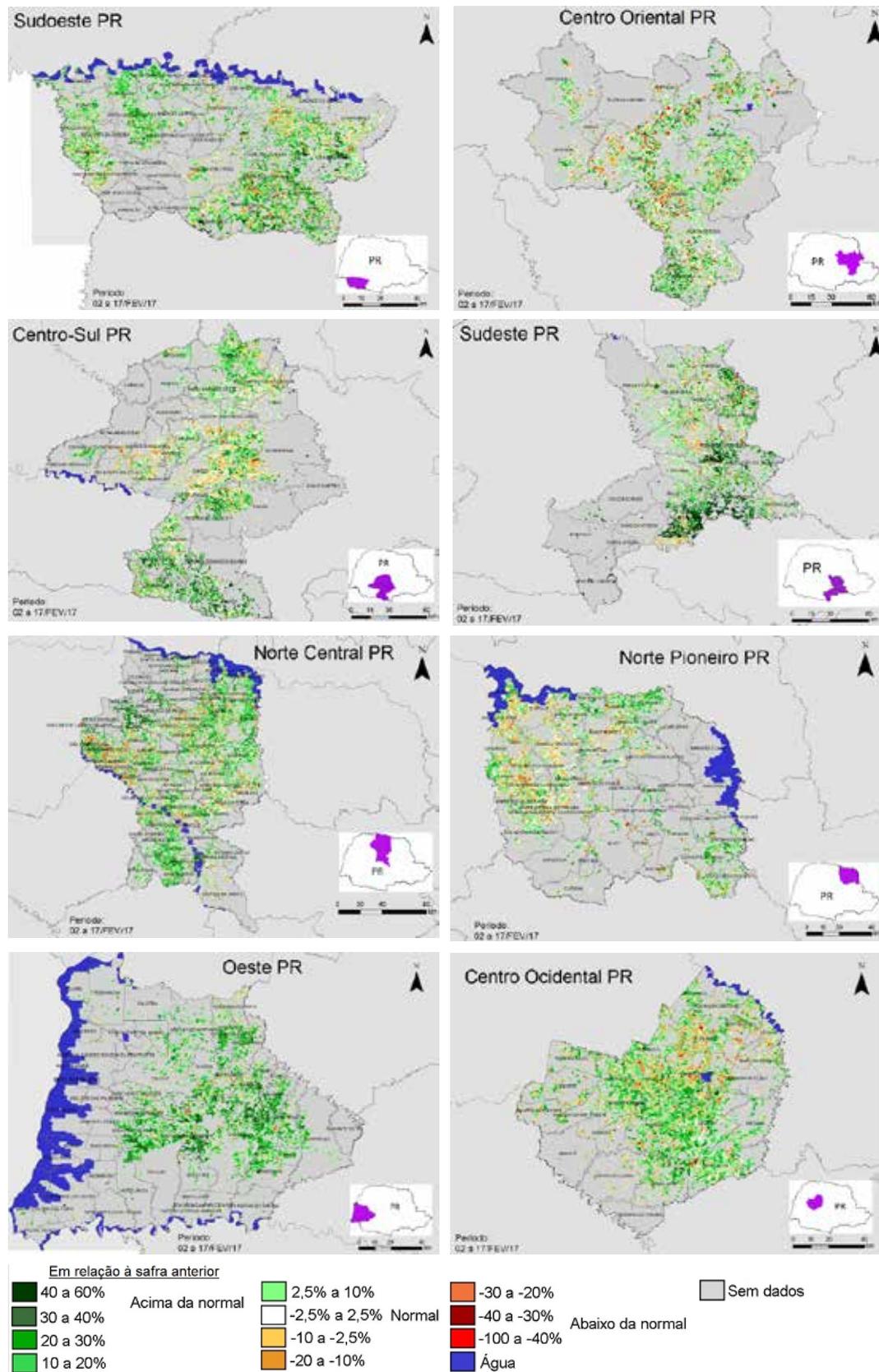
O predomínio das áreas em amarelo, marrom e vermelho nos mapas acima decorre da antecipação da colheita da soja, plantada com variedades de ciclos precoces, em comparação ao ano passado. Esta decisão, adotada pelos produtores também em outros estados, visa liberar área para o milho segunda safra

em boa janela climática. O traçado da linha vermelha nos gráficos também retrata esta antecipação, além do bom padrão de desenvolvimento das lavouras enfatizado pelas altas respostas de índice de vegetação nas fases reprodutivas.



8.2.4. PARANÁ

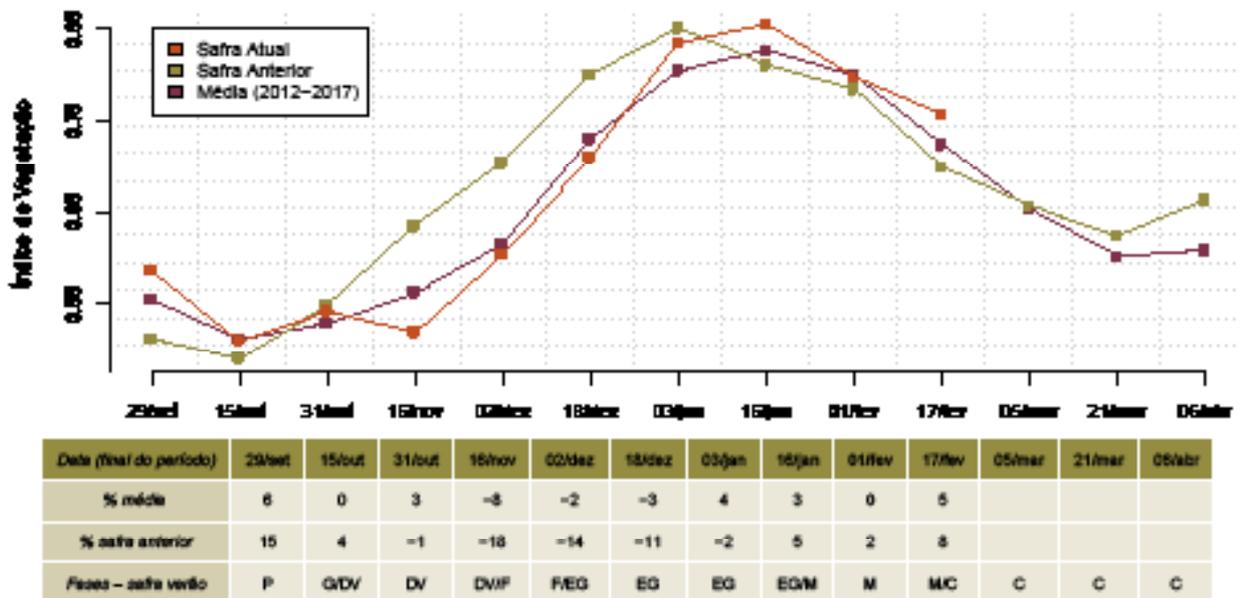
Figura 12 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam

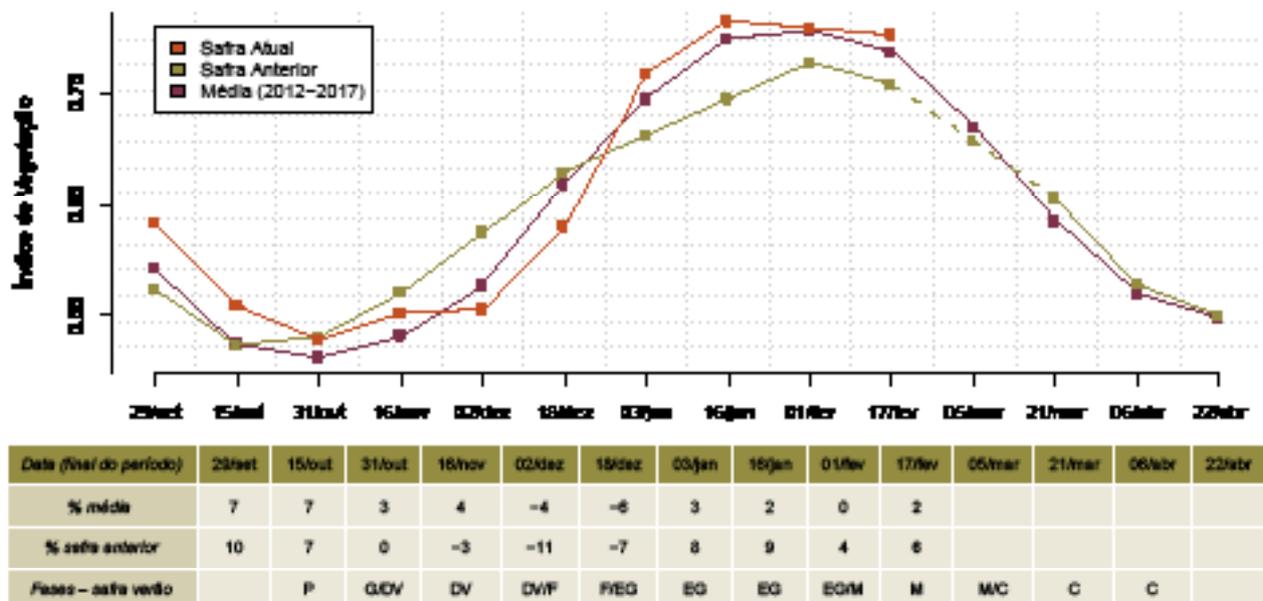


Gráfico 67 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudoeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

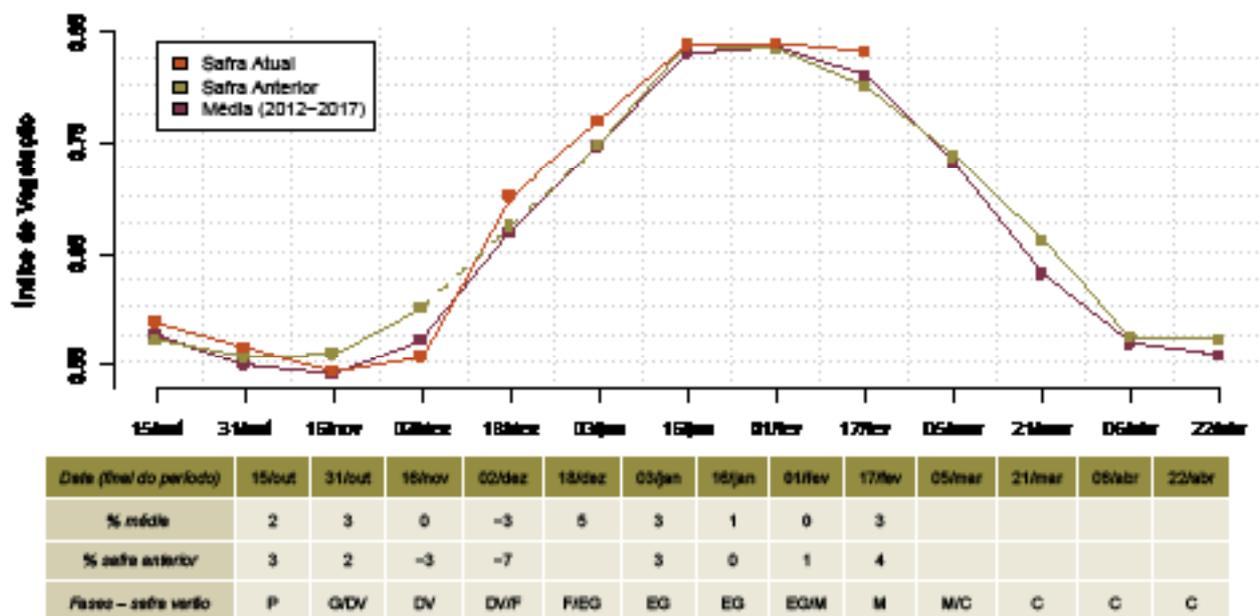
Gráfico 68 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Oriental/PR



Fonte: Projeto Glam

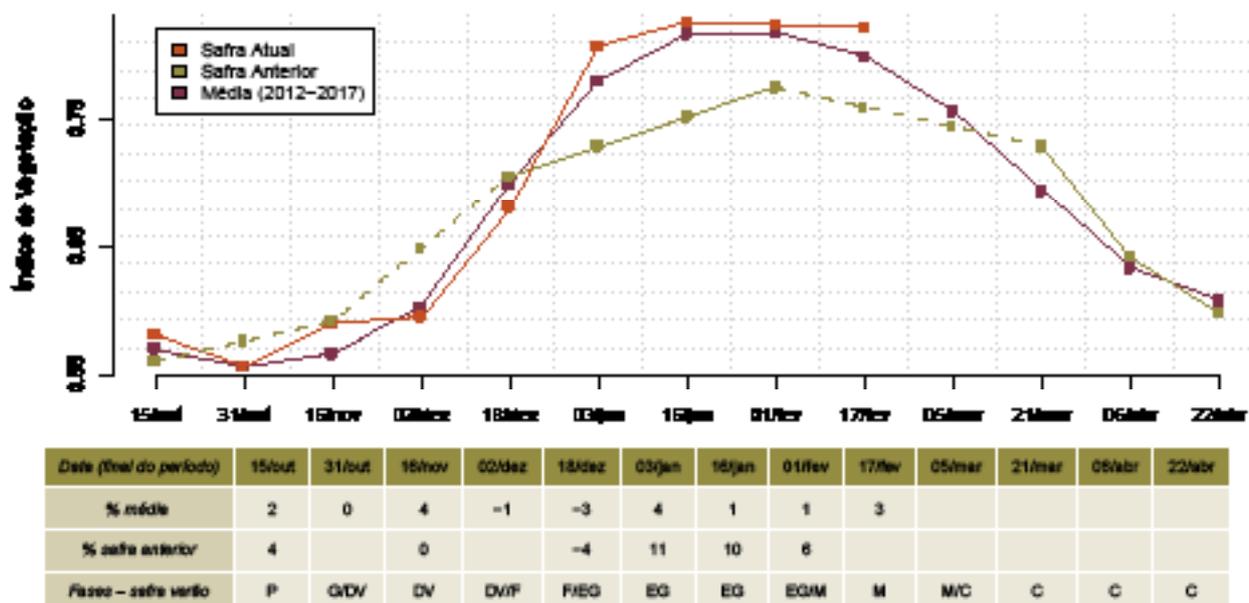


Gráfico 69 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Sul/PR



Fonte: Projeto Glam.

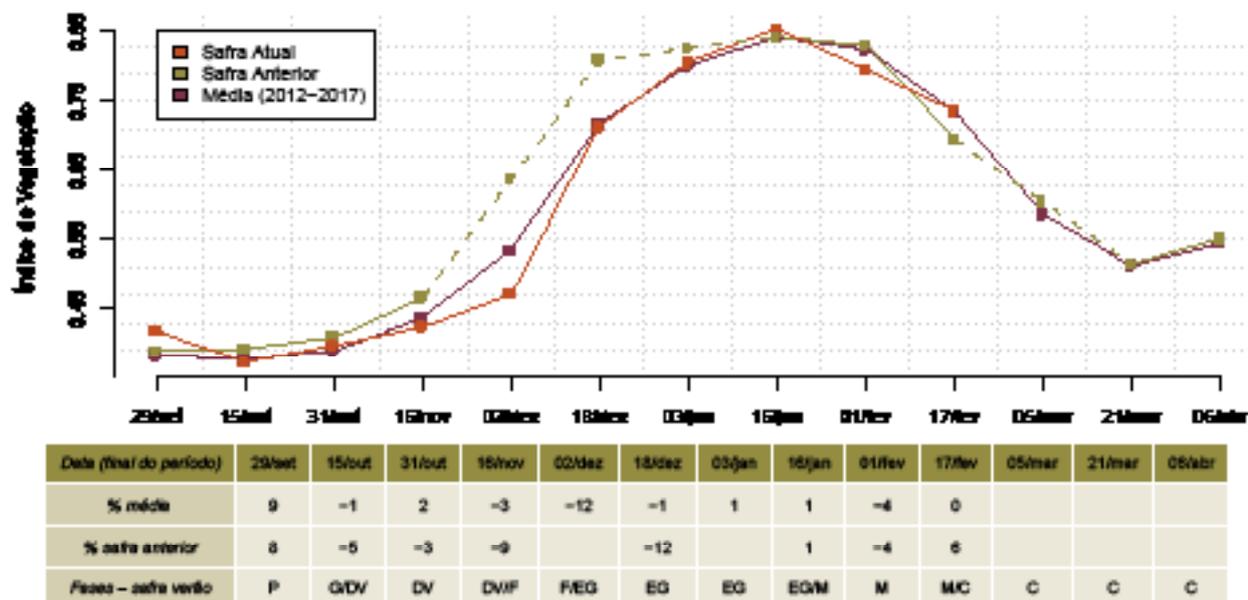
Gráfico 70 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Sudeste/PR



Fonte: Projeto Glam

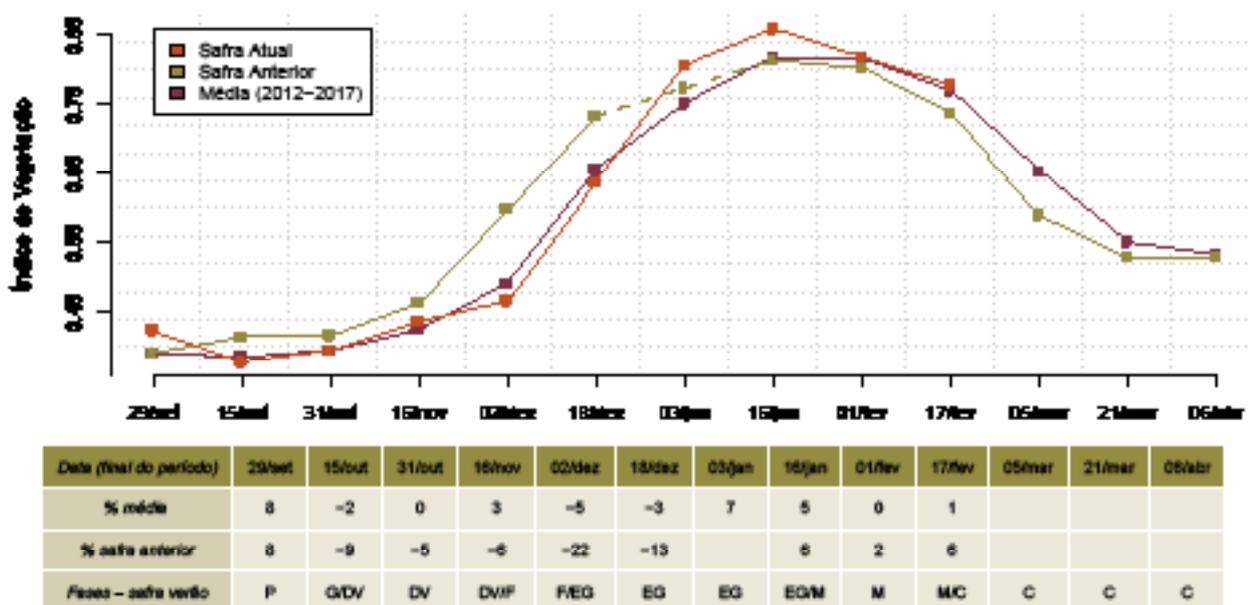


Gráfico 71 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Central/PR



Fonte: Projeto Glam

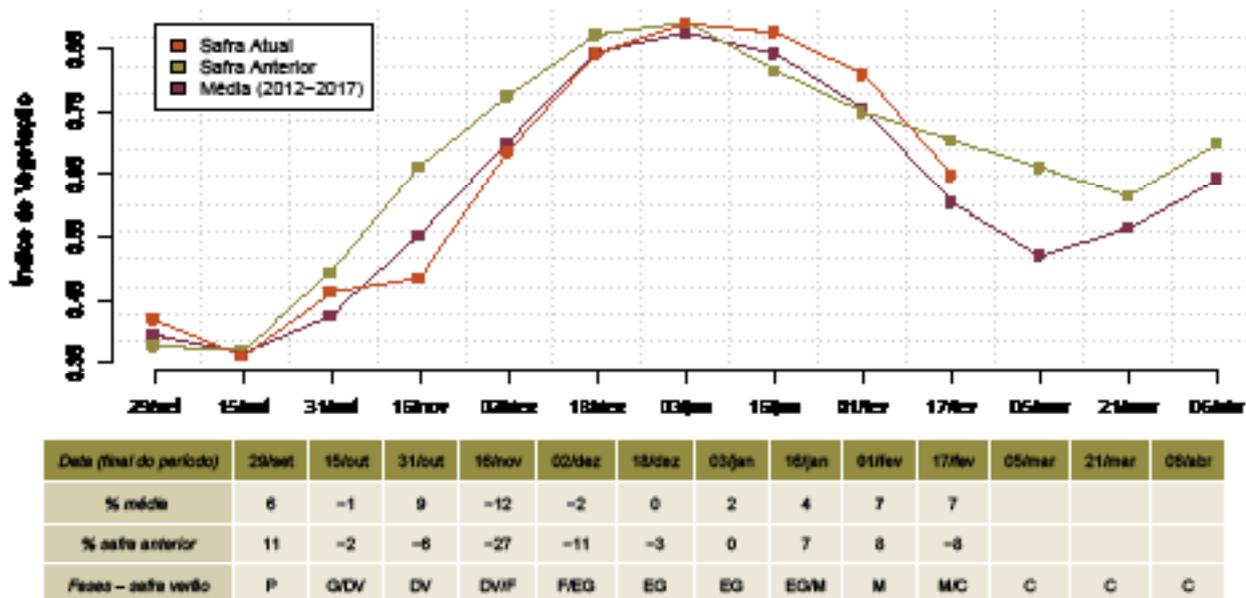
Gráfico 72 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Norte Pioneiro/PR



Fonte: Projeto Glam

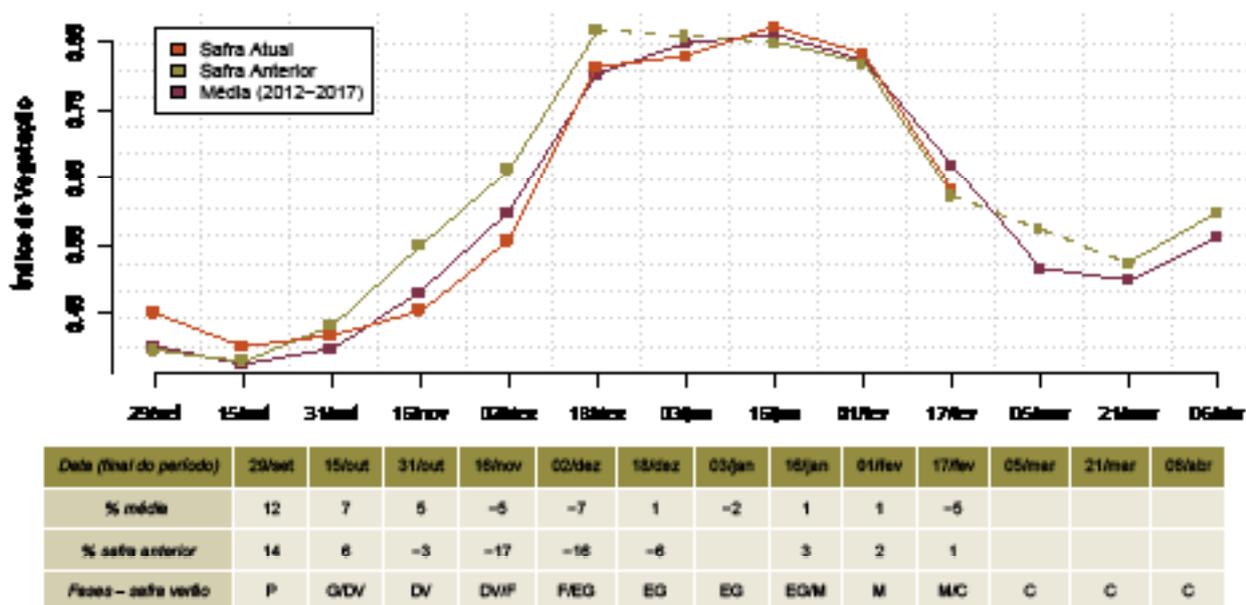


Gráfico 73 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste/PR



Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 74 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental/PR



Fonte: Projeto Glam.

Nas regiões Oeste e Sudoeste do Estado do Paraná, a anomalia no IV é majoritariamente positiva. No período abrangido pela composição da imagem, ainda havia, nas duas regiões, mais de 820 mil hectares não colhidos de soja em ótima condição fisiológica e sanitária. Esta área é superior à do ano anterior em mais de 780 mil hectares, o que provavelmente está resultando em anomalias positivas.

No gráfico de evolução do Oeste Paranaense observa-se que os valores médios do IV permaneceram supe-

riores nesta safra por quase todo o ciclo, o que atesta o ótimo desempenho das lavouras neste ano.

O gráfico da evolução do Sudoeste apresenta-se com deslocamento para a direita na ordem de 10 a 15 dias, refletindo o atraso no ciclo da soja e milho primeira safra. Quando ajustada essa distorção temporal, nota-se comportamento da evolução do IV não muito diferente da safra anterior, mas com discreta superioridade quando da floração e frutificação.



As regiões Centro Sul, Centro Oriental e Sudeste do Paraná não tiveram problemas com calendário de plantio, nem excesso de frio no desenvolvimento vegetativo. Por isso observa-se um equilíbrio entre as anomalias positivas e negativas, mas, na média, com padrão semelhante à safra passada.

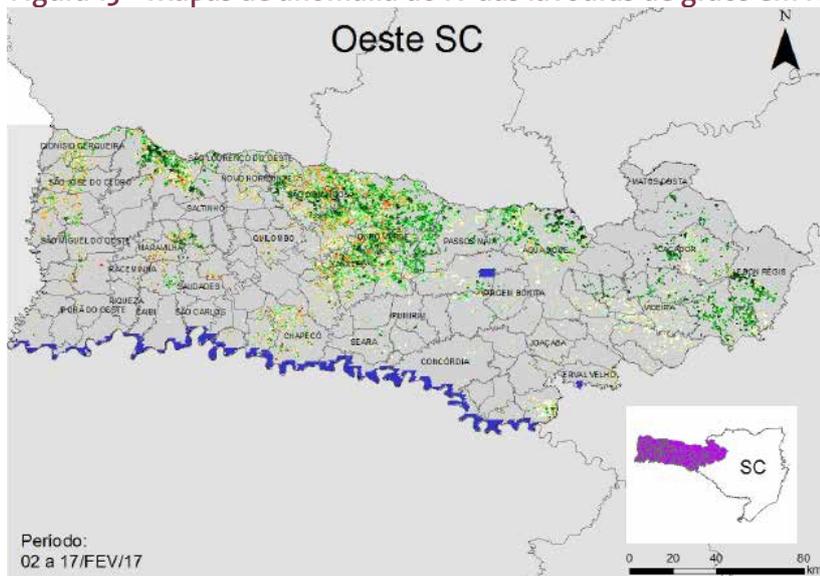
Observando-se o gráfico de evolução do Centro-Sul, vê-se o comportamento da curva bem semelhante à safra passada e à média das últimas seis safras. É

válido ressaltar que em 2016 houve produtividades recorde na região. O comportamento da curva na última quinzena parece indicar um começo de alongamento de ciclo, possivelmente por boas condições vegetativas das lavouras.

Salvo alguns períodos de estiagem, como o ocorrido no Norte Pioneiro, os dados de satélite indicam normalidade no padrão de desenvolvimento das lavouras atuais.

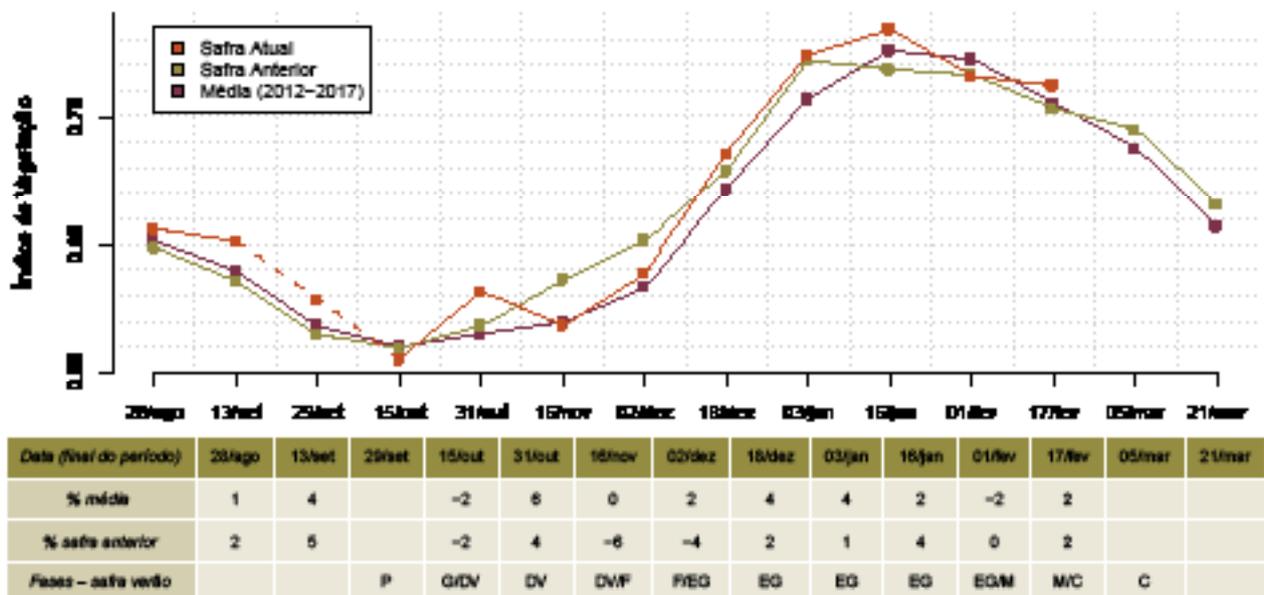
8.2.5. SANTA CATARINA

Figura 13 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam

Gráfico 75 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste/SC



Fonte: Projeto Glam



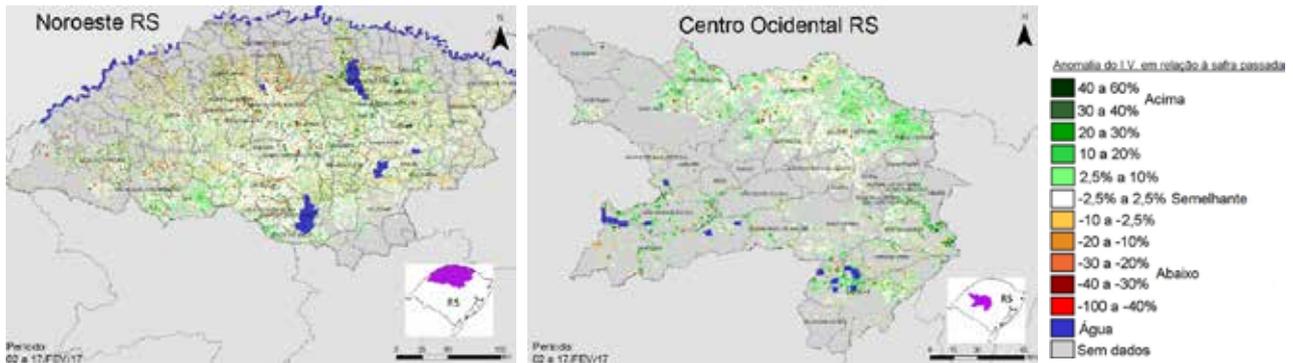
No Oeste de Santa Catarina, as áreas em verde no mapa mostram onde o padrão de desenvolvimento das lavouras atuais está acima da safra passada. Neste padrão de cor estão as áreas plantadas mais tarde em relação ao ano anterior e, portanto, com maiores respostas do IV no momento. As áreas em amarelo, laranja e marrom são lavouras semeadas mais cedo e, por isso, já em maturação e colheita, com baixos IV.

Em branco são áreas agrícolas com padrões semelhantes em 2017 e 2016.

O gráfico mostra, pelo traçado da linha vermelha, em novembro, que houve atraso de plantio em pelo menos parte das áreas. A forte ascensão da linha nos meses seguintes caracteriza bom padrão das lavouras em fases reprodutivas.

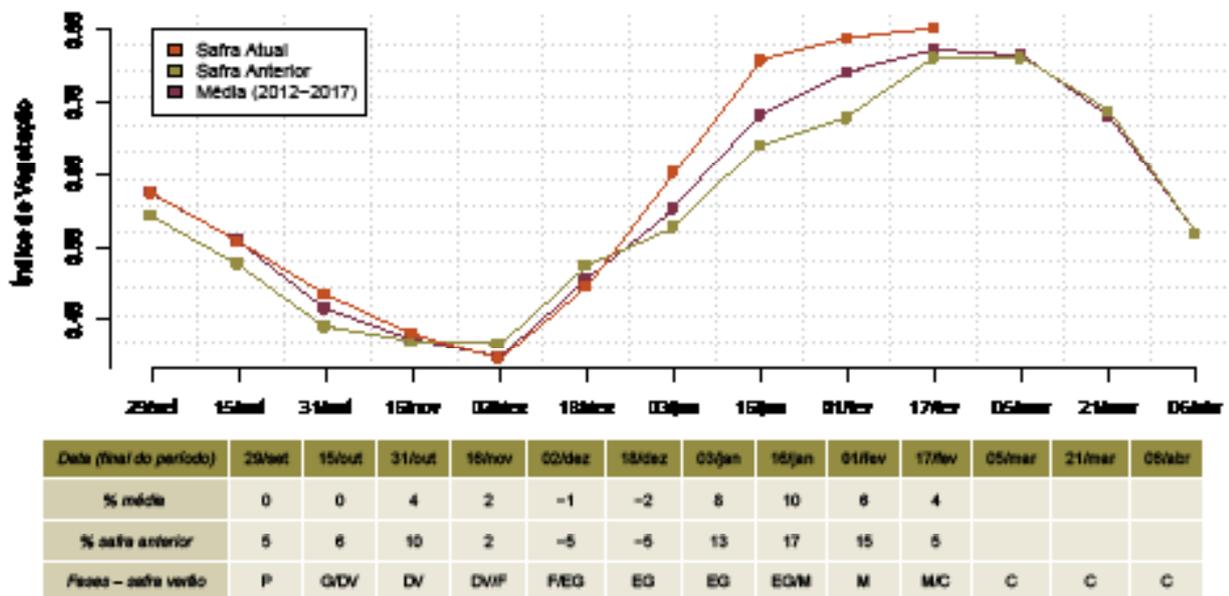
8.2.6. RIO GRANDE DO SUL

Figura 14 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.

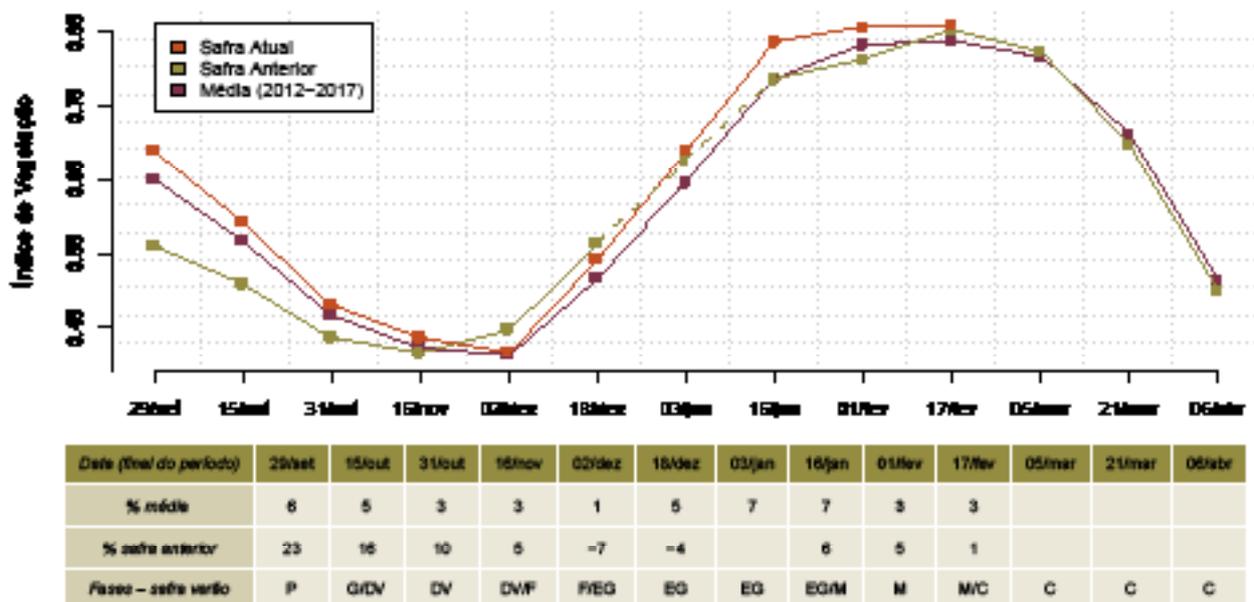
Gráfico 76 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Centro Ocidental RS



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 77 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Noroeste/RS



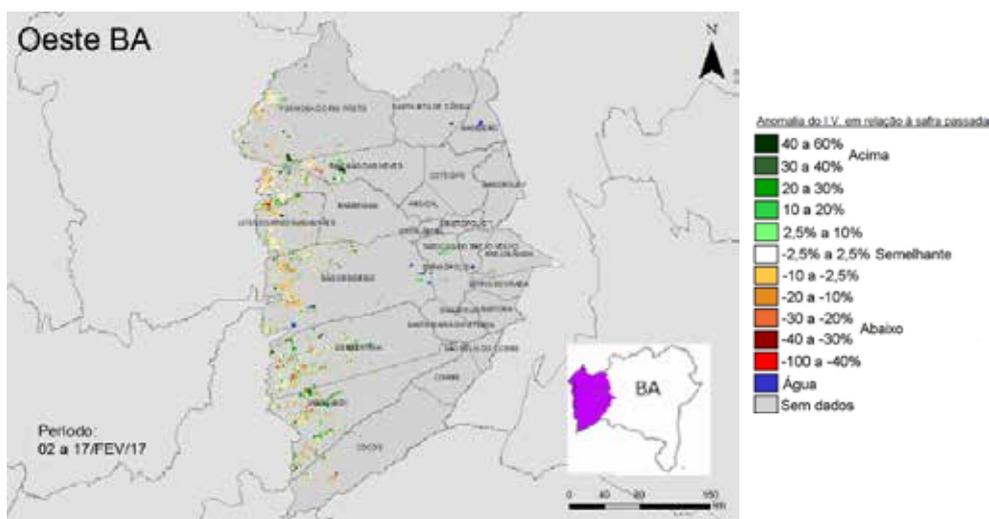
Fonte: Projeto Glam.

O predomínio das áreas em branco nos mapas indica equivalência dos padrões das lavouras nestes dois últimos anos-safra. As áreas em verde caracterizam padrão superior ao ano passado e as demais cores decorrem principalmente por diferenças de calendário entre a safra atual e a safra passada.

O traçado da linha vermelha nos gráficos, com forte ascensão nas fases reprodutivas dos cultivos, mostra intensa atividade fotossintética das lavouras indicando bom padrão de desenvolvimento da atual safra.

8.2.7. BAHIA

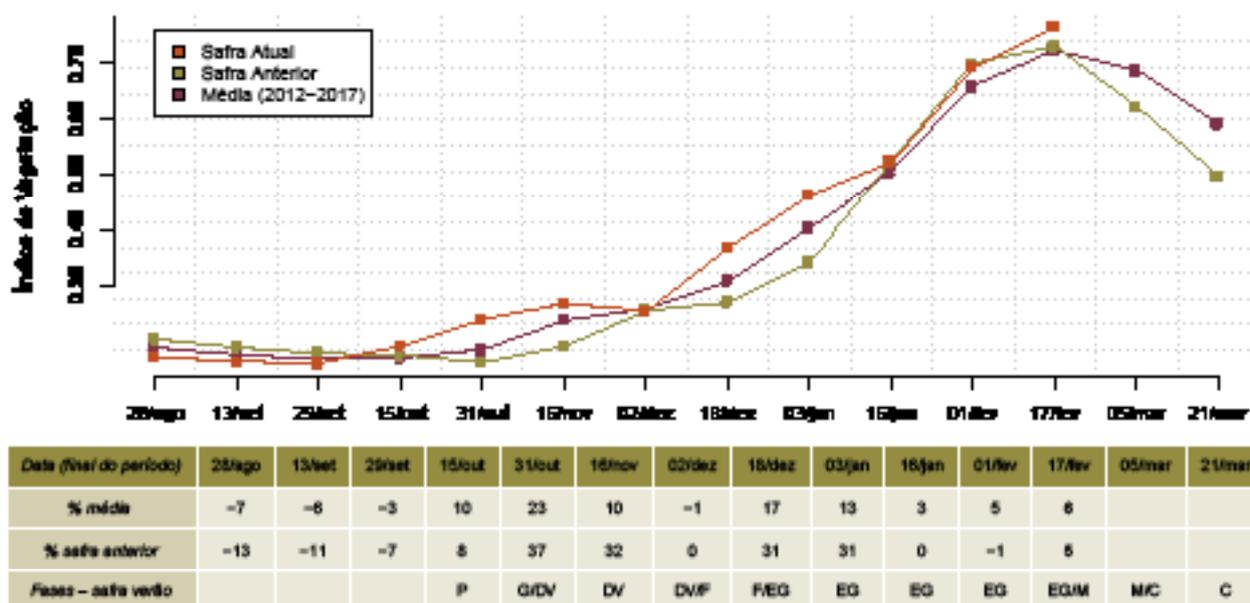
Figura 15 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação ao ano passado



Fonte: Projeto Glam.



Gráfico 78 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras - Oeste SC



Fonte: Projeto Glam

Historicamente, em meados de fevereiro as lavouras desta região atingem os máximos valores de IV. Isso se deve às plantas de milho e soja, que atingem altos níveis de atividade fotossintética. A soja que representa mais de 50% da área cultivada está praticamente pronta para dessecamento e colheita.

Nesta safra, com o retorno das chuvas após o veranico registrado no início de janeiro, as lavouras cultivadas se desenvolveram satisfatoriamente, apresentando IV superior à safra passada e à média das seis últimas

safras.

O gráfico compara a evolução do IV das safras 2016/17 e 2015/16, com a média do período de 2011 a 2017, de acordo com a evolução temporal das lavouras de grãos no extremo oeste da Bahia.

Os dados de campo apontam para um percentual de colheita de soja estimado em 18%, e de milho em 11%. As chuvas ocorridas na região atrasaram o início da colheita.





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

O sexto levantamento da safra brasileira de algodão aponta para uma área plantada de 925,8 mil hectares, 3,1% menor que o ocorrido no exercício passado. A redução foi influenciada pela continuação da conjuntura adversa, tanto interna quanto externamente, onde os estoques internacionais elevados pressionam os preços da pluma, contrapondo-se aos elevados custos de produção da lavoura.

A região Centro-Oeste, principal produtora nacional, experimentou até o quinto levantamento expectativa de redução na área quando comparada com o exercício anterior. No atual levantamento ocorreu uma reversão da tendência, com um crescimento de 1,3% em relação à safra 2015/16. O Mato Grosso, principal produtor nacional e responsável por essa alteração estatística regional, apresentou no levantamento atual uma expectativa de recuperação na intenção dos produtores, com um incremento de 2,5% sobre o plantio do ano passado. A explicação do movimento está relacionada à recuperação dos preços observados a partir de dezembro, época do início do cultivo no estado. Apesar do excesso de chuvas, o plantio do algodão, na safra 2016/17, encontra-se na reta final, com previsão de término em fevereiro. Os talhões já semeados estão em desenvolvimento vegetativo e a expectativa de rendimento é positiva, com produtividade média estimada em 3.973 kg/ha, número 8,4% superior ao registrado no ano anterior.

Em Goiás, a safra passada, prejudicada pela forte estiagem, trouxe grandes prejuízos aos produtores. Essa tem sido a justificativa para a forte redução projetada para o plantio da safra 2016/17 (-11,8%). Nesta safra as principais regiões produtoras encerraram o plantio no final da primeira quinzena de janeiro. Não foram relatados maiores problemas com relação a financiamento e a aquisição de insumos para o plantio. Fim do período de vazão sanitário em novembro, os produtores de algodão da região leste do estado iniciaram a semeadura na segunda quinzena de novembro e seu término ocorreu em meados de dezembro. Na região leste as lavouras de algodão encontram-se apresentando os primeiros botões florais, dando início aos estádios reprodutivos da planta. Neste momento inicia-se as primeiras aplicações de reguladores de crescimento e de adubação de cobertura. As plantas encontram-se vigorosas e não foram relatados maiores problemas com relação a ataques de pragas e doenças na cultura.

Em Mato Grosso do Sul o levantamento apontou uma forte redução na intenção de plantio em relação à safra anterior (-9,7%). As condições das lavouras no estado seguem com bom desenvolvimento, ajudado pela normalização do clima. O algodão plantado na região nordeste encontram-se em bom estado de desenvolvimento e sanidade. As áreas semeadas na primeira quinzena de dezembro encontram-se na fase reprodutiva, com o início da floração e aparecimento das primeiras maçãs. Na região de Chapadão do Sul em torno de 30% da área prevista ainda não pode ser semeada em consequência das constantes chuvas ocorridas em janeiro, que dificultou a entrada dos maquinários nas lavouras, não permitindo o plantio dentro da janela prevista que vai até o dia 20 de janeiro. O algodão semeado a partir de janeiro encontra-se na fase vegetativa e constatou-se o aparecimento de mosca branca, pois com as chuvas constantes, o controle das ervas daninhas torna-se deficiente e facilita o aparecimento de pragas. Com a colheita da soja em andamento essas pragas tendem a migrar para a cultura do algodão, necessitando assim, de monitoramento constante. Em Costa Rica também houve períodos chuvosos que dificultaram os tratamentos culturais, ocasionando estande desuniformes, e em algumas

áreas houve necessidade de replantio do algodão. Com relação a pragas e doenças o monitoramento das áreas cultivadas mostra que até o momento os ataques do bicudo é pequeno e as lagartas também estão sendo controladas. Na região central do estado o algodão está mais desenvolvido, predominando a fase de maturação e os ataques de pragas e doenças está dentro da normalidade.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada em virtude da disposição dos produtores paulistas em não investirem na lavoura neste exercício (4,2%). Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plantio está estimado atingir 19,6 mil hectares, sinalizando manutenção em relação à safra anterior. Em face da normalização do clima, projeta-se uma produtividade média de 3.750 kg/ha, superior em 9,6%, comparativamente à safra passada.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o levantamento apontou para uma forte redução da área (12,6%), quando comparada com a safra anterior. Na Bahia, maior produtor regional e segundo nacional, a área de plantio, está estimada atingir 201,5 mil hectares, apresentando redução de 14,3% em relação à safra passada, comportamento observado desde a temporada 2010/11. Mesmo assim, devido à normalização climática, é esperada uma produção significativamente superior à do ano passado, duramente afetada pela escassez das chuvas. O plantio, nesta safra, será finalizado em meados de fevereiro e a colheita está prevista ter o seu início em junho.

No Maranhão a área do algodão está concentrada nos municípios situados no entorno de Balsas, extremo sul do estado, sendo estimada uma área plantada de 22,8 mil hectares, incremento de 9%, em relação ao plantio do ano passado. O plantio já foi concluído como programado e a cultura encontra-se 100% em fase de desenvolvimento vegetativo. No município de Balsas, pela primeira vez, foi plantado algodão de segunda safra, com a área atingindo 3.700 hectares. A exemplo das lavouras plantadas antecipadamente, o estágio da cultura é de desenvolvimento vegetativo.



Figura 16 - Mapa da produção agrícola - Algodão

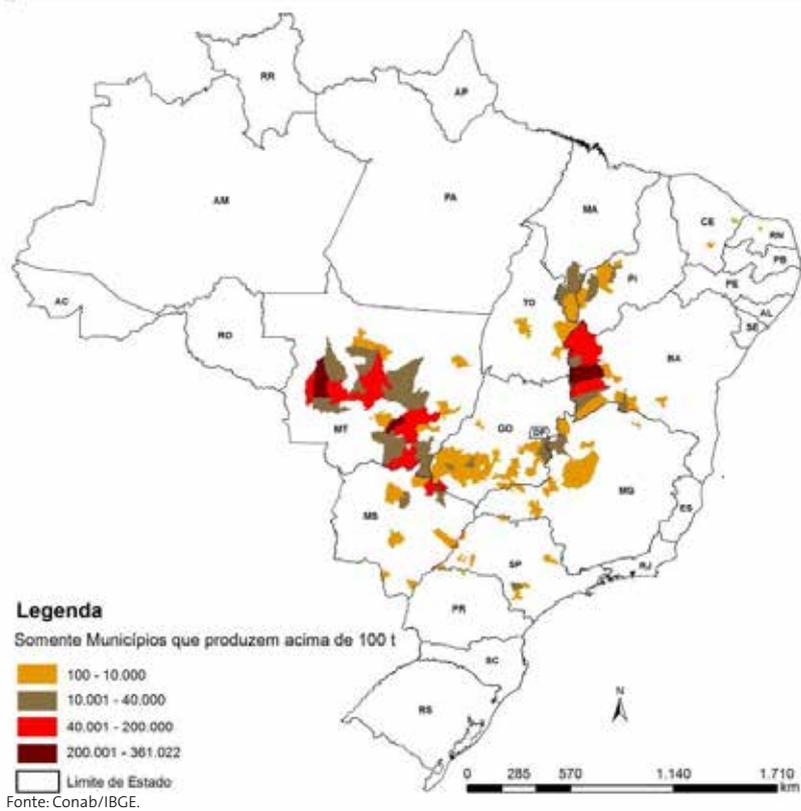
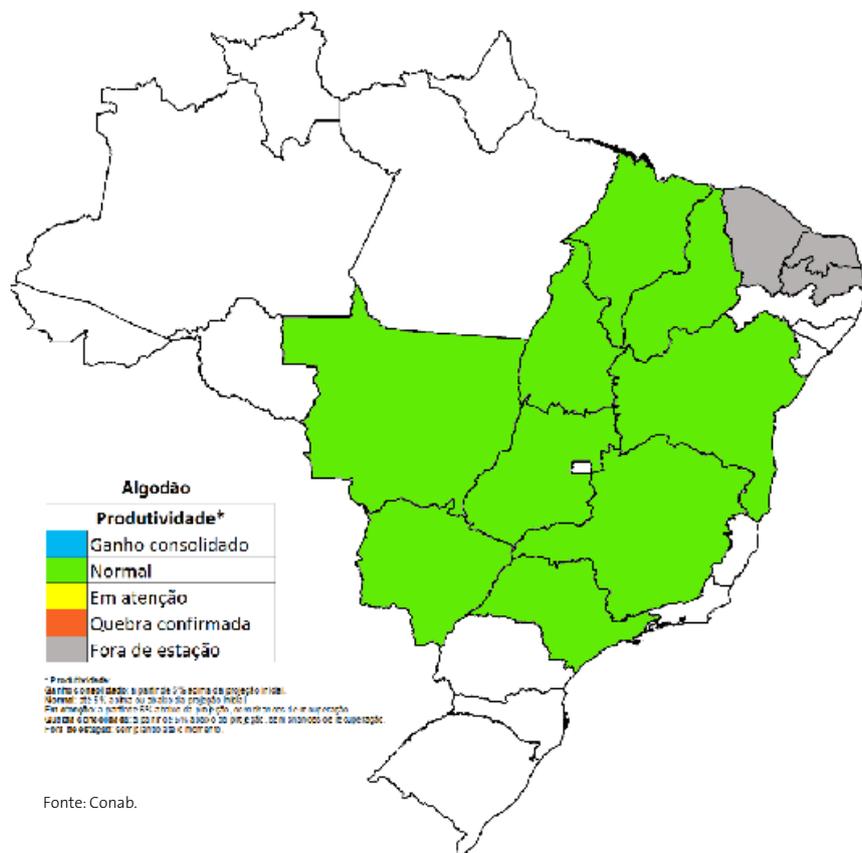


Figura 17 – Mapa da estimativa de produtividade: Algodão (safra 2016/17) – fevereiro/2017



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Algodão primeira safra (Safr 2016/17)

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP/P	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 5- Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	4,8	(38,5)	2.787	3.724	33,6	21,7	17,9	(17,5)
TO	7,8	4,8	(38,2)	2.787	3.724	33,6	21,7	17,9	(17,5)
NORDESTE	262,3	229,2	(12,6)	2.703	3.675	36,0	709,0	842,2	18,8
MA	20,9	22,8	9,0	3.949	3.918	(0,8)	82,5	89,3	8,2
PI	5,5	3,9	(28,2)	1.212	3.166	161,2	6,7	12,3	83,6
CE	0,3	0,4	19,5	534	613	14,8	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.406	2,5	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,3	150,0	414	691	66,9	-	0,2	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	2.629	3.667	39,5	618,3	738,9	19,5
CENTRO-OESTE	660,4	669,0	1,3	3.653	3.986	9,1	2.412,7	2.666,6	10,5
MT	600,8	615,8	2,5	3.664	3.973	8,4	2.201,3	2.446,6	11,1
MS	29,9	27,0	(9,7)	4.090	4.200	2,7	122,3	113,4	(7,3)
GO	29,7	26,2	(11,8)	3.000	4.069	35,6	89,1	106,6	19,6
SUDESTE	23,8	22,8	(4,2)	3.400	3.695	8,7	80,9	84,2	4,1
MG	19,6	19,6	-	3.420	3.750	9,6	67,0	73,5	9,7
SP	4,2	3,2	(23,8)	3.305	3.355	1,5	13,9	10,7	(23,0)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	234,0	(13,4)	2.706	3.676	35,9	730,7	860,1	17,7
CENTRO-SUL	685,1	691,8	1,0	3.643	3.976	9,2	2.495,6	2.750,8	10,2
BRASIL	955,2	925,8	(3,1)	3.378	3.900	15,5	3.226,3	3.610,9	11,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



Tabela 6 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	4,8	(38,5)	1.115	1.490	33,6	8,7	7,2	(17,2)
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.115	1.490	33,6	8,7	7,2	(17,2)
NORDESTE	262,3	229,2	(12,6)	1.081	1.470	36,0	283,6	336,9	18,8
MA	20,9	22,8	9,0	1.580	1.567	(0,8)	33,0	35,7	8,2
PI	5,5	3,9	(28,2)	485	1.266	161,0	2,7	4,9	81,5
CE	0,3	0,4	19,5	187	215	15,0	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.674	2,4	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,3	150,0	145	242	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	1.052	1.467	39,4	247,3	295,6	19,5
CENTRO-OESTE	660,4	669,0	1,3	1.460	1.593	9,1	963,9	1.065,4	10,5
MT	600,8	615,8	2,5	1.466	1.589	8,4	880,5	978,6	11,1
MS	29,9	27,0	(9,7)	1.616	1.659	2,7	48,3	44,8	(7,2)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.182	1.603	35,6	35,1	42,0	19,7
SUDESTE	23,8	22,8	(4,2)	1.357	1.475	8,7	32,3	33,6	4,0
MG	19,6	19,6	-	1.368	1.500	9,6	26,8	29,4	9,7
SP	4,2	3,2	(23,8)	1.305	1.325	1,5	5,5	4,2	(23,6)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	234,0	(13,4)	1.082	1.470	35,9	292,3	344,1	17,7
CENTRO-SUL	685,1	691,8	1,0	1.455	1.589	9,2	996,9	1.099,0	10,2
BRASIL	955,2	925,8	(3,1)	1.350	1.559	15,5	1.289,2	1.443,1	11,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 7 - Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	4,8	(38,5)	1.672	2.234	33,6	13,0	10,7	(17,7)
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.672	2.234	33,6	13,0	10,7	(17,7)
NORDESTE	262,3	229,2	(12,6)	1.622	2.205	36,0	425,4	505,3	18,8
MA	20,9	22,8	9,0	2.369	2.351	(0,8)	49,5	53,6	8,3
PI	5,5	3,9	(28,2)	727	1.900	161,3	4,0	7,4	85,0
CE	0,3	0,4	19,5	347	398	14,7	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.732	2,5	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,3	150,0	269	449	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	201,5	(14,3)	1.577	2.200	39,5	371,0	443,3	19,5
CENTRO-OESTE	660,4	669,0	1,3	2.194	2.393	9,1	1.448,8	1.601,2	10,5
MT	600,8	615,8	2,5	2.198	2.384	8,5	1.320,8	1.468,0	11,1
MS	29,9	27,0	(9,7)	2.474	2.541	2,7	74,0	68,6	(7,3)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.818	2.466	35,6	54,0	64,6	19,6
SUDESTE	23,8	22,8	(4,2)	2.043	2.219	8,6	48,6	50,6	4,1
MG	19,6	19,6	-	2.052	2.250	9,6	40,2	44,1	9,7
SP	4,2	3,2	(23,8)	2.000	2.030	1,5	8,4	6,5	(22,6)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	234,0	(13,4)	1.623	2.206	35,9	438,4	516,0	17,7
CENTRO-SUL	685,1	691,8	1,0	2.187	2.388	9,2	1.498,7	1.651,8	10,2
BRASIL	955,2	925,8	(3,1)	2.028	2.342	15,5	1.937,1	2.167,8	11,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão – Icac em seu relatório semanal de 28 de fevereiro de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 22,69 milhões de toneladas e projeta-se uma produção de 23,11 milhões de toneladas para a safra 2017/18. Esse resultado significaria um aumento estimado de 1,85% na produção de pluma.

O consumo mundial estimado segundo o comitê deverá ser de 24,05 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fi-

que em 24,33 milhões de toneladas, que indicaria um aumento de 1,16%. Estes valores preliminares ainda ficam abaixo do consumido na safra 2014/15, que foi de 24,46 milhões de toneladas. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas.

Caso se confirme as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 1,22 milhão de toneladas de algodão..

Panorama nacional

De acordo com o levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.443,1 mil toneladas, este valor é 11,93% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 3,1% na área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 925,8 mil hectares, um aumento significativo na produtividade, de cerca de 15%, deverá compensar as perdas de área. O clima nas regiões produtoras é bem favorável até o presente momento.

A cadeia do algodão sofreu bastante com a crise pela qual vem passando o Brasil, sendo a indústria têxtil um dos setores mais atingidos. Como medidas para ajudar o setor, a Abrapa lançou uma campanha de marketing nacional para incentivar o uso de produtos de algodão, em detrimento ao uso de fios sintéticos e às importações de produtos acabados. Quanto à economia brasileira, a expectativa é que a melhora nos indicadores só comece a aparecer no segundo semestre de 2017.

Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (1)	2017 (2)
OFERTA	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.699,3
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.443,10
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.099,0
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	344,1
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	55,0
DEMANDA	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.330,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	700,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	630,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	369,3
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,3

Fonte: CONAB/ SECEX/SRF-MF/ SINDITEXTIL-ABIT/ANEA/COOPERATIVAS/ICAC

ELABORAÇÃO: CONAB

(1) preliminar (2) estimativa



9.1.2. AMENDOIM

Para o amendoim primeira safra está estimado, nesta temporada, um incremento de área de 2,1% e produção de 0,8% em relação à safra anterior 2015/16. As produtividades estão bem próximas as alcançadas na safra passada.

Em São Paulo, o melhoramento genético de variedades rasteiras que garantem maior produtividade das lavouras do grão é um dos motivos para o salto na produtividade e produção do amendoim paulista. O Instituto Agronômico de Campinas (IAC) mantém uma parceria com cooperativas e indústrias de amendoim, dentro e fora de São Paulo, objetivando sempre o desenvolvimento de novas variedades, mais produtivas e resistentes às infestações, constantes e de difícil erradicação.

O estado de São Paulo destaca-se como o maior produtor do Brasil, responsável por aproximadamente 90% da produção nacional, com uma área plantada de 104,7 mil hectares. Destacam-se as regiões da Alta Mogiana (Ribeirão Preto, Dumont, Jaboticabal e Sertãozinho) e Alta Paulista (Tupã e Marília) na produção deste grão. Grande parte da produção (80% é destinada aos países europeus), enquanto que o restante é consumido internamente pelas fábricas de doces.

No Paraná, a colheita está em andamento no estado, tendo 8% da área colhida. A cultura não possui expressão econômica no estado, sendo, em sua maioria produzida para subsistência. Quando comparada à safra anterior, a produtividade reduziu em 3,1%, sendo estimada em 2.591 kg/ha. Esta redução ocorreu devido

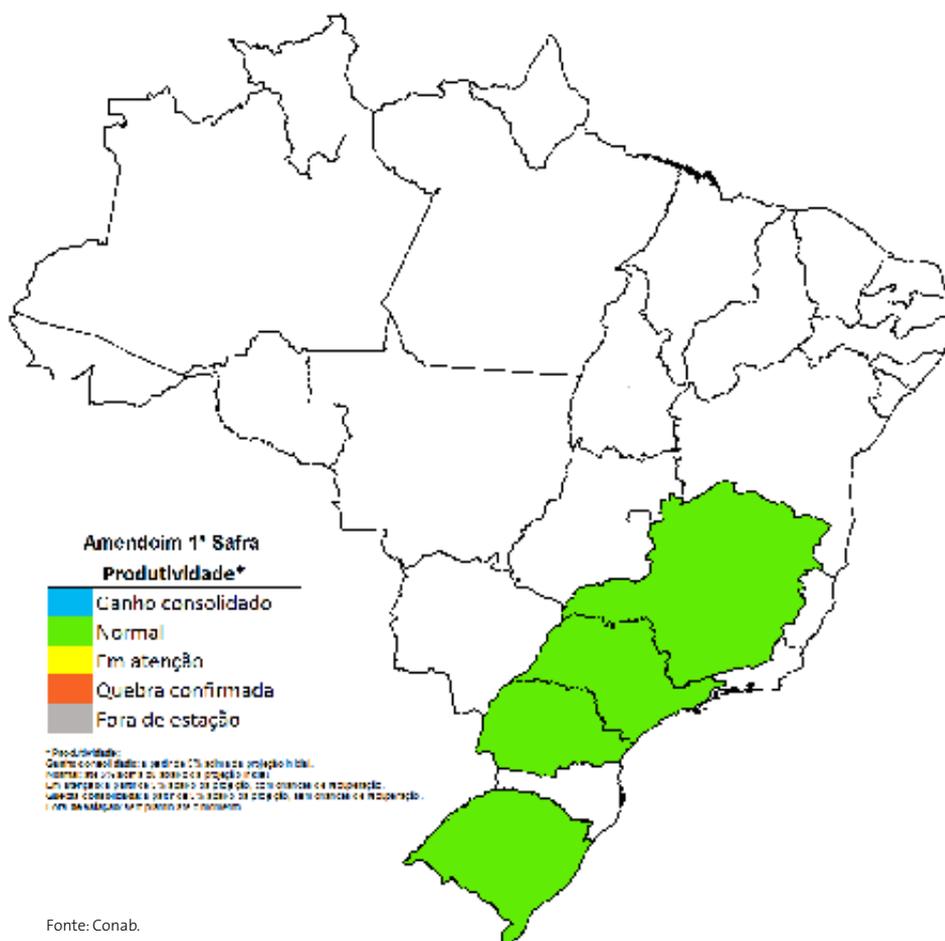
às instabilidades climáticas ocorridas em novembro de 2016, onde as chuvas foram mal distribuídas. As lavouras encontram-se em boas condições vegetativas e maior parte da área – 53% – encontra-se em frutificação.

Em Minas Gerais o cultivo de amendoim deve totalizar 2,6 mil hectares, representando um aumento de 30% relativamente à safra passada, quando foram plantados 2 mil hectares. O aumento ocorreu, notadamente, nas áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, que responde por 85% da área de cultivo e por 95% do volume de produção do estado. O plantio foi realizado entre início de novembro e meados de dezembro, seja nas áreas altamente tecnificadas do Triângulo, cuja produção é voltada para a exportação, seja nas áreas de agricultura familiar das regiões Norte, Rio Doce, Jequitinhonha/Mucuri e Central, usualmente conduzidas com baixo nível tecnológico. As lavouras se encontram nas fases de frutificação e maturação, em igual proporção, estando a colheita prevista para iniciar-se a partir de meados de março, com duração aproximada de 50 a 60 dias. Já o rendimento que não deve ultrapassar 3.000 kg/ha nas áreas mais produtivas, o que representa, em relação à safra anterior, uma redução em torno de 21,1%, justificado pela baixa tecnologia verificada nas novas áreas identificadas no presente levantamento. Entretanto, em virtude do aumento das áreas cultivadas a produção estadual somaria 7,8 mil toneladas, o que representaria um aumento de 2,6% relativamente à safra 2015/16.



9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 18 - Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim primeira safra (Safr 2016/17) – fevereiro/2017



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra (Safr 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

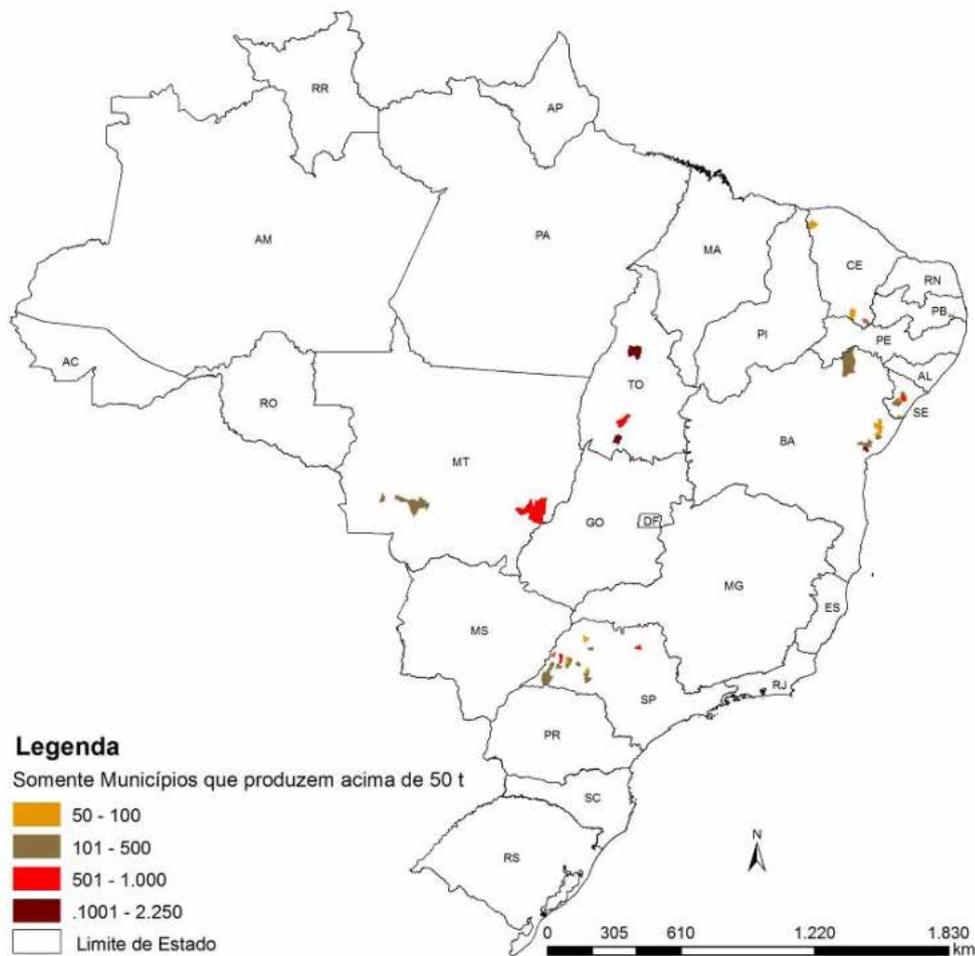
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	107,3	2,1	3.543	3.511	(0,9)	372,4	376,8	1,2
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.000	(21,1)	7,6	7,8	2,6
SP	103,1	104,7	1,6	3.538	3.524	(0,4)	364,8	369,0	1,2
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.156	0,2	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.591	(3,1)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	112,6	2,1	3.524	3.495	(0,8)	388,8	393,5	1,2
BRASIL	110,3	112,6	2,1	3.524	3.495	(0,8)	388,8	393,5	1,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

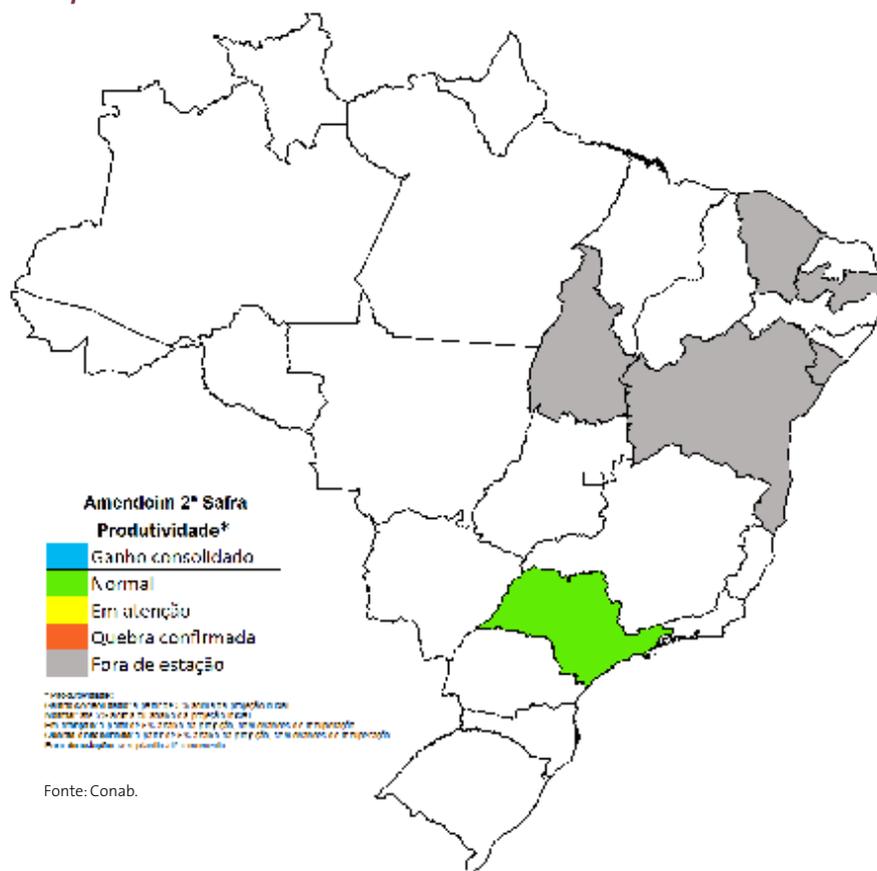
Figura 19 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 20 -Mapa da estimativa de produtividade: Amendoim segunda safra (safra 2016/17) – fevereiro/2017



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
AL	Agreste Alagoano	C							PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M
SE	Agreste Sergipano	C							PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	EG	M	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	EG	M	C	
	Presidente Prudente						P	DV	F	EG	M	C	
	Marília						P	DV	F	EG	M	C	
	Assis						P	DV	F	EG	M	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

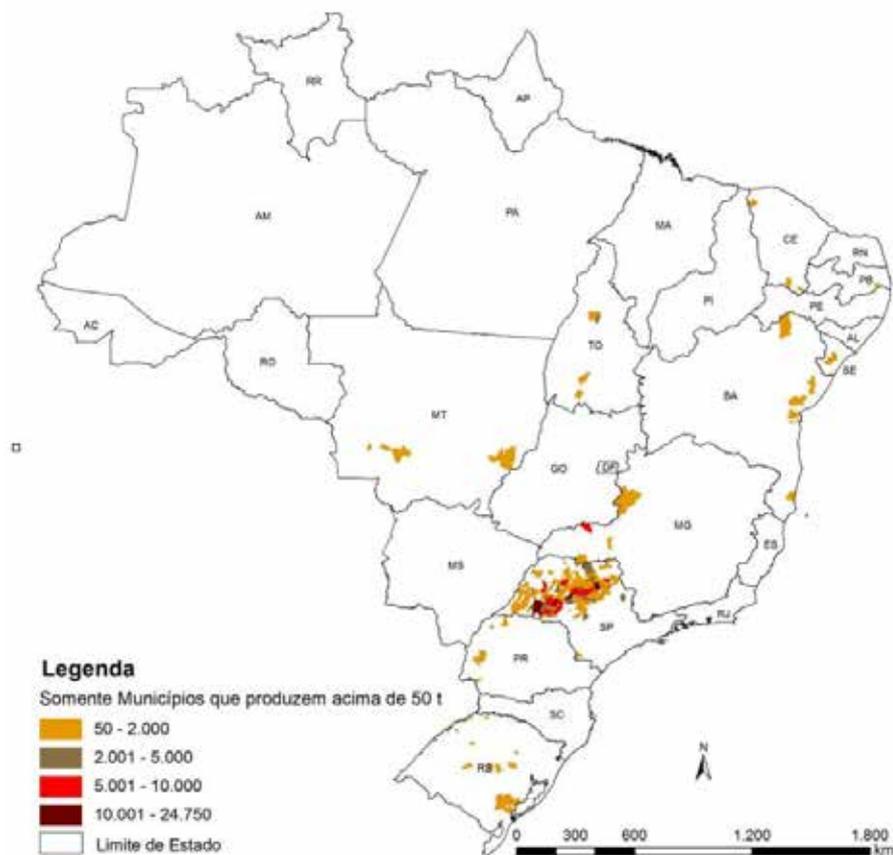
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,2	(71,4)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
TO	0,7	0,2	(64,3)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.106	11,8	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	(13,3)	368	854	132,1	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
SUDESTE	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
SP	5,1	5,1	-	2.490	2.591	4,1	12,7	13,2	3,9
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.255	12,3	4,5	4,6	2,2
CENTRO-SUL	5,2	5,1	(1,9)	2.469	2.591	4,9	12,8	13,2	3,1
BRASIL	9,3	8,7	(6,5)	1.873	2.038	8,8	17,3	17,8	2,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 21 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,2	(71,4)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
TO	0,7	0,2	(71,4)	1.740	3.785	117,5	1,2	0,8	(33,3)
NORDESTE	3,4	3,4	-	989	1.106	11,8	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	854	132,1	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,5	-	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
SUDESTE	110,2	112,4	2,0	3.494	3.470	(0,7)	385,1	390,0	1,3
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.000	(21,1)	7,6	7,8	2,6
SP	108,2	109,8	1,5	3.489	3.481	(0,2)	377,5	382,2	1,2
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.156	0,2	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.591	(3,1)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.255	12,3	4,5	4,6	2,2
CENTRO-SUL	115,5	117,7	1,9	3.477	3.455	(0,6)	401,6	406,7	1,3
BRASIL	119,6	121,3	1,4	3.396	3.390	(0,2)	406,1	411,3	1,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.3. ARROZ

O sexto levantamento de arroz, na safra 2016/17, aponta redução na área plantada de 0,8% em relação à safra passada, principalmente devido à redução de áreas no sistema de sequeiro. Em contrapartida, observa-se o aumento do plantio em áreas irrigadas, o que ajuda a explicar uma estimativa de aumento de produtividade em 13,8%. Além disso, o aumento do rendimento se deve ao fato de que a safra passada sofreu com chuvas abaixo da média, perdendo produtividade nos locais da cultura de sequeiro, enquanto o cultivo irrigado, sobretudo no sul do país, foi afetado por excesso de chuvas durante todo o ciclo, resultando em baixa luminosidade e também impactando a produtividade. A produção deve chegar a 11.966 mil toneladas, um aumento de 12,9% em relação à safra passada.

A Região Sul, responsável por cerca de 81,6% da produção nacional, deve ter 1,9% de incremento de área em relação ao exercício anterior. O cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. No Rio Grande do Sul, a cultura vem se desenvolvendo de maneira satisfatória, beneficiada pelo clima favorável dos últimos períodos, principalmente pela ocorrência de dias quentes e de boa luminosidade, essenciais para a obtenção do excelente estande verificado na maioria das lavouras. A maior parte das lavouras encontra-se nos estádios de floração, enchimento e maturação de grãos. Poucos são os relatos de problemas fitossani-

tários, especialmente com brusone, contornados com manejos culturais adequados, para os quais os produtores estão preparados. As operações de colheita devem iniciar em breve, se mantidas as previsões de clima favorável, deverá alcançar produtividade média em torno de 7.700 kg/ha.

Em Santa Catarina a colheita do arroz avança, devendo atingir seu auge no início de março, com expectativas de altas produtividades no estado. Até o momento estima-se que 30% da área já esteja colhida, e o clima continua propício para as práticas de colheita. O clima favorável, ao longo de praticamente todo o ciclo da cultura, aliado aos baixos índices de brusone - principal doença da cultura - e de outras pragas, juntamente com o uso de cultivares de alta tecnologia resultou em produtividades elevadas nesta safra, até o momento. A média projetada para o estado está em 7.379 kg/ha, o que representa um aumento de 3,4% em relação à safra passada. Além disso, a qualidade do grão colhido está muito boa, principalmente no sul do estado, onde os relatos são de grãos com qualidades muito superiores aos anos anteriores. No sul do estado, alguns municípios tiveram problemas de chuva de granizo e com isso, perda de lavouras; já em alguns municípios do norte foram registrados problemas com percevejo do colmo, entretanto, por serem casos bem localizados não prejudicaram a produtividade média do estado. Os produtores do norte já estão animados com



a possibilidade de boas produtividades também para a soca, ou rebrota, caso não ocorram problemas com clima frio no início do outono.

A Região Norte, segunda maior produtora nacional, teve uma redução de 0,1% na sua área plantada em relação à temporada passada.

Em Tocantins, o plantio da safra de sequeiro tem a finalidade de abertura de áreas para o cultivo da soja e também é realizada por agricultores familiares para o próprio consumo. Nesta safra, observa-se uma diminuição de 26,1% das áreas para cultivo em sequeiro em relação à safra passada. Essa tendência de queda da área para este segmento é influenciada pela opção dos produtores por cultura com melhores expectativas de mercado, como o milho e a soja, bem como pela diminuição de abertura de áreas. As lavouras já se encontram em fase final de plantio nas áreas de primeiro ano de cultivo e a expectativa é de uma produtividade de 31,6% maior que na safra anterior, visto que o clima está mais favorável ao bom desenvolvimento da cultura. Com relação ao plantio irrigado, apesar do baixo nível dos reservatórios e rios, constatou-se um aumento de 8,1% na área de cultivo em relação à última safra e a expectativa é que os rendimentos das lavouras obtenham um aumento de 12,5%.

Em Rondônia, essa cultura está com seu plantio todo concluído. Algumas poucas lavouras tiveram ataques do fungo de brusone do arroz, que é um fungo patógeno vegetal que causa uma importante doença que afeta a planta do arroz. Os ataques do fungo da brusone do arroz foi e está sendo considerado os maiores males que afetam até lavouras da safra passada, safra 2015/16, e também a atual. Alguns produtores de Rondônia, ao observar essa infestação de imediato, fizeram algumas pulverizações em suas lavouras para obter a sua erradicação. Muitos desses produtores tiveram que fazer essas aplicações, onerando mais seus

custos e conseqüentemente menos ganhos no resultado final. As lavouras apresentaram-se em bom estado. Em relação ao quinto levantamento, efetuado por telefone, obteve-se a informação que a área permanece quase a mesma, que é de 40,6 mil hectares, e sua produtividade de 3.000 kg/ha. Essa produtividade é relativamente menor em relação às safras anteriores por causa da entrada de novas áreas que eram de pouso e pastagem. Como atualmente não ocorre abertura de novas áreas, observa-se redução de 12,4% na sua área. Alguns produtores fazem a aplicação de tecnologias avançadas. As lavouras estão bem distribuídas nos seus estádios. Alguns já colheram e outros estão à espera para dar o início. Os estágios dessas lavouras apresentam desenvolvimento vegetativo 2%, floração 5%, frutificação 40%, maturação 40% e já colhido 13%.

No Centro-Oeste, terceira maior região produtora, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a expectativa é que a área em sequeiro tenha uma redução de 13,9%, enquanto a área sob cultivo irrigado dobre de tamanho em relação à safra passada.

Em Mato Grosso o plantio de 137,1 mil hectares em sequeiro já foi finalizado. Isso representa uma redução de 8,9% em relação à safra passada. As lavouras estão em diferentes estádios, sendo predominante as fases de floração e frutificação, e algumas áreas já começaram a ser colhidas. As boas condições climáticas deverão refletir em melhor produtividade, cuja média é estimada em 3.193 kg/ha, rendimento 11,6% superior aos observados na safra 2015/16. O arroz irrigado é plantado na segunda safra, em áreas de pivô, que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce. A sucessão com o arrozal deve-se aos bons preços no mercado, além da rotação de cultura com a oleaginosa. Na soma das áreas de sequeiro e irrigado espera-se uma produção de 457,8 mil toneladas em uma área total de 142,1 mil hectares.

Figura 22 - Lavoura de arroz em Campos de Júlio – MT. Fev, 2017



Fonte: Conab.



Em Mato Grosso do Sul as condições climáticas estão se mantendo dentro do ideal para a cultura. Permanecendo esta tendência, espera-se que parte expressiva da área, toda de arroz irrigado, seja colhida até o fim de fevereiro, com uma produtividade de 6.150 kg/ha, mantendo o bom histórico de rendimento no estado e aumentando a produção em 40,1% em relação à safra anterior. As pragas e doenças, até o momento, não afetaram diretamente a produtividade devido, sobretudo, às práticas eficientes de manejo e monitoramento por parte dos produtores, que vêm sendo realizadas com êxito.

Em Goiás a cultura de arroz de terras altas ou de sequeiro encontra-se sob forte declínio, sendo cultivada em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. Existe um programa executado pelo governo estadual que doa sementes e demais insumos agrícolas para os agricultores familiares e a maior parte do arroz de sequeiro é realizado através deste programa. O arroz de sequeiro é produzido numa área de 14,9 mil hectares, cerca de 42,7% menor do que na última safra. Já a produção de arroz irrigado é feita em uma área de 7,5 mil hectares, com um rendimento de 6.300 kg/ha.

Na Região Nordeste a cultura é realizada nos dois sistemas, sequeiro e irrigado. À semelhança de outras regiões do país, a cultura tem tido declínio nas áreas de sequeiro, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis e aumento da área irrigada. A expectativa detectada neste levantamento é de redução na área em 9,5% e uma produção 4,6% maior, comparada com o exercício anterior.

Em relação à safra 2015/16, o Maranhão deverá apresentar redução na área plantada. Essa diminuição é observada a cada nova safra, principalmente nas áreas de arroz em sistema de sequeiro, estimada em 10,6%.

Em contrapartida, busca-se uma maior eficiência no cultivo de arroz através das áreas irrigadas, o que deve aumentar o cultivo sob esse sistema de plantio.

O Piauí deve chegar à produção de 119 mil toneladas de arroz, praticamente dobrando o resultado em relação à safra passada, que foi severamente castigada pelo regime climático. O plantio do arroz irrigado iniciou-se em janeiro e sua produtividade esperada é de 4.405 kg/ha. Já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.422 kg/ha.

Na Bahia, o cultivo de arroz ocupa a área de 9 mil hectares em sequeiro. O plantio está finalizado e espera-se o rendimento de 850 kg/ha. A colheita deve ser realizada em maio, com a expectativa de produção em torno de 7,7 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 15,4% na área cultivada e aumento de 92,5% na produção em relação à safra passada.

Na Região Sudeste a cultura tem pouca expressão. A área plantada deve ser inferior em 4,7% ao se comparar com a safra passada. São Paulo, maior produtor regional, deverá manter a área plantada da última safra. A produção se concentra nas regiões do Vale do Paraíba (Pindamonhangaba e Guaratinguetá), sob irrigação e seu consumo se dá nas próprias regiões onde são produzidos. O produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis (soja/milho), na expectativa de ganhos maiores.

Em Minas Gerais a área de plantio de arroz é estimada em 6 mil hectares, apresentando uma pequena redução de 500 hectares em comparação ao observado na safra passada. A menor competitividade desta cultura em relação à outras mais rentáveis e de menor risco, como soja e milho, explicam essa pequena área cultivada de arroz.



Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Arroz

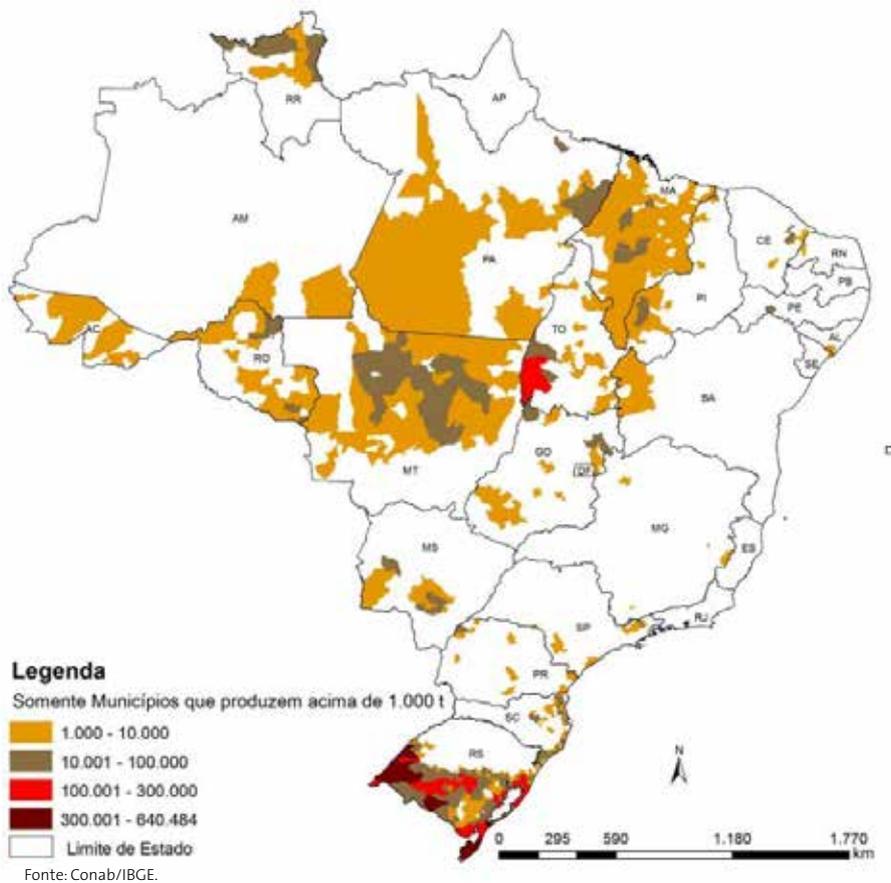
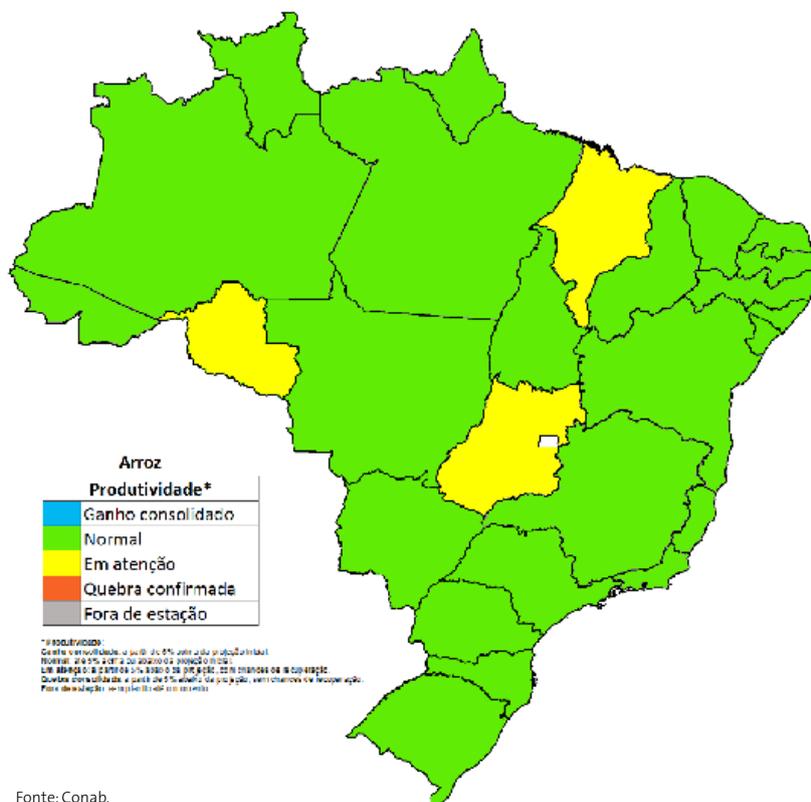


Figura 24 – Mapa da estimativa de produtividade: Arroz (safra 2016/17) – Fevereiro/2016



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Arroz (safra 2016/17).

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	143,1	(7,6)	2.432	2.465	1,4	376,5	352,7	(6,3)
RO	42,6	40,6	(4,8)	3.423	3.000	(12,4)	145,8	121,8	(16,5)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	11,0	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	68,0	68,0	-	2.413	2.452	1,6	164,1	166,7	1,6
TO	35,7	26,4	(26,1)	1.509	1.986	31,6	53,9	52,4	(2,8)
NORDESTE	267,2	239,8	(10,3)	1.147	1.343	17,1	306,5	322,1	5,1
MA	179,7	160,7	(10,6)	1.456	1.335	(8,3)	261,6	214,5	(18,0)
PI	73,2	66,7	(8,9)	476	1.422	198,7	34,8	94,8	172,4
CE	4,7	1,6	(66,0)	648	928	43,2	3,0	1,5	(50,0)
RN	1,0	1,0	-	2.931	2.933	0,1	2,9	2,9	-
PB	0,8	0,8	-	197	872	342,6	0,2	0,7	250,0
BA	7,8	9,0	15,4	510	850	66,7	4,0	7,7	92,5
CENTRO-OESTE	176,5	152,0	(13,9)	3.014	3.115	3,4	532,0	473,6	(11,0)
MT	150,5	137,1	(8,9)	2.861	3.193	11,6	430,6	437,8	1,7
GO	26,0	14,9	(42,7)	3.900	2.400	(38,5)	101,4	35,8	(64,7)
SUDESTE	3,3	2,8	(15,2)	2.221	2.516	13,3	7,3	7,1	(2,7)
MG	1,0	0,7	(30,0)	800	850	6,3	0,8	0,6	(25,0)
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	1,6	1,7	3,6	3.027	3.000	(0,9)	4,8	5,1	6,3
SUL	6,9	5,4	(21,7)	1.920	1.962	2,2	13,2	10,6	(19,7)
PR	6,9	5,4	(21,7)	1.920	1.962	2,2	13,2	10,6	(19,7)
NORTE/NORDESTE	422,0	382,9	(9,3)	1.618	1.762	8,9	683,0	674,8	(1,2)
CENTRO-SUL	186,7	160,2	(14,2)	2.960	3.066	3,6	552,5	491,3	(11,1)
BRASIL	608,7	543,1	(10,8)	2.030	2.147	5,8	1.235,5	1.166,1	(5,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



Tabela 13 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	122,0	10,3	5.799	6.453	11,3	641,3	787,2	22,8
RR	8,6	11,9	38,9	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
PA	4,9	5,1	4,0	4.000	4.102	2,6	19,6	20,9	6,6
TO	97,1	105,0	8,1	5.781	6.505	12,5	561,3	683,0	21,7
NORDESTE	16,1	16,5	2,5	5.405	5.441	0,7	87,2	89,7	2,9
MA	1,8	2,0	10,0	3.700	3.931	6,2	6,7	7,9	17,9
PI	5,9	5,5	(6,8)	4.212	4.405	4,6	24,9	24,2	(2,8)
CE	-	0,6	-	-	5.900	-	-	3,5	-
PE	0,3	0,3	-	4.500	5.467	21,5	1,4	1,6	14,3
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
CENTRO-OESTE	16,0	28,0	75,0	4.753	5.806	22,2	76,0	162,6	113,9
MT	2,0	5,0	150,0	4.000	4.000	-	8,0	20,0	150,0
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.150	26,5	68,0	95,3	40,1
GO	-	7,5	-	-	6.300	-	-	47,3	-
SUDESTE	13,9	13,6	(2,2)	3.399	3.551	4,5	47,3	48,3	2,1
MG	5,5	5,3	(3,6)	2.580	2.740	6,2	14,2	14,5	2,1
SP	8,4	8,3	(0,8)	3.935	4.069	3,4	33,1	33,8	2,1
SUL	1.242,7	1.267,8	2,0	6.853	7.661	11,8	8.515,7	9.712,1	14,0
PR	19,3	19,7	2,1	5.533	7.561	36,7	106,8	149,0	39,5
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.379	3,4	1.052,3	1.087,7	3,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.700	12,6	7.356,6	8.475,4	15,2
NORTE/NORDESTE	126,7	138,5	9,3	5.749	6.332	10,2	728,5	876,9	20,4
CENTRO-SUL	1.272,6	1.309,4	2,9	6.788	7.578	11,6	8.639,0	9.923,0	14,9
BRASIL	1.399,3	1.447,9	3,5	6.694	7.459	11,4	9.367,5	10.799,9	15,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	265,1	(0,1)	3.835	4.300	12,1	1.017,8	1.139,9	12,0
RR	8,6	11,9	38,4	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
RO	42,6	40,6	(4,7)	3.423	3.000	(12,4)	145,8	121,8	(16,5)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	13,3	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	72,9	73,1	0,3	2.520	2.567	1,9	183,7	187,6	2,1
TO	132,8	131,4	(1,1)	4.633	5.597	20,8	615,2	735,4	19,5
NORDESTE	283,3	256,3	(9,5)	1.389	1.607	15,7	393,7	411,8	4,6
MA	181,5	162,7	(10,4)	1.478	1.367	(7,5)	268,3	222,4	(17,1)
PI	79,1	72,2	(8,7)	755	1.649	118,5	59,7	119,0	99,3
CE	4,7	2,2	(53,2)	648	2.284	252,5	3,0	5,0	66,7
RN	1,0	1,0	-	2.931	2.933	0,1	2,9	2,9	-
PB	0,8	0,8	-	197	872	342,6	0,2	0,7	250,0
PE	0,3	0,3	-	4.500	5.467	21,5	1,4	1,6	14,3
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
BA	7,8	9,0	15,4	510	850	66,7	4,0	7,7	92,5
CENTRO-OESTE	192,5	180,0	(6,5)	3.159	3.534	11,9	608,0	636,2	4,6
MT	152,5	142,1	(6,8)	2.876	3.221	12,0	438,6	457,8	4,4
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.150	26,5	68,0	95,3	40,1
GO	26,0	22,4	(13,8)	3.900	3.706	(5,0)	101,4	83,1	(18,0)
SUDESTE	17,2	16,4	(4,7)	3.173	3.374	6,4	54,6	55,4	1,5
MG	6,5	6,0	(7,7)	2.306	2.520	9,3	15,0	15,1	0,7
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	10,0	-	3.790	3.887	2,6	37,9	38,9	2,6
SUL	1.249,6	1.273,2	1,9	6.825	7.636	11,9	8.528,9	9.722,7	14,0
PR	26,2	25,1	(4,2)	4.581	6.356	38,7	120,0	159,6	33,0
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.379	3,4	1.052,3	1.087,7	3,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.700	12,6	7.356,6	8.475,4	15,2
NORTE/NORDESTE	548,7	521,4	(5,0)	2.572	2.976	15,7	1.411,5	1.551,7	9,9
CENTRO-SUL	1.459,3	1.469,6	0,7	6.299	7.086	12,5	9.191,5	10.414,3	13,3
BRASIL	2.008,0	1.991,0	(0,8)	5.280	6.010	13,8	10.603,0	11.966,0	12,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No período comercial 2015/16 consolidado, de março de 2015 até fevereiro de 2016, observa-se um relevante saldo de 858,8 mil toneladas em base casca. Para os onze meses de análise do período comercial 2016/17, março de 2016 a janeiro de 2017, observa-se um saldo negativo de 247,8 mil toneladas. Em janeiro, o Brasil exportou 79,3 mil toneladas de arroz base casca e importou 119,6 mil toneladas. Dentre os principais destinos do produto brasileiro, destacam-se a Serra Leoa, com uma aquisição de 13 mil toneladas de arroz quebrado a um preço médio de comercialização de US\$ 287,35/t e Cuba – com aquisição de 29 mil toneladas de arroz polido a um preço médio de US\$ 540,52/t.

Sobre as compras nacionais de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 55,5 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 417,65/t de arroz polido, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US\$ 557,69/t. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado em sua maioria para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Sobre a Argentina e o Uruguai, nota-se uma expressiva expansão dos volumes importados pelo Brasil em relação ao período 2015/16. Este produto vem sendo direcionado principalmente para São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pernambuco. Na soma de todas as compras no mercado internacional em janeiro de 2017 de 119,6

mil toneladas, o Brasil importou 250,67% a mais do que o registrado em janeiro de 2016, no qual o volume foi de 34,1 mil toneladas.

A previsão para o final da safra 2015/16 é de uma importação de 1.200 mil toneladas e uma exportação de 900 mil toneladas. Para a próxima safra 2016/17, com a recuperação da produção interna, espera-se um equilíbrio na balança comercial do produto.

Acerca do consumo, este é estimado em torno de 11,5 milhões de toneladas em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 12,9% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 12 milhões toneladas. Essa expansão de produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e a consequente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país.

Logo, em meio a todas as variáveis expostas acima, encontra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16, sendo previsto um estoque final de 931,9 milhões de toneladas para a safra 2016/17.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O sexto levantamento de safra, vinculado ao plantio da safra 2016/17, aponta para uma área plantada em 1.108 mil hectares, o que configura incremento de 13,2% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para esta cultura está estimada em 1.276 kg/ha, na média nacional, 18% acima da obtida na última temporada. Com estes resultados de área e produtividade, a produção nacional é estimada em 1.382 mil toneladas, representando acréscimo de 33,6% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. A maioria dos agricultores usa recursos próprios para viabilizar o plantio.

Na Região Sul é esperada incremento na área plantada de 291,1 mil hectares, 7,5% em relação ao ocorrido no exercício anterior, que foi de 270,9 mil hectares, estima-se aumento na produtividade de 12%, saindo de 1.680 kg/ha, para 1.881 kg/ha em relação à safra 2015/16, estimativa de aumento na produção de 547,5 mil toneladas, 20,3% em relação à safra anterior, que foi de 455 mil toneladas.

No Paraná, a área plantada na primeira safra de feijão é de 198 mil hectares, com rendimento de 1.831 kg/ha, ou seja, 16,3% maior do que a safra 2015/16, produção de 362,6 mil toneladas, 26,9% maior que a safra anterior, que ficou em 285,7 mil toneladas. Encontra-se em fase final de colheita o feijão cores primeira safra, visto que a produtividade obtida foi de 1.749kg/ha, ou seja, 9,1% maior que a safra passada. Os primeiros grãos colhidos demonstravam notas altas, porém, com as chuvas contínuas no momento da colheita em alguns setores, a qualidade está sendo prejudicada. Outros fatores que prejudicaram a produtividade foram a estiagem e as altas temperaturas em novembro. O aumento na área plantada foi de 48,1% em relação à safra anterior, uma vez que a área total plantada no estado é de 83.104 hectares. Para o feijão-preto primeira safra, o produto está praticamente todo colhido no estado, uma vez que a produtividade foi de 1.891 kg/ha. A produção é de 217.227 toneladas, mas ainda cabe ajustes nos números. A qualidade do grão é boa,



e o produto segue com preços cerca de 20% superiores aos preços do feijão-carioca.

Em Santa Catarina, as primeiras lavouras semeadas com o feijão-preto primeira safra, foram prejudicadas pelas temperaturas abaixo da média, resultando em plantas menores e com menor potencial produtivo. As lavouras tardias tiveram melhor qualidade, favorecidas por clima mais típico da estação. Baixo volume, frequência e uniformidade de chuvas entre final de janeiro e meados de fevereiro interferiu em parte do potencial produtivo de algumas lavouras, cuja fases de desenvolvimento estavam entre floração e formação de grãos. A colheita alcança em torno de 85% das lavouras. O potencial produtivo, até o momento, gira em torno de 2.200 kg/ha. As primeiras lavouras colhidas apresentaram melhor qualidade dos grãos, pois fora feita sob condições mais enxutas. A colheita, a partir da terceira semana de fevereiro, sob influência de instabilidades em algumas regiões, afetou um pouco a qualidade dos grãos, refletindo no enquadramento destes dentro do tipo comercial. Os preços têm permanecido estáveis durante os últimos dias, depois das baixas ocorridas desde o início de 2017.

O plantio do feijão-carioca primeira safra é efetuada mais tarde devido ao clima mais ameno das regiões produtoras (serrana e meio-oeste). Aliado a isso, as baixas temperaturas ocorridas na maior parte da primavera, atípicas para este período, atrasou a implantação em muitas regiões. A cultura encontra-se em diversos estádios, desde floração até colheita, a qual alcança em torno de 30%. Grãos colhidos no início de fevereiro apresentaram qualidade superior; os colhidos a partir da segunda quinzena foram prejudicados por instabilidades climáticas, resultando em perda de qualidade (cor) e peso (grãos brotados). As altas temperaturas e umidade do ar, ocorridas em meados de fevereiro, podem prejudicar algumas lavouras em floração (abortamento de flores), resultando na queda de potencial produtivo, que hoje situa-se ao redor de 2.200 kg/ha. Os preços apresentaram queda acentuada desde o início do plantio, em outubro de 2016.

Dessa forma, está previsto para esta safra um incremento nas áreas de 11,5% em relação a safra passada, ficando em 51,3 mil hectares. A produtividade média é de 2.200 kg/ha, 17,7% maior que à safra passada. A produção deve ficar em 112,9 mil toneladas, 31,3% maior que a safra 2015/16.

No Rio Grande do Sul está previsto para esta safra uma retração nas áreas de 3,9% em relação à safra passada, ficando em 41,8 mil hectares. A produtividade média é de 1.721 kg/ha, 10,1% inferior à safra passada. A produção deve ficar em 72 mil toneladas, 13,6% menor que a safra 2015/16. Do feijão-preto primeira

safra, resta apenas a colheita das lavouras da região de Caxias do Sul e dos Campos de Cima da Serra, onde o cultivo da leguminosa ocorre, na maioria dos casos, em escala empresarial, nas demais regiões a colheita está concluída, com resultados satisfatórios. O rendimento médio obtido até então, ao redor de 1.720 kg/ha, poderá ainda ser revisado para cima, caso se confirmem as excelentes produtividades esperadas nas áreas ainda por colher. Nas regiões de cultivo tradicional é cada vez menor a área cultivada, destinada basicamente ao suprimento familiar e comercialização de eventuais excedentes. Afirma-se, entretanto, o cultivo de alta tecnologia em áreas da metade norte do estado, com emprego de irrigação e pacotes tecnológicos para altos rendimentos. Já o cultivo do feijão cores primeira safra, está restrito às regiões da Serra e Campos de Cima da Serra, apresenta boas condições de desenvolvimento e potencial produtivo elevado, caso se mantenham as condições de clima favoráveis. Cerca de 5% da área semeada foi colhida, com as demais em fase de frutificação e maturação. As primeiras cargas colhidas apontam para um produto de excelente qualidade e rendimentos ao redor de 2.500 kg/ha.

Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 22,9% da área plantada, com a leguminosa em 248,6 mil hectares, para o exercício 2016/17, impulsionada pelos preços atrativos. Aumento na produtividade de 8,3% em relação à safra de 2015/16 saindo de 1.561 kg/ha para 1.690 kg/ha, incremento também na produção de 33%, saindo de 315,8 na safra 2015/16 para 420 mil toneladas para esta safra. O clima se encontra favorável ao plantio.

Em Minas Gerais, a área semeada na safra atual está estimada em 163,6 mil hectares, superior em 11,6% comparativamente à safra anterior, motivado especialmente pelos bons preços do produto no decorrer de 2016. Com produtividade média de 1.275 kg/ha, praticamente a mesma do ano anterior, com variação negativa de 2,3%, a produção poderá alcançar 208,7 mil toneladas, 9% superior à safra passada. Atualmente as lavouras se encontram em fase adiantada da colheita, predominando a fase final de maturação. A colheita deverá estar concluída em março.

Em São Paulo, o feijão teve forte incremento de área na safra 2016/17 no estado paulista de 61,6%, devido aos preços bastante atrativos junto ao mercado produtor no momento do plantio. Esses preços chegaram nesse patamar devido a quebras na produção em importantes praças produtoras do país, motivados por fatores climáticos (estiagem e geadas). Houve também um expressivo ganho de produtividade de 9,3% devido a excelentes condições climáticas ocorridas durante o desenvolvimento da atual safra 2016/17 bem como, a alta tecnificação do setor, incremento também na



produção de 76,7% em relação à safra anterior, saindo de 117,4 mil toneladas, para 207,4 mil toneladas nesta safra 2016/17. As maiores áreas estão localizadas na região sudoeste de São Paulo (Itaí, Itapeva, Taquaritiba e Capão Bonito).

No Rio de Janeiro a cultura é basicamente plantada por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. As lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo. Está previsto para esta safra um recuo nas áreas de 25% em relação à safra passada, produtividade média de 1.133 kg/ha, 2,3% maior que à safra passada. A produção deve ficar em 700 toneladas.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 ocorrerá a partir de janeiro 2017. Nas áreas de sequeiro a opção dos produtores deverá se fixar no feijão caupi, que é mais resistente, como alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre nesse mês. Com os indícios de normalização do período chuvoso, os produtores aguardam a época das águas para iniciar o plantio. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

Na Bahia se estima que a área de plantio deverá ficar em 226,9 mil hectares, representando uma variação positiva de 19,9% em relação à safra passada, produtividade estimada em 626 kg/ha, incremento de 77,7% em relação à safra 2015/16, aumento também na produção de 142 mil toneladas, incremento de 113,2% em relação à safra anterior. O cultivo de verão do feijão cores ocupa a área de 57 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro, e os plantios irrigados ocorrerão no final de fevereiro, espera-se rendimento de 911 kg/ha (15 sc/ha). A colheita deve ser iniciada em abril, com a estimativa de produção em torno de 54 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 51,9% na produção em relação à safra passada. Cerca de 50% da área cultivada está sob alta restrição hídrica devido à escassez de chuva. Os campos de verão do feijão cores estão distribuídos pelo centro-norte, centro-sul, Vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional. No centro-norte estima-se o cultivo de 6,8 mil hectares em manejo de sequeiro com plantio convencional. As lavouras estão em ambiente de alta restrição hídrica, podendo-se encontrar campos com lavouras perdidas. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 52% em relação à safra passada. Por falta de chuvas, cerca de 8 mil hectares não foram plantados e as áreas plantadas sofrem com a falta de água. Estima-se

o rendimento de 196 kg/ha (3,2 sc/ha) e produção de 1,3 mil toneladas. No centro-sul estima-se o cultivo de 16,8 mil hectares em manejo de sequeiro e irrigado. As lavouras de sequeiro, cultivadas em campo aberto ou em consórcio com o café, estão em ambiente de alta restrição hídrica. A área cultivada na safra atual não sofreu alteração em relação à safra passada. Com o quadro de severidade hídrica estima-se a produtividade média de 373 kg/ha (6,2 sc/ha). No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 7,5 mil hectares em manejo de sequeiro. Em face a intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento na ordem de 360 kg/ha (6 sc/ha) foi reduzida para 180 kg/ha (3 sc/ha), esperando-se uma produção de 1,3 mil toneladas. O quadro climático de restrição hídrica tem levado os produtores a optar pelo plantio de feijão caupi, espécie de feijão mais adaptada às condições de estresse hídrico. No extremo oeste estima-se o cultivo de 26 mil ha, entre cultivos de sequeiro e irrigado, com pivô central. As lavouras de sequeiro sofrerem com o veranico ocorrido e estima-se 20% de redução na produtividade. Os campos irrigados serão cultivados após a colheita da soja. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado estima-se a produtividade de 1.600 kg/ha (26,6 sc/ha). O cultivo de inverno do feijão cores deverá ocupar uma área de 188,9 mil hectares. Os plantios serão realizados a partir de abril, e espera-se o rendimento de 748 kg/ha (12,4 sc/ha). A colheita deve ser iniciada em agosto, com a expectativa de produção em torno de 141,3 mil toneladas. Os campos de inverno de feijão cores estão distribuídos nas áreas do centro-norte e nordeste do estado. Já para o feijão primeira safra, o cultivo de verão do feijão caupi ocupa a área de 169,9 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os plantios irrigados ocorrerão no final de fevereiro, espera-se rendimento de 530 kg/ha. A colheita deve ser iniciada em março, com a expectativa de produção em torno de 90 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 22,3% na área cultivada e aumento de 123,6% na produção em relação à safra passada. O feijão caupi possui maior adaptação à condição de severidade hídrica e resistência a pragas que o feijão cores, e por isso é mais cultivado no semiárido. Os campos de feijão caupi estão distribuídos pelo centro-norte, centro-sul, Vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional. No centro-norte estima-se o cultivo de 10,1 mil hectares em manejo de sequeiro, com plantio convencional. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 52% em relação à safra passada. Com a estiagem iniciada em dezembro cerca de 9 mil hectares não foram plantados e as áreas cultivadas estão sob alta restrição hídrica. Estima-se o rendimento de 282 kg/ha (4,7 sc/ha) e a produção de 2,9 mil toneladas. No centro-sul estima-se o cultivo de 74,6 mil hectares



em manejo de sequeiro. As lavouras foram plantadas em novembro e dezembro, com previsão de colheita para março. Adaptadas às condições de estresse hídrico, as plantas de feijão caupi resistem à severidade do clima. Inicialmente a estimativa de produtividade era de 380 kg/ha (6,3 sc/ha), no entanto, atualmente está estimada uma redução de 30% devido à estiagem. No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 21,1 mil hectares em manejo de sequeiro. Em face a intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento, na ordem de 360 kg/ha (6 sc/ha), foram reduzidas para 270 kg/ha (4,5 sc/ha), esperando-se a produção de 5,7 mil toneladas. No extremo oeste estima-se o cultivo de 64 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro não sofreram com o veranico ocorrido e é possível encontrar campos na fase de enchimento

de grãos. Espera-se que a colheita inicie no final de fevereiro. Os plantios dos campos irrigados serão realizados após a colheita da soja. Estima-se a produtividade de 965 kg/ha (16 sc/ha) e produção de 61,7 mil toneladas.

No Piauí, para o feijão primeira safra, a expectativa é de aumento com relação à safra passada da ordem de 4,5%, com área de 221 mil hectares. A expectativa de aumento da produtividade do feijão é de 236% em relação à safra anterior, totalizando 328 kg/ha, o que se explica pelo péssimo regime climático da safra passada e expectativa de normalidade no regime climático da safra atual, espera-se uma produção de 72,5 mil toneladas, 146,6% maior que a safra 2015/16, que foi de 29,4 mil toneladas.

Figura 25 – Feijão macaçar em frutificação/PI. Fev, 2017



Fonte: Conab

No Maranhão o plantio dessa cultura iniciou em todo o estado, onde nas lavouras que foram plantadas mais antecipadamente no sul do estado encontram-se em fase de maturação (12%) e apenas 3,4% foram colhidas, enquanto a maior parte das lavouras encontram-se no estágio desenvolvimento vegetativo (48%). A área total plantada é de 34,6 mil hectares, com produtividade média igual a 518 kg/ha, com uma produção de 17,9 mil toneladas, o que corresponde a um incremento de 17,3, 10,7 e 29,7%, respectivamente.

Em Tocantins a área de plantio está estimada em 4,8 mil hectares, com produtividade média de 628 kg/ha, 12,4% inferior à safra passada. A produção deve ficar entre 3 mil toneladas. A área plantada constatada neste levantamento teve um incremento de 4,3% da cultura relacionada ao grupo cores e um acréscimo de 17,6% ao caupi, se comparada à safra anterior. A queda

da produtividade, em relação à safra anterior (12,4%), se deve à redução de plantio de feijão cores nas regiões norte e sul do estado, onde se obtiveram produtividades elevadas na safra 2015/16. As lavouras se desenvolveram melhor nesta safra e já apresentam 11,3% de área colhida.

Na Região Centro-Oeste do Brasil se observa incremento de área em 14,9%, produtividade em 3,7% e na produção de 19% em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

Em Goiás neste sexto levantamento, incremento de área e produção, estimados em 57,8 mil hectares de área, com produção em 138,7 mil toneladas. A produtividade média de 2.400 kg/ha permaneceu a mesma da safra 2015/16. Atualmente foram colhidas 100% do



feijão primeira safra semeado nos municípios estudados. Na região leste a estiagem vivenciada durante o último decêndio do mês de dezembro e até o fim da primeira quinzena do mês de janeiro ocorreu durante o final da fase de maturação da cultura. Desta feita, a estiagem pouco influenciou na produtividade esperado pelos agricultores, porém, houve relatos de aumento da frequência de grãos com menor calibre, fato que deprecia comercialmente o grão. Não houve relatos de ataque severos de pragas ou doenças que comprometessem a produtividade esperada nesta presente safra. A produtividade verificada alcançou os patamares planejados pelos agricultores, porém os preços de mercado não foram satisfatórios e a comercialização encontra-se desaquecida. Já na região sudoeste do estado o feijão primeira safra já foi colhido e parte comercializada obtendo nota acima de 8.

No Distrito Federal, a área semeada na primeira safra de feijão, foi praticamente a mesma cultivada na sa-

fra anterior de 12,1 mil hectares. A produtividade média estimada no quinto levantamento de 1.895 kg/ha, continua prevalecendo, sendo inferior ao estimado no quarto levantamento, todavia ainda superior em 27,6% ao registrado na safra passada que foi severamente atacada pelas condições climáticas e ataques da mosca branca. Os atuais índices de produtividade poderão resultar em uma produção de 22,9 mil toneladas, superior em 27,2% à obtida na safra 2015/16. A colheita ultrapassa os 85% sendo considerado o produto de boa qualidade. Os negócios que ocorreram até o momento foram muito bons, graças ao bom movimento de compradores. Alguns produtores já dão por encerrado fevereiro, no entanto, se os compradores pagarem bons preços por saca, muito provavelmente alguns produtores estarão dispostos a vender. A área segregada com feijão primeira safra em cores, preto, corresponde a 90% e 10% respectivamente, nesta primeira safra não se verifica o plantio de feijão caupi.

Figura 26 – Feijão primeira safra irrigado. Brasília/DF – Fev, 2017



Fonte: Conab

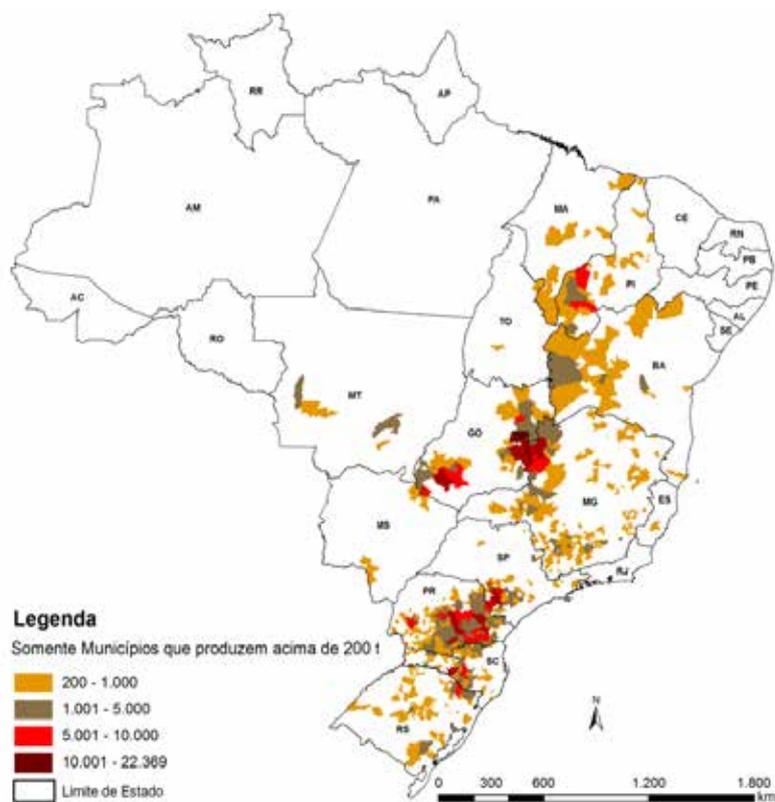
Em Mato Grosso a área plantada de feijão ficou em 10,4 mil hectares, 76,3% maior que a safra passada, incremento de 40,9% na produtividade, saindo de 1.091 kg/ha na safra 2015/16, para 1.538 kg/ha nesta safra, confirmando-se um aumento na produção para 16 mil toneladas, 146,2% maior que a safra passada. A colheita da lavoura de feijão cores primeira safra 2016/17 foi finalizada na primeira quinzena de fevereiro no estado. A produtividade da lavoura registrou 1.998 kg/ha, ante aos 1.872 kg/ha na safra passada, aumento de 6,7% no rendimento. A área da cultura ficou em 4,4 mil hectares, mais que o dobro dos 1,9 mil hectares cultivados no período 2015/16. A partir disso, espera-se produção de 8,79 mil toneladas, volume 144% superior às 3,55 mil toneladas produzidos da safra passada. A colheita do feijão caupi primeira safra também está finalizada. O balanço da safra 2016/17 foi positivo para a cultura, cuja área plantada registrou aumento de 50%, saindo de 4 mil hectares no período 2015/16, para 6 mil hectares no atual. A produtividade também atingiu bons números, com rendimento médio de

1.200 kg/ha, desempenho 66% superior aos 720 kg/ha obtidos na safra anterior. A partir disso, calcula-se que a produção da leguminosa seja 148,3% superior ao período 2015/16, passando de 2,88 mil toneladas para 7,20 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a área plantada no estado na primeira safra não foi significativa como é o normal, estando em torno de 800 hectares, visto que o feijão foi todo colhido, com um rendimento médio de 1.800 kg/ha. Cabe salientar que, nesta cultura poucos produtores adotam um sistema mais tecnificado de cultivo, com o uso de sementes certificadas, fertilizantes em dosagens adequadas e solos corrigidos. A maioria do feijão é cultivado por pequenos produtores da agricultura familiar e assentados, que empregam baixa tecnologia como uso de sementes crioulas, reduzindo o rendimento médio das lavouras. A produção ficou em 1,4 mil toneladas, 27,3% a mais que a safra 2015/16. O produto foi comercializado localmente.

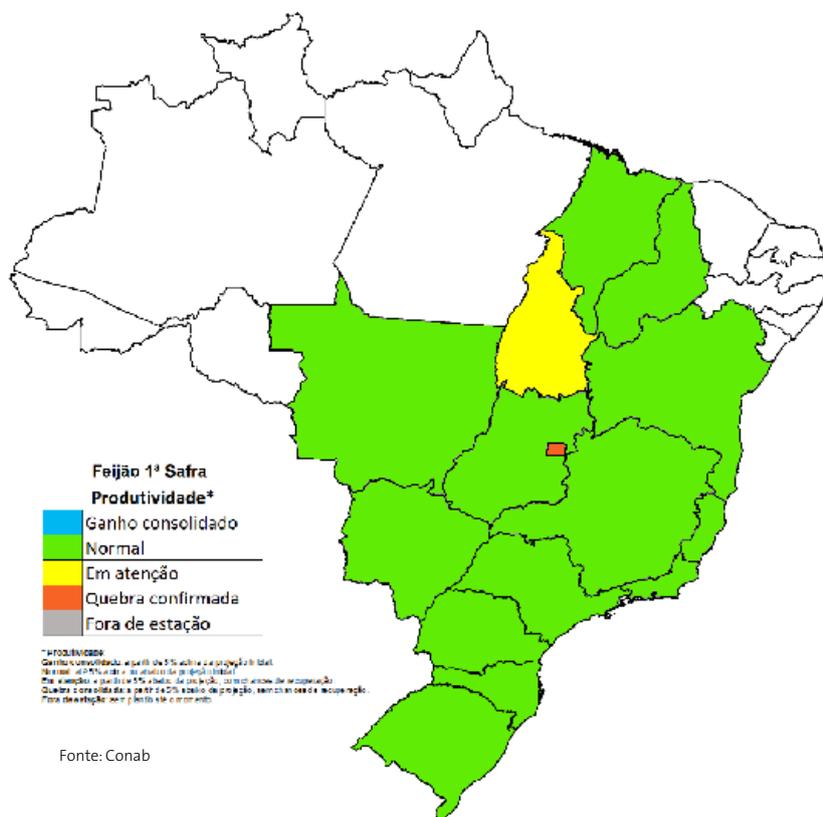


Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 28 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão primeira safra (safra 2016/17) – Fevereiro/2016



Fonte: Conab



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PI	Centro-Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C						
	Norte Mato-grossense		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
	Norte Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
DF	Distrito Federal		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
SP**	Bauru	DV	F	FR	M	C						P	
	Assis	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
	Itapetininga	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
PR	Norte Central Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SC	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,8	4,3	716	628	(12,4)	3,3	3,0	(9,1)
TO	4,6	4,8	4,3	716	628	(12,4)	3,3	3,0	(9,1)
NORDESTE	430,2	482,5	12,2	255	482	88,7	109,8	232,4	111,7
MA	29,5	34,6	17,3	468	518	10,7	13,8	17,9	29,7
PI	211,5	221,0	4,5	139	328	136,0	29,4	72,5	146,6
BA	189,2	226,9	19,9	352	626	77,7	66,6	142,0	113,2
CENTRO-OESTE	70,6	81,1	14,9	2.129	2.208	3,7	150,4	179,0	19,0
MT	5,9	10,4	76,3	1.091	1.538	40,9	6,5	16,0	146,2
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	248,6	22,9	1.561	1.690	8,3	315,8	420,2	33,1
MG	146,6	163,6	11,6	1.306	1.276	(2,3)	191,4	208,7	9,0
ES	4,9	3,6	(26,5)	1.239	940	(24,1)	6,1	3,4	(44,3)
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.133	2,3	0,9	0,7	(22,2)
SP	50,0	80,8	61,6	2.348	2.567	9,3	117,4	207,4	76,7
SUL	270,9	291,1	7,5	1.680	1.881	12,0	455,0	547,5	20,3
PR	181,4	198,0	9,2	1.575	1.831	16,3	285,7	362,6	26,9
SC	46,0	51,3	11,5	1.869	2.200	17,7	86,0	112,9	31,3
RS	43,5	41,8	(3,9)	1.915	1.721	(10,1)	83,3	72,0	(13,6)
NORTE/NORDESTE	434,8	487,3	12,1	260	483	85,7	113,1	235,4	108,1
CENTRO-SUL	543,8	620,8	14,2	1.694	1.847	9,0	921,2	1.146,7	24,5
BRASIL	978,6	1.108,1	13,2	1.057	1.247	18,0	1.034,3	1.382,1	33,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,3	111,4	972	755	(22,3)	4,3	7,0	62,8
MG	1,6	6,9	331,0	570	700	22,8	0,9	4,8	433,3
ES	2,0	1,8	(10,0)	1.239	840	(32,2)	2,5	1,5	(40,0)
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.133	2,3	0,9	0,7	(22,2)
SUL	174,9	166,6	(4,7)	1.618	1.855	14,7	283,0	309,1	9,2
PR	125,3	114,9	(8,3)	1.563	1.891	21,0	195,8	217,3	11,0
SC	16,1	19,9	23,6	1.731	2.200	27,1	27,9	43,8	57,0
RS	33,5	31,8	(5,1)	1.770	1.508	(14,8)	59,3	48,0	(19,1)
CENTRO-SUL	180,5	177,1	(1,9)	1.601	1.797	12,2	289,1	318,3	10,1
BRASIL	180,5	177,1	(1,9)	1.601	1.797	12,2	289,1	318,3	10,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,4	(55,6)	1.252	886	(29,2)	1,1	0,4	(63,6)
TO	0,9	0,4	(54,3)	1.252	886	(29,2)	1,1	0,4	(63,6)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	911	36,0	33,7	51,9	54,0
BA	50,3	57,0	13,3	670	911	36,0	33,7	51,9	54,0
CENTRO-OESTE	65,4	73,9	13,0	2.225	2.296	3,2	145,7	169,6	16,4
MT	1,9	4,4	131,6	1.872	1.998	6,7	3,6	8,8	144,4
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,1	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	225,3	14,2	1.576	1.784	13,2	311,0	401,9	29,2
MG	144,4	142,7	(1,2)	1.316	1.350	2,6	190,0	192,6	1,4
ES	2,9	1,8	(38,0)	1.239	1.040	(16,1)	3,6	1,9	(47,2)
SP	50,0	80,8	61,6	2.348	2.567	9,3	117,4	207,4	76,7
SUL	96,0	124,5	29,7	1.792	1.915	6,9	172,0	238,4	38,6
PR	56,1	83,1	48,1	1.603	1.749	9,1	89,9	145,3	61,6
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	2.200	13,2	58,1	69,1	18,9
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,4	12,1	680	911	33,9	34,8	52,3	50,3
CENTRO-SUL	358,7	423,7	18,1	1.752	1.912	9,1	628,7	809,9	28,8
BRASIL	409,9	481,1	17,4	1.619	1.792	10,7	663,5	862,2	29,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	604	3,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	17,6	586	604	3,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	425,5	12,0	200	424	111,7	76,1	180,4	137,1
MA	29,5	34,6	17,4	468	518	10,7	13,8	17,9	29,7
PI	211,5	221,0	4,5	139	328	136,0	29,4	72,5	146,6
BA	138,9	169,9	22,3	237	530	123,6	32,9	90,0	173,6
CENTRO-OESTE	4,0	6,0	50,0	720	1.200	66,7	2,9	7,2	148,3
MT	4,0	6,0	50,0	720	1.200	66,7	2,9	7,2	148,3
SUDESTE	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
MG	0,6	14,0	2.233,0	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
NORTE/NORDESTE	383,6	429,9	12,1	204	426	108,7	78,3	183,1	133,8
CENTRO-SUL	4,6	20,0	334,8	743	920	23,7	3,4	18,4	441,2
BRASIL	388,2	449,9	15,9	210	448	112,8	81,7	201,5	146,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2016/17, este volume da região é quase 80% da produção total, destacando-se Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Ceará, mesmo ocupando apenas 45,5% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra está estimada para este sexto levantamento em 1,376,2 mil hectares, o que configura um incremento na produtividade de 4,7% em relação à safra passada, incremento de 27,3% em relação à safra anterior, saindo de 696 kg/ha para 886 kg/ha, produção de 1.219,5 mil toneladas, aumento de 33,3% em relação à safra anterior, que foi de 914,6 mil toneladas.

No Paraná, o plantio de feijão cores de segunda safra já está em sua fase final no estado, com a maior parte das lavouras na fase de desenvolvimento vegetativo, visto que a área plantada prevista será de 144.214 hectares, cerca de 10% maior que a safra anterior. De

modo geral, o aumento na área plantada é devido à proibição do plantio de soja safrinha, deixando o produtor com pouca opção para cultivo de segunda safra. Os preços do feijão estão em baixa, e se o clima ocorrer normalmente, sem fenômenos que prejudiquem as lavouras, poderá ocorrer complicadores na cotação de preços quando a colheita iniciar, com o aumento da oferta, haja vista que se acredita em uma boa safra. A produtividade estimada é de 1.772 kg/ha. O plantio de feijão preto de segunda safra já está em sua fase final no estado, com a maior parte das lavouras na fase de desenvolvimento vegetativo, uma vez que a área plantada prevista será de 78.284 ha, cerca de 7% maior que a safra anterior. De modo geral, o aumento na área plantada é de 222,4 mil hectares, 9,1% maior que a safra 2015/16 devido à proibição do plantio de soja safrinha, deixando o produtor com pouca opção para o cultivo de segunda safra. A produtividade estimada é de 1.774 kg/ha, e produção de 394,6 mil toneladas, 31,2% maior que a safra anterior.

Figura 29 - Feijão segunda safra – Pato Branco/PR. Fev, 2017



Fonte: Conab.

No Rio Grande do Sul a redução esperada da área cultivada em segunda safra de feijão-preto está praticamente consolidado, tendo os produtores optado pelo cultivo da soja, de maior apelo comercial e menores riscos. Mantém-se, e até aumentam, as lavouras comerciais nas regiões de Palmeira das Missões, Frederico Westphalen, Ijuí, Passo Fundo e Vacaria, em áreas onde havia milho sob pivôs. As lavouras encontram-se em estágio de desenvolvimento vegetativo, tendo sido praticamente toda já semeada, e as condições iniciais são adequadas ao bom desenvolvimento da cultura, mesmo em condições de sequeiro, com projeção de produtividade semelhante aos anos anteriores, ou seja, em torno de 1.500 kg/ha. Neste sexto levantamento aponta redução de área de 20,9%, ficando em 19,3 mil hectares, incremento na produtividade, passando de 1.588 kg/ha para 1.615 kg/ha, 1,7% maior que a safra 2015/16, com a redução na produção ficando

em 31,2 mil toneladas retração de 19,4% relação à safra anterior, que foi de 38,7%.

No Distrito Federal, na safra anterior, a área semeada com feijão segunda safra era de 900 hectares. Neste levantamento estima-se manutenção dessa área, permanecendo, até o momento, a mesma área cultivada da safra passada. A produtividade média estimada em 2.189 kg/ha é superior à obtida na safra passada, que foi de 1.991 kg/ha, resultando uma produção de 2 mil toneladas, superior em 11,1% à obtida da safra passada. A separação em cores e preto segue a ordem de 90% e 10% respectivamente.

Em Mato Grosso, a área destinada ao cultivo do feijão cores segunda safra deverá ser 60% maior na safra 2016/17, passando de 17 mil hectares na safra 2015/16, para 27,3 mil hectares na atual. A lavoura é semeada



durante fevereiro, mas deve prolongar-se até a primeira semana de março, caso as precipitações pluviométricas se comportem dentro da normalidade. Quanto à produtividade, a perspectiva é de aumento. Calcula-se rendimento médio de 1.758 kg/ha, pouco mais do dobro dos 868 kg/ha obtidos na safra 2015/16. Dessa maneira, a produção da safra 2016/17 de feijão-carioca fica estimada em 48 mil hectares, quantia 226,5% maior do que as 14,7 mil toneladas do período anterior. Quanto ao feijão caupi segunda safra, a expectativa é que o plantio da safra 2016/17 ocorra em março e abril, com relativo atraso devido aos problemas enfrentados na colheita da soja. Assim, inicialmente estima-se a manutenção de área da safra 2015/16 de aproximadamente 170 mil hectares. Com a possibilidade de melhores condições climáticas, a tendência é de recuperação do rendimento, que se estima em 1.288 kg/ha, ante aos 756 kg/ha na safra anterior, variação de 51,3%. Com isso, estima-se produção de 217,7 mil toneladas da cultura, ante aos 127,8 mil toneladas da safra passada.

Em Mato Grosso do Sul a estimativa de área a ser plantada a partir da segunda quinzena de março com a cultura do feijão está estimada em torno de 18 mil hectares, o que representa uma área 28,6% superior à safra anterior. Este aumento é estimado pelo aumento na procura de insumos em alguns municípios produtores, em especial sementes, o que deve ser confirmado no próximo levantamento, quando o plantio terá iniciado. Este aumento de área ocorre com a expectativa por parte dos produtores em que as condições climáticas permanecerão favoráveis à boa produtividade da cultura e também ao fato do mercado para o produto razoável, remunerando assim, os produtores. A produtividade média encontra-se estimada em 1.516 kg/ha, superior em aproximadamente 52,1% em relação à média da safra passada, cujas áreas cultivadas sofreram perdas consideráveis com estiagem na fase inicial da cultura. No estado, a concentração de plantio de feijão é exatamente nesta segunda safra devido ao clima ser mais favorável ao desenvolvimento do feijoeiro, embora as chuvas tendem a diminuir após março, mas ainda são suficientes ao desenvolvimento da planta e com menos possibilidade de ocorrências de doenças fúngicas. Normalmente as lavouras são colhidas num período seco, a partir de junho, numa condição mais favorável, ainda que haja uma redução natural de produtividade devido à menor intensidade de chuvas na fase de enchimento de grãos. Os principais municípios produtores são Sidrolândia, Bonito, Maracaju e Caarapó. Atualmente os preços pagos ao produtor para produtos de boa qualidade, encontram-se dentro da normalidade a saca de 60 quilos, considerando que a oferta tem atendido à demanda, mantendo os preços estáveis e bem abaixo dos valores alcançados em meados de 2016, durante o período

de baixa oferta do produto.

Em Minas Gerais foi identificada tendência de redução de 2,5% da área de plantio de feijão segunda safra, passando dos 118,8 mil hectares plantados na safra 2015/16, para 115,8 mil hectares previstos para a safra atual. A produtividade por sua vez deve sofrer um acréscimo em torno de 6,7%, com um aumento previsto da produção em torno de 4,1%, alcançando 156,4 mil toneladas, frente às 150,3 mil toneladas registradas na safra passada.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-preto segunda safra está praticamente finalizado. Algumas lavouras devem ser semeadas sobre culturas anteriores, principalmente milho silagem e fumo. A estimativa é de redução da área, a qual deve ser destinada ao plantio de soja safrinha, cuja rentabilidade ainda é melhor. O atraso no ciclo do feijão primeira safra também é causa do menor plantio do feijão segunda safra, o qual já deveria ter sido quase que totalmente plantado, buscando reduzir os riscos climáticos (frio precoce em março/abril). Ainda, a queda das cotações do grão dos últimos meses influenciou na decisão de muitos produtores em investir na cultura. As lavouras estão em boas condições sanitárias. Ataques de pragas se restringe a alguns locais, onde ocorreram surtos de vaquinha (*Diabrotica*). Clima é considerado favorável: chuvas ocorrendo em volume e frequência apropriadas, suprimindo grande parte das necessidades da cultura. Até o final de fevereiro em torno de 10% das lavouras encontravam-se em germinação/emergência, e o restante em desenvolvimento vegetativo. A produtividade estimada gira em torno de 1.839 kg/ha. Uso de semente própria deve ser maior devido ao preço da semente e boa qualidade do grão colhido na primeira safra, que, muitas vezes, serve de material propagativo para semeadura subsequente. Os produtores não têm por hábito buscar financiamento para implantação das lavouras, devendo usar recursos próprios ou buscar insumos diretamente nas cooperativas e cerealistas, com posterior quitação dos débitos via entrega de produto na colheita.

Devido aos preços de mercado da primeira safra e o aumento do plantio da soja do tarde (safrinha), principalmente os produtores em Santa Catarina, que acabaram reduzindo a área em relação ao ano passado, do feijão-cores (carioca) de segunda safra. Devido ao atraso na colheita do milho e da soja, o plantio do feijão-carioca da segunda safra, que está localizado na região oeste, foi postergado para início de fevereiro. No momento as lavouras estão 100% plantadas e em sua maioria estão em desenvolvimento vegetativo (70%), seguido por germinação/emergência (30%). A qualidade das lavouras é considerada boa, tanto sanitária quanto fisiológica. Estima-se que a produtivi-



dade possa chegar aos 2.000 kg/ha, dependendo das condições climáticas dos próximos meses.

No Rio de Janeiro, do total das áreas, apenas 20% estão plantadas devido à seca, os restantes, 80%, ainda não houve a semeadura, os produtores estão no aguardo das primeiras chuvas, para darem início ao plantio.

No Maranhão o plantio não iniciou. A área total a ser plantada é de 56,8 mil hectares, com produtividade média igual a 526 kg/ha, com uma produção de 29,9 mil toneladas.

Em Pernambuco devida à ausência e à má distribuição de chuvas no início do mês, na maioria dos municípios pernambucanos, não foi possível preparar a terra, arar e plantar. Somente tendo sido plantado cerca de 18% da área em relação à safra anterior. Os produtores que ainda aguardam melhores condições climáticas para iniciar o plantio será com os grãos armazenados pelo agricultor, pois para o feijão, até o momento não foi confirmada a distribuição das sementes pelo estado. E devido à maior resistência às condições de seca e adaptabilidade, o *Vigna unguiculata*, feijão-de-macaçar, tem sido cultivado expressivamente na região em relação ao *Phaseolus vulgaris*, feijão-cores.

Na Paraíba, nas últimas cinco safras a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na safra passada foram plantados 23.951 hectares de feijão-cores, que pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra são estimados o plantio de 25.775 hectares de feijão-cores, com produtividade de 323 kg/ha. O feijão macaçar, nas últimas cinco safras a cultura do feijão macaçar (*vigna*) foi prejudicada pela falta de chuvas. Em um passado próximo, a área plantada chegava a 170.000 hectares. Na safra passada foram plantados 61.134 hectares, que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra são estimados o plantio de 67.168 hectares de feijão-macaçar, com produtividade de 250 kg/ha. Já o feijão-preto a cultura é explorada em poucos municípios. Na safra passada foram plantadas 1.676 hectares de feijão-preto, que pela insuficiência de chuvas teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra não existe perspectiva de crescimento da área, sendo estimado a repetição do plantio da safra anterior que foi de 1.676 hectares de feijão-preto, com produtividade de 270 kg/ha.

Em Tocantins, a área a ser cultivada com feijão na se-

gunda safra permanece praticamente inalterada. Até o momento há a indicação de um pequeno aumento na área cultivada com feijão caupi e uma pequena queda na área cultivada com feijão cores.

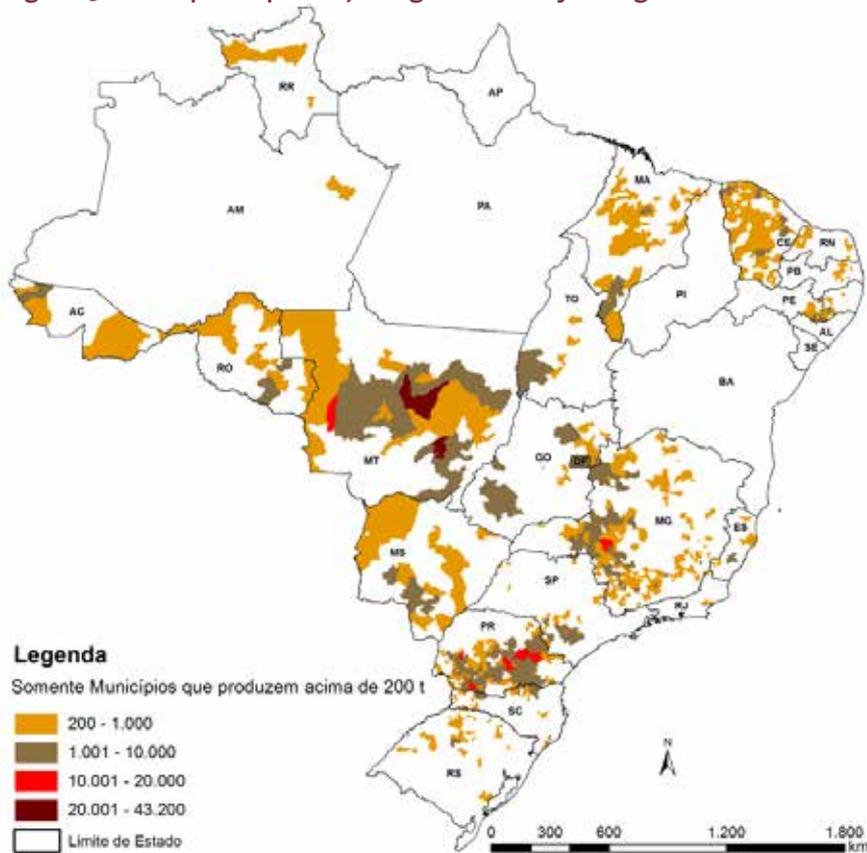
Em Roraima, o feijão caupi, tem a área apurada na reunião na do Gecea em 25 de novembro de 2016, em 2.434 hectares, com queda de produtividade de 731 para 650 kg/ha. Essa queda no rendimento pode ser atribuída a limitações no acesso a tecnologias de produção, considerando que quase a totalidade do feijão caupi é produzido pela agricultura familiar.

Em Rondônia é plantado o feijão de segunda safra. O início do seu plantio normalmente se dá com a redução das chuvas, que ocorre normalmente em fins de março. Em anos anteriores, o governo do estado, através da Emater, fazia entrega de sementes selecionadas aos pequenos produtores, o que era um incentivo e fazia a produção existente. Como isso não está mais acontecendo, grande parte dos produtores deixaram de plantar esse grão. Essa cultura é totalmente diferenciada das demais. Os seus produtores e todos os de pequenas propriedades, sofriam muito no momento de sua comercialização. Como se trata de um grão que precisa ser comercializado logo após a sua colheita e muitas vezes em anos anteriores, isso não acontecia, fazendo dela uma cultura de risco para eles. Em Rondônia é plantado o feijão carioca (anão cores), também conhecido como pitoco, que representa em torno de 95% de sua produção total. Essa variedade é que mais se adapta no estado, pois a maior parte dele é plantado em pequenas áreas e entre as lavouras de café, é uma variedade que possui uma estatura baixa e de fácil manejo na hora da colheita, que é toda manual. As demais variedades que representam em torno de 5% da produção total e estão distribuídos entre o jalo, rosinha, preto e caupi/macaçar. Essas lavouras ainda não iniciaram suas plantações.

No Amazonas o feijão é uma cultura praticada em pequena escala, embora desenvolvida em todo estado, por pequenos produtores da agricultura familiar, cultivando apenas para sua subsistência. Nesta safra foram plantados 2.8 mil hectares, retração de 31,7% em relação à safra passada, retração também na produtividade de 3,5%, obtendo uma média de 895 kg/ha, com redução na produção de 34,2%, estimada em 2,5 mil toneladas. O plantio em terra firme é realizado de abril a junho e a colheita de julho a agosto. Já para a várzea, o plantio se dá em agosto, setembro e outubro, com colheita de novembro a janeiro.

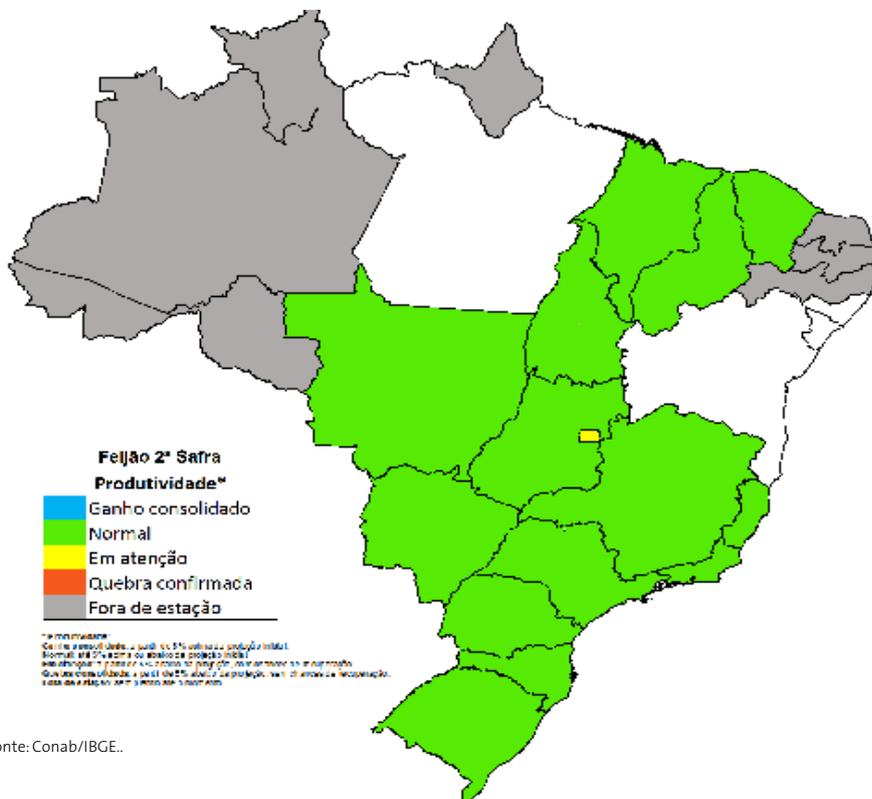


Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 31 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão segunda safra (safra 2016/17) – Fevereiro/2017



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense							P	DV	F	FR	M/C	C
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Zona da Mata						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
ES	Central Espírito						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Oeste Paranaense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	F	FR/M	C			
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Norte Catarinense					P/G	DV	F	FR/M	C			
	Sul Catarinense					P/G	DV	F	FR/M	C			
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	DV/F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	47,1	45,6	(3,2)	846	817	(3,5)	39,9	37,3	(6,5)
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	601	0,9	4,6	4,6	-
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	10,5	10,6	1,0	1.009	959	(5,0)	10,6	10,2	(3,8)
NORDESTE	650,0	692,7	6,6	177	277	55,9	115,2	191,6	66,3
MA	47,6	56,8	19,3	536	526	(1,9)	25,5	29,9	17,3
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	371,1	396,8	6,9	155	239	54,4	57,4	94,9	65,3
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	94,6	9,0	143	270	88,5	12,4	25,6	106,5
PE	111,6	111,6	-	107	272	154,9	11,9	30,3	154,6
CENTRO-OESTE	230,4	242,7	5,3	879	1.419	61,5	202,6	344,5	70,0
MT	186,0	196,3	5,5	766	1.353	76,6	142,5	265,7	86,5
MS	14,0	18,0	28,6	997	1.516	52,1	14,0	27,3	95,0
GO	29,5	27,5	(6,8)	1.500	1.800	20,0	44,3	49,5	11,7
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.189	9,9	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	140,8	138,2	(1,8)	1.316	1.390	5,6	185,4	192,2	3,7
MG	118,8	115,8	(2,5)	1.265	1.350	6,7	150,3	156,4	4,1
ES	5,7	5,9	3,5	870	953	9,5	5,0	5,6	12,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	978	7,9	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	245,6	257,0	4,6	1.513	1.766	16,7	371,5	453,9	22,2
PR	203,8	222,4	9,1	1.476	1.774	20,2	300,8	394,6	31,2
SC	17,4	15,3	(12,1)	1.841	1.839	(0,1)	32,0	28,1	(12,2)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.615	1,7	38,7	31,2	(19,4)
NORTE/NORDESTE	697,1	738,3	5,9	223	310	39,2	155,1	228,9	47,6
CENTRO-SUL	616,8	637,9	3,4	1.231	1.553	26,1	759,5	990,6	30,4
BRASIL	1.313,9	1.376,2	4,7	696	886	27,3	914,6	1.219,5	33,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
PB	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	11,1	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	5,7	7,5	828	876	5,8	4,4	5,0	13,6
MG	2,0	2,0	-	740	800	8,1	1,5	1,6	6,7
ES	2,3	2,5	10,0	870	888	2,1	2,0	2,2	10,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	978	7,9	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	109,9	(0,9)	1.547	1.752	13,3	171,5	192,5	12,2
PR	73,0	78,3	7,2	1.486	1.778	19,7	108,5	139,2	28,3
SC	13,5	12,3	(9,2)	1.800	1.800	-	24,3	22,1	(9,1)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.615	1,7	38,7	31,2	(19,4)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-SUL	116,3	115,7	(0,5)	1.514	1.709	12,9	176,1	197,7	12,3
BRASIL	118,0	117,4	(0,5)	1.494	1.688	13,0	176,3	198,2	12,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	38,4	34,8	(9,4)	881	878	(0,4)	33,9	30,5	(10,0)
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	590	(0,8)	4,6	3,3	(28,3)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AP	1,3	1,4	11,5	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	4,5	4,2	(6,7)	1.457	1.500	3,0	6,6	6,3	(4,5)
NORDESTE	34,7	36,5	5,2	193	317	64,7	6,6	11,5	74,2
CE	4,6	4,6	0,3	377	243	(35,5)	1,7	1,1	(35,3)
PB	24,0	25,8	7,6	177	323	82,5	4,2	8,3	97,6
PE	6,1	6,1	-	116	350	201,7	0,7	2,1	200,0
CENTRO-OESTE	61,3	73,6	20,1	1.216	1.719	41,4	74,6	126,6	69,7
MT	17,0	27,3	60,3	868	1.758	102,7	14,7	48,0	226,5
MS	14,0	18,0	28,6	997	1.516	52,1	14,0	27,3	95,0
GO	29,5	27,5	(6,8)	1.500	1.800	20,0	44,3	49,5	11,7
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,6	1,8	12,5
SUDESTE	135,5	132,5	(2,2)	1.335	1.412	5,8	181,0	187,2	3,4
MG	116,8	113,8	(2,6)	1.274	1.360	6,8	148,8	154,8	4,0
ES	3,4	3,4	-	870	1.000	14,9	3,0	3,4	13,3
SP	15,3	15,3	-	1.907	1.893	(0,7)	29,2	29,0	(0,7)
SUL	134,7	147,1	9,2	1.485	1.777	19,7	200,0	261,3	30,7
PR	130,8	144,1	10,2	1.470	1.772	20,5	192,3	255,3	32,8
SC	3,9	3,0	(23,1)	1.982	2.000	0,9	7,7	6,0	(22,1)
NORTE/NORDESTE	73,1	71,3	(2,5)	554	591	6,6	40,5	42,0	3,7
CENTRO-SUL	331,5	353,2	6,5	1.374	1.628	18,5	455,6	575,1	26,2
BRASIL	404,6	424,5	4,9	1.226	1.454	18,6	496,1	617,1	24,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	10,8	24,1	691	619	(10,4)	6,0	6,8	13,3
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	6,4	6,9	673	604	(10,3)	4,0	3,9	(2,5)
NORDESTE	613,6	654,5	6,7	177	274	55,2	108,4	179,5	65,6
MA	47,6	56,8	19,4	536	526	(1,9)	25,5	29,9	17,3
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	366,5	392,2	7,0	152	239	57,2	55,7	93,7	68,2
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	61,1	67,1	9,9	131	250	90,8	8,0	16,8	110,0
PE	105,5	105,5	-	106	267	151,9	11,2	28,2	151,8
CENTRO-OESTE	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
MT	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
NORTE/NORDESTE	622,3	665,3	6,9	184	280	52,2	114,4	186,3	62,8
CENTRO-SUL	169,0	169,0	-	756	1.288	70,4	127,8	217,7	70,3
BRASIL	791,3	834,3	5,4	306	484	58,2	242,2	404,0	66,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior de 545 mil hectares, e aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras an-

teriores. Apontando uma produtividade de 1.234 kg/ha e produção de 672,6 mil toneladas, incremento de 19,2% e 19,1%, respectivamente, em relação à safra passada.

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

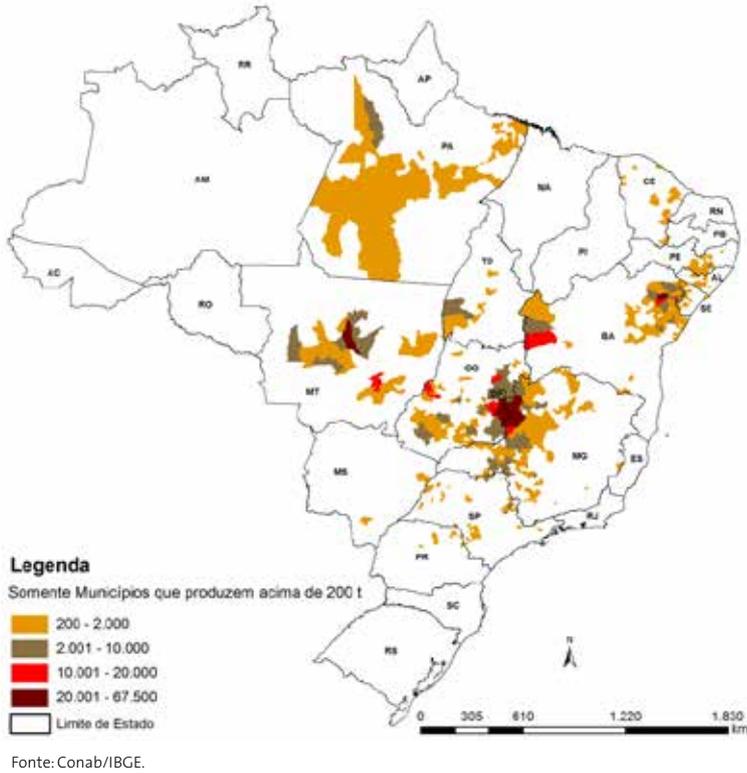


Figura 33 – Mapa da estimativa de produtividade: Feijão terceira safra (safra 2016/17) – Fevereiro/2017

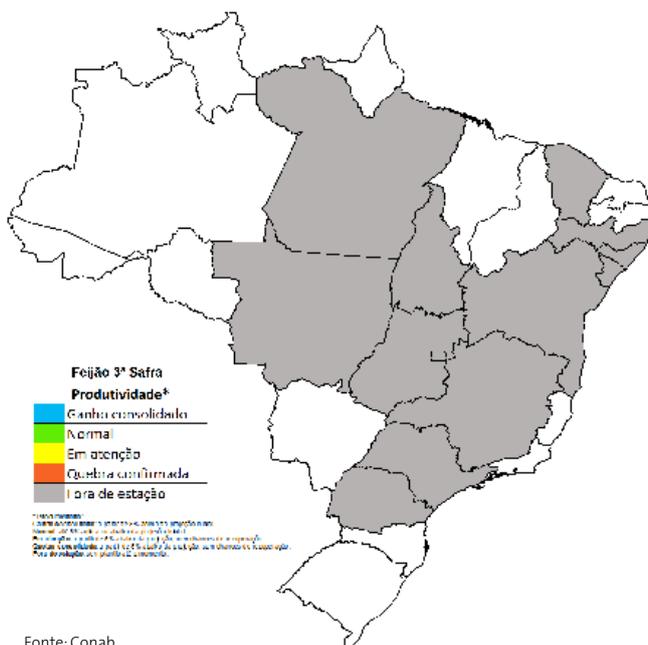


Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,9	39,9	-	849	838	(1,3)	33,9	33,5	(1,2)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	7,0	7,0	-	1.440	1.383	(3,9)	10,1	9,7	(4,0)
NORDESTE	332,7	332,7	-	341	618	81,4	113,4	205,5	81,2
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	85,5	85,5	-	370	348	(5,9)	31,6	29,7	(6,0)
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	199,5	199,5	-	355	735	106,9	70,9	146,6	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	85,8	-	2.403	2.505	4,3	206,2	215,0	4,3
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	64,9
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	372,6	372,6	-	395	642	62,4	147,3	239,0	62,3
CENTRO-SUL	172,4	172,4	-	2.420	2.515	3,9	417,3	433,6	3,9
BRASIL	545,0	545,0	-	1.036	1.234	19,2	564,6	672,6	19,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Carioca

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	8,7	-	818	822	0,5	7,1	7,1	-
PA	7,9	7,9	-	651	700	7,5	5,1	5,5	7,8
TO	0,8	0,8	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	(20,0)
NORDESTE	296,6	296,6	-	343	637	85,5	101,8	188,7	85,4
PE	71,7	71,7	-	386	360	(6,7)	27,7	25,8	(6,9)
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	188,9	188,9	-	354	748	111,3	66,9	141,3	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	85,3	-	2.408	2.508	4,1	205,5	213,9	4,1
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	66,0
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
PR	4,5	4,5	-	460	950	106,5	2,1	4,3	104,8
NORTE/NORDESTE	305,3	305,3	-	357	642	80,0	108,9	195,8	79,8
CENTRO-SUL	171,9	171,9	-	2.423	2.516	3,9	416,6	432,5	3,8
BRASIL	477,2	477,2	-	1.101	1.317	19,6	525,5	628,3	19,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
BRASIL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	31,2	31,2	-	857	842	(1,8)	26,8	26,3	(1,9)
PA	25,0	25,0	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	(2,7)
TO	6,2	6,2	-	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,1	-
NORDESTE	36,1	36,1	-	322	467	45,1	11,6	16,8	44,8
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	13,8	13,8	-	284	285	0,4	3,9	3,9	-
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	10,6	10,6	-	377	500	32,6	4,0	5,3	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	67,3	67,3	-	570	641	12,4	38,4	43,1	12,2
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	67,6	67,6	-	572	645	12,7	38,7	43,6	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para esse sexto acompanhamento, que a área total de feijão terá incremento de 3.029,2 mil hectares, 6,8% maior em relação à safra passada. A produção nacional de feijão

deverá ficar em 3.274 mil toneladas e 30,3% maior que a última temporada. As previsões destas três safras ainda são passíveis de alterações nos próximos levantamentos.



Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

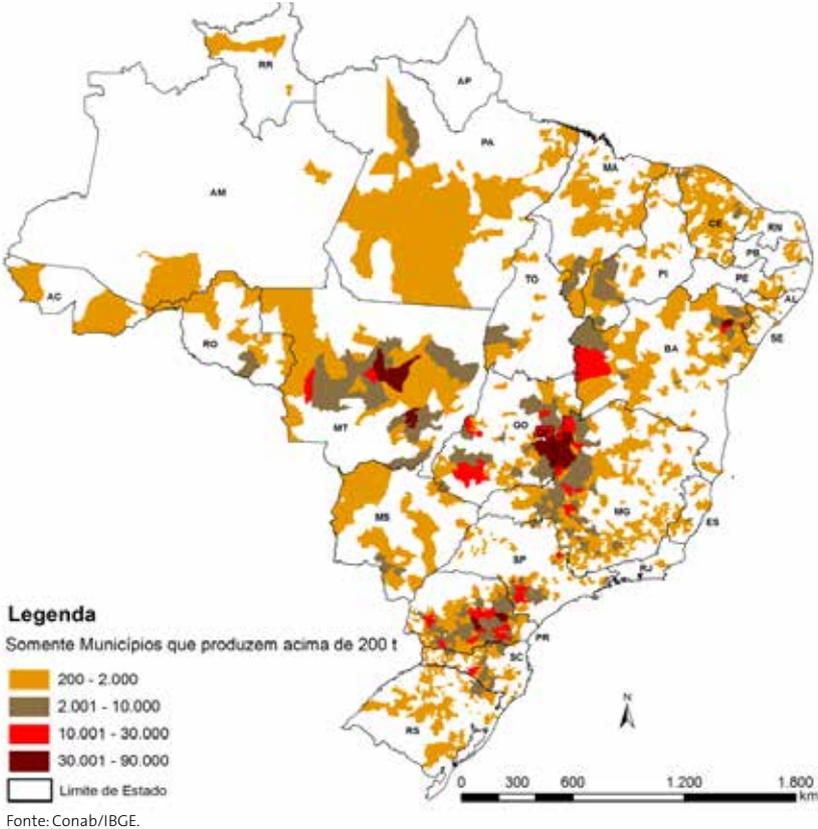


Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	90,3	(1,4)	841	816	(2,9)	77,1	73,8	(4,3)
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	601	0,9	4,6	4,6	-
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	32,9	32,9	-	723	722	(0,2)	23,8	23,8	-
TO	22,1	22,4	1,4	1.084	1.021	(5,9)	24,0	22,9	(4,6)
NORDESTE	1.412,9	1.507,9	6,7	240	418	74,3	338,4	629,5	86,0
MA	77,1	91,4	18,5	510	523	2,5	39,3	47,8	21,6
PI	214,5	224,0	4,4	145	332	129,4	31,0	74,3	139,7
CE	375,8	401,5	6,8	155	248	59,6	58,4	99,7	70,7
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	86,8	94,6	9,0	143	270	88,5	12,4	25,6	106,5
PE	197,1	197,1	-	221	305	38,1	43,5	60,0	37,9
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	388,7	426,4	9,7	354	677	91,3	137,5	288,6	109,9
CENTRO-OESTE	386,8	409,6	5,9	1.445	1.803	24,8	558,8	738,4	32,1
MT	233,4	248,2	6,3	1.003	1.486	48,2	234,0	368,9	57,6
MS	14,6	18,8	28,8	1.030	1.528	48,4	15,0	28,7	91,3
GO	122,7	126,5	3,1	2.318	2.423	4,5	284,4	306,5	7,8
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.129	34,6	25,4	34,3	35,0
SUDESTE	425,2	468,9	10,3	1.670	1.763	5,6	710,1	826,7	16,4
MG	334,5	348,5	4,2	1.555	1.572	1,1	520,0	547,9	5,4
ES	10,6	9,5	(10,4)	1.041	948	(8,9)	11,0	9,0	(18,2)
RJ	1,8	1,8	-	995	1.030	3,4	1,8	1,9	5,6
SP	78,3	109,1	39,3	2.264	2.455	8,4	177,3	267,9	51,1
SUL	521,0	552,6	6,1	1.590	1.820	14,4	828,5	1.005,6	21,4
PR	389,7	424,9	9,0	1.510	1.792	18,7	588,5	761,5	29,4
SC	63,4	66,6	5,0	1.862	2.117	13,7	118,0	141,0	19,5
RS	67,9	61,1	(10,0)	1.797	1.688	(6,1)	122,0	103,1	(15,5)
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.598,2	6,2	276	440	59,3	415,5	703,3	69,3
CENTRO-SUL	1.333,0	1.431,1	7,4	1.574	1.796	14,1	2.097,4	2.570,7	22,6
BRASIL	2.837,5	3.029,3	6,8	886	1.081	22,0	2.512,9	3.274,0	30,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
PB	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
SUDESTE	9,7	15,0	54,6	893	801	(10,3)	8,7	12,0	37,9
MG	3,6	8,9	147,2	664	722	8,7	2,4	6,4	166,7
ES	4,3	4,3	-	1.042	868	(16,7)	4,5	3,7	(17,8)
RJ	1,8	1,8	-	995	1.030	3,4	1,8	1,9	5,6
SUL	285,8	276,5	(3,3)	1.590	1.814	14,1	454,5	501,5	10,3
PR	198,3	193,2	(2,6)	1.534	1.845	20,3	304,3	356,5	17,2
SC	29,6	32,2	8,8	1.762	2.047	16,2	52,2	65,9	26,2
RS	57,9	51,1	(11,7)	1.693	1.548	(8,6)	98,0	79,1	(19,3)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,7	-	112	270	141,1	0,2	0,5	150,0
CENTRO-SUL	297,0	293,0	(1,3)	1.567	1.763	12,5	465,5	516,5	11,0
BRASIL	298,7	294,7	(1,3)	1.559	1.754	12,5	465,7	517,0	11,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão carioca total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,0	43,9	(8,5)	877	867	(1,1)	42,1	38,0	(9,7)
RR	20,8	20,8	-	856	838	(2,1)	17,8	17,4	(2,2)
RO	7,7	5,6	(27,3)	595	590	(0,8)	4,6	3,3	(28,3)
AC	4,1	2,8	(31,7)	927	895	(3,5)	3,8	2,5	(34,2)
AM	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
AP	7,9	7,9	-	651	700	7,5	5,1	5,5	7,8
PA	6,2	5,4	(12,9)	1.558	1.533	(1,6)	9,7	8,3	(14,4)
TO	381,6	390,1	2,2	373	647	73,6	142,1	252,1	77,4
NORDESTE	4,6	4,6	-	377	243	(35,5)	1,7	1,1	(35,3)
PB	24,0	25,8	7,5	177	323	82,5	4,2	8,3	97,6
PE	77,8	77,8	-	365	359	(1,5)	28,4	27,9	(1,8)
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	239,2	245,9	2,8	420	786	86,9	100,6	193,2	92,0
CENTRO-OESTE	212,0	232,8	9,8	2.008	2.191	9,1	425,6	510,1	19,9
MT	60,4	73,2	21,2	1.712	1.968	15,0	103,4	144,1	39,4
MS	14,6	18,8	28,8	1.030	1.528	48,4	15,0	28,7	91,3
GO	122,7	126,5	3,1	2.318	2.423	4,5	284,4	306,5	7,8
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.153	35,1	22,8	30,8	35,1
SUDESTE	414,9	439,9	6,0	1.689	1.826	8,1	701,0	803,5	14,6
MG	330,3	325,6	(1,4)	1.566	1.629	4,0	517,1	530,3	2,6
ES	6,3	5,2	(17,5)	1.040	1.014	(2,5)	6,6	5,3	(19,7)
SP	78,3	109,1	39,3	2.264	2.455	8,4	177,3	267,9	51,1
SUL	235,2	276,1	17,4	1.591	1.826	14,8	374,2	504,1	34,7
PR	191,4	231,7	21,1	1.485	1.748	17,7	284,3	405,0	42,5
SC	33,8	34,4	1,8	1.948	2.183	12,0	65,9	75,1	14,0
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	429,6	434,0	1,0	429	669	56,0	184,2	290,1	57,5
CENTRO-SUL	862,1	948,8	10,1	1.741	1.916	10,0	1.500,8	1.817,7	21,1
BRASIL	1.291,7	1.382,8	7,1	1.304	1.524	16,9	1.685,0	2.107,8	25,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	46,4	6,4	801	768	(4,2)	35,0	35,7	2,0
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
PA	25,0	25,0	-	746	729	(2,3)	18,7	18,2	(2,7)
TO	15,9	17,0	6,9	900	858	(4,7)	14,3	14,6	2,1
NORDESTE	1.029,6	1.116,1	8,4	191	338	77,2	196,1	376,7	92,1
MA	77,1	91,4	18,5	510	523	2,5	39,3	47,8	21,6
PI	214,5	224,0	4,4	145	332	129,4	31,0	74,3	139,7
CE	371,2	396,9	6,9	153	248	62,5	56,7	98,5	73,7
RN	29,9	29,9	-	213	304	42,7	6,4	9,1	42,2
PB	61,1	67,1	9,8	131	250	90,8	8,0	16,8	110,0
PE	119,3	119,3	-	127	269	112,6	15,1	32,1	112,6
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	149,5	180,5	20,7	247	528	113,9	36,9	95,3	158,3
CENTRO-OESTE	173,3	175,3	1,2	756	1.285	70,1	130,9	225,4	72,2
MT	173,0	175,0	1,2	755	1.285	70,2	130,6	224,9	72,2
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
MG	0,6	14,0	2.233,3	900	800	(11,1)	0,5	11,2	2.140,0
NORTE/NORDESTE	1.073,2	1.162,5	8,3	215	355	64,8	231,1	412,4	78,5
CENTRO-SUL	173,9	189,3	8,9	756	1.249	65,3	131,4	236,6	80,1
BRASIL	1.247,1	1.351,8	8,4	291	480	65,1	362,5	649,0	79,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

O mercado segue firme, principalmente para os melhores tipos (cor nota 8,5 para cima), que estão bastante escassos. Os melhores tipos devem continuar em falta e a situação deles somente deverá ser normalizada a partir da intensificação da colheita da segunda safra, a partir de abril.

As origens do produto ofertado são, em sua maioria, provenientes de Minas Gerais, Paraná, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, visto que os lotes remanescentes da safra paulista apresentam um volume considerável de grãos mais escuros com cor nota 7/7,5, e são raros os compradores que se interessam por este tipo de mercadoria.

No Sul do país cerca de 60% da produção oriunda da primeira safra foram comercializados. O plantio da segunda safra está sendo concluído e as lavouras se encontram, na sua maioria, em desenvolvimento vegetativo e um pequeno percentual em início de floração. Apesar do aumento da área registrado na primeira safra desta temporada, 2016/17, e da maior produção, os preços recebidos pelos produtores se encontram bem remuneradores. Cabe alertar que o consumo apresentou uma forte queda em 2016 devido aos elevados preços praticados no mercado, e a sua recuperação é lenta, mas provavelmente a partir de março tende a melhorar com o término das férias escolares.

Contudo, nessa primeira semana de março a oferta foi bastante restrita e os preços apresentaram um significativo aumento. Com isso, na outra ponta, os

negócios travaram devido à dificuldade dos comerciantes em repassar a referida alta para os empacotadores em várias regiões do país.

Assim, os compradores aguardam o incremento da oferta de feijão novo, escasso no mercado, acreditando que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática, e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é que os preços recuem ou fiquem, na melhor das hipóteses, nos atuais patamares, com melhoria na qualidade do grão.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história devido ao elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma pequena recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,3 milhões de toneladas.

Dessa forma prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira safra, apurada no levantamento de campo realizado em fevereiro de 2017, pela Conab, mais as previsões para a segunda e terceira safras, totalizarão 3,27 milhões de toneladas, que somadas ao estoque de passagem e às importações projetadas em 200 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3,66 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 240 mil toneladas.



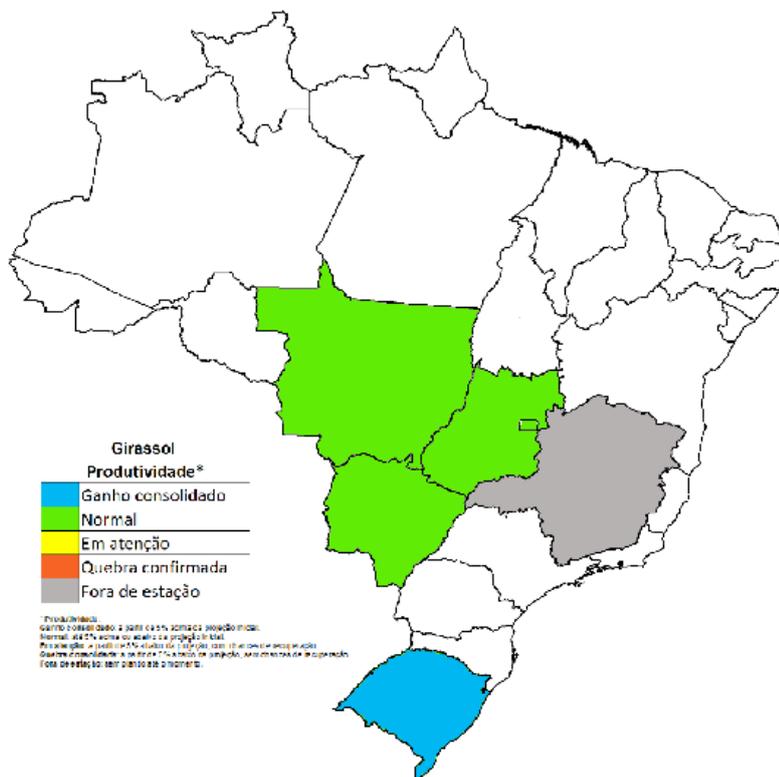
9.1.5. GIRASSOL

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 36 – Mapa da estimativa de produtividade: Girassol (safra 2016/17) – Janeiro/2017



Fonte: Conab



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	40,8	(1,0)	1.261	1.418	12,5	52,0	57,8	11,2
MT	25,6	29,4	14,8	1.390	1.426	2,6	35,6	41,9	17,7
MS	1,3	1,3	-	1.236	1.575	27,4	1,6	2,0	25,0
GO	14,0	9,5	(32,1)	1.000	1.302	30,2	14,0	12,4	(11,4)
DF	0,3	0,6	100,0	2.500	2.500	-	0,8	1,5	87,5
SUDESTE	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
MG	7,0	7,0	-	952	1.326	39,3	6,7	9,3	38,8
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	51,1	(0,8)	1.224	1.419	15,9	63,1	72,5	14,9
BRASIL	51,5	51,1	(0,8)	1.224	1.419	15,9	63,1	72,5	14,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 de mamona é de recuo de área plantada, alcançando 28,3 mil hectares, que representa decréscimo de 11% em relação à safra passada, que foi de 31,8 mil hectares, retração também na produção de 10,1%, saindo de 14,8 mil toneladas da safra passada, para 13,3 mil toneladas nesta safra. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada.

Na Bahia, o cultivo de mamona ocupa a área de 21,1 mil hectares. Nesta safra 4 mil hectares são plantas

em áreas remanescentes da safra passada e 16,3 mil hectares são de plantio novo. O plantio das novas áreas foi finalizado em dezembro e o início da colheita está previsto para junho, e se estima que sejam produzidas 10,1 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam acréscimo 0,5% na área cultivada e redução de 21,1% na produção. A severidade do clima, com prolongada estiagem, comprometeu o desenvolvimento das plantas de mamona. Desde a safra 2007/08, com o cultivo de 123 mil hectares, a Bahia tem redução da área cultivada ano após ano, caracterizando o declínio da cultura da mamona. Os plantios se concentram no centro-norte.

Figura 37 – Plantas de mamona em Irecê – Ba



Fonte: Conab

Em Minas Gerais, concentrada na região Norte de Minas, a área de plantio de mamona está estimada em 200 hectares em face dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante às dificuldades de mercado. As adversidades climáticas,

ocorridas nas últimas safras, vêm inviabilizando o cultivo desta oleaginosa. Com produtividade média 900 kg/ha, 1% menor que a safra passada, a produção poderá alcançar 200 toneladas.



Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Mamona

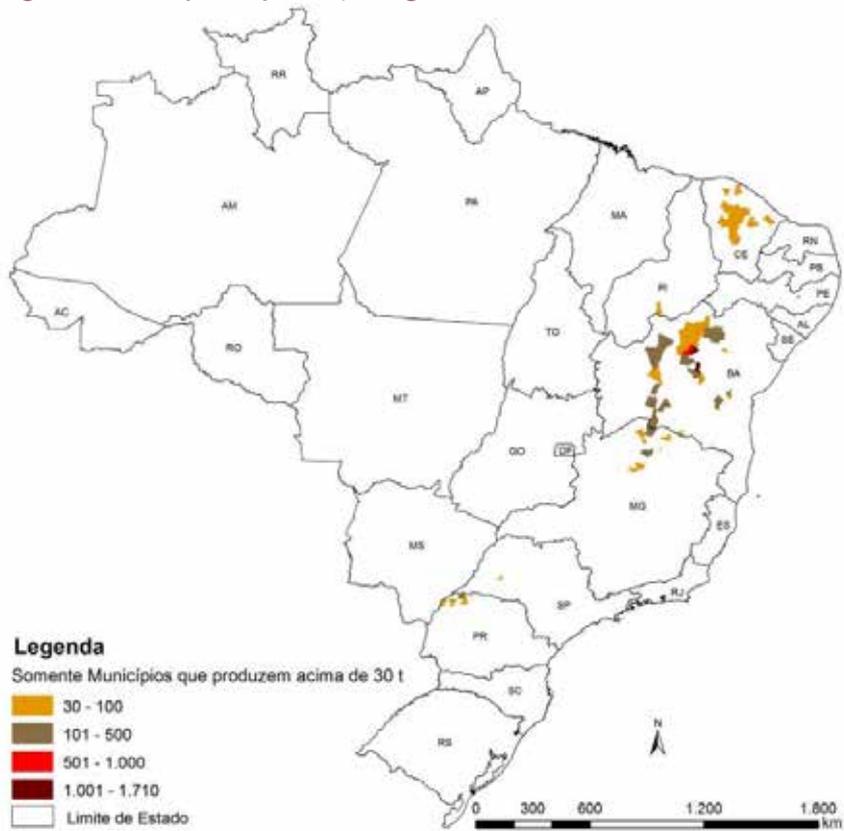


Figura 39 – Mapa da estimativa de produtividade: Mamona (safra 2016/17) – Fevereiro/2017

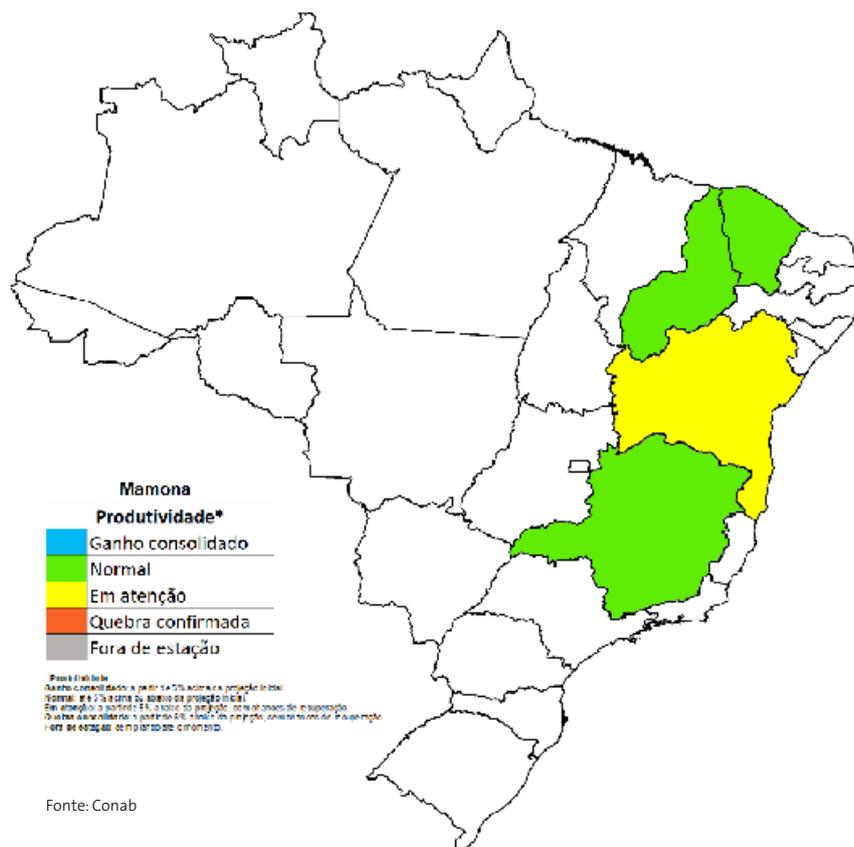


Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	31,5	28,1	(10,8)	461	466	1,0	14,5	13,1	(9,7)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	6,5	(22,2)	122	440	260,7	1,0	2,9	190,0
PE	1,6	0,3	(82,0)	244	125	(48,8)	0,4	-	(100,0)
BA	21,0	21,1	0,5	610	478	(21,6)	12,8	10,1	(21,1)
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	900	(1,0)	0,3	0,2	(33,3)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	900	(1,0)	0,3	0,2	(33,3)
NORTE/NORDESTE	31,5	28,1	(10,8)	461	466	1,0	14,5	13,1	(9,7)
CENTRO-SUL	0,3	0,2	(33,3)	909	900	(1,0)	0,3	0,2	(33,3)
BRASIL	31,8	28,3	(11,0)	465	469	0,8	14,8	13,3	(10,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra os produtores de milho da safra verão não encontraram problemas para o financiamento da produção e utilizaram um bom pacote tecnológico no sistema de cultivo. Essas características, aliadas ao comportamento do clima nas principais regiões produtoras do país, trouxeram como resultado, a expectativa de elevadas produtividades, fato que efetivamente ocorreu. Ao contrário do que ocorre com o milho de segunda safra, os produtores de milho verão, na sua grande maioria, não fazem contratos futuros, optando pelo autoconsumo ou mesmo a venda direta para terceiros, na produção de silagem ou na comercialização do grão no disponível, por ocasião da colheita no mercado local.

A área estimada neste levantamento prevê um incremento nacional de 2,5% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, que aumentaram em 6,2% a área plantada desta safra. Na região do Matopiba, estrategicamente situada, de onde se pode optar por deslocar parte dos excedentes produtivos para exportação, como também para atendimento ao Nordeste, à exceção da Bahia, que devolveu, nesse exercício, a área para soja após as frustrações do clima no ano passado, que estimularam a troca da área plantada de soja por milho. Por essa razão, a área plantada de milho verão na região do Matopiba, apresentou decréscimo de 8,2% em relação ao ano anterior.

O total da área plantada com milho primeira safra, para o período 2016/17, atingiu 5.520 mil hectares, contra 5.387,7 mil observado no exercício anterior. Na Região Sul ocorreu incremento de 6,1% na área com o cereal, em relação ao período anterior. No Rio

Grande do Sul, a área plantada com milho está estimada em 804,9 mil hectares, representando uma redução de 2,2% em relação ao exercício anterior. Cerca de 40% dessa área já foi colhida, confirmando as expectativas de excelentes produtividades anteriormente previstas. As regiões noroeste e missões encaminham-se para o final da colheita, com mais de 80% das lavouras já colhidas e tendo alguns municípios, como São Luiz Gonzaga e outros do entorno, praticamente encerrado as operações. Poucas lavouras, implantadas após a cultura de fumo, encontram-se no estágio de desenvolvimento vegetativo (2%) e floração (6%) e as demais em granação e maturação. Considerando-se a média das produtividades obtidas nas lavouras irrigadas e de sequeiro, já colhidas, o rendimento supera 9.000 kg/ha, já que aquelas sob pivô central ultrapassam os 12.000 kg/ha. As regiões, central, campanha e zona sul puxam as médias para baixo. Ainda assim, mantidas as condições meteorológicas favoráveis, produtores devem colher uma das melhores, senão a melhor, safra de milho. No estado A expectativa existente de aumento da área de milho, decorrente da semeadura após a colheita do cereal, não ocorrerá, uma vez que os produtores optaram pela segunda safra de soja em função das condições mais favoráveis de mercado.

Em Santa Catarina as lavouras encontram-se em boas condições sanitárias e fisiológicas. O potencial produtivo permanece acima do obtido na safra passada, resultado das boas condições climáticas ocorridas durante a maior parte do ciclo da cultura. A menor frequência e volume de chuvas entre o final de janeiro e meados de fevereiro em algumas regiões, principalmente na serrana, podem afetar a produtividade esperada, mas deve ser compensada com o melhor desempenho das outras regiões. A colheita atinge



cerca de 30% da área, sendo o restante dividido entre maturação (45%) e as demais fases, já que algumas lavouras foram semeadas no início de 2017. Com o retorno das chuvas durante parte da segunda quinzena de fevereiro, as operações de colheita tiveram que ser interrompidas por alguns dias, retornando ao ritmo normal ao final do mês. Os produtores que realizaram contratos na época do plantio, com cotações mais elevadas, devem garantir melhor rentabilidade com o cereal.

No Paraná a colheita do milho já teve início, estimando-se que aproximadamente 14% dos 500,6 mil hectares já se encontram colhidos. A produtividade estimada de 8.785 kg/ha está à altura do pacote tecnológico empregado e das boas condições climáticas. A área de milho verão foi responsável pelo grande incremento regional no plantio desta safra, apresentando forte aumento com relação à safra passada, ao sair de 414,1 mil hectares, para 500,6 mil na safra 2016/17. Este aumento ocorreu basicamente devido aos bons preços do cereal na época do plantio.

Figura 40 – Milho desenvolvimento vegetativo, na região Oeste de Mato Grosso/MT. Fev, 2017



Fonte: Conab

Na Região Sudeste a cultura experimentou forte incremento na área plantada, 5,4% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de milho primeira safra foi reavaliada para 909,4 mil hectares, acréscimo de 8,6% em relação à safra anterior devido às boas cotações do produto coincidindo com o início do plantio. Espera-se uma produção de 5.701,9 mil toneladas, 11,6% superior à safra obtida em 2016. Com a colheita já iniciada as lavouras encontram-se em sua maioria na fase de maturação. Em São Paulo mesmo com os preços estimulantes na ocasião do plantio, não foram suficientes para estimular o produtor do cereal a aumentar o plantio, experimentando uma redução na área plantada de 1,2% em relação à safra passada. Uma das explicações é que o estado sofre uma forte movimentação de entrada do produto vindo de outros estados e até mesmo de países vizinhos, afetando a rentabilidade do produtor local.

Na Região Centro-Oeste foi registrado o maior incremento percentual na área plantada nacional, estimando-se 9,4% em relação ao exercício passa-

do. Goiás aparece como principal produtor regional, apresentando incremento de 5,5% quando comparado com o ano anterior, saindo de 246,4 mil hectares para 260 mil, neste exercício. As condições climáticas durante as importantes fases da lavoura, explicam a produtividade de 8.000 kg/ha, representando incremento de 2,6% em relação à safra passada.

Em Mato Grosso a área de milho primeira safra está estimada em 33,8 mil hectares, números 8,7% superiores aos 31,1 mil hectares registrados na safra anterior. O incremento pode ser atribuído às regiões confinadoras de bovinos, cuja ausência de oferta do cereal estimulou o seu cultivo, para o autoconsumo. A colheita das primeiras áreas ocorrerá no início de março. Em relação ao rendimento, as expectativas são boas e as chuvas regulares durante as diversas fases da lavoura permitem projetar média de 7.300 kg/ha, representando incremento de 13,8% em relação ao período produtivo anterior.

Em Mato Grosso do Sul a área a ser colhida está estimada em 28 mil hectares, 75% superior à safra passa-



da. O milho começou a ser colhido no estado, porém o foco dos produtores neste momento está na colheita de soja e no plantio do milho segunda safra. Estima-se que cerca de 14% da área já foi colhida até a presente data, estando a colheita mais adiantada na região sudeste. Com relação a produtividade, está estimada em 8.680 kg/ha, representando uma redução na ordem de 3,6% em relação ao levantamento anterior, explicado pela estiagem de novembro, que atingiu principalmente as regiões sudeste e sudoeste do estado. Salienta-se que as regiões de maior produção (nordeste e norte) estão com a colheita mais atrasada. Os estádios predominantes da cultura ainda a colher, é maturação com 63% da área total, 23% na fase de frutificação (enchimento de grãos) que somado aos 14% da área já colhida, totaliza os 28.000 hectares, estimados.

Na Região Norte-Nordeste, o levantamento atual aponta para uma retração de 2,9% da área em relação ao ano passado, contrariando a expectativa de forte redução do início do plantio. Em Tocantins a área cultivada neste ano foi 28,8% menor quando comparado à safra passada. Isso ocorreu devido às anormalidades climáticas da safra passada, onde após diversos replantios de soja e passado o prazo da janela ideal para realizar o plantio da oleaginosa, os produtores acabaram por optar pelo milho. Apesar da queda expressiva da área plantada, espera-se uma produção próxima da safra passada (-1,8%).

No Maranhão, a cultura está com o plantio finalizado.

Os grandes e médios produtores, já haviam preparado toda a área a ser cultivada no intuito de otimizar o manejo. Essa estratégia foi a responsável pela ocorrência no sul do estado, de lavouras em fase de enchimento e maturação de grãos. A área cultivada equivale a 238,6 mil hectares. A produtividade média, em função das boas condições climáticas, está estimada atingir 3.842 kg/ha. No Piauí, como consequência do retorno das áreas anteriormente utilizadas para soja, a área de milho primeira safra foi estimada em 415,4 mil hectares, apresentando redução de 11,8% em relação à safra passada. O plantio já foi totalmente concluído e as lavouras encontram-se em bom estado, nas fases que variam desde o desenvolvimento vegetativo até enchimento de grãos. A produtividade esperada do milho, aí considerando a agricultura empresarial e familiar, gira em torno de 2.550 kg/há, representando um aumento de 71,1% em relação à safra anterior.

Na Bahia a área plantada foi estimada em 380,7 mil hectares. O plantio começou em outubro e foi finalizado em fevereiro, estimando-se uma produtividade de 3.852 kg/ha, a despeito da estiagem ocorrida em dezembro e janeiro que inviabilizou o plantio de algumas áreas. A situação é considerada mais grave nas áreas cultivadas pela agricultura familiar no agreste e semiárido, cuja a produtividade estimada é inferior a 300 kg/ha. Para os cultivos realizados no cerrado espera-se produtividades de até 6.500 kg/ha. Os campos de milho estão localizados no centro-norte, centro-sul, vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional.



Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

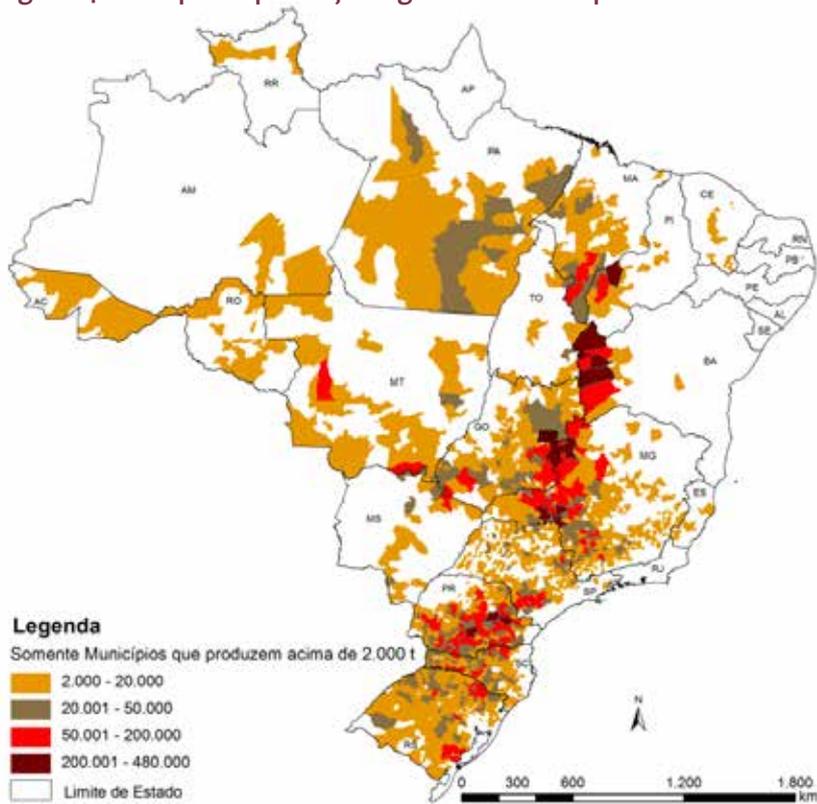
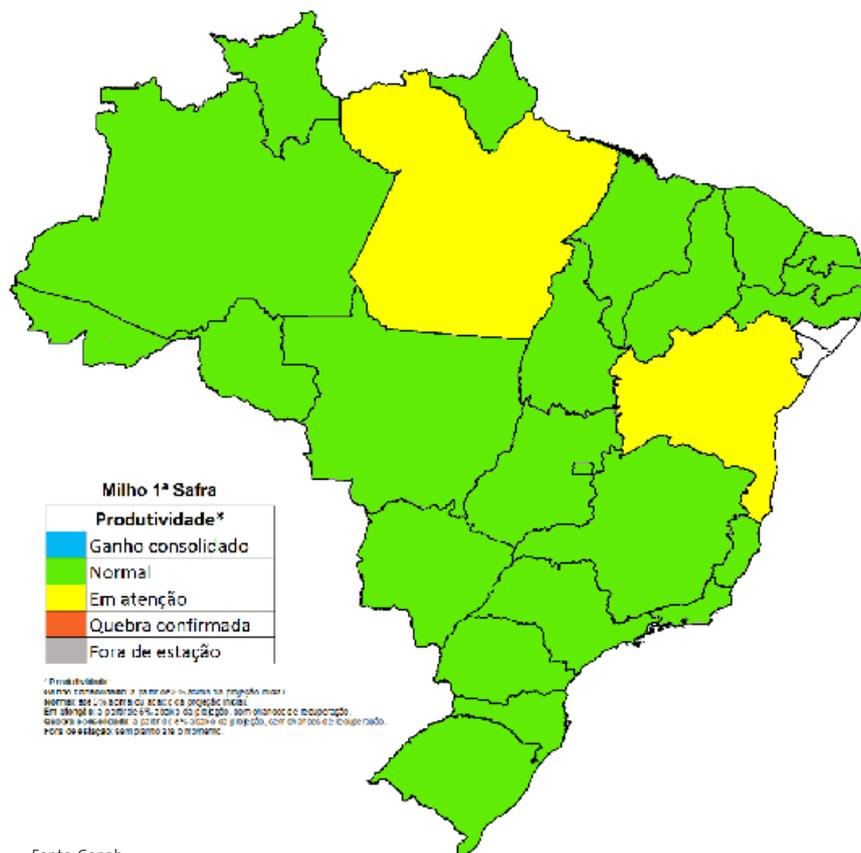


Figura 42 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho primeira safra (safra 2016/17) – Fevereiro/2016



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
PI	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
CE	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
RN	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PB	Agreste Potiguar						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PE	Agreste Paraibano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Agreste Pernambucano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C		C		
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Centro Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Leste Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	358,1	324,5	(9,4)	3.135	3.133	(0,1)	1.122,8	1.016,5	(9,5)
RR	4,6	4,5	(2,8)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	38,6	38,6	-	2.657	2.654	(0,1)	102,6	102,4	(0,2)
AC	39,6	35,2	(11,0)	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	184,1	(6,1)	3.299	2.975	(9,8)	646,9	547,7	(15,3)
TO	72,0	51,3	(28,8)	3.436	4.734	37,8	247,4	242,9	(1,8)
NORDESTE	1.865,2	1.835,3	(1,6)	1.537	2.172	41,3	2.866,9	3.985,9	39,0
MA	268,4	238,6	(11,1)	2.687	3.842	43,0	721,2	916,7	27,1
PI	471,0	415,4	(11,8)	1.490	2.550	71,1	701,8	1.059,3	50,9
CE	460,2	500,7	8,8	356	847	137,9	163,8	424,1	158,9
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	90,3	6,7	237	463	95,4	20,1	41,8	108,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
BA	371,4	380,7	2,5	3.312	3.852	16,3	1.230,1	1.466,5	19,2
CENTRO-OESTE	320,3	350,4	9,4	7.636	7.970	4,4	2.445,9	2.792,8	14,2
MT	31,1	33,8	8,7	6.412	7.300	13,8	199,4	246,7	23,7
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	8.680	(3,6)	144,0	243,0	68,8
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.304,0	5,4	6.079	6.187	1,8	7.519,9	8.068,3	7,3
MG	837,4	909,4	8,6	6.100	6.270	2,8	5.108,1	5.701,9	11,6
ES	13,6	12,5	(8,0)	2.910	2.721	(6,5)	39,6	34,0	(14,1)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.326	(10,5)	5,2	6,3	21,2
SP	384,0	379,4	(1,2)	6.164	6.131	(0,5)	2.367,0	2.326,1	(1,7)
SUL	1.607,1	1.705,8	6,1	7.403	7.877	6,4	11.898,1	13.436,0	12,9
PR	414,1	500,6	20,9	7.953	8.785	10,5	3.293,3	4.397,8	33,5
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	7.900	7,8	2.712,1	3.162,4	16,6
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.300	2,0	5.892,7	5.875,8	(0,3)
NORTE/NORDESTE	2.223,3	2.159,8	(2,9)	1.794	2.316	29,1	3.989,7	5.002,4	25,4
CENTRO-SUL	3.164,4	3.360,2	6,2	6.909	7.231	4,7	21.863,9	24.297,1	11,1
BRASIL	5.387,7	5.520,0	2,5	4.799	5.308	10,6	25.853,6	29.299,5	13,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Para o milho segunda safra, a semeadura vem seguindo o ritmo da colheita da soja, especialmente das variedades precoces. Na Região Centro-Oeste, principal

produtora nacional, a área plantada está estimada em 7.122,4 mil hectares, representando um incremento de 5,6% em relação ao plantio passado.

Figura 43 - Milho segunda safra, desenvolvimento vegetativo, Toledo/PR. Fev, 2017



Fonte: Conab



Em Mato Grosso, o excesso de chuvas atrapalhou o plantio do milho segunda safra durante a primeira quinzena de fevereiro. Mesmo assim, foi registrado a semeadura de 65% em relação a área total estimada para o estado de 4.123,3 mil hectares. Apesar do relativo atraso, na segunda quinzena do mês, observou-se melhoria nas condições climáticas, com a alternância de pancadas de chuvas dentro da normalidade e sol, permitindo aos produtores, concentrarem os esforços no plantio das últimas semanas do mês, devido à proximidade do término da janela ideal do plantio no

final de fevereiro. Nesta safra o produtor dificilmente se arriscará a plantar fora do período, com exceção naquelas regiões de semeadura mais tardia. Com a estimativa de área do milho de segunda safra em 4.123,3 mil hectares, observa-se incremento de 9,4% em relação aos 3.769 mil de hectares registrados na safra passada. As lavouras semeadas em todo o estado estão se desenvolvendo bem e projeta-se rendimento médio de 5.679 kg/ha, ante aos 3.999 kg/ha da safra anterior. .

Figura 44 - Milho segunda safra, desenvolvimento vegetativo na região oeste de Mato Grosso, fev. 2017



Fonte: Conab

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada apresentou neste levantamento, incremento de 2,1% em relação ao plantio anterior, estando agora prevista atingir 1.700 mil hectares. A lavoura começou a ser plantada principalmente no sul do estado, onde a colheita da soja encontrava-se mais adiantada, estando agora estimada em 32% da área total cultivada. A maior parte encontra-se na fase de germinação e início do desenvolvimento vegetativo. A semeadura é realizada praticamente toda no sistema de plantio direto, com o uso de sementes transgênicas de ciclo precoce e superprecoce. Mais da metade das cultivares utilizadas são de híbrido simples, apesar de haver plantios consideráveis de híbrido triplo e duplo em áreas marginais ou onde não serão feitos maiores investimentos na produção.

Os preços do cereal encontram-se pressionados pelos grandes estoques do mercado internacional, assim como pela expectativa de safras recordes nas regiões produtoras nacionais e internacionais. Diante deste cenário, há uma tendência de que os produtores mantenham a posse do grão à espera de melhores condições de comercialização, correndo o risco de encontrarem problemas para armazenar o produto no futuro, sendo forçados a utilizar alternativas como silo bolsa ou vender o produto em condições desfavoráveis,

como ocorrido em safras anteriores.

A Região Sul, segunda maior produtora nacional, tem o estado do Paraná como único representante. A área de plantio estadual foi estimada em 2.281,8 mil hectares, cerca de 3,8% de acréscimo em relação ao plantio passado. Calcula-se que aproximadamente 48% da safra esteja plantada. Essa área poderia ser maior, caso não ocorresse o atraso provocado pela colheita da soja, que levou alguns produtores a desistirem do plantio do grão. As lavouras já implantadas estão se beneficiando com o clima favorável (chuvas frequentes e temperaturas elevadas). A produtividade esperada é de 5.332 kg/ha, o que significa um aumento de 4,7% em relação à safra passada, mas que poderia ser maior. Com o atraso na colheita da soja e, consequentemente, no plantio do milho, o potencial produtivo deverá reduzir. Além disso, a queda forte, observada nas cotações, contribuiu para que o investimento por parte dos produtores fosse conservador.

A Região Nordeste, especialmente os estados que compõem o Matopiba e onde a janela do clima permite a sucessão do plantio, o incremento na área plantada está previsto atingir 36,9% em relação ao exercício anterior. No Maranhão, o plantio ocorre apenas nas regiões sul e sudoeste, conhecidas como “região de



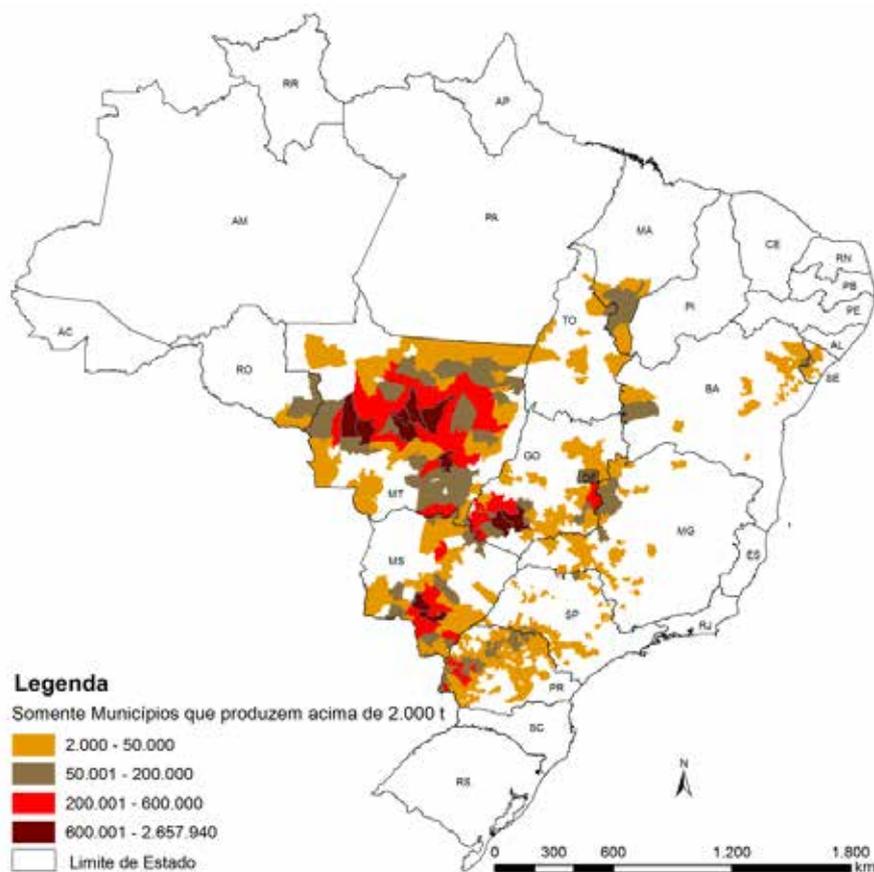
Balsas” e “região Tocantina” e é cultivada por médios e grandes produtores, bastante tecnificados e o plantio na região ainda não foi iniciado. A intenção de plantio captada neste levantamento totalizou 193,6 mil hectares, representando um aumento em relação à safra de 125,4%. A produtividade média, em função da normalização climática, está agora estimada em 3.300 kg/ha, incremento de 85%, comparada com a safra passada. Esse acréscimo relevante na expectativa de produção de milho é motivador de uma boa comercialização, mantida a continuidade do clima favorável. Na Bahia o cultivo do milho segunda safra deverá ocupar a área de 247,30 mil hectares, permanecendo inalterada em relação ao exercício anterior. Os plantios serão realizados a partir de abril, e as apostas são de normalização do clima, estimulando o retorno da produtividade para os níveis históricos. A colheita deverá ser iniciada em agosto.

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa mostra leve incremento em relação ao ocorrido na safra passada. Em Minas Gerais, estima-se incremento

de 1,2% na área de plantio, passando de 371 mil hectares para 375,5 mil hectares na safra 2016/17. O plantio teve início em janeiro, com maior concentração em fevereiro, devendo se estender até meados do mês de março. Com uma produtividade média estimada em 5.721 kg/ha, haverá um incremento de 164,3% em relação à safra anterior, justificada pelas elevadas perdas registradas na safra 2015/16. Em São Paulo, a despeito de não haver alteração significativa no plantio, é de se esperar forte incremento na oferta de grãos em razão da expectativa de bons rendimentos da lavoura em função do bom comportamento previsto para o clima. O plantio da segunda safra vem ocorrendo e se intensificará na medida em que a safra de verão for colhida. A expectativa é de que até a primeira semana de março, todo o plantio já esteja finalizado.

A posição consolidada para o plantio do milho, reunindo a primeira e segunda safras, no exercício 2016/17, deverá atingir 16.772 mil hectares, representando um incremento de 5,3%, comparado com o plantio do ano passado.

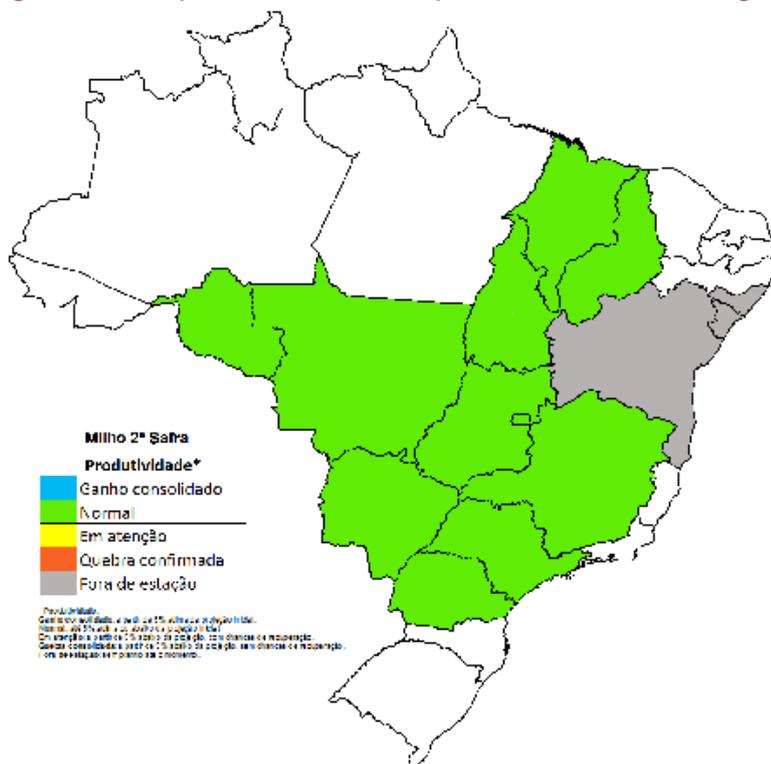
Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 46 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho segunda safra (safra 2016/17) – fevereiro 2017



Fonte: Conab

Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	C							PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
	Itapetininga - SP						P	DV	F/EG	EG	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

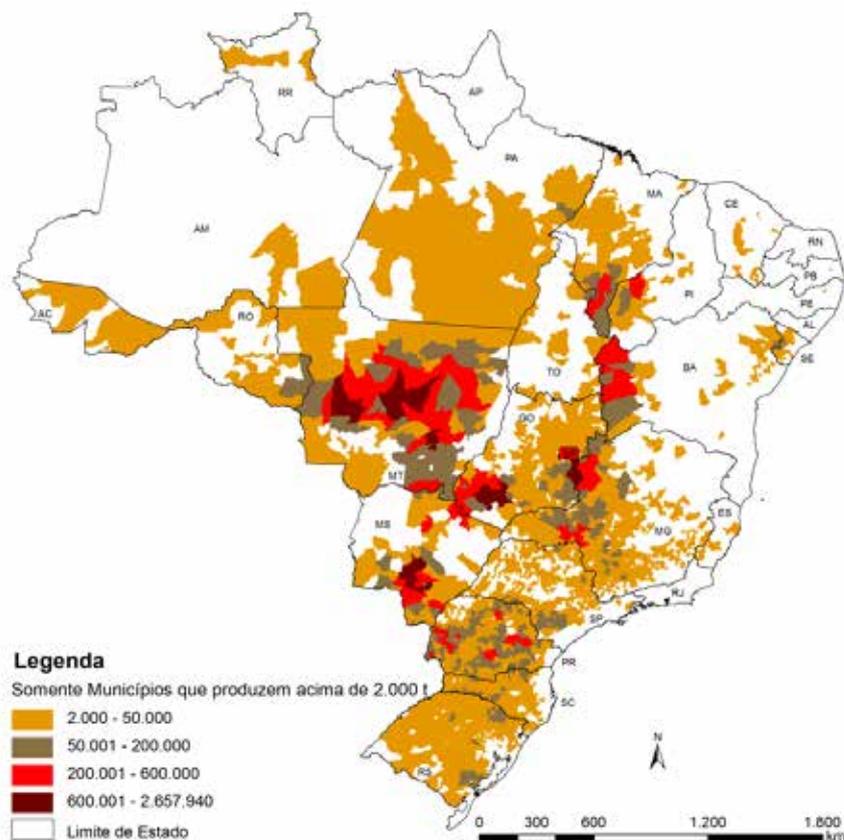
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	215,1	344,6	60,2	3.924	4.579	16,7	844,1	1.577,8	86,9
RO	119,5	145,4	21,7	4.613	4.500	(2,4)	551,3	654,3	18,7
PA	-	60,7	-	-	4.250	-	-	258,0	-
TO	95,6	138,5	44,9	3.063	4.805	56,9	292,8	665,5	127,3
NORDESTE	560,0	683,1	22,0	1.015	3.005	195,9	568,7	2.052,4	260,9
MA	85,9	193,6	125,4	1.784	3.300	85,0	153,2	638,9	317,0
PI	21,5	36,9	71,6	1.756	4.409	151,1	37,8	162,7	330,4
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	247,3	247,3	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.122,4	5,6	3.824	5.571	45,7	25.798,5	39.682,4	53,8
MT	3.769,0	4.123,3	9,4	3.999	5.679	42,0	15.072,2	23.416,2	55,4
MS	1.665,0	1.700,0	2,1	3.679	5.138	39,7	6.125,5	8.734,6	42,6
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	5.700	61,2	4.508,6	7.186,0	59,4
DF	38,4	38,4	-	2.400	9.000	275,0	92,2	345,6	274,8
SUDESTE	814,3	820,1	0,7	2.793	5.110	83,0	2.274,5	4.190,7	84,2
MG	371,0	375,5	1,2	2.191	5.721	161,1	812,9	2.148,2	164,3
SP	443,3	444,6	0,3	3.297	4.594	39,3	1.461,6	2.042,5	39,7
SUL	2.198,3	2.281,8	3,8	5.091	5.332	4,7	11.191,5	12.166,6	8,7
PR	2.198,3	2.281,8	3,8	5.091	5.332	4,7	11.191,5	12.166,6	8,7
NORTE/NORDESTE	775,1	1.027,7	32,6	1.823	3.532	93,8	1.412,8	3.630,2	157,0
CENTRO-SUL	9.759,7	10.224,3	4,8	4.023	5.481	36,2	39.264,5	56.039,7	42,7
BRASIL	10.534,8	11.252,0	6,8	3.861	5.303	37,3	40.677,3	59.669,9	46,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 47 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	669,1	16,7	3.431	3.877	13,0	1.966,8	2.594,2	31,9
RR	4,6	4,5	(2,2)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	158,1	184,0	16,4	4.135	4.113	(0,5)	653,8	756,7	15,7
AC	39,6	35,2	(11,1)	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	244,8	24,8	3.299	3.291	(0,2)	646,9	805,7	24,5
TO	167,6	189,8	13,2	3.223	4.786	48,5	540,2	908,3	68,1
NORDESTE	2.425,2	2.518,4	3,8	1.417	2.398	69,3	3.435,4	6.038,3	75,8
MA	354,3	432,2	22,0	2.468	3.599	45,8	874,4	1.555,6	77,9
PI	492,5	452,3	(8,2)	1.502	2.702	79,9	739,5	1.222,0	65,2
CE	460,2	500,7	8,8	356	847	137,9	163,8	424,1	158,9
RN	25,0	25,0	-	309	448	45,0	7,7	11,2	45,5
PB	84,6	90,3	6,7	237	463	95,4	20,1	41,8	108,0
PE	184,6	184,6	-	120	359	199,2	22,2	66,3	198,6
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	618,7	628,0	1,5	2.340	3.061	30,8	1.447,9	1.922,5	32,8
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.472,8	5,7	3.996	5.684	42,2	28.244,4	42.475,3	50,4
MT	3.800,1	4.157,1	9,4	4.019	5.692	41,6	15.271,6	23.663,0	54,9
MS	1.681,0	1.728,0	2,8	3.730	5.195	39,3	6.269,5	8.977,6	43,2
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.093	44,1	6.430,5	9.266,0	44,1
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	8.488	102,9	272,8	568,7	108,5
SUDESTE	2.051,3	2.124,1	3,5	4.775	5.771	20,9	9.794,3	12.259,1	25,2
MG	1.208,4	1.284,9	6,3	4.900	6.110	24,7	5.921,0	7.850,2	32,6
ES	13,6	12,5	(8,1)	2.910	2.721	(6,5)	39,6	34,0	(14,1)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.326	(10,5)	5,2	6,3	21,2
SP	827,3	824,0	(0,4)	4.628	5.302	14,6	3.828,5	4.368,6	14,1
SUL	3.805,4	3.987,6	4,8	6.068	6.421	5,8	23.089,7	25.602,5	10,9
PR	2.612,4	2.782,4	6,5	5.545	5.953	7,4	14.484,9	16.564,3	14,4
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	7.900	7,8	2.712,1	3.162,4	16,6
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.300	2,0	5.892,7	5.875,8	(0,3)
NORTE/NORDESTE	2.998,4	3.187,5	6,3	1.802	2.708	50,3	5.402,2	8.632,5	59,8
CENTRO-SUL	12.924,1	13.584,5	5,1	4.730	5.914	25,0	61.128,4	80.336,9	31,4
BRASIL	15.922,5	16.772,0	5,3	4.178	5.305	27,0	66.530,6	88.969,4	33,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 36 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
2016/17	7.999,0	88.969,4	500,0	97.468,4	56.100,0	24.000,0	17.368,4

Fonte: Conab.



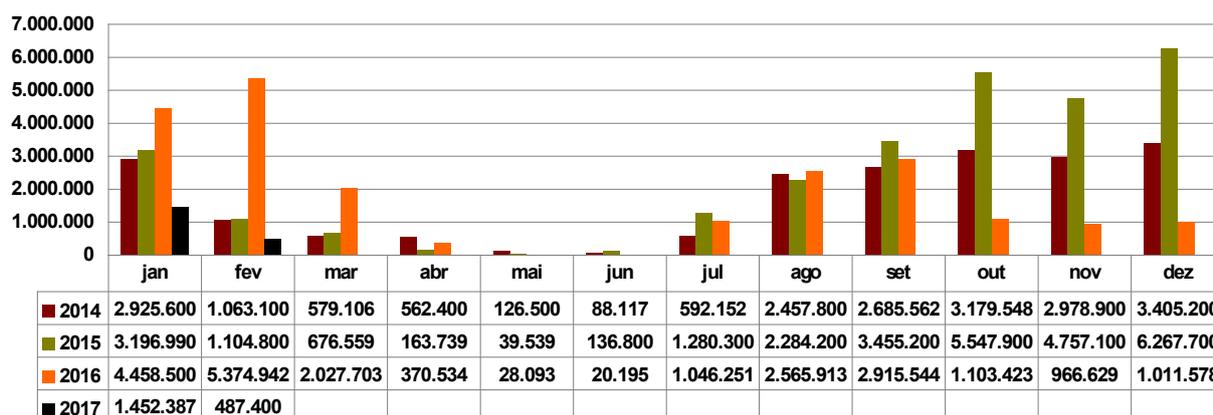
Como era de se esperar, as exportações brasileiras de milho, em de fevereiro, foram pouco expressivas, basicamente devido a dois fatores: o interesse maior do produto oriundo dos Estados Unidos, principalmente por causa da desvalorização cambial do dólar, e o direcionamento dos trabalhos dos portos brasileiros para exportação de soja.

Entretanto, em relação às importações, o número de 2015/16 ainda não está fechado, pois não há dados ofi-

ciais de janeiro, mas, como de fevereiro a dezembro de 2016 foram importadas mais de 2,8 milhões de toneladas, poderá superar 3 milhões.

Como já dito em relatórios anteriores, as importações brasileiras vieram majoritariamente dos países do Mercosul: Argentina e Paraguai. Ambos foram responsáveis por mais de 1,4 milhão de toneladas direcionadas ao Brasil, principalmente para as Regiões Sul, Sudeste e Nordeste.

Gráfico 79 – Exportações brasileiras de milho de Jan/14 a fev/17 (toneladas)



Fonte: Secex

Neste contexto, foram embarcadas apenas 487,5 mil toneladas de milho a um preço médio de US\$ 176,00/toneladas. Se comparado ao preço médio do grão exportado pelos norte-americanos, nota-se que o produto concorrente se encontra bem mais competitivo, visto que o preço médio do produto estadunidense,

em fevereiro, foi de US\$ 168,00/t, segundo o USDA.

Por isso, o dólar desvalorizado contribuiu para que o produto exportado pelos Estados Unidos fosse mais atrativo ao mercado externo.

Gráfico 80 – Variação da cotação do dólar em fev/17



Fonte: Broadcast

Vale salientar que, com as exportações de janeiro de 2017 fechadas em 1,45 milhão de toneladas, o acumulado da safra 2015/16 (fevereiro a janeiro) ficou em 18,9 milhões de toneladas. Contudo, mesmo com as exportações de fevereiro incipientes, ainda se projeta um volume total de milho embarcado em 2016/17 de 24 milhões de toneladas, inclusive pelo fato da política externa do presidente Donald Trump poder abrir janelas de oportunidade em relação à países como México e Japão.

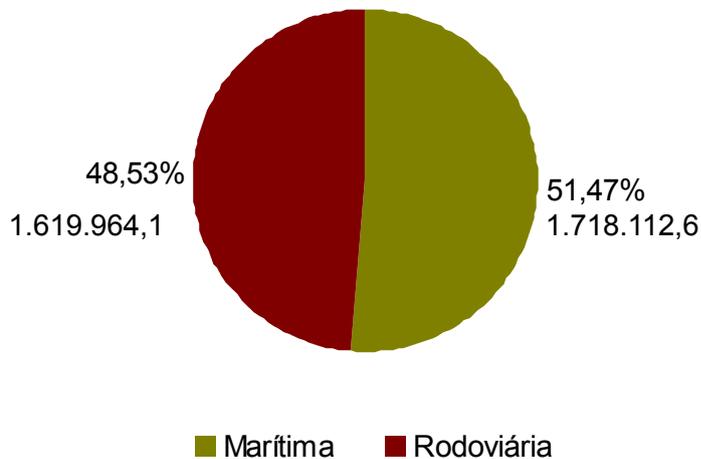
Já em relação às importações, o número de 2015/16 fechou em 3,33 milhões de toneladas, sendo o maior volume importado já registrado, dada às condições de mercado do milho durante o ano de 2016. Já em fevereiro de 2017, as importações já se arrefeceram, atingindo um volume de 112,3 mil toneladas, evidenciando o abastecimento dos demandantes internos e a influência da entrada do milho primeira safra, o que vem pressionando os preços domésticos.



Sabe-se que pouco mais da metade do volume de milho foi importado, entrou no país por via marítima, mas um grande volume foi importado por via terrestre. Para o atendimento da Região Sul do país, um

dos principais centros produtores de aves e suínos do país, a via preferencial foi a rodoviária. Para o Sudeste e Nordeste, a melhor opção foi por via marítima.

Gráfico 81 – Participação % nas importações de milho por via



Fonte: Secex

Assim, o estoque de passagem final de 2015/16 e inicial da safra 2016/17 é de praticamente 8 milhões de toneladas, o que gerou um conforto maior ao mercado consumidor doméstico.

Considerando, uma safra de quase 89 milhões de toneladas, onde a segunda safra está com seu plantio finalizando, ficando, basicamente, dentro do período ideal de semeadura, com grandes chances de pouca

interferência climática na produção, estima-se um estoque de passagem de 17,4 milhões de toneladas, ou seja, o maior já registrado na história.

Nesse cenário, os preços futuros estão, no norte do Mato Grosso, abaixo de R\$ de 16,00/60Kg, com embarque em agosto. Já no norte do Paraná, as cotações estão variando entre R\$ 24 a R\$ 25/60Kg FOB para entrega em agosto e pagamento em setembro de 2017.

9.1.8. SOJA

O sexto levantamento de safra da soja consolida o crescimento na área plantada de 1,9% em relação ao plantio na safra anterior. O aumento no plantio da oleaginosa, utilizando o melhor pacote tecnológico disponível, ajudado pelo bom comportamento do clima nos diversos estágios de desenvolvimento das lavouras, foram os responsáveis pela safra recorde.

Na Região Sul houve, ao longo dos levantamentos realizados, redução na diminuição da área plantada em relação ao ocorrido no exercício anterior, atingindo 11.452,9 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. São boas as expectativas de produtividades devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras. No Rio Grande do Sul, o clima quente com elevada umidade levou os produtores a intensificarem os tratamentos fitossanitários, visando o combate as doenças fúngicas, especialmente a ferrugem asiática e os ataques de insetos tem sido controlados, sem maiores danos às plantas. O elevado potencial produtivo nesta safra é decorrente do excelente material gené-

tico posto à disposição dos produtores, bem como a realização das práticas culturais preconizadas. A redução observada na intenção de plantio, que trouxe repercussões no desempenho regional, poderá sofrer revisão, tendo em vista a opção dos produtores pela oleaginosa em sucessão às culturas de milho e feijão.

Em Santa Catarina a colheita da soja teve início nos últimos dias de fevereiro, e já atingiu cerca de 11% da área cultivada. O resultado, até o momento, indica um aumento do rendimento em relação ao obtido na safra passada, podendo chegar aos 3.450 kg/ha. As lavouras estão em boas condições sanitárias e fisiológicas. A ferrugem asiática é pouco presente e em baixos níveis. Houve relatos de ataques de Sclerotinia e oídio em algumas lavouras, decorrentes do clima mais úmido em alguns dias de fevereiro, o que pode afetar a qualidade das lavouras em estágios mais atrasado. O clima foi favorável na maior parte do ciclo. As chuvas reduziram entre final de janeiro e meados de fevereiro em algumas regiões, o que pode afetar algumas lavouras. As temperaturas e umidades altas,



em algumas regiões, onde as lavouras se encontram em floração, podem resultar em aborto de flores, reduzindo o potencial produtivo.

As lavouras plantadas a partir de final de janeiro, consideradas como “safrinha”, estão em boas condições, favorecidas pelo clima estável e baixo ataques de pragas e doenças, o que deve resultar em produtividades dentro do esperado para este tipo de cultivo. Assim, o estágio da cultura vai desde desenvolvimento vegetativo até colheita.

No Paraná as lavouras apresentam bom aspecto, com a maior parte estando na fase de maturação. Houve

atraso de 10 a 20 dias no ciclo, atraso considerado positivo para a melhoria da produtividade. Da área plantada de 5.244,2 mil hectares, 31% já está colhida e a qualidade do grão é boa, com a previsão da produtividade de 3.480 kg/ha, ou seja, 12,6% superior à safra anterior. Este maior rendimento promete garantir uma safra excelente, com incremento de produção de 8,3% maior quando comparada à safra 2015/16, e o potencial esperado só não é maior devido a problemas pontuais de estiagem e pragas em algumas regiões. O aumento de produtividade da oleaginosa também se deve ao clima especialmente favorável, mudança no perfil tecnológico dos produtores e à consolidação de materiais transgênicos de alto rendimento.

Figura 48 - Soja em frutificação/Ampere-PR. Fev, 2017



Fonte: Conab

A comercialização da safra está muito abaixo do normal para o período. O produtor, em grande maioria, deve guardar o produto na espera de cotações melhores. Outro motivo para a baixa comercialização é o fim da safrinha, pois o produtor deverá vender o produto cadenciadamente ao longo do ano, haja vista que não terá produto colhido em meados do ano.

Na Região Sudeste alterou-se a estimativa de redução da área plantada com a oleaginosa de 0,2%, para um crescimento de 0,1% em relação ao ocorrido no exercício anterior decorrente de ajustes ocorridos na área plantada em Minas Gerais, maior produtor regional. A área estadual está estimada em 1.456,1 mil hectares, representando redução de 0,9% em comparação com a safra passada. O calendário de plantio da soja se estende, normalmente, até o mês de dezembro. À semelhança da safra anterior, houve incremento no plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial de milho e/ou sorgo no período de safrinha. Projetando-se uma produtividade média de 3.145 kg/ha, inferior em 2,3% quando comparada com

a safra anterior, por conta da estiagem verificada especialmente na região noroeste do estado entre meados de dezembro e janeiro de 2017, que atingiu as lavouras em fase de granação, espera-se alcançar uma produção de 4.579,4 mil t, redução de 3,2% em relação a 2016. Com aproximadamente 60% das lavouras em fase de maturação, a colheita já alcança pouco mais de 30% das áreas.

Em São Paulo a safra de soja continua atraindo a atenção do produtor, com mercado crescente e preços atrativos, tanto interna como externamente. O segmento investiu na expectativa de boa rentabilidade e a leguminosa sinaliza com crescimento de 1,9% na área plantada, em relação ao exercício anterior e segue com uma boa evolução do clima nos diversos estágios da lavoura.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora da oleaginosa no país, a área plantada deverá apresentar incremento de 1,4% em relação ao exercício passado.



Em Mato Grosso, as chuvas intensas na primeira quinzena de fevereiro, atrasaram a colheita, especialmente na região oeste do estado, cujas áreas tiveram perdas pontuais de produtividade e qualidade. Há relatos, em praticamente todas as regiões do estado, de cargas da oleaginosa com avarias e umidade acima do padrão recomendado, mas nada que comprometa os bons números da safra 2016/17. Apesar das adversidades climáticas, a estimativa de produtividade é positiva, com rendimento médio de 3.235 kg/ha, desem-

penho 13,6% superior aos 2.848 kg/ha registrados na safra passada. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou incremento de 1,3% na lavoura estadual da soja, saindo de 9.140 mil hectares na safra 2015/16, para 9.259 mil hectares na atual. Portanto, maior área e maior produtividade da oleaginosa, projetam uma produção recorde de 29.952,9 mil toneladas de soja na safra 2016/17, volume 15,1% superior aos produzidos na safra 2015/16.

Figura 49 – Área de soja pronta para colheita/Diamantino-MT. Fev, 2017



Fonte: Conab

Em Mato Grosso do Sul houve um aumento da área plantada, principalmente em decorrência da incorporação das áreas de pastagens degradadas e da não renovação de contratos com várias usinas de cana-de-açúcar. Estima-se uma área total de 2.521,8 mil hectares no estado, um acréscimo de 3,8% em relação à safra anterior. Aproximadamente 35% da safra 2016/17 já foi comercializada. Para esta época do ano os níveis de comercialização estão abaixo do normal e o preço não se apresenta estimulante, pois os estoques mundiais elevados e a expectativa de área plantada recorde americana têm derrubado as cotações da oleaginosa no mercado internacional, refletindo diretamente no mercado interno. O aumento da produtividade em comparação com a safra anterior decorre das boas condições climáticas atualmente na região norte, principal produtora, bem como o fato das precipitações em excesso terem prejudicado a produção da safra anterior no estado. Foram registradas florações precoces nas regiões de maior estresse hídrico, o que acarretou a diminuição da altura das plantas e o florescimento precoce, reduzindo a estimativa da produtividade inicial esperada. Observa-se uma boa recuperação das lavouras nas regiões produtoras do estado, que sofreram com estresse hídrico, e as perspectivas apontam para uma produtividade e produção recorde no estado. Houve um grande aporte tecnológico

dos produtores, que se encontram capitalizados e mesmo as lavouras implantadas em áreas de pastagens e reforma de cana-de-açúcar estão com boas produtividades médias. Outro fator que contribuiu para amenizar os problemas climáticos de novembro foi o escalonamento de plantio utilizado pelos produtores. Esta prática ocorre pelo uso de variedades de ciclos diferentes e também pela capacidade de plantio, a qual é limitada pelo número de equipamento nas propriedades. Se todas as lavouras estivessem nos estádios de florescimento e enchimento de grãos durante o veranico, as perdas decorrentes da seca seriam muito mais expressivas na região sul e leste do estado.

Houve relatos de ferrugem asiáticas em algumas regiões produtoras, mas o uso de cultivares resistentes, atrelado ao controle químico preventivo do fungo, não permitiram perdas econômicas consideráveis. Com o avançar do enchimento de grãos e maturação das vagens, os maiores danos à cultura estão sendo causados por percevejos sugadores de vagens, os quais causam danos qualitativos e quantitativos aos grãos. Atualmente a colheita avança em todas as regiões produtoras e as lavouras que não foram colhidas estão praticamente todas dessecadas. Um fato importante foi o atraso da colheita na região sul em



decorrência do excesso de chuvas, porém este evento está em menores proporções em comparação com a safra passada, pois nesta safra houve alternância entre dias chuvosos e ensolarados.

Na Região Norte-Nordeste ocorreu o maior incremento percentual da área plantada com a oleaginosa no país – 11,7%. Em Tocantins, a cultura se encontra no início da colheita, registrando cerca de 6% da área total. Com exceção de algumas lavouras plantadas no início de outubro, as produtividades obtidas têm ficado dentro da média esperada. As lavouras em maturação (33,5%) e em frutificação (35,5%) apresentam-se em boas condições e são esperados bons rendimentos. Até o momento há apenas relatos de casos pontuais de excesso de chuvas e umidade do solo, prejudicando a colheita. A cultura se desenvolveu bem até o momento com uma estação chuvosa bastante favorável com as lavouras apresentando boas condições em mais de 90% da área cultivada. Devido à grande quebra ocorrida na safra passada, a estimativa de produção está prevista ser 70,4% maior nesta safra em comparação à safra 2015/16.

Na Bahia o plantio de sequeiro começou em outubro e foi finalizado em dezembro. Os plantios antecipados ao fim do vazio sanitário, sob irrigação de pivô central, tiveram a colheita iniciada no final de janeiro e os de sequeiro começarão a ser colhidos ao final de fevereiro, com a estimativa de produção em torno de 4.519,6 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam aumento de 3,6% na área cultivada e expectativa de aumento de 40,7% na produção de grãos em relação à safra passada. Avaliando o comportamento da cultura na Bahia, a área plantada cresce desde os primeiros registros em 1980. Considerando as oito últimas safras, cresceu em média 6,7% ao ano e a produtividade 4,4%, enquanto a média de crescimento nacional para o mesmo período foi de 5,7% e 2,3% respectivamente. Os campos de soja estão localizados no centro sul do estado, no vale do São Francisco e no extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional, fazendo rotação com o algodão, milho, sorgo, milheto e/ou pastagem. No centro sul estima-se o cultivo de 500 hectares em manejo de sequeiro. As lavouras plantadas em dezembro sofreram com a intensidade da estiagem na região, e a estimativa de produtividade

está sendo inferior a 1.500 kg/ha (25 sc/ha). No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 2,5 mil hectares irrigados com pivô central em alternância com a cultura do algodão. Os plantios foram realizados em outubro e a colheita iniciada em janeiro, representando até o momento, cerca de 10% do total. No extremo oeste estima-se o cultivo de 1.580 mil hectares, entre os plantios de sequeiro e irrigado, com pivô central. As lavouras irrigadas estão estimadas em 40 mil hectares e foram plantadas em outubro, com colheita encerrada em fevereiro. Após a colheita da soja nas áreas irrigadas, serão cultivados algodão, milho, feijão e sorgo. As áreas de sequeiro foram plantadas em novembro e dezembro e estão estimadas atingir 1.540 mil hectares. O veranico registrado não prejudicou as lavouras de sequeiro, visto que, a maioria das plantas encontravam-se em estágio vegetativo. Com o retorno das chuvas ocorridas em janeiro, houve recuperação das lavouras com “stands” apresentando bom desenvolvimento vegetativo e no estágio de floração. No Maranhão ocorreu forte crescimento da área plantada nesta safra em relação à anterior, representando incremento de 20,3%. As lavouras, em função da normalização climática, encontram-se em sua maioria nas fases de enchimento de vagem (36,8%) e maturação (38,8%) de grãos, havendo registros de início de colheita nas regiões de Balsas e Tocantina.

No Piauí foi iniciada a colheita. Por ocasião do desenvolvimento vegetativo da lavoura, não ocorreram contratempos que justificassem a redução de produtividade relacionada a clima ou a ataques de pragas, apesar da ocorrência de veranico e da incidência de pragas. Atualmente a cultura encontra-se em fase de colheita (2%) e o restante nas demais fases englobando desde o desenvolvimento vegetativo (8%), floração (20%), enchimento de grãos (50%) até a maturação (20%). Nos primeiros plantios desta safra foram utilizadas sementes de ciclo precoce, com o objetivo de fazer um segundo cultivo nas áreas, principalmente de milho e sorgo. Já a partir da segunda quinzena de novembro utilizou-se majoritariamente sementes de ciclo médio e tardio. Para a safra 2016/17 ocorreu um aumento na área de soja na ordem de 21,5%, em virtude do retorno das áreas que migraram para o milho na safra passada, causado pelos problemas climáticos.



Figura 50 – Soja em frutificação/Alvorada do Gurguéia-PI. Fev, 2017

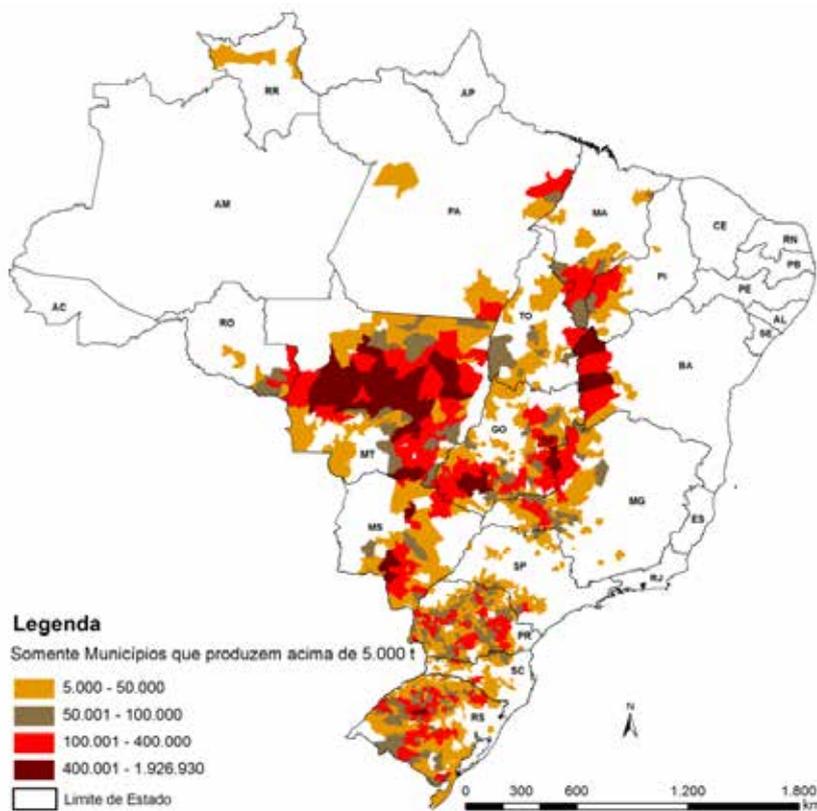


Fonte: Conab

O somatório das expectativas para a temporada 2016/17 indica, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingin-

do o percentual de 1,9% em relação à safra passada, totalizando 33.878,8 mil hectares, com uma expectativa de produção de 107.614,6 mil toneladas.

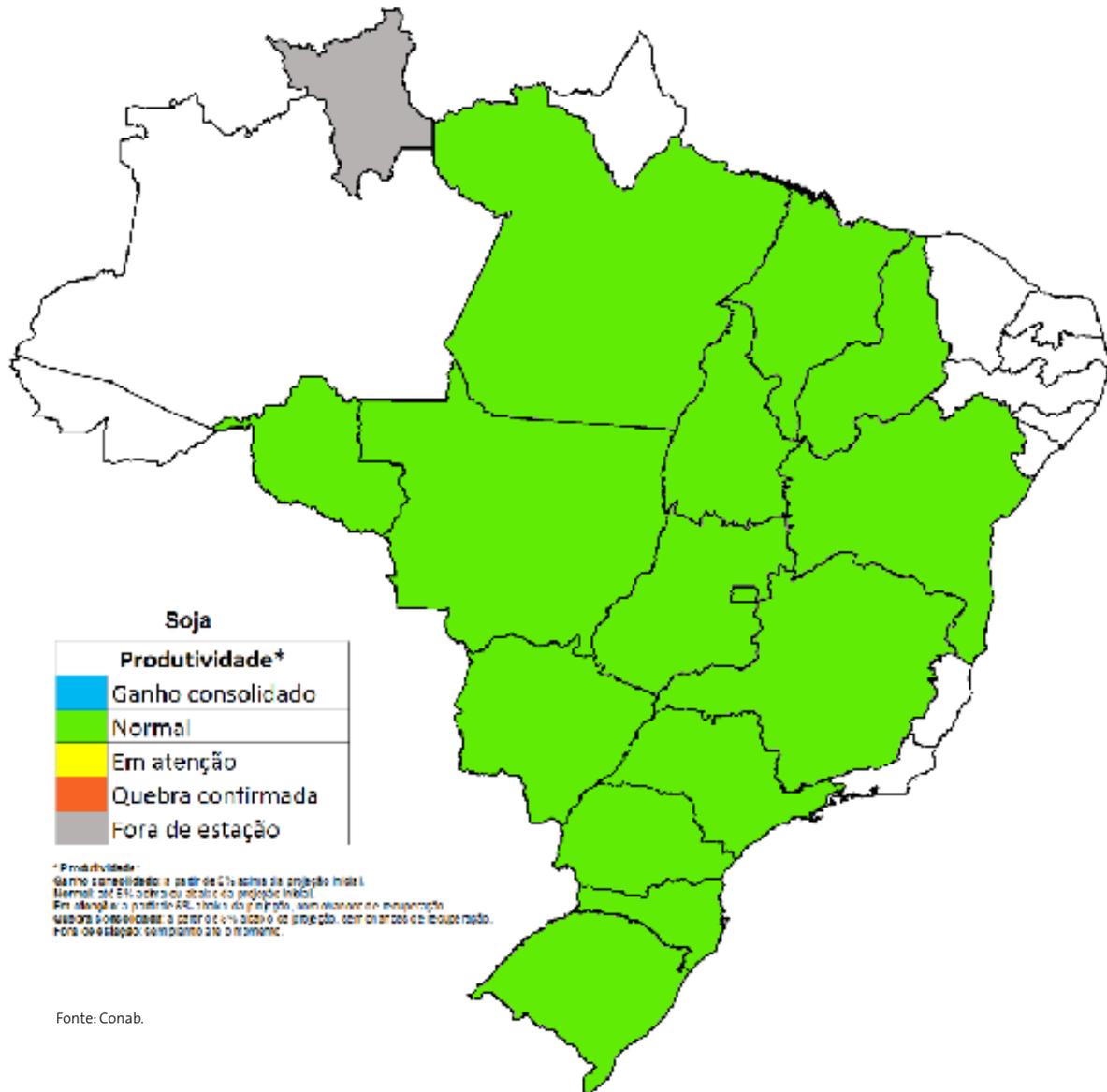
Figura 51 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 52 – Mapa da estimativa de produtividade: Soja (safra 2016/17) – Janeiro /2017



Fonte: Conab.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Soja primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.750,0	11,0	2.423	3.031	25,1	3.818,9	5.304,7	38,9
RR	24,0	30,0	25,0	3.300	3.300	-	79,2	99,0	25,0
RO	252,6	289,0	14,4	3.028	3.119	3,0	765,0	901,4	17,8
PA	428,9	481,8	12,3	3.003	3.173	5,7	1.288,0	1.528,8	18,7
TO	870,8	949,2	9,0	1.937	2.924	51,0	1.686,7	2.775,5	64,6
NORDESTE	2.878,2	3.214,9	11,7	1.774	2.926	64,9	5.107,1	9.405,9	84,2
MA	786,3	945,9	20,3	1.590	3.003	88,9	1.250,2	2.840,5	127,2
PI	565,0	686,5	21,5	1.143	2.980	160,7	645,8	2.045,8	216,8
BA	1.526,9	1.582,5	3,6	2.103	2.856	35,8	3.211,1	4.519,6	40,7
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.131,0	1,4	2.931	3.211	9,5	43.752,6	48.588,7	11,1
MT	9.140,0	9.259,0	1,3	2.848	3.235	13,6	26.030,7	29.952,9	15,1
MS	2.430,0	2.521,8	3,8	2.980	3.240	8,7	7.241,4	8.170,6	12,8
GO	3.285,1	3.280,2	(0,2)	3.120	3.120	-	10.249,5	10.234,2	(0,1)
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.300	-	231,0	231,0	-
SUDESTE	2.326,9	2.330,0	0,1	3.255	3.213	(1,3)	7.574,9	7.486,0	(1,2)
MG	1.469,3	1.456,1	(0,9)	3.220	3.145	(2,3)	4.731,1	4.579,4	(3,2)
SP	857,6	873,9	1,9	3.316	3.326	0,3	2.843,8	2.906,6	2,2
SUL	11.545,4	11.452,9	(0,8)	3.047	3.216	5,5	35.181,1	36.829,3	4,7
PR	5.451,3	5.244,2	(3,8)	3.090	3.480	12,6	16.844,5	18.249,8	8,3
SC	639,1	639,1	-	3.341	3.450	3,3	2.135,2	2.204,9	3,3
RS	5.455,0	5.569,6	2,1	2.970	2.940	(1,0)	16.201,4	16.374,6	1,1
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.964,9	11,5	2.004	2.963	47,9	8.926,0	14.710,6	64,8
CENTRO-SUL	28.797,4	28.913,9	0,4	3.004	3.213	7,0	86.508,6	92.904,0	7,4
BRASIL	33.251,9	33.878,8	1,9	2.870	3.176	10,7	95.434,6	107.614,6	12,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Mercado internacional

Para o mercado internacional, o Departamento de Agricultura Americano (USDA) divulgou, dia 09 de

fevereiro de 2017, o quadro mensal de suprimento de soja mundial.

a) Produção mundial de soja

Não houve modificações relevantes no quadro de produção mundial no relatório de fevereiro de 2017.

Se comparada à safra anterior, houve um aumento de 7,56%, isto é, o mundo produzirá 23,65 milhões de toneladas a mais que na safra passada.

Aquele departamento estimou que a produção mundial de soja, safra 2016/17, será de 336,62 milhões de toneladas.

Estados Unidos com 34,82%, Brasil com 30,90% e Argentina com 16,49%, juntos são responsáveis por 82,20% da safra mundial.

b) Produção de soja - Estados Unidos

Depois de uma ótima produtividade devido ao clima, a estimativa do Usda, para a safra Americana 2016/17 é de 117,21 milhões de toneladas.

Comparada com a safra 2015/16 houve um aumento de 10,35 milhões de toneladas (9,69%).



c) Produção de soja - Brasil

A estimativa do USDA é que o Brasil continue como o segundo maior produtor de soja do mundo, com 104 milhões de toneladas de soja em grãos.

Em relação à safra 2015/16, o USDA estima um crescimento de 7,77% - entre as safras - ou seja, a safra 2016/17 no Brasil deverá ser maior em 7,50 milhões de toneladas que a safra anterior.

d) Produção de soja - Argentina

A única alteração feita no quadro de oferta e demanda foi na Argentina, vez que houve uma redução de área estimada e também excesso de chuvas em alguns estados produtores

Para a Argentina, o USDA avalia que a safra 2016/17 seja de 55 milhões de toneladas, com redução de 1,30 milhão de toneladas (-2,29) em relação à estimada na safra 2015/16.

Segundo a bolsa de cereais da Argentina, devido ao aumento das áreas de trigo e milho e das modificações dos marcos regulatórios registradas desde o final de 2015, o governo retirou as taxas de exportações

destas culturas. Além de um leve aumento de área de girassol no norte do país, houve uma leve redução das áreas de soja.

Ocorreu, também, uma pequena perda de produção devido ao excesso de chuva ocorrido em alguns estados produtores.

Com isso, a bolsa de cereais da Argentina estima que a produção portenha seja de 53,50 milhões de toneladas, com redução de 4,5% em relação à safra passada, que foi de 56 milhões de toneladas, valor bem abaixo do estimado pelo USDA.

Tabela 38 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 JAN(b)	2016/17 FEV(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,86	117,21	117,21	10,35	9,69	0,00	0,00
Brasil	96,50	104,00	104,00	7,50	7,77	0,00	0,00
Argentina	56,80	57,00	55,50	-1,30	-2,29	-1,50	-2,63
China	11,79	12,90	12,90	1,12	9,46	0,00	0,00
Outros	41,03	46,74	47,02	5,99	14,59	0,27	0,58
Total	312,97	337,85	336,62	23,65	7,56	-1,23	-0,36

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

Importação mundial

A China é o maior importador de soja do mundo, responsável por 62,58% de todas as importações mundiais. Em segundo lugar, muito distante, vem a União Europeia com 10,04% das importações mundiais. To-

davia, não houve modificações significantes no quadro de oferta e demanda divulgado em fevereiro de 2017.

a) Importação - China

O valor das importações chinesas, estimado para a próxima safra, é 3,33% maior que o da safra anterior,

passando de 83,23 milhões para 86 milhões na safra 2016/17.



Tabela 39 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 JAN(b)	2016/17 FEV(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,23	86,00	86,00	2,77	3,33	0,00	0,00
União Europeia	15,01	13,80	13,80	-1,21	-8,04	0,00	0,00
México	4,13	4,30	4,30	0,17	4,22	0,00	0,00
Japão	3,19	3,10	3,10	-0,09	-2,70	0,00	0,00
outros	27,94	30,33	30,23	2,29	8,19	-0,10	-0,33
Total	133,49	137,53	137,43	3,94	2,95	-0,10	-0,07

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

Exportação mundial

Segundo o USDA, o Brasil é o maior exportador de soja em grãos do mundo, responsável por 42,46% de todas as exportações mundiais. Os Estados Unidos vêm em

segundo lugar com 39,81% e a Argentina em terceiro lugar, com 6,42%. Juntos, estes três países são responsáveis por 88,70% de todas as exportações mundiais.

a) Exportação - Brasil

O USDA estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de 59,50 milhões de toneladas; valor 9,41% maior que o estimado na safra 2015/16.

importações desse país, são grandes as possibilidades de que as exportações brasileiras alcancem este patamar. Além disso, com os preços internacionais e o dólar em alta, as exportações brasileiras, para a safra 2016/17, devem tomar fôlego, ficando bem acima das exportações da safra 2015/16.

Como a maior parte das exportações brasileira de grãos é para a China, e com o aumento de 3,33% de

b) Exportações - Estados Unidos

Na safra 2016/17 os Estados Unidos deverão exportar, aproximadamente, 55,79 milhões de toneladas. Em que pese as altas exportações e venda para exporta-

ções, em seu relatório de fevereiro de 2017 o Usda não modificou as estimativas de exportações para esse país.

c) Exportações - Argentina

Não obstante, na Argentina a maior parte da safra é esmagada internamente, por esse motivo é que o USDA estima para a safra 2016/17 uma exportação

de apenas 9 milhões de toneladas, ou seja, apenas 15,78% da safra estimada para 2017.

Tabela 40 - Exportação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 JAN(b)	2016/17 FEV(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	54,38	59,50	59,50	5,12	9,41	0,00	0,00
Estados Unidos	52,69	55,79	55,79	3,10	5,89	0,00	0,00
Argentina	9,92	9,00	9,00	-0,92	-9,27	0,00	0,00
Paraguai	5,40	5,30	5,30	-0,10	-1,85	0,00	0,00
outros	9,89	10,31	10,52	0,42	6,42	0,21	2,04
Total	132,28	139,90	140,11	7,63	5,92	0,21	0,15

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.



Esmagamento mundial

a) Esmagamento - China

Não houve modificação no quadro de oferta e demanda do Usda para os esmagamentos de soja chinês, mesmo o mercado constatando um maior valor nas importações.

Mesmo produzindo apenas 12,90 milhões de toneladas, a China é o maior esmagador de soja do mundo, graças a sua importação, que deverá chegar a 86 mi-

lhões de toneladas.

Assim, mesmo com pouco aquecimento das indústrias chinesas, os esmagamentos de soja estimados pelo USDA tiveram um pequeno crescimento de 6,40%, ficando em 86,50 milhões de toneladas, ou seja, praticamente o valor importado.

b) Esmagamento - Estados Unidos

Não houve modificações no quadro de oferta e demanda americano. Apesar do mercado constatar um relevante aumento de esmagamento, o Usda mantém o valor estimado desde dezembro de 2016.

Para a safra 2016/17, os esmagamentos são estimados

em 52,53 milhões de toneladas.

Em comparação à safra anterior houve um incremento de esmagamento de apenas 1,19 milhão de toneladas.

c) Esmagamento - Argentina

Para os esmagamentos de soja na Argentina, safra 2016/17, o Usda prevê um incremento de 20,7 milhões de toneladas de grãos, em comparação aos estimados no relatório passado.

Os esmagamentos da Argentina foram estimados em 45,30 milhões de toneladas, um aumento de 4,79% em relação à safra 2015/16.

d) Esmagamento - Brasil

O Brasil é o quarto maior esmagador de soja do mundo e, segundo o USDA, tais esmagamentos brasileiros

para a safra 2016/17 deverão ser de 40,50 milhões de toneladas.

Tabela 41 - Esmagamento mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 JAN(b)	2016/17 FEV(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,30	86,50	86,50	5,20	6,40	0,00	0,00
Estados Unidos	51,34	52,53	52,53	1,19	2,32	0,00	0,00
Argentina	43,23	44,70	45,30	2,07	4,79	0,60	1,34
Brasil	39,90	40,50	40,50	0,60	1,50	0,00	0,00
outros	60,54	66,12	65,92	5,37	8,88	-0,20	-0,30
Total	276,31	290,34	290,74	14,43	5,22	0,40	0,14

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

Estoques mundiais

a) Estoques - Estados Unidos

Não houve modificações significativas no valor total dos estoques de passagem mundiais.

A única modificação foi dos estoques de passagem na Argentina, onde, devido à redução de produção citada, o USDA estima uma redução de 7,04%.

Para a safra 2016/17, o USDA estima um aumento dos estoques de passagem americano, passando de 5,36 milhões de toneladas para 11,44 milhões de toneladas, ou seja, um valor 114% maior de uma safra para outra, caracterizando-se como o maior valor de estoque dos últimos dez anos.



Tabela 42 - Estoque final mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/16 (a)	2016/17 JAN(b)	2016/17 FEV(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	31,95	31,80	29,70	-2,25	-7,04	-2,10	-6,60
Brasil	18,63	19,38	19,38	0,75	4,03	0,00	0,00
China	16,91	14,86	14,86	-2,05	-12,12	0,00	0,00
Estados Unidos	5,35	11,44	11,44	6,08	113,58	0,00	0,00
outros	4,11	3,55	3,71	-0,40	-9,81	0,16	4,39
Total	77,19	82,32	80,38	3,19	4,14	-1,94	-2,36

Fonte: USDA

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

Preços internacionais

Os preços internacionais são dados pela bolsa de valores de Chicago (CBOT), influenciando diretamente nos preços nacionais.

Os preços internacionais fecharam fevereiro de 2017 com uma pequena baixa em relação janeiro, cotados, em média, a US\$ 10,37/bu (US\$ 380,80/t). Em janeiro de 2017 estes valores foram cotados a US\$ 10,75/bu

(US\$ 396,76/t).

Em relação aos preços internacionais, cotados no mesmo período de fevereiro de 2016, estes tiveram grande alta, vez que este valor era cotado, em média, a US\$ 8,71/bu (US\$ 32,13/t), ou seja, um aumento de 19%.

a) Principais fatores que afetam os preços internacionais

Fatores baixistas:

O principal fato baixista dos preços internacionais é a safra recorde produzida na América Latina, já que o Brasil, em vista do ótimo clima no desenvolvimento da cultura nos principais estados produtores, leva à expectativa de estimativa (USDA) de uma produção de mais de 104 milhões de toneladas.

Segundo, ainda, aquele departamento americano, os Estados Unidos devem produzir, na safra 2016/17, aproximadamente 117,21 milhões de toneladas de soja, a maior produção americana historicamente, deven-

do consumir e exportar cerca de 52,53 e 55,79 milhões de toneladas de grãos de soja, respectivamente. Com isso, os americanos devem finalizar com estoques finais de 11,44 milhões de toneladas.

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) o Brasil deve produzir, na safra 2016/17, em torno de 107,616 milhões de toneladas de grãos.

Os estoques de passagem mundial devem ser de 80,38 milhões de toneladas. Da mesma forma, o maior estoque praticado historicamente.

Fatores altistas:

- Alta demanda dos grãos para esmagamento e exportações dos Estados Unidos.
- Problemas climáticos ocorridos na Argentina.

- Indefinição política/comercial internacional, após a eleição do presidente Donald Trump.

b) Resumo mensal e expectativa para o próximo mês (preços)

O USDA divulgou em de fevereiro um provável aumento de área de soja nos Estados Unidos, com estimativa de área para safra 2017/18, de aproximadamente 35,5 milhões de hectares.

Como provavelmente a alta produtividade alcançada na safra 2016/17 nos Estados Unidos não deverá se repetir, e caso a produtividade para safra 2017/18 fique dentro da média dos últimos anos, em 3,2 kg/ha, a produção poderá chegar a um pouco mais de 113 milhões de toneladas de grãos de soja, ou seja, apesar do

aumento de área estimada, é muito pouco provável que os Estados Unidos ultrapassem os 117 milhões de toneladas estimadas na safra atual.

Além disso, o USDA estima que os esmagamentos para a safra 2017/18 devem chegar a 53 milhões de toneladas, isto é, um pequeno aumento de 0,8% em relação à safra anterior. As exportações devem alcançar em torno de 57,8 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de um pouco mais de 3% em relação à safra em vigor.



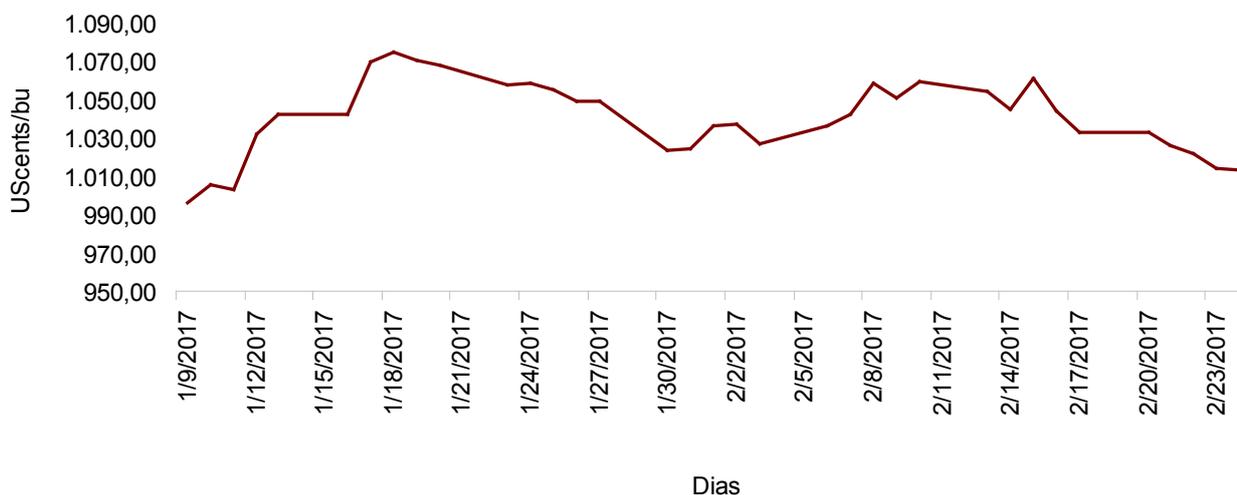
Apesar da queda de produção e um pequeno aumento na demanda, os estoques de passagem não sofreram, provavelmente, grandes modificações, devendo fechar perto dos 11 milhões de toneladas da safra 2016/17.

uma pequena queda no final de fevereiro.

Os preços na bolsa de valores de Chicago devem continuar estáveis e variando nos valores médios dos últimos seis meses de aproximadamente US\$ 10,20/bu.

Neste foco, os preços internacionais fecharam com

Gráfico 82 - Comportamento dos preços (Spot) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) - 2016



Fonte: Conab

Mercado nacional

a) Produção brasileira

Segundo a Conab, no seu sexto levantamento de safra, a produção nacional de soja em grãos será, em

média, de 107,61 milhões de toneladas.

b) Demanda brasileira

Com a quebra da safra 2015/16, que motivou em uma pequena redução de oferta para esmagamento brasileiro, com o aumento da demanda interna e mundial de farelo, e óleo de soja para 2017, os esmagamentos brasileiros de soja para 2017 devem ter um leve aumento de 6,96% em relação a 2016, estimados em 43 milhões de toneladas. Este valor, somado aos outros usos como semente e perdas, são estimados em 46,50 milhões de toneladas.

de proteína em suas rações como suíno, aves e bovinos.

Quanto ao óleo de soja, o aumento da demanda interna deve ser também de apenas 6,58%, considerando um aumento de demanda para consumo humano e para uso de biodiesel.

No farelo de soja, o aumento da demanda interna é estimado em 9,67%, tendo como base, principalmente, o crescimento de plantel de animais consumidores

As exportações de farelo e óleo de soja devem ter um aumento de 12,76% e 10,71%, respectivamente, levando em consideração, principalmente, uma redução da safra na Argentina, onde o Brasil poderia atuar com uma maior fatia no mercado internacional.



c) Exportações brasileiras de grãos de soja

Em janeiro a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior (Secex/MDIC) estimou que as exportações brasileiras de soja em grãos foram de 3,59 milhões de toneladas.

Este valor é 72% maior que o estimado em fevereiro de 2016, mas dentro da expectativa de exportações para a safra atual.

Para a safra 2016/17, as exportações de soja em grãos são estimadas em 59 milhões de toneladas, levado em

consideração principalmente o aumento de importação da China e um crescimento mundial de importações, observado pelas fortes exportações americanas. Este valor é 14,93% maior que o estimado para a safra 2016, apesar disso, a exportação de soja em grãos, estimada para 2017, é de apenas 8,8% maior que a de 2015, e o principal fato dessa “discrepância”, baseia-se na quebra de safra em 2015/16, que diminuiu a oferta de grãos tanto internamente quanto para exportações. Soma-se a isso, o fato dos agricultores estarem esperando melhores preços internacionais para o ano de 2017, devendo, assim, exportar quantidade maior que a da safra anterior.

d) Estoques finais Brasil

Já a safra 2016/17, apesar de uma expectativa de aumento de demanda interna e de exportações, o Brasil deverá produzir uma safra recorde de mais de 107,61 milhões de toneladas, o que, somadas aos estoques de passagem, deverão gerar um suprimento total de mais de 109,39 milhões de toneladas. Apesar da quebra de safra brasileira de grãos, na safra 2015/16 as exportações foram aquém das expectativas, como

também os esmagamentos que foram bastante reduzidos aos estimados.

Finalmente, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 3,82 milhões de toneladas, o segundo valor mais alto dos últimos dez anos.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo no país deverá ter uma área plantada de 621,9 mil hectares e uma produtividade de 2.667 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, por isso muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito devido ao mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

O sorgo em Goiás é plantado geralmente em sucessão de cultura com a soja, normalmente em áreas onde foram plantadas soja de ciclo tardio. Isso acontece quando o produtor perde a janela de plantio do milho. Porém, muitos agricultores alegam notar uma diminuição da produtividade da soja em safra com sucessão com sorgo na segunda safra. Contudo, é esperado uma área plantada de 240 mil hectares e uma produção de 772,1 mil toneladas. As estimativas mais precisas da área de sorgo são dependentes do desempenho da colheita da soja no estado e do interesse, ou não, dos produtores pelo milho safrinha.

Em Minas Gerais estima-se que o plantio de sorgo na presente safra, majoritariamente oriundo de segunda safra, represente 5% da área total de cultivo no estado, ou 1,4% superior à safra passada, e que apresente uma maior produção, considerando a previsão de um considerável aumento na produtividade devido à recuperação havida em face das melhores condições

climáticas, se comparadas ao ano anterior. Com previsão de elevação de 48,7% da produtividade, que pode não chegar a 3.000 kg/ha, a estimativa de produção de sorgo no estado passa a ser de 525 mil toneladas, ou 50,7% maior que a safra anterior. O plantio teve início em fevereiro, mas deverá se concentrar em março

Em Mato Grosso do Sul a cultura ainda não plantada e as áreas informadas neste levantamento poderão sofrer alterações para mais ou para menos. O plantio do sorgo deverá começar a partir da segunda quinzena de março, sendo abril o principal mês do plantio de sorgo. Os municípios que deverão plantar sorgo concentram-se na região nordeste do estado, sendo Chapadão do Sul e Costa Rica os principais produtores. Em São Gabriel do Oeste até o momento não há intenção de plantio para esta cultura. As produtividades esperadas são de aproximadamente 55 sc/ha, com estimativa inicial de plantio de 7.000 hectares no estado, porém, no momento, os produtores estão priorizando a colheita da soja nos municípios citados, bem como o plantio do milho segunda safra.

Na Bahia a estimativa é que a área cultivada seja de 96 mil hectares, com uma produção em torno 92,6 mil toneladas. O cultivo do sorgo ocupa a área de 96 mil hectares. O plantio nesta safra começou em novembro e deve ser finalizado em março para os cultivos irrigados, e as colheitas se iniciam em março. Espera-



se uma produção de 92,6 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 8,6% na área cultivada e aumento de 4,2% na produção de grãos em relação à safra passada. A produção de sorgo é destinada basicamente ao consumo interno, sendo consumido pelas indústrias granjeiras e pecuárias. Na Bahia o seu cultivo é impulsionado pelas boas cotações do milho, isto porque o sorgo substitui parcialmente o milho nas rações, sem contar que a lavoura de sorgo é muito menos exigente em insumos e é resistente ao estresse hídrico, sendo cultivada praticamente com os resíduos da cultura anterior. Os campos de sorgo estão distribuídos pelo centro-norte, centro-sul, Vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional, e com rotação de cultura com o algodão, milho e soja. No centro-norte estima-se o cultivo de 1,1 mil hectares em manejo de sequeiro com plantio convencional. Estima-se o rendimento de 390 kg/ha (6,5 sc/ha) e a produção de 0,4 mil toneladas. No centro-sul estima-se o cultivo de 24,8 mil hectares em manejo de sequeiro. As lavouras foram plantadas em novembro e dezembro com previsão de colheita para março. Adaptada às condições de estresse hídrico, as plantas de sorgo resistem a severidade do clima. Inicialmente a expectativa de rendimento era de 900 kg/ha (15 sc/ha), e sofreu redução de 60% devido à estiagem, sendo previsto render 360 kg/ha (6 sc/ha) e produzir cerca de 9 mil toneladas. No Vale do São Francisco se estima o cultivo de 34,2 mil hectares em manejo de sequeiro. Face a intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento na ordem de 900 kg/ha (15 sc/ha) foram reduzidas para 360 kg/ha (6 sc/ha), esperando-se a produção de 12,3 mil toneladas. No extremo oeste estima-se o cultivo de 36 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro não sofrerem com o veranico ocorrido e é possível encontrar campos na fase de crescimento vegetativo na eminência de florescer. Espera-se que a colheita dos campos inicie no final de março. Os plantios dos campos irrigados serão realizados após a colheita da soja. Estima-se a produtividade de 2.300 kg/ha (38 sc/ha) e a produção de 82,8 mil toneladas.

Em Mato Grosso, a estimativa da safra 2016/17 é con-

dicionada ao andamento do plantio das culturas de segunda safra, cujos trabalhos estão atrasados, principalmente o milho. Com isso, a perspectiva é que a semeadura do sorgo ocorra a partir de março. A cultura que é mais resistente ao clima seco, é utilizada pelos produtores rurais como cobertura vegetal, além de ser um substituto próximo ao milho no processo de fabricação de ração animal.

Em Tocantins, neste levantamento verificou-se um decréscimo na intenção de cultivo do grão de 14,8%. Apesar de não ser de cultivo tão tradicional entre os produtores, a cultura vem ganhando espaço por se tratar de uma cultura mais tolerante à seca e aos bons preços obtidos na sua comercialização pressionados pelos elevados preços do milho. Apesar de ser mais comumente difundido entre os produtores o plantio de variedades (de menor potencial produtivo), nesta safra, registramos que haverá crescimento plantio de cultivares híbridos em algumas regiões do estado, esperando-se uma maior produtividade das lavouras.

Na Paraíba, o produtor paraibano tradicionalmente não planta sorgo granífero. Por fatores econômicos não tem interesse na produção do grão de sorgo, ficando restrito a exploração do sorgo forrageiro, destinado a formação de feno para consumo dos seus rebanhos. Na safra passada foram plantados 300 hectares de sorgo granífero, destinado a formação de sementes. Na presente safra são estimados o plantio de 300 hectares, com produtividade de 1.150 kg/ha.

Toda a cultura será plantada por uma empresa especializada na produção de sementes, com uso de pacote tecnológico avançado, cuja produtividade poderá atingir até 2.500 kg/ha.

Em Pernambuco o cultivo do sorgo manteve a mesma área da safra anterior de 4,5 mil hectares. Da mesma família botânica do milho, o plantio que tem ocorrido no sertão pernambucano trata-se do sorgo forrageiro, destinado à alimentação dos rebanhos no estado, pois possui elevada produção de forragem e adaptabilidade maior às condições climáticas quando comparado ao sorgo granífero.



Figura 53 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

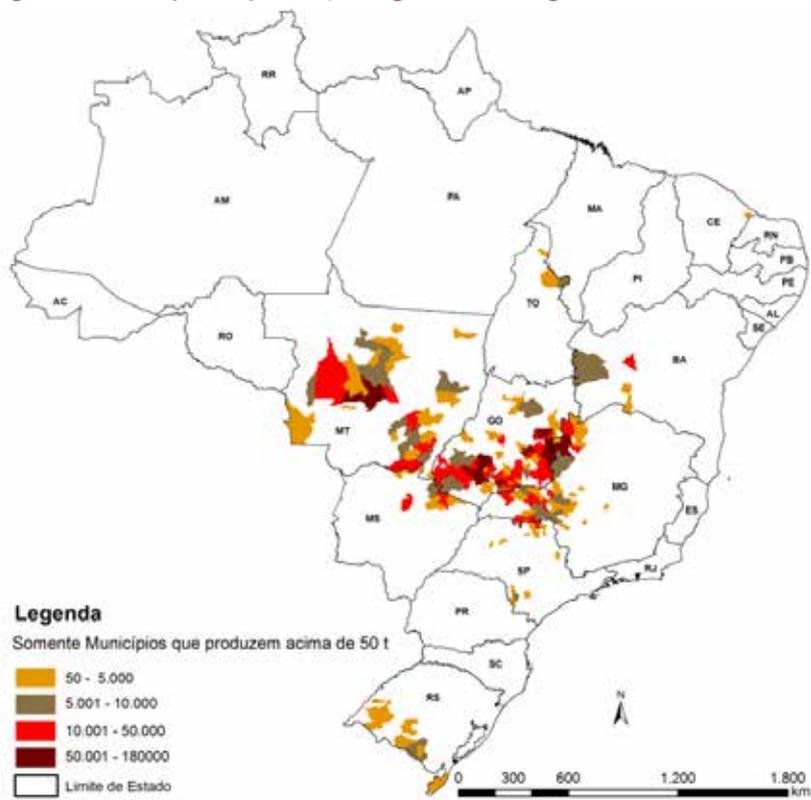
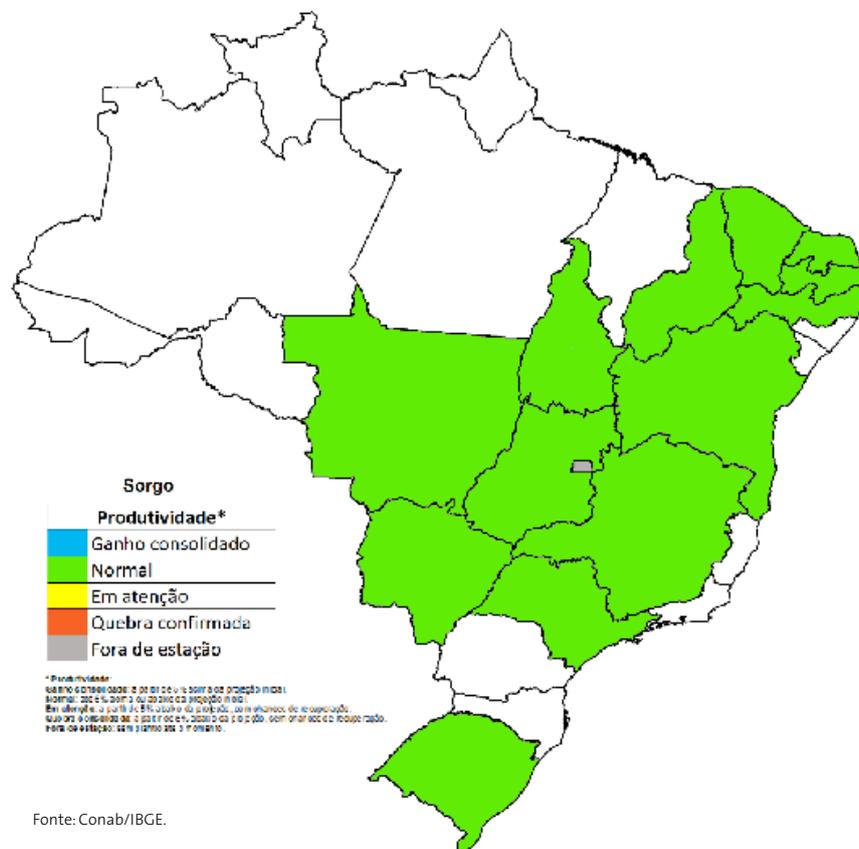


Figura 54 - Mapa da estimativa de produtividade: Sorgo (safra 2016/17) – Janeiro/2017



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	21,4	(14,7)	1.687	1.725	2,3	42,3	36,9	(12,8)
TO	25,1	21,4	(14,8)	1.687	1.725	2,3	42,3	36,9	(12,8)
NORDESTE	97,1	104,7	7,8	942	939	(0,4)	91,4	98,2	7,4
PI	2,8	2,8	-	45	775	1.622,2	0,1	2,2	2.100,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	0,4	-	1.224	1.383	13,0	0,5	0,6	20,0
PB	0,3	0,3	-	800	1.150	43,8	0,2	0,3	50,0
PE	4,5	4,5	-	167	276	65,3	0,8	1,2	50,0
BA	88,4	96,0	8,6	1.006	965	(4,1)	88,9	92,6	4,2
CENTRO-OESTE	262,8	299,8	14,1	1.836	3.109	69,3	482,6	932,0	93,1
MT	49,0	49,5	1,0	1.915	2.430	26,9	93,8	120,3	28,3
MS	9,5	7,0	(26,3)	3.390	3.226	(4,8)	32,2	22,6	(29,8)
GO	201,0	240,0	19,4	1.700	3.217	89,2	341,7	772,1	126,0
DF	3,3	3,3	-	4.500	5.149	14,4	14,9	17,0	14,1
SUDESTE	185,0	187,0	1,1	2.102	3.018	43,6	388,8	564,3	45,1
MG	172,6	175,0	1,4	2.018	3.000	48,7	348,3	525,0	50,7
SP	12,4	12,0	(3,3)	3.266	3.273	0,2	40,5	39,3	(3,0)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	126,1	3,2	1.095	1.072	(2,1)	133,7	135,1	1,0
CENTRO-SUL	456,8	495,8	8,5	1.965	3.072	56,3	897,8	1.523,3	69,7
BRASIL	579,0	621,9	7,4	1.782	2.667	49,7	1.031,5	1.658,4	60,8

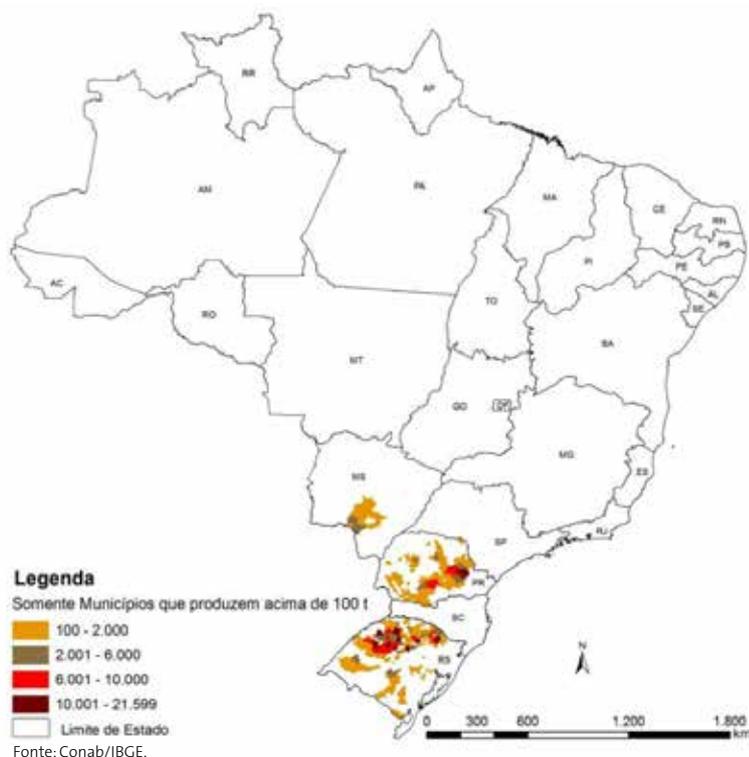
Nota: Estimativa em março/2017.



9.2 CULTURAS DE INVERNO - SAFRA 2016

9.2.1. AVEIA

Figura 55 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – sorgo (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia primeira safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	F	FR	M	C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	F	FR	M	C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	15,0	-	1.500	1.560	4,0	22,5	23,4	4,0
MS	15,0	15,0	-	1.500	1.562	4,1	22,5	23,4	4,0
SUL	276,5	276,5	-	2.912	2.411	(17,2)	805,3	666,6	(17,2)
PR	58,2	58,2	-	2.508	2.306	(8,1)	146,0	134,2	(8,1)
RS	218,3	218,3	-	3.020	2.439	(19,2)	659,3	532,4	(19,2)
CENTRO-SUL	291,5	291,5	-	2.840	2.367	(16,7)	827,8	690,0	(16,6)
BRASIL	291,5	291,5	-	2.840	2.367	(16,7)	827,8	690,0	(16,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.

9.2.2. CANOLA

Figura 56 – Mapa da produção agrícola – Canola

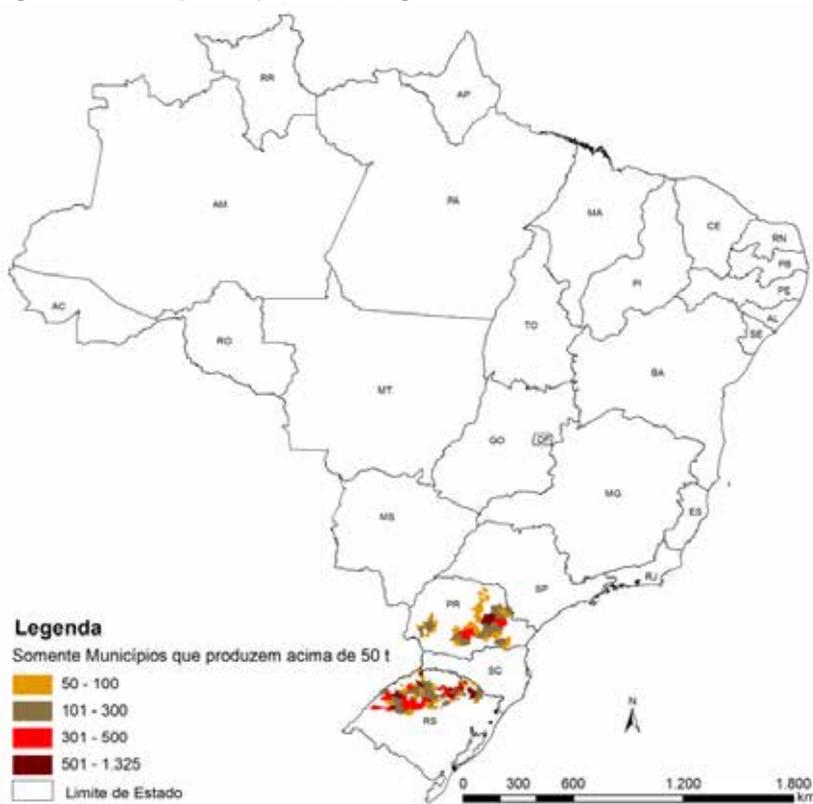


Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	47,5	-	1.514	1.552	2,5	71,9	73,7	2,5
PR	6,3	6,3	-	1.479	1.504	1,7	9,3	9,5	2,2
RS	41,2	41,2	-	1.520	1.558	2,5	62,6	64,2	2,6
CENTRO-SUL	47,5	47,5	-	1.514	1.552	2,5	71,9	73,7	2,5
BRASIL	47,5	47,5	-	1.514	1.552	2,5	71,9	73,7	2,5

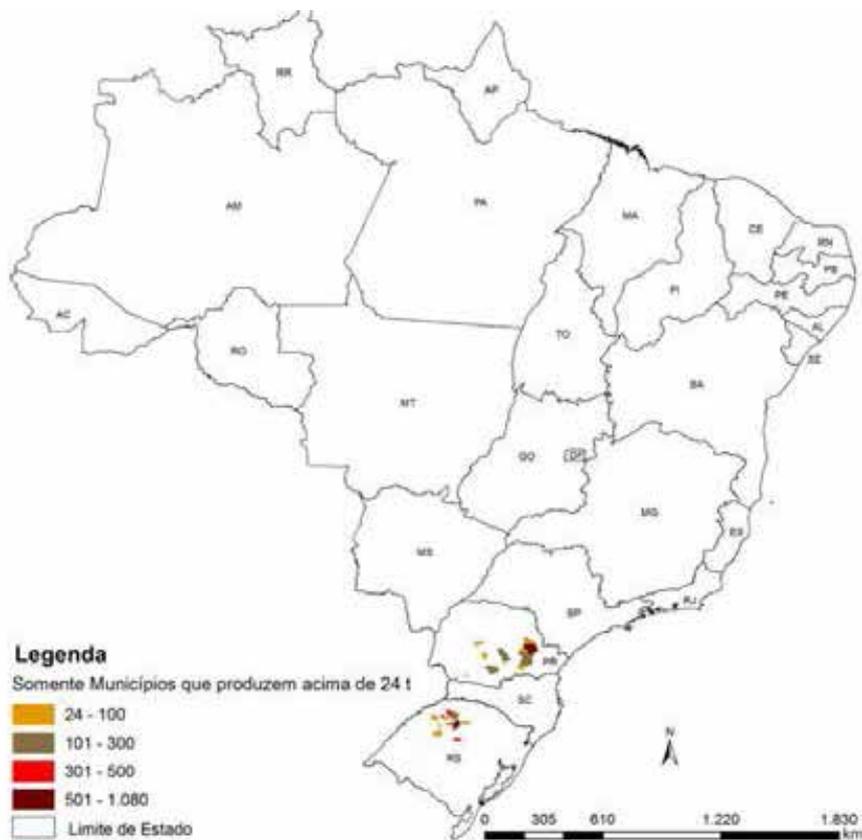
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.2.3. CENTEIO

Figura 57 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	2,5	-	2.600	1.680	(35,4)	6,5	4,2	(35,4)
PR	1,0	1,0	-	2.402	2.125	(11,5)	2,4	2,1	(12,5)
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.367	(49,4)	4,1	2,1	(48,8)
CENTRO-SUL	2,5	2,5	-	2.600	1.680	(35,4)	6,5	4,2	(35,4)
BRASIL	2,5	2,5	-	2.600	1.680	(35,4)	6,5	4,2	(35,4)

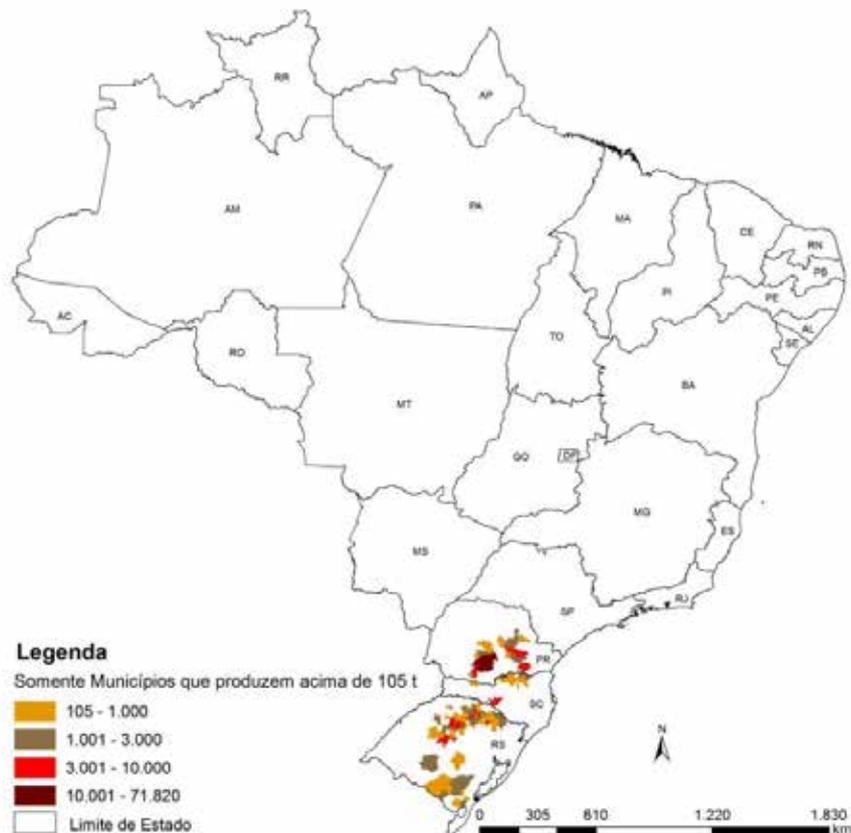
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.2.4. CEVADA

Figura 58 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	95,6	-	3.921	2.951	(24,7)	374,8	282,1	(24,7)
PR	42,5	42,5	-	4.682	3.740	(20,1)	199,0	159,0	(20,1)
SC	1,3	1,3	-	4.800	3.175	(33,9)	6,2	4,1	(33,9)
RS	51,8	51,8	-	3.274	2.297	(29,8)	169,6	119,0	(29,8)
CENTRO-SUL	95,6	95,6	-	3.921	2.951	(24,7)	374,8	282,1	(24,7)
BRASIL	95,6	95,6	-	3.921	2.951	(24,7)	374,8	282,1	(24,7)

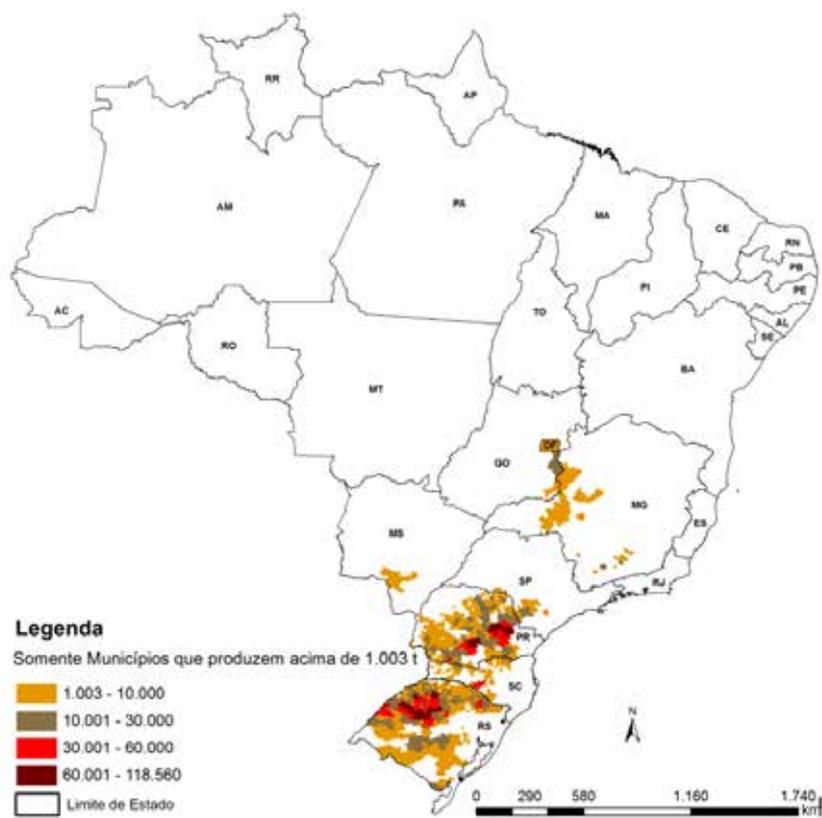
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.2.5. TRIGO

Figura 59 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	3,0	-	6.000	6.000	-	18,0	18,0	-
BA	3,0	3,0	-	6.000	6.000	-	18,0	18,0	-
CENTRO-OESTE	32,9	32,9	-	3.657	3.653	(0,1)	120,3	120,2	(0,1)
MS	17,8	17,8	-	2.328	2.203	(5,4)	41,4	39,2	(5,3)
GO	14,3	14,3	-	5.182	5.330	2,9	74,1	76,2	2,8
DF	0,8	0,8	-	6.000	6.000	-	4,8	4,8	-
SUDESTE	161,1	161,1	-	2.852	2.742	(3,9)	459,4	441,8	(3,8)
MG	84,3	84,3	-	2.599	2.645	1,8	219,1	223,0	1,8
SP	76,8	76,8	-	3.129	2.849	(8,9)	240,3	218,8	(8,9)
SUL	1.921,4	1.921,4	-	3.190	2.638	(17,3)	6.129,1	5.069,3	(17,3)
PR	1.086,4	1.086,4	-	3.140	2.837	(9,6)	3.411,3	3.082,1	(9,7)
SC	58,1	58,1	-	3.800	2.954	(22,3)	220,8	171,6	(22,3)
RS	776,9	776,9	-	3.214	2.337	(27,3)	2.497,0	1.815,6	(27,3)
NORTE/NORDESTE	3,0	3,0	-	6.000	6.000	-	18,0	18,0	-
CENTRO-SUL	2.115,4	2.115,4	-	3.171	2.662	(16,1)	6.708,8	5.631,3	(16,1)
BRASIL	2.118,4	2.118,4	-	3.175	2.667	(16,0)	6.726,8	5.649,3	(16,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.



9.2.6. TRITICALE

Figura 6o – Mapa da produção agrícola – Tríticale

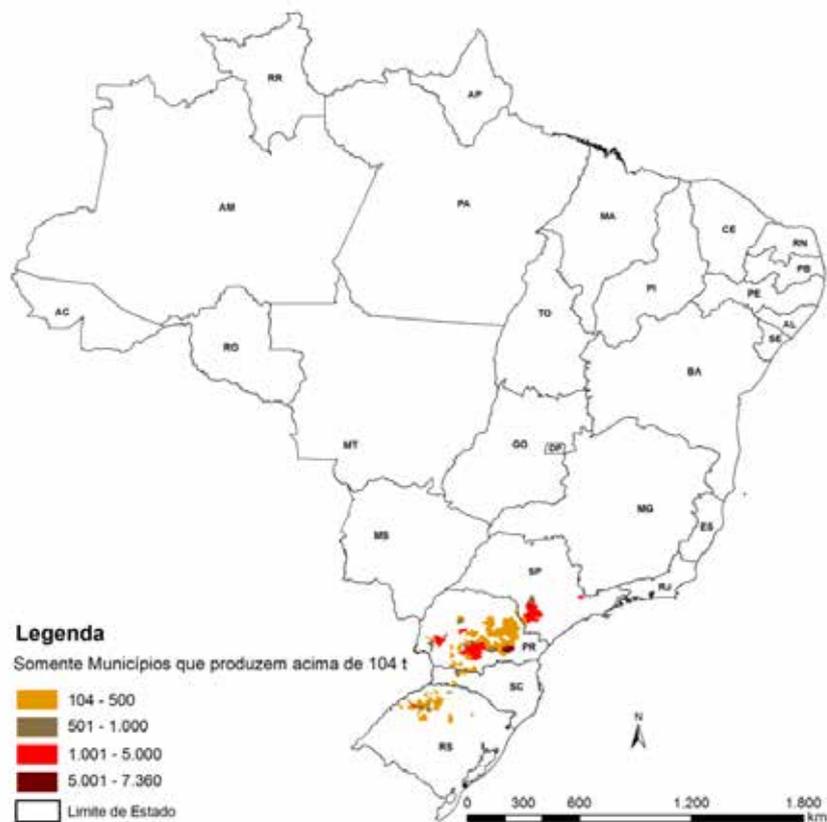


Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.987	4,7	21,4	22,4	4,7
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.989	4,7	21,4	22,4	4,7
SUL	16,0	16,0	-	2.919	2.363	(19,0)	46,7	37,8	(19,1)
PR	9,7	9,7	-	3.097	2.512	(18,9)	30,0	24,4	(18,7)
SC	0,6	0,6	-	2.243	2.687	19,8	1,3	1,6	23,1
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.067	(23,4)	15,4	11,8	(23,4)
CENTRO-SUL	23,5	23,5	-	2.898	2.562	(11,6)	68,1	60,2	(11,6)
BRASIL	23,5	23,5	-	2.898	2.562	(11,6)	68,1	60,2	(11,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2017.





10. RECEITA BRUTA

Utilizando os dados de produção das safras 2015/16 e 2016/17 divulgados no sexto Levantamento de Safra de Grãos 2016/17, e os preços médios recebidos pelos produtores em fevereiro de 2016 e 2017, respectivamente, a receita bruta das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja foi estimada em R\$ 183,1 bilhões para a safra 2016/17, valor 9,3% superior ao da safra 2015/16 (R\$ 167,56 bilhões), conforme demonstrado na tabela e gráfico a seguir.

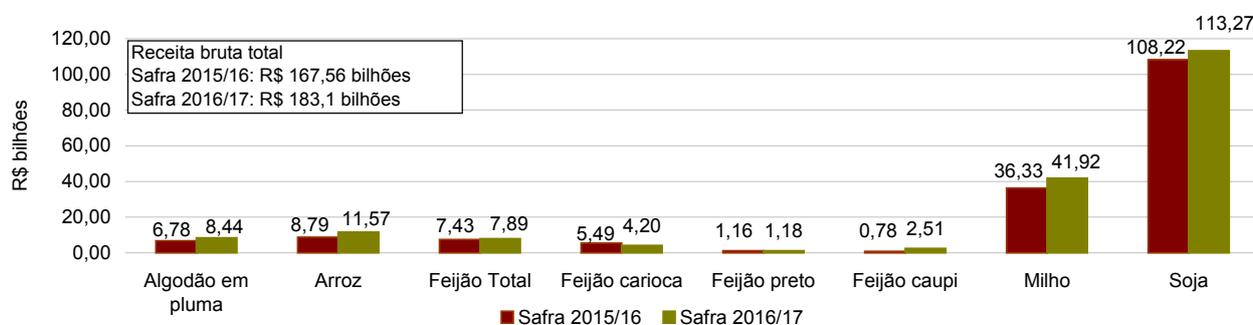
Tabela 50 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	Variação	Unid.	02/2016	02/2017	Variação	01/2016	01/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,44	11,9%	15	78,90	87,74	11,2%	6,78	8,44	24,5%
Arroz	10,61	11,97	12,8%	60	49,71	58,01	16,7%	8,79	11,57	31,7%
Feijão Total	2,51	3,27	30,3%	60	177,50	144,62	-18,5%	7,43	7,89	6,1%
Feijão carioca	1,69	2,11	25,1%	60	195,34	119,63	-38,8%	5,49	4,20	-23,4%
Feijão preto	0,47	0,52	11,0%	60	150,09	137,00	-8,7%	1,16	1,18	1,3%
Feijão caupi	0,36	0,65	79,0%	60	129,79	231,84	78,6%	0,78	2,51	219,8%
Milho	66,53	88,97	33,7%	60	32,76	28,27	-13,7%	36,33	41,92	15,4%
Soja	95,43	107,61	12,8%	60	68,04	63,15	-7,2%	108,22	113,27	4,7%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	167,56	183,10	9,3%

Fonte: Conab

Nota: Estimativa de produção em fevereiro/2017 e preços de janeiro de 2016 e 2017.

Gráfico 83 – Receita bruta da produção agrícola – Algodão (pluma), arroz, feijão, milho e soja – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

A seguir são apresentados os cálculos detalhados para cada produto.

10.1. ALGODÃO

Com as atualizações das informações do atual levantamento de safra, que agora indica aumento de 11,9% na produção da safra 2016/17, ante à safra 2015/16 e também dos preços recebidos pelos produtores, que variaram 11,2%, em média, na comparação de fevereiro de 2016 e de 2017, a receita bruta dos produtores de algodão aumentará 24,5%, passando de R\$ 6,78 bilhões para R\$ 8,44 bilhões.

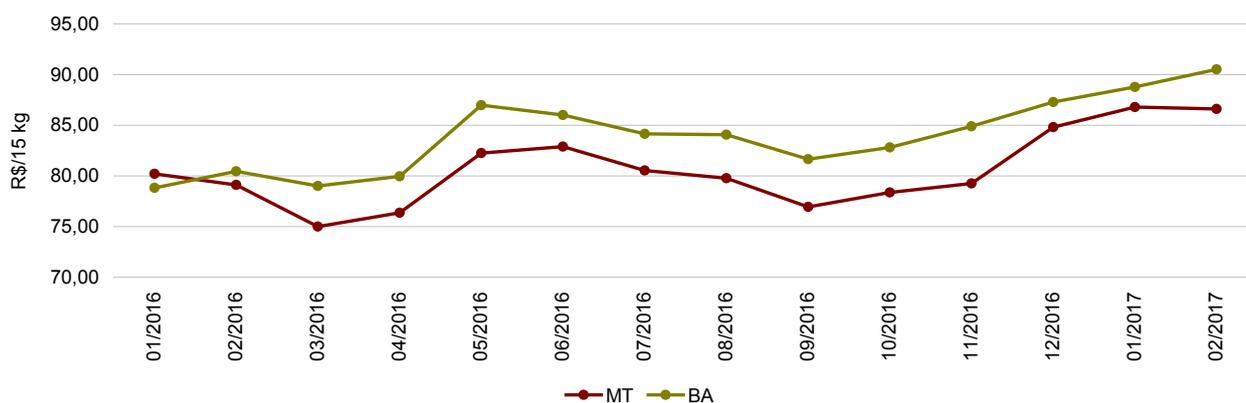
Em Mato Grosso, maior produtor nacional, 978,6 mil toneladas ou 67,8% da safra brasileira, tanto a produção quanto os preços recebidos aumentaram 11,1% e 9,5%, respectivamente, potencializando, assim, o crescimento da receita, que passará de R\$ 4,64 para R\$ 5,65 bilhões e injetando R\$ 1,01 bilhão adicional na economia estadual.

Na Bahia, segundo maior produtor (295,6 mil toneladas e 20,5% do total brasileiro), a receita bruta passará de R\$ 1,33 bilhão verificado na safra 2015/16 para R\$ 1,78 bilhão na safra atual, acrescentando cerca de R\$ 460 milhões a mais nas finanças dos produtores.

Assim como em Mato Grosso e na Bahia, as cotações de fevereiro de 2017 também estão superiores às observadas em 2016 em todos os dez estados que, juntos produzem o restante da safra nacional da fibra. Por outro lado, apenas em São Paulo, Tocantins e no Paraná, que representam cerca de 4% da safra brasileira, houve queda na produção e estas superaram os crescimentos dos preços, assim, estes três estados são os únicos que apresentam diminuição na receita bruta, porém sem impactos significativos no total.



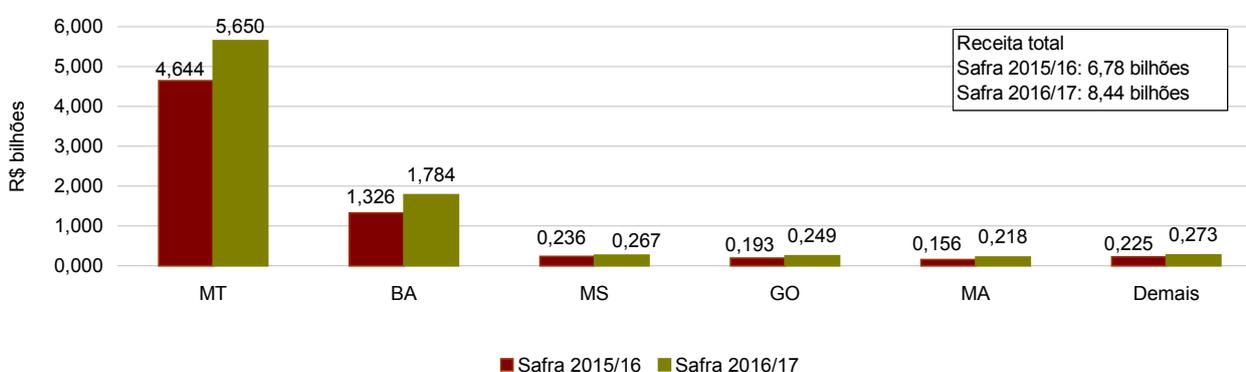
Gráfico 84 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Janeiro/2016 a fevereiro/2017



Fonte: Conab

O gráfico 85 apresenta o comportamento da receita bruta para os principais estados produtores.

Gráfico 85 – Receita bruta da produção agrícola – Algodão em pluma – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

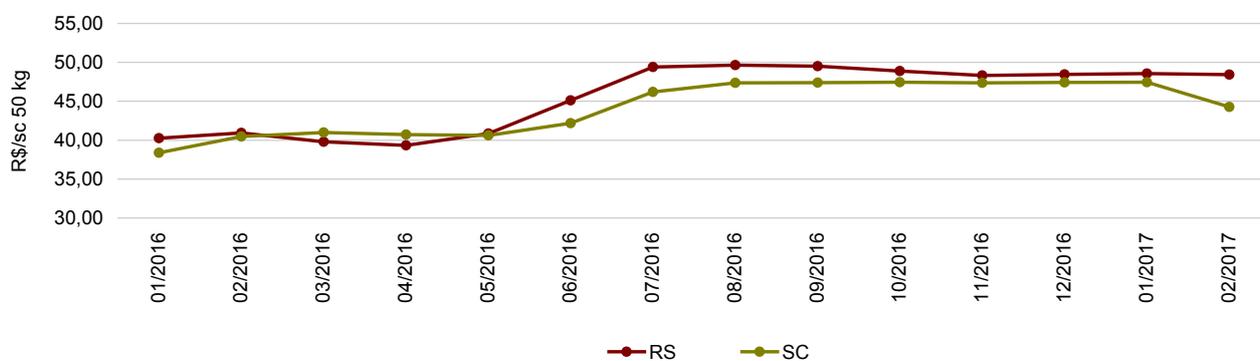
Nota: Fevereiro de 2016 a fevereiro de 2017.

10.2. ARROZ

Convém ressaltar, como informado anteriormente, que aproximadamente 80% da produção de arroz está concentrada no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e que em consequência desta situação, o

resultado final da receita é fortemente influenciado pelo comportamento da safra e dos preços nessas localidades..

Gráfico 86 – Arroz em casca – Longo fino - Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.



A receita esperada para a safra 2016/17, no Rio Grande do Sul, que produz 70,8% de todo arroz produzido no Brasil, é de R\$ 8,21 bilhões, R\$ 2,19 bilhões ou 36,3% superior à observada na temporada passada. Esse resultado é fruto do crescimento de 15,2% na produção e de 18,3% nos preços recebidos pelo produtor em fevereiro de 2016 e 2017, respectivamente.

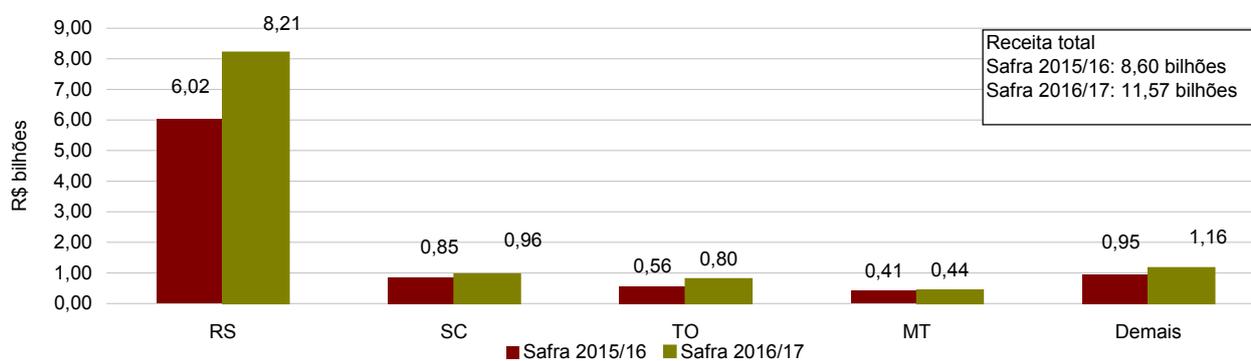
Em Santa Catarina, segundo produtor nacional, com 9,1% da safra, a receita atingirá R\$ 963 milhões na safra 2016/17, superando em R\$ 111 milhões o valor da safra anterior – R\$ 852 milhões. Nesse estado também ocorreram crescimentos de 3,4% na produção e 9,4%

nas cotações em fevereiro de 2016 e 2017.

Agregando os valores dos vinte e quatro demais estados produtores (só não há produção comercial no Distrito Federal) aos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a receita bruta consolidada para o arroz alcançou o valor de R\$ 11,57 bilhões na safra corrente, contra R\$ 8,79 bilhões na anterior, registrando crescimento de R\$ 2,78 bilhões e variação de 35,4%.

No Gráfico 5 é apresentado o comportamento da receita dos principais estados produtores.

Gráfico 87 – Receita bruta da produção agrícola – arroz – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: Fevereiro de 2016 a fevereiro de 2017.

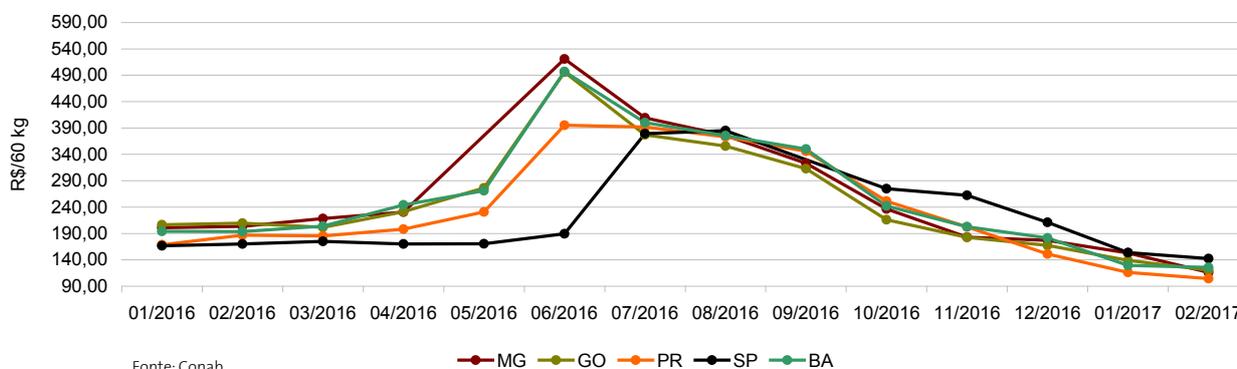
10.3. FEIJÃO

10.3.1. FEIJÃO-CARIOCA

A primeira safra transcorreu dentro da normalidade climática na Região Sul e sua colheita deve ser encerrada em meados de março; o plantio da segunda safra se encontra em estágio avançado. A entrada de pro-

duto novo provocou a redução das cotações em praticamente todos as Unidades da Federação, as quais ficaram, em média, 38,8% abaixo dos valores de 2017.

Gráfico 88 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores



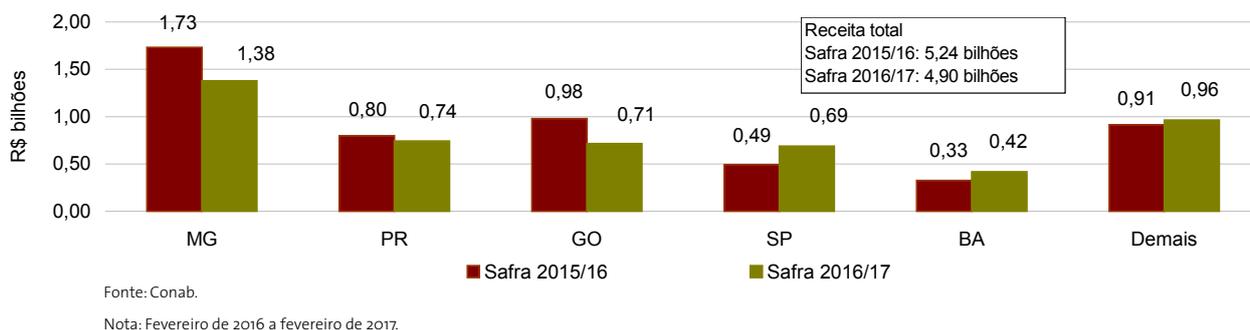
Fonte: Conab

A redução dos preços superou o aumento médio de 25,1% da produção e, conseqüentemente, a receita

bruta estimada para a safra 2016/17 somou R\$ 4,20 bilhões, 23,4% inferior aos R\$ 5,49 bilhões de 2015/16.



Gráfico 89 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão-carioca – Safras 2015/16 e 2016/17

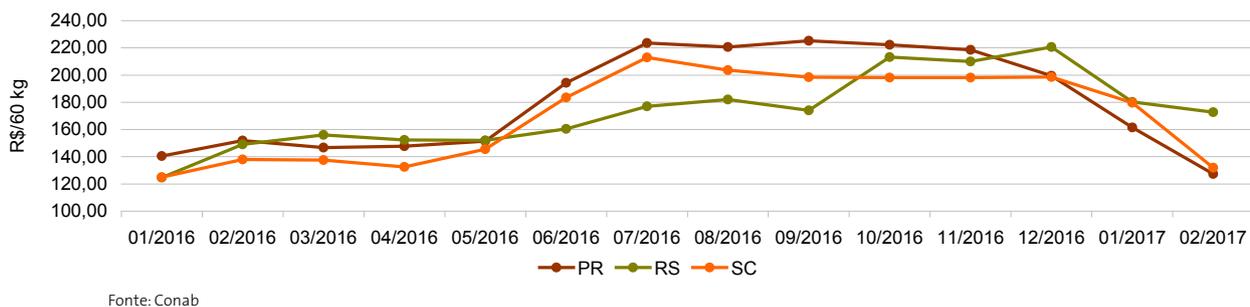


10.3.2. FEIJÃO-PRETO

A situação do feijão-preto é semelhante à do carioca: a primeira safra teve desenvolvimento dentro da normalidade e a colheita está praticamente concluída, o plantio da segunda safra está em andamento e os preços também em queda, porém num ritmo menos intenso do que o verificado no carioca.

A produção aumentou de 465,7 em 2015/16 para 517 mil toneladas em 2016/17, apresentando variação de 11%. Já os preços apresentaram redução média na ordem de 8,7%, inferior, portanto, ao crescimento da produção.

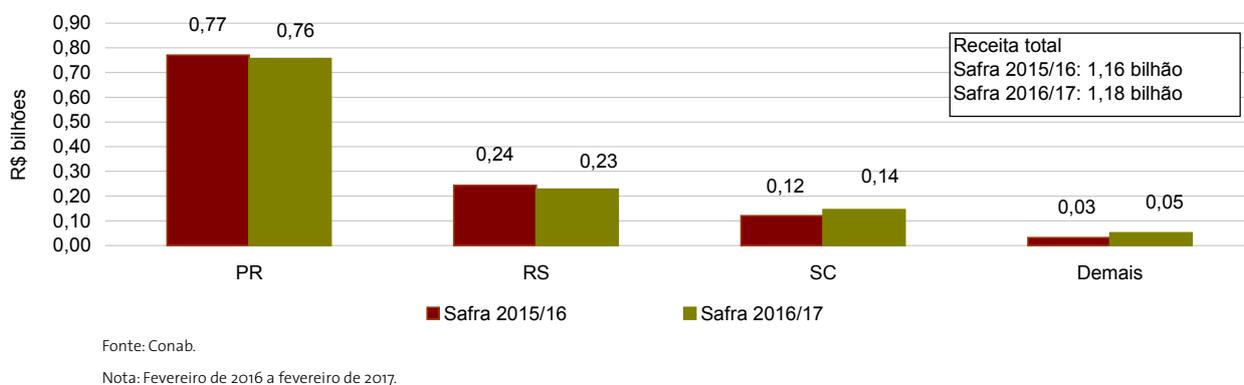
Gráfico 90 – Feijão-preto – Preços nominais recebidos pelos produtores



A receita bruta de feijão-preto, na temporada atual, somou R\$ 1,18 bilhão, contra R\$ 1,16 bilhão na safra

2015/16, apresentando crescimento de 1,3%.

Gráfico 91 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão-preto – Safras 2015/16 e 2016/17



10.3.3. FEIJÃO CAUPI

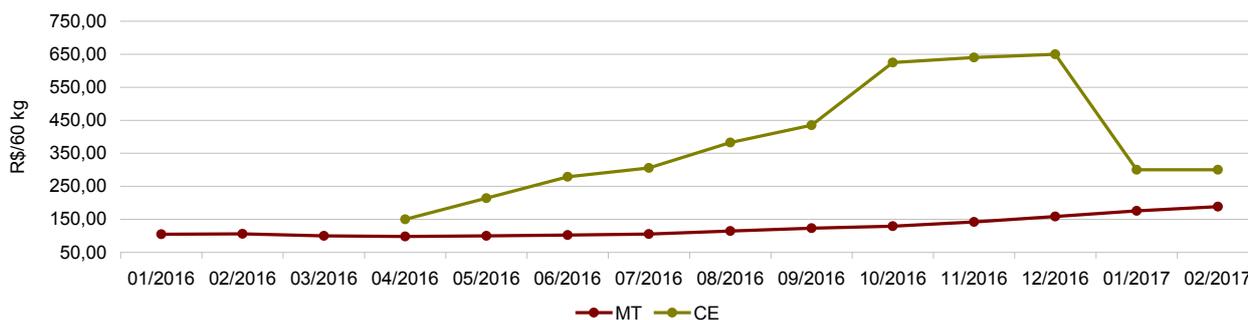
A produção de feijão caupi apurada pela Conab será de 649 mil toneladas na safra 2016/17, 79% superior às 362,5 mil toneladas da safra passada, cabendo ressaltar a participação de Mato Grosso, que passa a ser o principal produtor individual do grão, com participação de 34,7% do total.

Devido a problemas de coleta na Região Nordeste,

foram repetidos os preços de janeiro de 2016 e 2017 para fevereiro de 2016 e 2017, mesmo sabendo que isso pode resultar num determinado viés na apuração final do cálculo.

O preço médio Brasil foi de R\$ 130,16 a saca de 60 quilos em 2016 e de R\$ 230,72 a saca de 60 quilos em 2017, apresentando variação de 77,3%.

Gráfico 92 – Feijão caupi – Preços nominais recebidos pelos produtores

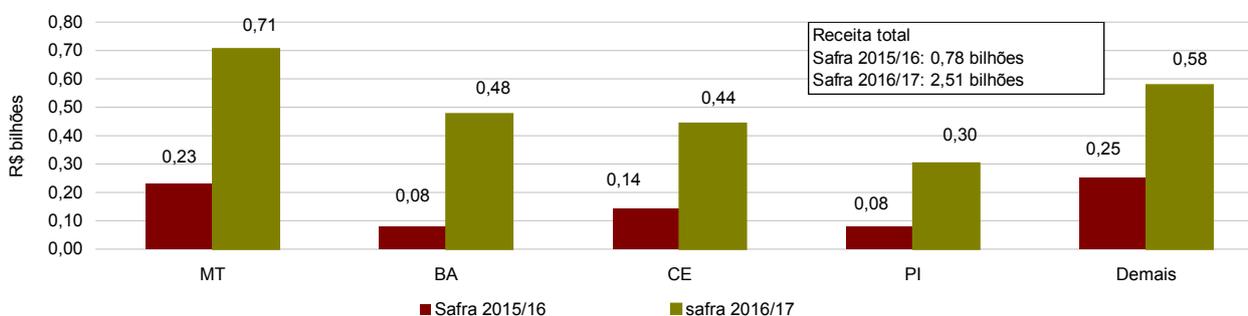


Fonte: Conab.

A receita bruta total do feijão caupi foi estimada em R\$ 784 milhões na safra 2015/16 e em R\$ 2,508 bilhões

em 2016/17, com crescimento de 219,8%.

Gráfico 93 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão caupi – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

Nota: Fevereiro de 2016 a fevereiro de 2017

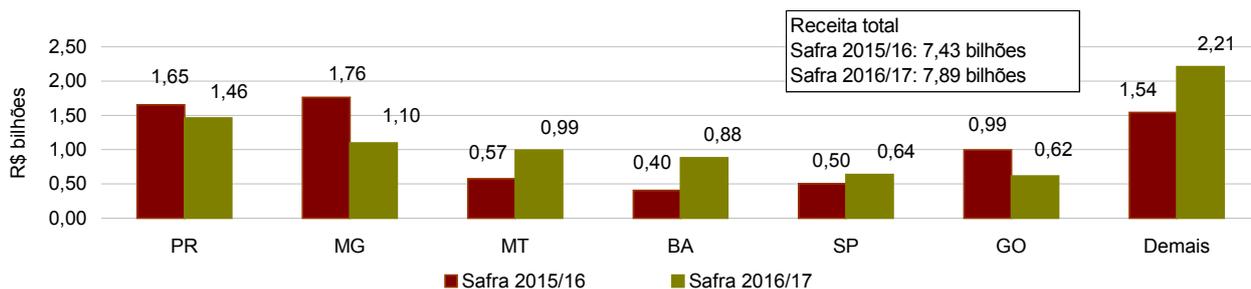
10.3.4. FEIJÃO TOTAL

Agregando os valores do feijão-carioca, do preto e do caupi, obteve-se a receita bruta do total de feijão de

R\$ 7,44 bilhões na temporada 2015/16 e R\$ 7,88 bilhões em 2016/17, apresentada no gráfico a seguir.



Gráfico 94 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: Fevereiro de 2016 a fevereiro de 2017.

10.4. MILHO

Os dados do sexto levantamento de Grãos indicam que a produção total de milho (primeira e segunda safras) na safra 2016/17 será de 88,97 milhões de toneladas, volume 33,7% superior ao de 2015/16 - 66,53 milhões de toneladas.

Os preços do produto, por sua vez, continuam em processo acentuado de queda e, como pode ser observado no gráfico a seguir, nos principais estados produtores, os dados de fevereiro de 2017 encontram-se abaixo dos valores do mesmo mês do ano anterior.

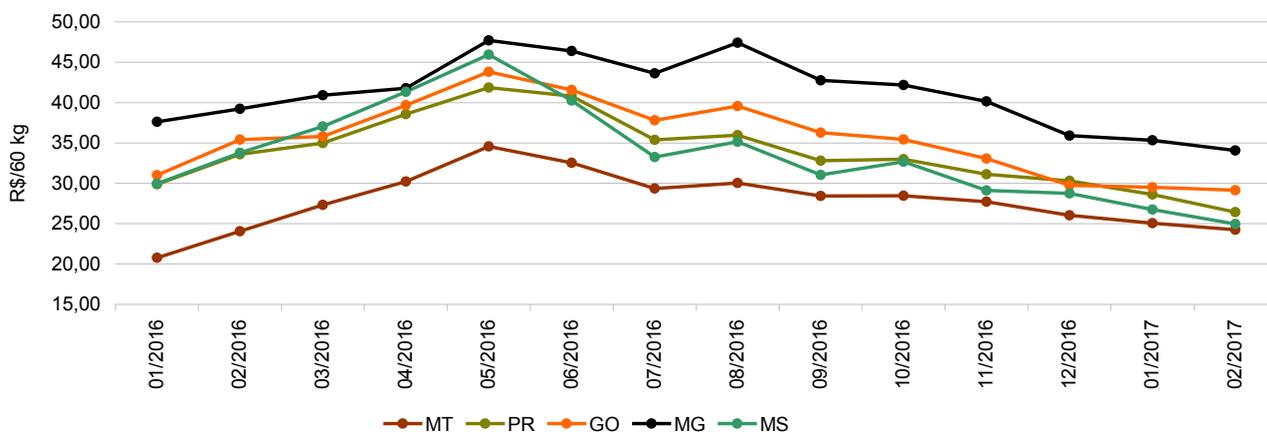
Essa pressão sobre os preços, segundo a Conab, deve-se à retração dos compradores em face da entrada da nova safra na Região Sul (principal produtora da primeira safra de milho) e à importação de 3,3 milhões de toneladas de milho no período de fevereiro a janeiro.

Em Mato Grosso, maior produtor nacional, tanto da segunda safra como do total de milho (primeira e segunda safras), a média de fevereiro deste ano está apenas R\$ 0,20 a saca de 60 quilos acima do valor de 12 meses atrás.

Segundo o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), 92% da área da segunda safra foi semeada dentro da janela favorável ao plantio, encerrada na última semana de fevereiro a Associação dos Produtores de Soja (Aprosoja) estima que, em Goiás e Mato Grosso do Sul, 85% e 43,1%, respectivamente, da área destinada ao milho segunda safra foi plantada e as lavouras apresentam condições favoráveis.

Ainda segundo o Imea, caso as favoráveis previsões climáticas se confirmem, a segunda safra poderá ser maior até do que o previsto atualmente e com isso, a pressão de preços baixos deverá continuar nas próximas semanas.

Gráfico 95 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

A despeito da queda média de 13,7% nos preços no Brasil, a receita para este ano safra está estimada em

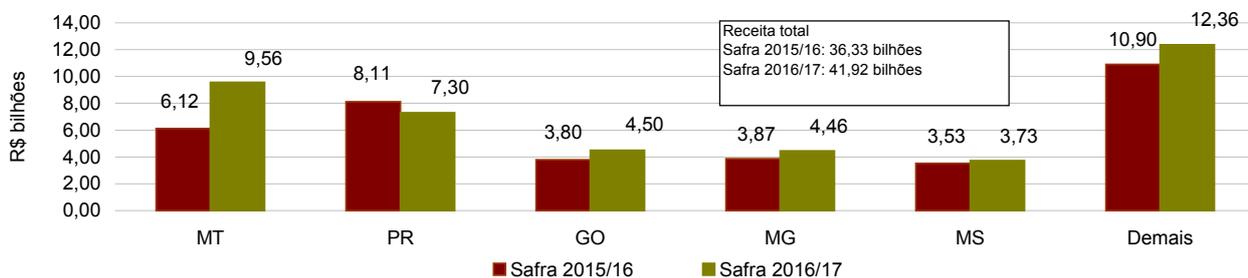
R\$ 41,92 bilhões, 15,4% superior aos R\$ 36,33 bilhões de 2015/16. A explicação para esse avanço está no au-



mento da produção, estimada em 88,97 milhões de toneladas, 33,7% superior à colhida anteriormente -

66,53 milhões de toneladas.

Gráfico 96 – Receita bruta da produção agrícola – Milho – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab

Nota: Janeiro de 2016 a janeiro de 2017

10.5. SOJA

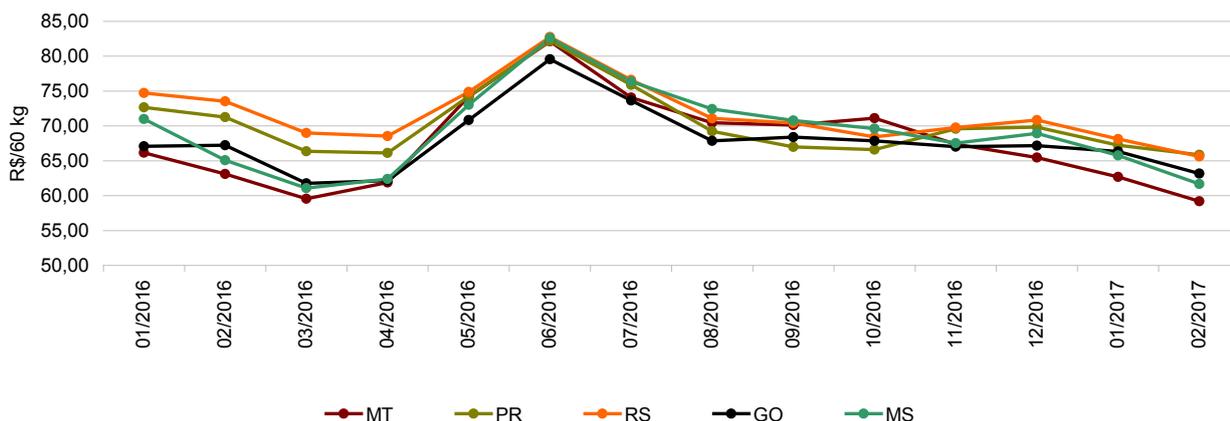
A cada levantamento de campo, a estimativa de produção da oleaginosa supera a anterior. Nesta sexta pesquisa, a previsão de colheita foi elevada para 107,61 milhões de toneladas 2,06 milhões de toneladas, superior ao quinto levantamento, 12,8% acima da safra anterior e 11,8% maior do que o recorde anterior.

Cabe destacar os aumentos de 79,3% na produção da região do Matopiba, que evoluiu de 6,79 para 12,18 milhões de toneladas e do Mato Grosso, que passou de 26,03 para 29,95 milhões de toneladas, ampliando a safra em 3,92 milhões de toneladas entre as temporadas. Nessas duas áreas, o crescimento total foi de 9,31 milhões de toneladas.

Outro aspecto relevante é que a produção cresceu em quatorze estados onde se fez o levantamento de safra e nos outros dois ocorreram discretas reduções.

Os preços recebidos pelos produtores continuaram sua trajetória de redução, influenciada, basicamente, pelo avanço da colheita nos estados. Segundo o Imea, 78,35% da área do estado já tinha sido colhida até a primeira semana de março, 12,49 pontos percentuais acima de igual período da safra anterior. O Departamento de Economia Rural do Paraná estima que 31% da primeira safra (a principal) já foi colhida e está em boas condições.

Gráfico 97 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab

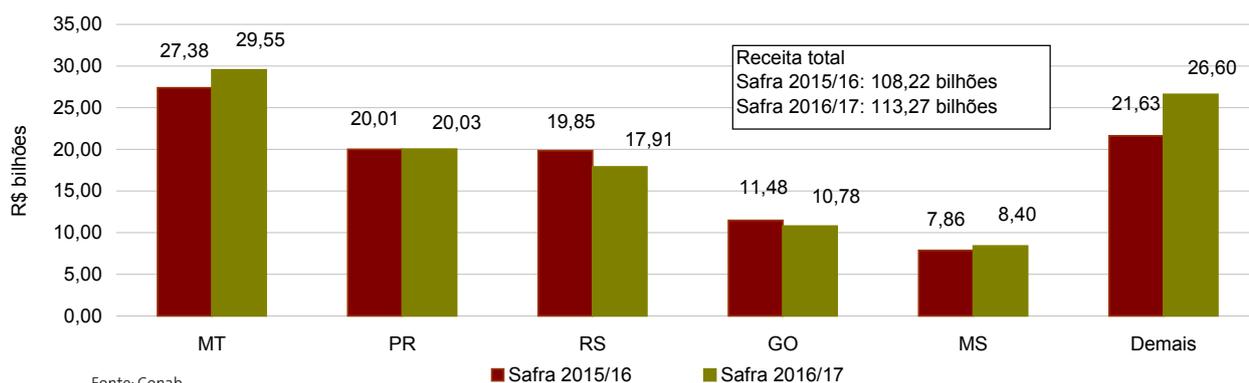
Mesmo com o cenário de queda de preços entre fevereiro de 2016 e 2017 em 14 dos 16 estados produtores, em apenas cinco deles houve redução no valor da receita bruta, porque o crescimento médio da produção foi de 12,8% e a redução média nos preços foi de 7,2%.

Em termos globais, a receita bruta da soja desta safra foi orçada em R\$ 113,27 bilhões, 4,3% superior à da safra 2015/16, que foi de R\$ 108,22 bilhões.

No gráfico a seguir são apresentados os resumos para os principais estados.



Gráfico 98 – Receita bruta da produção agrícola – Soja – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: Janeiro de 2016 a janeiro de 2017





11. LOGÍSTICA

11.1 APRESENTAÇÃO -SEGUNDA ESTIMATIVA DAS EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA POR PORTOS - SAFRA 2016/17¹

A Conab sistematicamente realiza levantamento de safra por intermédio da visita *in loco* às regiões produtoras, identificando área plantada, produtividade e quantidade produzida, além de observar os aspectos relevantes ao desenvolvimento das commodities agrícolas. Tais números fazem parte de uma definição de estratégias de subsídio à política agrícolas, visando adotar, quando necessário, instrumentos de garantia de preço e renda ao produtor rural, por meio de ações relacionadas à formação de estoques e/ou escoamento da safra para locais com um deficit entre produção e consumo.

Aqui serão apresentadas as estimativas de escoamento do principal produto colhido no país, a soja (grão e farelo), que representa a maioria dos grãos produzidos e que tem excedentes destinados ao mercado internacional, de modo que, instituições governamentais ou não, conheçam e se beneficiem de cenários que possam subsidiar no processo sistêmico do transporte agrícola, desde a zona de produção aos portos nacionais, contribuindo para maior eficiência das plataformas exportadoras nacionais.

¹ O primeiro estudo foi a Estimativa de escoamento das exportações do complexo soja e milho pelos portos nacionais. Acesso em: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS//uploads/arquivos/17_02_09_11_46_05_v6_-_previsao_do_escoamento_de_soja_e_milho.pdf

Constam nesse trabalho, as exportações efetivas e as previsões de remessa internacionais das regiões brasileiras, os fluxos e a evolução dos escoamentos da produção para os portos de soja dos últimos anos, o

quantitativo das exportações pelas principais plataformas exportadoras e a estimativa de remessas por porto do complexo soja ao mercado internacional, para o ano safra 2016/17.

11.2. O DESEMPENHO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DA SOJA

11.2.1. OS EXCEDENTES DA PRODUÇÃO DE SOJA

A expansão agrícola vem proporcionando uma maior aproximação entre a zona de produção e a de consumo, reduzindo custos logísticos, fator relevante para o avanço da fabricação de produtos proteicos (carnes de: aves, suínos, boi, entre outras), nas diversas regiões do país. Destaque para a tradicional região produtora do Sul, que produz soja suficiente para o seu autoconsumo e do Centro-Oeste, responsável pelas maiores quantidades de excedentes do produto no país.

A incorporação de novas áreas possibilita que as regiões Norte e do Nordeste, por exemplo, obtenham excedentes do grão soja, conforme observada na Tabela 51. O Nordeste vem a cada ano elevando sua produção. Os excedentes gerados por Maranhão, Bahia, Piauí e Sergipe no que se refere à commodities, vêm conseguindo gerar quantidades de soja que se destinam ao mercado internacional.

Tabela 51 - Produção, consumo e superávit do grão soja por região² - Complexo soja - em mil t

Região	Produção*	Consumo	Superávit
Norte	5.227	1.300	3.927
Nordeste	9.160	2.800	6.360
C. Oeste	48.625	19.300	29.325
Sudeste	7.422	5.900	1.522
Sul	35.124	16.700	18.424
Brasil	105.558	46.000	59.558

Nota(*)soja safra 2016/17.

Fonte: Conab e Abiove.

A tradicional Região Sudeste apresenta um menor superávit em reação às outras regiões, contudo, consegue atender à demanda regional, ainda, com certo excedente. Essa região utiliza suas terras agricultáveis com o plantio de outros tipos de cultura, tais como a cana de açúcar, a laranja, a borracha e café, além de ter um direcionamento ao setor agroindustrial muito forte em sua economia.

Certamente, os excedentes do grão soja, na ordem de pouco mais de 59 milhões de toneladas, colocam o país, junto com os Estados Unidos e a Argentina, como um dos maiores players do mercado mundial da commodity. A região Centro-Oeste é o destaque, gerando excedentes significativo de soja, que chegam a alcançar mais de 29 milhões de toneladas, os quais estão sendo escoados para o mercado internacional.

11.2.2. AS EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA

Como se observa na Tabela 52, as exportações do complexo soja (soja em grãos e farelo de soja) para a safra 2016/17, estão sendo estimadas em aproximadamente 75 milhões de toneladas (soja em grão e farelo de soja), correspondentes a 71% da produção nacional de

105,6 milhões de toneladas. A propósito, nestes últimos cinco anos, as remessas internacionais praticamente têm apresentado um mesmo volume relativo, em torno de 70% da produção brasileira.

2 Conab. Perspectivas para a Agropecuária – Volume 3 – Safra 2015/2016: produtos de verão - Conab. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, v.4 – Safra 2016/17 – Quinto Levantamento, fevereiro 2017. Abiove, Pesquisa de Capacidade Instalada da Indústria de Óleos Vegetais – 2015,



Tabela 52 - Histórico da produção e da exportação do complexo soja

Safra	Produção*	Exportação*
2012/13	81.500	56.100
2013/14	86.120	59.400
2014/15	96.200	69.100
2015/16	95.400	65.700
2016/17**	105.558	74.978
Brasil	105.558	46.000

Nota(*) Previsão

Fonte: Conab, Abiove, Usda e Secex.

As exportações do complexo soja são transportadas aos portos, principalmente, pelo modo rodoviário. A concentração dos embarques nas plataformas exportadoras ocorre no período de colheita da soja nos três meses de colheita (março, abril e maio).

O período do auge das exportações do complexo soja (março, abril e maio), as remessas internacionais chegam a alcançar mais de 50% do total das exportações realizadas no ano. Essa mesma situação ocorre todo ano, na temporada de colheita, acarretando uma sobrecarga de

quantitativos de soja escoados para os portos.

Neste sentido, de modo a oferecer elementos que proporcionem a identificação de possíveis gargalos nos eixos de transportes de escoamento e nas plataformas exportadoras, será pormenorizado um cenário do complexo soja (grão e farelo), como forma de se conhecer medidas antecipadas que consigam melhorar a eficiência operacional dos agentes envolvidos na comercialização, na infraestrutura logística, na fiscalização e no suporte e apoio às exportações.

11.2.3. PREVISÃO DAS EXPORTAÇÕES POR REGIÃO

Com base na produção acurada para os anos de 2015 e 2016 de soja, pela Fundação de Instituto de Geografia e Estatística (Fibge), e estimativa de safra para o ano de 2017, realizada pela Conab, como também quantitativo do complexo soja exportado nos anos de 2015 e 2016 identificado pela Secex, foi calculado o percentual da relação entre exportação e produção dos anos de 2015 e 2016, de maneira a identificar a quantidade da produção que foi destinada ao mercado internacional por região geográfica brasileira.

Assim, a estimativa das exportações para cada região brasileira, para o ano de 2017, é o resultado do ano base de 2015 (o ano de 2016 apresentou uma quebra da safra)

acrescido das negociações no mercado de futuro, como também da evolução da safra dos principais estados produtores estimada para 2017, além de se obedecer a disponibilidade da capacidade do processo de exportação das plataformas exportadoras (administrativo, operacional, burocrático e capacidade estática do conjunto de terminais de transbordo e de armazenamento portuários) de cada porto para a definição da projeção realizada pela Companhia³. Esses dados de exportação são verificados naqueles informados pela Abiove e Usda.

Assim definiu-se o total das exportações do complexo soja como sendo pouco menos de 75 milhões de toneladas do complexo soja para a safra 2016/17, conforme Tabela 53.

Tabela 53 - Estimativa da exportação do complexo soja por região

Região	Produção			Exportação Complexo Soja			Exportação/Produção		
	2015	2016	2017*	2015	2016	2017*	2015	2016	2017
Norte	4.289	3.818	5.227	3.313	2.892	3.998	77,2	55,3	76,5
Nordeste	8.084	5.107	9.160	6.163	3.696	6.806	76,2	40,3	74,3
C. Oeste	43.968	43.752	48.625	28.130	28.480	31.981	64,0	58,6	65,8
Sudeste	5.873	7.574	7.422	5.507	5.974	6.286	93,8	80,5	84,7
Sul	34.012	35.180	35.124	26.011	24.967	25.894	76,5	71,1	73,7
Brasil	96.226	95.431	105.558	69.124	66.009	74.966	71,8	62,5	71,0

Nota: (*) estimativa da produção e das exportações

Fonte: Conab, Abiove, USDA

Dessa feita, tal estimativa servirá de base para o dimensionamento das remessas dos excedentes de soja

e farelo para o mercado internacional, por meio das plataformas exportadoras, assunto tratado a seguir.

3 Conab, Revista Indicadores da Agropecuária – Outubro 2016.



11.3. LOGÍSTICA DAS EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA

Mediante Portaria Interministerial 231, de abril de 2013, foi criado o Grupo de Trabalho composto de instituições subordinadas aos Ministérios da Agricultura, Transportes e Portos, com o objetivo de analisar o cenário da produção e das exportações para mitigar o congestionamento de veículos nos portos.

A Conab ficou responsável pela elaboração dos cenários anuais acerca da safra agrícola, desenvolvimento dos fluxos da produção e estimativa de exportação do complexo soja por plataforma exportadora, além do acompanhamento sistemático das projeções do quantitativo exportado por cada porto, de forma a avaliar e contribuir para o planejamento do ano seguinte.

Contudo, a partir de 2014/15, com a adoção da proposta de agendamento para os portos de Santos, Paranaguá, entre outras principais plataformas exportadoras, praticamente desapareceu o problema de caminhões estacionados nas principais vias de acesso aos portos, aguardando o momento de descarregar suas cargas de soja.

Porém, o grupo não se dispersou e, praticamente, a cada ano, todos os organismos vinculados à produção, transporte e embarcadores do governo envolvidos com o escoamento do complexo soja, continuam a se encontrar, objetivando uma melhoria contínua no desempenho das exportações de grãos para o mercado internacional.

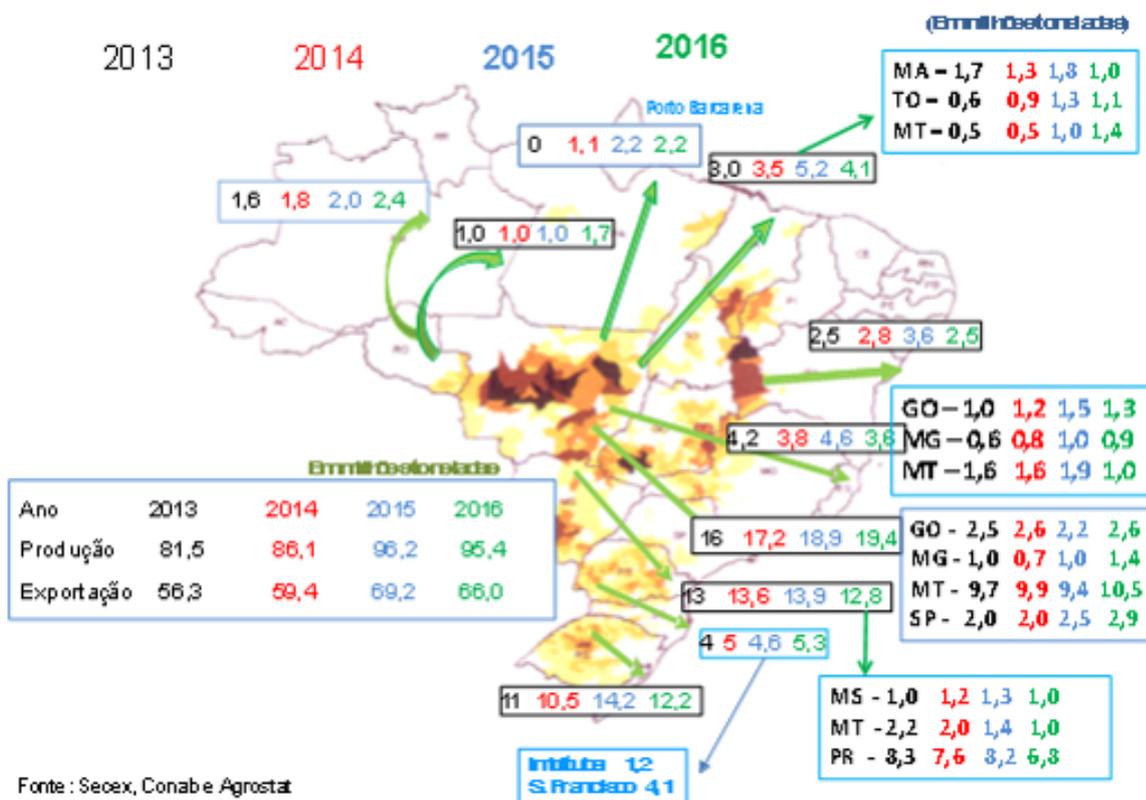
11.3.1. FLUXO DO ESCOAMENTO DA EXPORTAÇÃO DO COMPLEXO SOJA

Para monitorar a movimentação de grãos, desde as regiões produtoras até os portos e terminais de destino, foi confeccionado mapa constando os locais de colheita, o fluxo do produto pelos principais eixos de transporte e a evolução das remessas internacionais de soja e farelo nos principais portos nacionais.

visualiza as quantidades produzidas e exportadas do complexo soja nos quatro últimos anos. Verifica-se ainda o fluxo logístico de escoamento de soja e farelo da zona de produção, para cada um dos principais portos nacionais, como também, a evolução das quantidades das remessas internacionais por cada um dos portos nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016.

O respectivo mapa é apresentado na Figura 61, onde se

Figura 61 - Fluxo do escoamento das exportações do complexo soja - estados de origem das exportações



Verifica-se que o porto de Santos, maior plataforma exportadora nacional do complexo soja, fez remessa nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016 em um quantitativo anual de 16, 17,2, 18,9 e 19,4 milhões de toneladas, respectivamente. Da mesma forma, a segunda maior plataforma exportadora de grãos brasileira foi a de Paranaguá, responsável por remessas nos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016, de 13, 13,6, 13,9 e 12,8 milhões de toneladas, respectivamente.

O fluxo de escoamento da produção pode ser observado pela seta entre a zona de produção e os portos. No mapa foi discriminado a quantidade por Unidade da Federação da origem do produto exportado, quando o porto recebe quantidades significativas de produto de outros estados. Por exemplo, pelo fluxo logístico entre o Mato Grosso e o porto de Santos, passaram nos anos

A importância do Centro-Oeste

Grande parte da capacidade operacional e administrativa, instalada nas principais plataformas exportadoras de Santos, de Paranaguá, de Vitória e de São Luís, é utilizada pelos estados produtores do Centro-Oeste – Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Estima-se, para 2017, que a produção dessa região de soja alcance um total de 48,6 milhões de toneladas. Para se ter uma noção da grandiosidade da agricultura do Centro-Oeste, há de se falar que, do total de 105,6 milhões de toneladas estimadas de soja para serem colhidas no país, 46% deverão corresponder à safra dessa região.

de 2013, 2014, 2015 e 2016 um total de 9,7, 9,9, 9,4 e 10,5 milhões de toneladas, respectivamente. Esse porto está localizado em São Paulo, todavia, os excedentes do complexo soja de São Paulo, destinados à exportação, somente alcançaram 2, 2, 2,5 e 2,9 milhões de toneladas, respectivamente.

Neste cenário, este trabalho possibilita uma visão holística do histórico das exportações por cada um dos portos, proporcionando uma primeira estimativa das remessas para o ano de 2017. Ao mesmo tempo, caracteriza a origem do produto, proporciona uma ligação do crescimento da produção dos estados exportadores e o conseqüente desenvolvimento dos embarques para o exterior dos respectivos portos.

A produção de soja dessa região supera todas as outras do país, como também, o Centro-Oeste lidera as remessas internacionais da commodity. Em 2017, espera-se que as exportações alcancem a marca de 31,9 milhões de toneladas, ou seja, maior em 11%, comparada à realizada em 2016, de acordo com a Tabela 54.

O destaque do Centro-Oeste é a produção de soja do Mato Grosso. Em 2016 conseguiu colher 26 milhões de toneladas, correspondendo a 59% da safra da região. Para 2017 projeta-se uma colheita do estado de 30,3 milhões de toneladas, ou seja, 62% da safra do Centro-Oeste.

Tabela 54 - Produção e exportação complexo soja por estado do Centro-Oeste

Centro-Oeste	Produção		Exportação	
	2016	2017*	2016	2017*
Mato Grosso	26,0	30,3	20,0	21,6
Mato Grosso Sul	7,2	7,9	3,3	3,9
Goiás	10,4	10,2	5,1	6,2
Distrito federal	0,2	0,2	0,1	0,2
Total	43,8	48,6	28,5	31,9

Nota: (*) estimativa Conab.

Fonte: Conab e Secex.

Na Tabela 55, observa-se o comportamento da produção e das exportações do complexo soja do Mato Grosso. Verifica-se um incremento do crescimento da produção a cada ano, que varia de 6 a 12%, com exceção do ano de 2016, quando problemas climáticos prejudicaram a lavoura da soja, fazendo quebras à produção, ocasionando uma variação significativa entre a produção de 2016 e a de 2017. A incorporação de novas áreas plantadas vem tornando essa Unidade da Federação

como a zona de maior produção agrícola mundial.

Quanto às exportações do estado, tiveram crescimento que oscilaram positivamente entre 5 a 10%, com exceção do ano de 2016, devido aos problemas climáticos. Praticamente o estado realizou remessas médias para o mercado internacional correspondente a 70% da safra.

Tabela 55. Produção e Exportação do Mato Grosso: período 2012 a 2017* - Em milhão de tonelada

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Produção	21,8	23,5	26,4	28,0	26,0	30,3
Crescimento		8%	12%	6%	-7%	16%
Exportação	15,8	16,6	18,4	19,4	20,0	21,6
Varição %		5%	10%	5%	3%	8%
Exportação/Produção	72%	70%	68%	69%	77%	71%

Fonte: Conab, Fibge, Secex.

11.4. ESTIMATIVA DAS EXPORTAÇÕES DO COMPLEXO SOJA POR PORTO: SAFRA 2016/17

Para a definição da estimativa de remessas internacionais, pelos diversos portos nacionais do complexo soja, foi levado em consideração o histórico das exportações para cada uma das unidades portuárias, o crescimento da produção por estado exportador, condições dos corredores

multimodais e a disponibilidade de modos de transporte para a execução do deslocamento da carga, como também a análise do comportamento da produção e exportação do Mato Grosso.

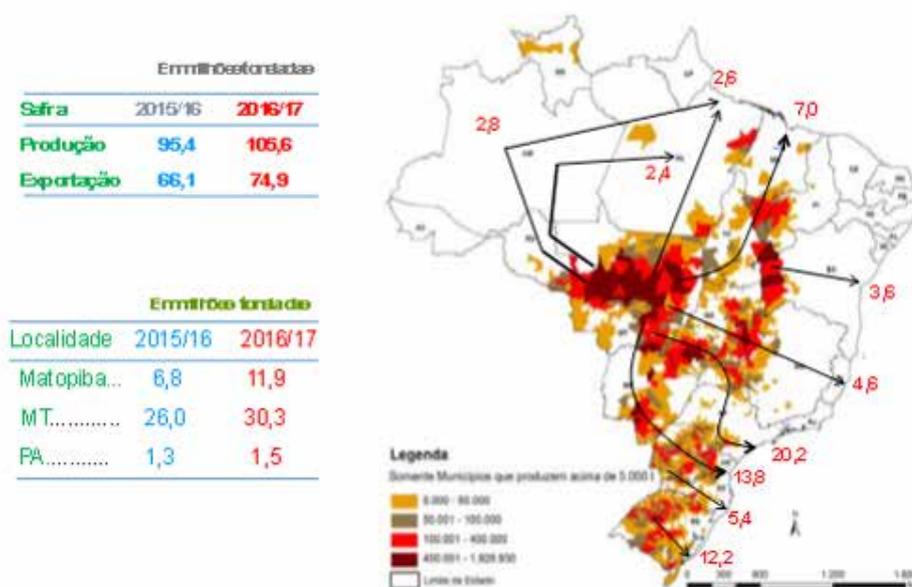
11.4.1. SEGUNDA ESTIMATIVA DAS REMESSAS INTERNACIONAIS DE SOJA POR PORTO

Conforme estimativa da Conab, para a safra 2016/17, a produção nacional de soja será de aproximadamente 105,6 milhões de toneladas e as exportações alcançarão a marca de 74,9 milhões de toneladas, ou seja, incremento de 10% da colheita e de 14% nas remessas internacionais.

soja que deverão ser exportadas por cada porto. O destaque continua sendo para os portos de Santos (SP), 20,2 milhões de toneladas, e Parana-guá (PR), 13,8 milhões de toneladas, com peculiaridades diferentes. Enquanto que no primeiro, os seus principais usuários são do Mato Grosso, o segundo, está sendo incumbido de prestar serviços mais significativos aos clientes do próprio estado, onde localiza-se o porto, o Paraná.

Na Figura 62 estão sendo apresentados os quantitativos por milhões de toneladas do complexo

Figura 62. Estimativa das exportações do complexo soja por porto: safra 2016/17



Fonte: Conab e IBGE

Outro porto relevante das remessas internacionais de soja é o do Rio Grande (RS), 12,2 milhões de toneladas. Este porto encontra-se afastado em torno de 500 quilômetros da zona de produção, possibilitando, assim, que os seus usuários, localizados tradicionalmente no Rio Grande do Sul, tenham custos mais eficientes para o deslocamento de suas cargas devido à competitividade do modo de transporte rodoviário para esta distância, somado à eficiência da plataforma exportadora.

O porto de São Luís deverá movimentar 7 milhões de

toneladas do complexo soja. Esta plataforma, a cada ano, vem obtendo um desempenho notável em razão dos investimentos realizados em terminais graneleiros, apoio do modo ferroviário para o deslocamento e acessibilidade das cargas aos agentes de transbordo do porto, possibilidade de atracação de navios de capacidade elevada devido ao calado do porto e, finalmente, pela proximidade de uma região que vem se destacando a cada exercício, na produção de soja e milho, o Matopiba – Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

11.5. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A cada ano, maior é a produção agrícola e as exportações, principalmente do complexo soja. As remessas internacionais dos grãos ocasionam, em determinado período, uma sobrecarga das plataformas exportadoras, principalmente as de Santos (SP) e Paranaguá (PR). No entanto, o agendamento implantado por organismos do governo vem tornando mais eficiente a utilização dos portos nacionais.

Os custos de transporte nos corredores multimodais são de maior importância para a competitividade das commodities agrícolas, especificamente aquelas de exportação, como a soja. O baixo valor agregado desses produtos contribui para que o valor do transporte seja relevante, fazendo que a escolha da rota a ser utilizada pelo agente exportador dependa, preferencialmente, do preço do deslocamento e do nível de serviço ajustado com o cliente comprador.



12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

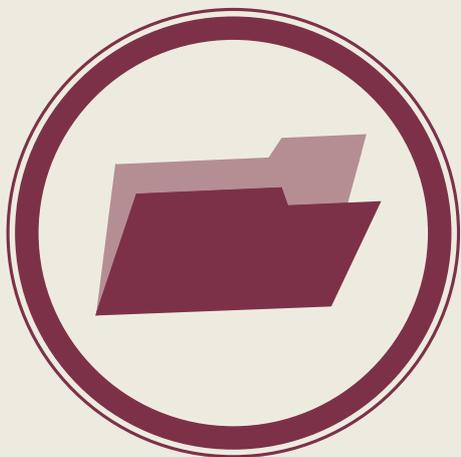
Tabela 56 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.443,1	55,0	1.699,4	700,0	630,0	369,4
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.200,0	12.765,9	11.400,0	900,0	465,9
	2016/17	465,9	11.966,0	1.100,0	13.531,9	11.500,0	1.100,0	931,9
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.274,0	200,0	3.660,0	3.300,0	120,0	240,0
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
	2016/17	7.999,0	88.969,4	500,0	97.468,4	56.100,0	24.000,0	17.368,4
Soja em grãos	2010/11	2.611,1	75.324,3	41,0	77.976,4	41.970,0	32.986,0	3.020,4
	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	744,0
	2013/14	744,0	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	107.614,6	300,0	109.396,7	46.500,0	59.078,0	3.818,7
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.100,0	2.190,1
	2016/17	2.190,1	33.110,0	1,0	35.301,1	17.000,0	15.900,0	2.401,1
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	70,0	8.207,7	6.380,0	1.400,0	427,7
	2016/17	427,7	8.385,0	40,0	8.852,7	6.800,0	1.550,0	502,7
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	5.950,0	13.486,1	10.717,3	700,0	2.068,8

Notas: Estimativa em março/2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

Fonte: Conab.





13. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 12 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			■	■	■				■	■		
Nordeste												
MA			■	■	■				■	■	■	■
PI			■	■	■				■	■	■	■
CE				■	■	■			■	■		
RN				■	■	■			■	■	■	■
PB	■				■	■	■	■	■	■	■	■
PE	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■
AL	■						■	■	■			■
BA		■	■	■	■			■	■	■	■	■
Centro-Oeste												
MT			■	■					■	■	■	■
MS		■	■	■			■	■	■	■	■	■
GO		■	■	■					■	■	■	■
Sudeste												
MG		■	■	■			■	■	■	■	■	■
SP	■	■	■		■	■	■	■	■	■	■	■
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■			■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			■	■	■		■	■				
SP	■	■	■	■	■	■	■					■
Sul												
PR	■	■		■	■	■	■					■
RS	■	■	■		■	■	■					

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
TO													
Nordeste													
CE													
PB													
SE													
BA													
Centro-Oeste													
MT													
Sudeste													
SP													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	■						■	■	■	■	■	■
TO	■						■	■	■	■	■	■
Nordeste												
CE	■							■	■	■	■	■
PE	■						■	■	■	■	■	■
AL	■						■	■	■	■	■	■
SE	■						■	■	■	■	■	■
BA	■						■	■	■	■	■	■
Centro-Oeste												
MT							■	■	■	■	■	■
MS							■	■	■	■	■	■
GO							■	■	■	■	■	■
DF							■	■	■	■	■	■
Sudeste												
MG	■					■	■	■	■	■	■	■
SP	■						■	■	■	■	■	■
Sul												
PR						■	■	■	■	■	■	■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							■	■			■	■
BA		■	■			■	■					
Centro-Oeste												
MT					■	■			■	■		
MS					■	■	■		■	■	■	■
GO					■	■			■	■		
Sudeste												
MG						■	■			■	■	
Sul												
RS	■		■	■	■						■	■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Nordeste													
PI													
CE													
RN													
PE													
BA													
Sudeste													
MG													
SP													
Sul													
PR													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	Colheita						Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita
RO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
PA		Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita			
TO	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Nordeste												
MA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	
PI		Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita			
BA	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Centro-Oeste												
MT	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
MS	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
GO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
DF		Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
Sudeste												
MG	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
SP	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Sul												
PR	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
SC	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita				
RS	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita				

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/03			0/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		■	■	■	■	■	■	■				
Nordeste												
PI			■					■				
CE				■	■	■			■	■		
RN				■	■	■			■	■		■
PB				■	■	■			■	■		
PE					■	■	■	■		■	■	■
BA		■	■	■		■		■	■			
Centro-Oeste												
MT					■	■	■			■	■	■
MS					■	■	■			■	■	■
GO					■	■	■			■	■	■
DF						■	■			■	■	■
Sudeste												
MG					■	■	■			■	■	■
SP					■	■	■			■	■	■
Sul												
RS	■	■	■	■		■	■	■	■			

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						■	■	■		■	■	■
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■	■	■	■
RS	■	■					■	■	■	■		

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 30 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**

